

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Susan Wiggs

Pousada de Inverno

{ Diários do Lago }

Livro 2

"Os romances de Susan Wiggs levam os leitores para dentro das vidas e dos pensamentos de seus personagens de modo verdadeiro, real e inesquecível."—Booklist



HARLEQUIN
BOOKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Pousada de Inverno - Diários do Lago - Livro 2 - Susan Wiggs

Jenny Majesky e Rourke McKnight guardavam um segredo que tornava a proximidade entre eles cada vez mais proibida. Separados pela fidelidade e atraídos pela paixão, eles passaram anos se evitando. Mas, com o último refúgio de Jenny destruído pelo fogo, Rourke reaparece, oferecendo segurança, apoio... e afeto. Em um chalé de inverno às margens do lago Willow, ela encontra um abrigo seguro, o lugar onde ela e Rourke tentarão curar as feridas que os consomem há tantos anos. No entanto, quando uma nevasca os prende dentro da casa, o perigo ronda o novo lar de Jenny, ameaçando sua vida e seu amor.

RECEITAS PARA LEMBRAR

Jenny Majesky

Kolaches para iniciantes

É engraçado como muitos padeiros se deixam intimidar pelo fermento. Eles o vêem listado como um dos ingredientes de uma receita e rapidamente viram a página. Mas não é preciso ter medo desta versão.

Essa massa de pão é particularmente indulgente. É elástica, flexível, e fará com que você se sinta um verdadeiro profissional. Como costumava dizer minha avó, Helen Majesky:

- Quando fazemos pão, assim como na vida, descobrimos que sabemos bem mais do que imaginávamos.

KOLACHE BÁSICO

- 1 colher de sopa de açúcar
- 2 envelopes de fermento biológico seco
- ½ xícara de água quente
- 2 xícaras de leite
- 6 colheres de sopa de manteiga sem sal
- 2 colheres de chá de sal
- 2 gemas de ovo levemente batidas
- ½ xícara de açúcar
- 6 ¼ xícaras de farinha
- 1 ½ tablete de manteiga derretida

Coloque o fermento em um copo medidor e polvilhe uma colher de sopa de açúcar sobre ele. Adicione a água.

Quente quanto?

A maioria dos livros de culinária diz entre 40° e 46°C. Cozinheiros experientes conseguem saber se a temperatura está correta, pingando algumas gotas na pele do lado de dentro do pulso. Os iniciantes devem usar o termômetro. Se a água estiver muito quente matará o fermento biológico.

Aqueça o leite em uma panela pequena; adicione a manteiga e mexa até que ela derreta. Espere amornar e despeje em uma tigela grande. Junte o sal e o açúcar e vá incorporando as gemas batidas aos poucos, misturando rapidamente para evitar que coagulem. Então, acrescente a mistura de fermento.

Arregace as mangas e vá adicionando a farinha, uma xícara de cada vez. Quando a massa estiver ficando pesada demais para continuar mexendo com a colher, passe a usar as mãos,

você quer que a massa de seu pão fique lisa e elástica. Continue a adicionar farinha e a trabalhar a massa até que ela fique levemente brilhosa. Quando isso acontecer, faça uma bola com a massa e coloque em uma tigela untada com óleo, virando-a até que toda ela esteja recoberta por uma fina camada de óleo. Cubra a tigela com um pano de prato e coloque-a em um lugar quente e abafado. Depois de uma hora, a massa deverá ter dobrado de tamanho.

Minha avó costumava enfiar dois dedos enfarinhados, fazendo dois buracos no topo da massa. Se os buracos ficassem abertos, ela diria que a massa já havia crescido o bastante.

E então, é claro, você dá um soco na massa para tirar o ar de dentro dela. Um barulho baixo como um suspiro, cheirando a fermento, indicará que a massa se submeteu à sua vontade.

Pegue pequenas porções da massa, mais ou menos do tamanho de um ovo, e trabalhe-as no formato de pequenas bolas. Coloque as bolinhas em um tabuleiro untado, deixando um bom espaço entre elas. Deixe a massa crescer novamente e, então, use seu polegar para fazer um buraco fundo no meio de cada bolinha. Aí será colocado o recheio de fruta.

O recheio a ser usado é uma fonte de intermináveis discussões entre os padeiros poloneses. Minha avó nunca entrou nessa discussão. “Coloque o que achar saboroso”, era seu lema. Uma colher de geléia de framboesa, recheio que você usa na torta de pêsego, figo em conserva, recheio de ameixa ou creme doce de queijo. Tudo isso funciona bem.

Faça uma popsika, misturando $\frac{1}{2}$ xícara de manteiga derretida com 1 xícara de açúcar, $\frac{1}{2}$ xícara de farinha e 1 colher de chá de canela. Polvilhe uma quantidade razoável da popsika sobre cada kolache. Agora coloque os pães em um lugar aquecido, em cima da geladeira, por exemplo, e deixa a massa descansar novamente, por cerca de 45 minutos a uma hora, até que ela volte a dobrar de tamanho. Enquanto isso, pré-aqueça o forno a 180°C. Quando os pães, tiverem crescido, coloque-os no forno por 20 a 40 minutos, até que fiquem dourados. Preste atenção no fundo dos pães, que tendem a queimar se ficarem muito próximos da fonte de calor.

Tire os kolaches do forno, pincele-os com manteiga derretida e retire-os do tabuleiro para que esfriem. Esta receita rende cerca de três dúzias de pães.

Minha avó dizia para não nos preocuparmos com o tempo que levaria todo o processo de preparação dos kolaches. Fazer pães é um ato de amor, e quem se importa com quanto tempo o amor exige?

Capítulo 1

Jenny Majeski afastou-se da escrivaninha e esticou o corpo, massageando um ponto de dor nas costas. Alguma coisa, talvez o silêncio profundo da casa vazia a acordara às 3 h, e ela não conseguira voltar a dormir. Ela trabalhara um pouco na coluna que escrevia para o jornal, debruçada sobre seu laptop, usando um roupão velho e chinelos macios. Mas naquele momento estava com dificuldade para escrever e para dormir.

Havia tanta coisa que queria dizer, tantas histórias que tinha vontade de contar, mas como poderia condensar as lembranças e a sabedoria culinária de toda uma vida numa coluna semana?

Sempre quisera escrever mais do que uma coluna. Muito mais. E percebia que o universo estava afastando todas as suas desculpas. Ela realmente deveria começar a escrever aquele livro.

Como toda boa escritora, Jenny protelava. Preguiçosamente perdeu a aliança de casamento da avó, que estivera repousando num pratinho chinês sobre a escrivaninha. Ela ainda não decidira o que fazer com a aliança, com aquele aro simples de ouro que Helen Majesky usara durante os seus 50 anos de casamento e por mais uma década de viuvez. Quando fazia pão, a avó sempre retirava a aliança e guardava no bolso do avental. Era de admirar que nunca a tivesse perdido. No entanto, ela fizera Jenny prometer que não a enterraria com a aliança.

Girando o anel na ponta do dedo, Jenny podia ver as mãos da avó, fortes e firmes enquanto trabalhavam a massa, ou gentis e delicadas enquanto acariciavam o rosto da neta ou checavam sua testa para ver se ela estava febril.

Jenny deixou a aliança deslizar em seu dedo e cerrou o punho. Ela também tinha a própria aliança de casamento, dada e recebida com um sentimento de eufórica esperança, mas nunca usada. Sua aliança agora repousava em uma gaveta que nunca era aberta.

Era duro a essa hora, em que a escuridão da noite ainda dominava o céu, não contar suas perdas.

A mãe, que se fora quando Jenny ainda era pequena. Então o avô e, por fim, e talvez a mais importante de todas as perdas, a avó.

Haviam-se passado apenas umas poucas semanas desde que enterrara a avó. Depois da agitação inicial de telefonemas de apoio e de visitas, tudo se aquietara e Jenny sentia que estava completamente só. Sim, ela possuía amigos dedicados e colegas de trabalho que eram tão queridos como se fossem da família, mas agora a avó, uma presença constante, que a criara como se fosse sua filha, se fora.

Como de hábito, ela salvou o trabalho no laptop. Então, apertou o roupão com mais força ao redor do corpo e foi até a janela, onde pressionou o rosto de encontro ao vidro frio, para olhar a escura noite de inverno. A neve apagara os contornos e cores do cenário. No meio da madrugada a Maple Street estava completamente deserta, banhado apenas pelo brilho acinzentado do único poste de luz no meio do quarteirão. Jenny vivera ali durante toda a vida e ficara para ali naquele mesmo lugar, vezes sem conta, esperando o quê? Que alguma coisa

mudasse. Que alguma coisa começasse.

Ela deu um suspiro impaciente, a respiração embaçando o vidro da janela. A neve, que a princípio era pouca, caía agora em grandes flocos, girando em um borrão ao redor da lâmpada da rua. Olhando para a calçada coberta, ela se viu criança, caminhando com o avô até a colina onde andavam de trenó. Ela costumava a acompanhar os passos dele, literalmente, pisando sobre as pegadas que suas botas deixavam, enquanto puxava o trenó Flexible Flyer com uma corda.

Seus avós estiveram presentes em todos os momentos de sua infância. Agora que ambos haviam partido ela não tinha mais ninguém com quem compartilhar suas lembranças, ninguém que pudesse de virar e dizer: “ Lembra daquela vez em que você...”.

A mãe partira quando Jenny tinha 4 anos, e o pai era um estranho que ela só conhecera há seis meses. E Jenny considerava isso uma benção disfarçada. Pelo que sabia de seus pais biológicos, nenhum dos dois estivera bem preparado para criar uma criança. Não como Helen e Leo Majesky.

Um barulho, um baque surdo, e depois o som de um arranhão assustaram Jenny, arrancando-a de seus pensamentos. Ela inclinou a cabeça, ouvindo, e decidiu que provavelmente fora um bloco de neve compacto, ou uma fileira de cristais de gelo caindo do telhado. Nunca se sabe o quanto uma casa pode ser silenciosa até que se fique totalmente sozinho nela.

Desde que a avó morrera, Jenny vinha acordando no meio da noite, com a cabeça cheia de lembrança implorando para ser colocadas no papel. E todas pareciam vir da cozinha da avó, como antes vinha o cheiro dos pães que ela assava.

Jenny mantivera um diário ao longo de quase toda a vida, e nesse último ano esse hábito evoluíra para uma coluna regular no Avalon Troubador, uma miscelânea de receitas, curiosidades sobre culinária e breves histórias de família. Mas depois que a avó morrera já não podia mais checar com ela o modo exato como algum fato acontecera, ou consultá-la a respeito da origem de determinado ingrediente ou de alguma técnica de fazer pão. Estava por sua própria conta e agora tinha medo de que, se esperasse demais, acabasse por esquecer as coisas.

Esse pensamento fez com que resolvesse entrar em ação. Já há algum tempo vinha pretendendo transcrever as antigas receitas da avó, algumas ainda em polonês, escritas em um papel já frágil e amarelado. As receitas estavam guardadas na despensa, dentro de uma lata que há anos não era aberta. Ignorando o fato que eram 3h30min, Jenny desceu as escadas. Quando entrou na despensa, foi surpreendida por um cheiro dolorosamente familiar. As especiarias da avó e cheiro de farinhas e cereais. Ela ficou na ponta dos pés para alcançar a velha lata. Enquanto tentava puxá-la da prateleira, Jenny perdeu o equilíbrio e deixou a lata cair, fazendo com que todo o conteúdo se espalhasse pelo chão.

Ela disse uma palavra que nunca diria se a avó estivesse viva, enquanto andava cautelosamente, na ponta dos pés, tentando não pisar em nenhum dos frágeis papéis velhos. Agora precisaria pegar uma lanterna, já que despensa não tinha luz. Encontrou a lanterna em uma gaveta, mas as pilhas estavam gastas e não havia pilhas novas na casa. Jenny chegou a considerar a possibilidade de acender uma vela, mas não quis arriscar a possibilidade de acontecer uma tragédia com as receitas únicas, escritas a mão. Encostando-se no balcão da

cozinha, levantou os olhos para o céu.

— Desculpe, vovó — disse.

Seu olhar encontrou um detector de fumaça. Ah! Pensou ela. Jenny subiu numa cadeira da cozinha, removeu as duas pilhas tamanho AA do detector, desceu e colocou-as na lanterna.

Então, voltou para a despensa, caminhando com cuidado por entre os papéis, que farfalhavam como folhas secas no outono. Recolheu o que havia caído, colocou tudo de volta na lata e levou-a para cozinha. Nela havia notas e receitas antigas, escritas no polonês nativo da avó. No verso de uma das folhas amareladas, com as beiradas já se desfazendo, ela descobriu uma assinatura — Helenka Maciejewski—, repetida uma dezena de vezes em uma letra de menina, a tinta já desbotando. Aquele era o nome de casada da avó antes que fosse adaptado ao inglês. Ela, provavelmente, escrevera aquilo quando era uma jovem recém-casada.

Havia coisas sobre os avós que Jenny nunca saberia. Como fora para eles, recém-casados e mal saídos da infância, deixar o único lar que haviam conhecido até então, para começar uma vida nova, no outro lado do mundo? Será que haviam ficado assustados? Ou animados? Será que haviam brigado um com o outro? Ou se tornado ainda mais amigos?

Ela fechou os olhos quando o já familiar ataque de pânico insinuou-se a partir de seu estomago e começou a se espalhar até se transformar numa pressão no peito. Esses ataques eram recentes na vida de Jenny, uma novidade terrível e inesperada. O primeiro ocorrera quando ela estava no hospital, preenchendo automaticamente a papelada referente a internação da avó. Jenny estava assinando um formulário qualquer quando os dedos de sua mão direita ficaram dormentes. Ela deixou cair a caneta, e levou as mãos à garganta.

—Não consigo respirar! — disse ao atendente. —Acho que estou tendo um ataque cardíaco!

O médico que a atendeu, um homem com aparência cansada, de Tonawanda, fora calmo e compassivo enquanto lhe examinava e explicava o que acontecia. Aquele ataque intenso era a reposta física a um trauma emocional, sendo que os sintomas eram tão reais e assustadores quanto seriam caso se tratasse de alguma doença.

Desde então, ela se familiarizara com os sintomas. Ninguém iria esperar que a prática e equilibrada Jenny Majesky fosse sucumbir a alguma coisa tão incontrolável e irracional como um ataque de pânico. Mas, naquele momento, mais uma vez, ela sentia-se impotente diante da estranha e desagradável sensação que se espalhava pelo seu corpo, como se houvesse uma fila de aranhas subindo por sua garganta. O coração pareceu inchar no peito.

Jenny olhou desesperadamente ao redor, imaginando onde deixara a embalagem plástica com os comprimidos que o médico lhe receitara. Ela detestava aquelas pílulas, quase como os ataques de pânico. Por que não podia apenas se curar daquilo? Por que não conseguia manter o controle e se acalmar com uma xícara de café forte e um pedaço de *Koloche* de geleia de damasco da avó? Bem, aquilo, no mínimo, poderia ser uma distração. Naquele momento, no meio da noite. E um dos poucos lugares em Avalon onde ela poderia encontrar alguém acordado às 4h era na Confeitaria Sky River, fundada em 1952, por seus avós. Helen especializara-se em Koloches recheados com frutas ou com creme doce de queijo e em tortas que se tornaram em uma lenda local. Seus doces e pães eram encomendados por restaurantes e lojinhas charmosas localizadas ao redor da praça da cidade, para atender aos

turistas refinados que chegavam da cidade de Nova York para aproveitar o verão verde e fresco de Avalon ou as cores flamejantes do outono da pequena cidade.

Agora, Jenny era a única proprietária da padaria. Ela se vestiu apressadamente, escolhendo uma roupa de baixo de lã, longa, calça xadrez e um pesado suéter de lã, botas de cano alto forradas, uma jaqueta de esqui e um gorro. Não havia a menor possibilidade de sair dirigindo, não antes que a máquina de limpar neve fizesse sua ronda. Além disso, se quisesse tirar o carro da garagem, precisaria tirar a neve da entrada com a pá, e isso era uma coisa que Jenny detestava profundamente fazer. A confeitaria ficava a apenas seis quarteirões de distância, na praça principal, no centro da cidade. Ela estaria lá em poucos minutos. Talvez o esforço físico a ajudasse a controlar o ataque de pânico.

Por precaução encontrou a embalagem de comprimidos, e colocou-a no bolso. Pegou a bolsa e caminhou através do silêncio gelado. Parara de ver e as nuvens abriram espaço para as estrelas. A neve fresca fazia barulho sob seus pés enquanto seguia pelo caminho que estava costumada a andar desde menina. Ela crescera na confeitaria dos avós, cercada pelo aroma forte de pães e especiarias, pelo barulho das batedeiras, das cortadoras de pão, dos timers soando, das rodinhas dos carrinhos de pão quando eram levados cheio de mercadorias, até a área de transporte e entregas.

Havia uma única luz acesa na entrada dos fundos. Jenny bateu os pés para tirar a neve das botas e entrou. Do lado de fora da imaculada área de trabalho ela tirou as botas e enfiou os pés nos seus tamancos de padeira, que estavam em uma prateleira ao lado da porta.

—Sou eu.—disse ela, examinando a área de trabalho. Estava impecável, como sempre, com sacos de 20 quilos de farinha recém moída ordenadamente e encostados em uma das paredes e tambores de mel de 500 litros arrumados perto dos sacos de farinha. Os ingredientes especiais estavam dispostos em recipientes transparentes e alinhados em prateleiras que iam do chão ao teto. Painçi, pinhão, azeitonas, passas, noz-pecã. Os refrigeradores de aço inoxidável, fornos e balcões brilhavam sob a luz das lâmpadas suspensas e o aroma de fermento e canela enchia o ar. O grupo musical Three 6 Mafia berrava no rádio, o que indicava que era Zack que estava ali naquela noite. Em meio da batida do hip hop ela podia ouvir o zumbido da batedeira.

— Ei, Zach! — chamou, esticando o pescoço para achar o rapaz.

Ele apareceu, vindo da área de mistura, empurrando um carrinho cheio de massa crua de pão. Zach Alger era agora um formando do ensino médio e já trabalhava na confeitaria há dois anos. Ele parecia não se incomodar por ter de acordar tão cedo e sempre ia para escola carregando uma sacola com pães e bolos fresquinhos. Era um rapaz de feições nitidamente nórdicas, pálidos olhos azuis, cabelos de um louro quase branco e um físico esbelto e atraente.

— Algum problema? — perguntou ele.

— Não consegui dormir — disse Jenny, sentido-se um pouco encabulada. — Laura está por aqui?

—Trabalhando nos pães especiais. — disse ele, gesticulando enquanto levava o recipiente com a massa para a câmara de crescimento de pão de quase 2 metros de altura.

Laura Tuttle trabalhava na confeitaria há quase 30 anos, 25 dos quais como padeira chefe.

Ela conhecia o negócio melhor até do que Jenny, e alegava adorar as primeiras horas do dia. Dizia que a escala de trabalho de uma padeira casava perfeitamente com seu relógio biológico.

— Veja quem está aqui! — disse Laura, sem desviar os olhos do trabalho.

— Senti uma vontade incontrolável de comer Kolache — explicou Jenny enquanto passava pela porta vermelha de vaivém, que dava da cafeteria, e se servia de uma xícara de café e de um pão dormido, que pegou na vitrine. Então voltou para área de trabalho, com o apetite saciado, mas sem se sentir um pouco mais calma. Por hábito pegou o avental do gancho onde ficava pendurado.

Jenny raramente colocava a mão na massa, literalmente. Como proprietária e gerente geral, estava sempre muito ocupada com atividades de supervisão e administração. Seu escritório ficava no andar de cima, com vista para a cidade, e ela acompanhava o movimento do balcão da cafeteria através da tela de um monitor de segurança. Passava a maior parte do seu tempo fazendo malabarismos para administrar as necessidades dos empregados, dos fornecedores, dos consumidores e das agências reguladoras, com o telefone grudado na orelha e os olhos na tela do computador. Mas às vezes, refletiu, é preciso arregaçar as mangas e mergulhar no trabalho de verdade. Não havia sensação igual àquela de enfiar a mão em uma massa de pão quente e sedosa. A parecia quase uma coisa viva, deslizando por entre os dedos.

Jenny passou o avental pela cabeça e se juntou a Laura na mesa de trabalho. Os pães especiais eram feitos em quantidades menores e modelados à mão. Para aquele dia, fora escolhido o pão Polonês, feito com ovos, casca de laranja e groselha, além de um saboroso pão de ervas, que era invenção de Laura. Ela e Laura trabalhavam lado a lado, pesando porções de massa em uma balança, apesar de ambas conseguirem saber o peso exato apenas segurando a massa na mão.

Do outro lado do salão, Jenny pôde ver a vitrine refrigerada, cheia de tortas da avó. Tecnicamente falando, aquelas não eram tortas de Helen Majesky. Mas as receitas originais do sublime merengue de limão, da torta de frutas vermelhas reluzentes, das *chess pie* cremosa de nata e todas as outras eram de Helen, sendo usada há décadas. Suas técnicas vinham sendo passada de um padeiro chefe para outro, e mesmo agora, depois de sua morte, a presença da avó de Jenny podia ser sentida por todos na padaria, tão suave e docemente como quando ela estava viva.

Jenny sentiu-se curiosamente distante de si mesma, enquanto enrolada a massa no formato de pães grossos e redondos. Ela olhou para as próprias mãos, brancas e cheia de farinha e viu as mãos da avó, levantando e dobrando a massa num ritmo paciente que parecia vir de um lugar que Jenny nunca encontrara dentro de si mesma. A realidade da morte de Helen a atingiu com força. Havia se passado três semanas, dois dias e 14 horas. Jenny detestava perceber que sabia exatamente há quanto tempo estava sozinha.

Laura continuava trabalhando, colocando cada pão untado em uma tijela, um a um, enquanto isso balançava a cabeça no ritmo do hip hop que vinha do rádio. Na verdade, ela gostava da música da Zach, embora Jenny desconfiasse que Laura nunca prestar atenção às letras.

— Você sente muita falta dela, não é, boneca? — perguntou Laura. Ela era desse tipo de

pessoa que sabe das coisas , como se pudesse ler a mente dos outros.

— Demais —admitiu Jenny — E eu pensava que estava preparada. Não sei por que me sinto tão traumatizada. Não sou boa nisso. Na verdade, sou péssima. Péssima em chorar pelos mortos e em viver sozinha. — Ela levantou os ombros, tentando afastar a mistura de pânico e melancolia. Porém o mais assustador era que não conseguia fazer isso. De alguma maneira, perdera o controle de si mesma e, mesmo que conseguisse perceber que estava se desintegrando emocionalmente, não conseguia fazer com que isso parasse.

Em algum lugar, do lado de fora, soou uma sirene. O barulho crescente parecia alto demais, como um grito. Automaticamente, Jenny virou-se para dar uma olhada além das portas duplas, para a janela da cafeteria às escuras. A cidade de Avalon, no Estado de Nova York, era bem pequena para que o som de uma sirene da madrugada atraísse a atenção dos moradores. Aliás, a última vez que lembrava ter ouvido uma sirene foi quando ela mesma chamara os paramédicos.

Eles não permitiram que Jenny entrasse na ambulância com a avó. Ela seguiu a ambulância dirigindo seu próprio carro até o hospital Benedictine, em Kingston. Quando chegaram lá, implorara a avó que cancelasse a ONR, Ordem de não Ressuscitar, que assinara depois do primeiro derrame, mas Helen não a ouvira,

Então, vendo a saúde da avó declinar cada vez mais, só lhe restara dizer adeus.

Jenny sentiu que uma nova onda de pânico ameaçava dominá-la. Continuou trabalhando a massa no ritmo que a avó ensinara, com firme autocontrole. Quem a olhasse viria uma padeira competente. Ela sabia que essa era a imagem que passava. O pânico que ganhava força dentro dela era invisível.

— Vou até os fundos, respirar um pouco de ar fresco. — disse a Laura.

— Acabo de ouvir uma sirene. Talvez o dom-juan apareça.

Era assim que Laura se referia a Rourke McKnight, chefe de polícia de Avalon. Ele tinha uma reputação que não passava despercebida numa cidade do tamanho daquela. Jenny, é claro, evitava chamá-lo de qualquer coisa. Houve um tempo em que ela e Rourke haviam sido próximos. Na verdade, chegaram a conhecer um a outro com dolorosa intimidade. Mas isso fora muito tempo atrás. Ambos já não trocavam uma palavra há anos. Rourke parava na confeitaria toda manhã, para tomar café, mas, como Jenny trabalhava no andar de cima, os dois não se cruzavam.

Para conseguir evitar Rourke, Jenny precisara decorar a rotina dele. Durante a semana ele dava expediente na chefatura, como qualquer chefe de polícia, mas, graças ao apertado orçamento municipal Rourke precisava se virar com uma remuneração precária e com uma força de trabalho muito escassa, mesmo para os padrões de uma cidade pequena. Com frequência, era ele quem fazia a terceira ronda nos finais de semana, dirigindo o carro de patrulha como um policial qualquer. Algumas vezes, até dirigia a máquina de limpar neve da cidade. Jenny fingia não saber de nada disso, fingia não ter nenhum interesse na vida de Rourke McKnight, que retribuía o favor ignorando-a. Mas ele mandara flores no enterro da avó dela. A mensagem no cartão era praticamente taciturna: “Sinto muito” e chegara acompanhada de uma coroa de flores do tamanho de um carro.

Enquanto vestia sua parca e saía pela porta dos fundos da padaria, Jenny sentia os já

previsíveis sintomas do ataque de pânico. A terrível coceira no couro cabeludo, como se um exército de formiga estivesse subindo, marchando, até chegar à cabeça. O peito apertado e a sensação de que a garganta se fechava. Apesar do frio intenso, ela suava em bicas. E, por fim, os assustadores pontos de luz piscando em sua visão periférica.

Ela respirou fundo enquanto entrava na viela atrás da padaria. Mas engasgou quando sentiu a respiração queimar com a fumaça caustica de um cigarro Newport.

— Pelo amor de Deus, Zach! — disse ao rapaz, que estava encostado no prédio. — Essas coisas ainda vão matar você!

— Não — disse ele batendo as cinzas na caçamba de lixo —, vou parar antes que isso aconteça.

— Hã-Hã — Jenny pigarreou — isso é o que todos dizem. Ela detestava ver jovens fumando. É verdade que seu avô fora um fumante. Ele enrolava seus próprios cigarros usando tabaco Velvet. Mas no tempo dele os riscos do tabagismo eram desconhecidos. Hoje em dia não haviam desculpas. Jenny encheu a mão com a neve que se acumulou no chão e jogou no cigarro, apagando a brasa vermelha.

— Ei! — disse Zach.

— Você é um rapaz inteligente, Zach. Ovi dizer que é um ótimo aluno. Então, como pode ser tão estúpido a ponto de fumar?

Ele encolheu os ombros e teve a decência de parecer encabulado.

— Pergunte ao meu pai. Sou estúpido a respeito de um monte de coisas. Ele quer que eu passe o próximo ano trabalhando na pista de corridas em Saratoga, para ganhar meu próprio dinheiro e pagar a faculdade.

Ela sabia pelas gorjetas miseráveis que Matthew Alger deixava na cafeteria da confeitaria, que ele, que trabalha no conselho administrativo da cidade, levava sua mão fechada também para vida pessoal. E aparentemente aplicava as mesmas regras ao filho. Jenny crescera sem o pai, e ansiara por um mais vezes do que podia contar. Matthew Alger era a prova de que essa relação tão desejada algumas vezes era superestimada.

— Ovi dizer que quem para de fumar economiza 5 dólares por dia — disse ela. Jenny especulou se sua voz soava estranha para ele, se Zach percebia que ela precisava fazer um esforço para que cada palavra passasse por sua garganta.

— Sim, também ovi isso. — Com um peteleco, ele jogou a guimba do cigarro na caçamba de lixo. — Não se preocupe — disse, antes que ela pudesse repreendê-lo — lavarei as mãos antes de voltar para o trabalho.

No entanto, Zach parecia não estar com pressa de voltar. Jenny imaginou se ele estava querendo conversar.

— Então, seu pai quer que você trabalhe por um ano antes de ir a faculdade? — perguntou.

— Ele quer que eu trabalhe e ponto. Vive contando como custeou a própria faculdade sem a ajuda da família, como venceu por seus próprios méritos e essas coisas — disse o rapaz, sem um pinga de admiração na voz.

Jenny lembrou-se da mãe de Zach, que se casara novamente e se mudara para Seattle muitos anos antes. Zach nunca falava sobre ela.

— O que você quer, Zach?

Ele pareceu surpreso, como se ninguém lhe fizesse aquela pergunta há muito tempo.

— Quero ir para uma faculdade que fique bem longe daqui — disse ele. — Quero viver em algum lugar diferente.

Jenny se solidarizava com aquele desejo. Na idade de Zach, estava certa de que havia uma vida excitante esperando por ela em algum lugar bem distante. No entanto, nunca partira.

— Então, é o que você deve fazer — disse ela enfaticamente.

Ele deu de ombros.

— Vou tentar, acho. Agora, preciso voltar ao trabalho.

Ele entrou na padaria. Jenny ainda permaneceu do lado de fora, soprando o ar gelado em falsos anéis de fumaça. Embora a conversa com Zach a tivesse distraído por algum tempo, não conseguia afastar a sensação do pânico se aproximando. Agora estava sozinha com aquela sensação que gritava dentro dela como o barulho das sirenes que atravessavam a noite calma. E assim, como o soar das sirenes o pânico chegava cada vez mais perto, ameaçando dominá-la. O céu coberto de estrela parecia oprimi-la, com um peso insustentável sobre seus ombros.

Eu me rendo. Pensou Jenny. Enfiou a mão no bolso da calça e pegou a embalagem marrom, com os comprimidos que lhe haviam sido prescritos. Ela engoliu a pequena pílula mesmo sem água, sabendo que faria efeito em poucos minutos. Era um tanto impressionante, pensou, como um comprimido tão pequeno podia acalmar o terrível martelar em seu coração e esfriar tão rapidamente seu cérebro em ebulição.

— Só quando você precisar — alertara o médico — Esse medicamento pode causar dependência com muita facilidade e a desintoxicação dele é particularmente desagradável.

Apesar da advertência, Jenny já se sentia mais calma quando voltou a guardar a embalagem com os comprimidos. Ela alisou suavemente o bolso das calças.

Ainda pensando em Zach, Jenny examinou a vizinhança que lhe era tão familiar. O centro comercial da cidade era formado por antigos prédios de tijolos que abrigavam escritórios, lojas e restaurantes. Anos antes, se alguém dissesse que Jenny estaria em Avalon, trabalhando na padaria, ela teria rido durante todo o caminho até a estação de trem. Tinha planos ambiciosos para si mesma. Deixaria aquele lugar pequeno e limitado onde crescera e iria para a cidade grande, para estudar e construir uma carreira.

Provavelmente, não seria justo revelar a Zach um pequeno segredo. A vida tinha um jeito todo especial de dar uma rasteira nos planos mais bem elaborados. Quando tinha 18 anos, Jenny descobrira as terríveis falhas do sistema de saúde, principalmente para os que trabalhavam como autônomos. Aos 21 anos, já estava familiarizada com todo o processo de declaração de falência pessoal e mal conseguia manter a casa de Maple Street. Não havia a menor possibilidade de ela deixar sozinha a avó, viúva e incapacitada por um agressivo derrame cerebral.

O comprimido fez efeito, acalmando os nervos irritados, do mesmo jeito que a neve torna

agradável e uniforme a visão de um terreno irregular. Jenny respirou fundo e deixou que o ar saísse lentamente de seus pulmões, observando enquanto a nuvem de vapor formada por sua respiração desaparecia lentamente.

O céu, ao norte, na direção de Maple Street, parecia flamejar e brilhar com uma luz estranha. Ela piscou. Provavelmente era apenas uma das estranhas reações que se seguiam ao ataque de pânico. Naquela altura, já deveria estar acostumada com isso.

Capítulo 2

Quando o rádio da viatura de Rourke McKnight recebeu um alerta urgente chamando “todas as unidades” para o número 472 da Mapple Street ele sentiu o coração gelar.

Era a casa de Jenny.

Ele estivera do outro lado da cidade, mas assim que recebeu o chamado pegou o microfone do rádio, informou à central sua localização e hora prevista de chegada ao local e disparou com o carro pelas ruas de Avalon. Com os pneus espalhando neve e areia para todo lado, ele derrapou, a traseira do carro dançando na estrada escorregadia. Enquanto dirigia, voltou a chamar a central.

— Estou a caminho. Informo a vocês quando estiver no código 11. — A voz de Rourke soou curiosamente tranquila, apesar das emoções que o assolavam.

A informação que lhe fora passada era de que a estrutura — Deus, a casa de Jenny — estava pegando fogo e “completamente tomada pelas chamas”. E Jenny não fora encontrada.

Quando Rourke finalmente alcançou a Mapple Street, a casa inteira estava tomada por labaredas brilhantes, o fogo saindo de cada janela e alcançando os beirais.

Ele estacionou em um monte de neve, deixou os faróis acesos e saiu do carro, sem se importar em fechar a porta, tentando avaliar a situação. Os bombeiros, seus caminhões e equipamentos estavam banhados por uma cintilante luz alaranjada. Estavam sendo usadas duas mangueiras para combater as chamas e os homens lutavam para escavar a neve que se acumulara ao redor do hidrante. O cenário era surpreendentemente calmo, nada caótico. Mas o muro de labaredas era impenetrável e perigoso demais para que os bombeiros entrassem, mesmo estando completamente equipados e com roupas especiais.

— Onde está ela? — perguntou Rourke a um bombeiro que estava passando mensagens por um rádio portátil. — Onde diabos está ela?

— A moradora não foi encontrada — disse o rapaz, relanceando o olhar para outro veículo de emergência que estava estacionado no local. Uma ambulância, com todo o equipamento a postos. — Achamos que ela saiu. Só que... seu carro ainda está na garagem.

Rourke caminhou na direção da casa em chamas, gritando o nome de Jenny. O lugar ardia. Uma janela explodiu e ele foi atingido por uma quente chuva de cacos de vidro. Automaticamente, protegeu os olhos com as mãos e voltou a gritar:

— Jenny!

Em apenas um instante todos os anos de silêncio desapareceram e ele foi inundado pelo remorso. Como se eu pudesse consertar alguma coisa evitando-a. Sou um idiota, ele pensou. E começou a barganhar com alguém ou alguma coisa que pudesse estar ouvindo-o em algum lugar. Faça com que ela esteja bem. Por favor, faça com que ela esteja bem e eu a mantereí em segurança para sempre e nunca mais pedirei nada.

Ele precisava entrar. Os degraus da entrada haviam desaparecido. Rourke correu para os fundos, escorregando na neve e se endireitando novamente. Alguém gritou, chamando-o, mas ele continuou andando. Os fundos da casa também estavam em chamas, mas a porta se fora,

arreventada pelo machado de um bombeiro. Mais gritos, mais homens com roupas antifogo correndo na direção dele, acenando. Droga, pensou Rourke. O que estava fazendo era uma estupidez, mas não era nem de longe a coisa mais idiota que já fizera. Puxando para cima a parca que usava, para cobrir o nariz e a boca, ele entrou na casa.

Estivera naquela cozinha tantas vezes! Mas agora o lugar parecia um turbilhão amarelo, completamente irreconhecível. E era impossível respirar. Ele sentiu o fogo sugando o ar de seus pulmões. Tentou gritar por Jenny, mas não conseguiu emitir nenhum som. O chão de linóleo borbulhava e derretia sob seus pés. O portal que levava até a escada era um enorme retângulo de fogo, mas ele se dirigiu para lá assim mesmo.

Rourke sentiu que o agarravam pelo ombro e o puxavam para trás, Tentou lutar para se libertar, mas um segundo depois alguma coisa, um gradil das escadas, talvez, despencou sobre ele, provocando uma chuva de fogo e gesso. O bombeiro o empurrou para fora da porta.

— Que diabos você está fazendo? — ele gritou. — Chefe, você precisa voltar. Não é seguro aqui.

A garganta de Rourke queimou quando ele respirou. Tossindo, disse:

— Jura?! Se vocês não vão mandar ninguém, vou eu mesmo.

O bombeiro, um subcomandante que Rourke reconheceu vagamente, colocou-se no caminho dele.

— Não posso permitir que faça isso.

Rourke sentiu a fúria dominá-lo. Com um único movimento ágil, ele avançou e empurrou o homem, tirando-o do caminho.

— Afaste-se! — gritou.

O bombeiro não disse uma única palavra, apenas deu um passo atrás, com as mãos erguidas, os olhos cintilando por trás da viseira de proteção.

— Escute, estamos ambos do mesmo lado. Você viu como está a situação lá dentro. Não aguentaria por mais de 30 segundos. Nós não achamos que a moradora esteja na casa, honestamente, não achamos. Se estivesse na casa, ela teria saído.

Rourke abriu os punhos. Droga. Ele estivera a ponto de nocautear o homem. Que diabos ele estava pensando?

Ele não estava pensando, aquele era o problema. Aquele sempre havia sido o problema. Precisava descobrir onde estava Jenny. As possibilidades começaram a surgir em sua mente. Talvez ela estivesse na casa de Nina, sua melhor amiga. Mas àquela hora da noite? Ou talvez estivesse com Olivia Bellamy? Não. Embora fossem parentes, as duas não eram próximas. Droga, será que ela estava namorando algum cara que Rourke não conhecia?

E, então, ele soube. É claro.

— Diabos! — disse ele, e entrou novamente no carro.

Jenny ainda estava do lado de fora da padaria, esperando pela aurora, quando uma luz azul e branca iluminou o céu. Aquela súbita luminosidade era assustadoramente inadequada no meio do inverno. Então ela ouviu o soar insistente de uma sirene e percebeu que eram luzes de

emergência o que vira. O veículo parecia estar próximo, talvez na quadra ao lado. Noite cheia, pensou, encaminhando-se para a padaria.

Jenny passou pela cozinha, onde Zach estava virando os pães no forno, e se preparava para voltar ao trabalho quando ouviu batidas nervosas na porta da frente.

— Vou ver quem é — avisou a Laura e Zach e atravessou a cafeteria que, àquela hora, estava iluminada apenas pela luz da placa em néon que mostrava uma xícara de café com espirais de fumaça.

O azul elétrico das luzes de emergência da radiopatrulha iluminaram a cafeteria. Apressando-se, Jenny abriu a tranca. O sino sobre a porta balançou enquanto Rourke McKnight entrava apressado, o casaco comprido ondulando com o vento do inverno.

O chefe de polícia de Avalon tinha a aparência certa para o cargo que ocupava. Seu queixo quadrado estava bem barbeado, os ombros eram largos e poderosos. Embora fosse louro e tivesse olhos azuis, a cicatriz em forma crescente que marcava seu rosto impedia que fosse bonito demais.

— Tenho a sensação de que você não veio para uma xícara de café — disse Jenny. Estas eram, provavelmente, as primeiras palavras que dirigia a ele em anos.

Ele lhe lançou um olhar ardente que fez com que ela imaginasse como seria ser sua namorada, ser mais uma na fila de garotas tontas que desfilavam em série pela vida de Rourke. Ei, ela pensou. Por que ela iria querer fazer parte do desfile de idiotas?

Rourke agarrou os braços dela.

— Jenny. Você está aqui. — A voz dele era rouca, ansiosa.

Opa, aquilo era interessante. Rourke McKnight agarrando-a, puxando-a para seus braços. O que ela havia feito para merecer aquilo? Seja o que fosse, talvez devesse tê-lo feito anos atrás.

— Não consegui dormir — disse Jenny, e relanceou o olhar para as mãos dele, que seguravam as suas. Ela e Rourke não se tocavam. Não desde... eles não se tocavam.

Ele pareceu ler seus pensamentos e afastou-se, acenando com a cabeça na direção da porta.

— Aconteceu uma coisa na sua casa. Eu vou levar você até lá.

Apesar do ligeiro entorpecimento causado pelo comprimido, que a deixava um pouco à parte da realidade, Jenny sentiu uma perturbação profunda, visceral.

— Que tipo de coisa?

— Sua casa está em chamas — disse Rourke com simplicidade.

Jenny abriu a boca, mas não saiu nenhum som. De qualquer

modo, o que uma pessoa pode dizer quando é confrontada com uma declaração dessas?

— Vá — disse Laura, empurrando o agasalho e as botas para Jenny. — Me ligue depois.

Ela ainda se sentia entorpecida quando entrou no carro de polícia que Rourke dirigia nos finais de semana. Nem mesmo a enorme quantidade de luzes e sirenes que viu ao longe a assustaram. No entanto, estava plenamente consciente de tudo ao redor. As maravilhas da

química moderna, pensou.

— O que aconteceu? — perguntou.

— A central de emergência recebeu uma chamada da sra. Samuelson.

Irma Samuelson era vizinha dos Majesky há anos.

— Isso é impossível — disse Jenny — Eu... como minha casa pode estar pegando fogo?

— Coloque o cinto — disse ele. E no momento em que ela encaixou o cinto de segurança, ele saiu derrapando pelo meio-fio.

— Você tem certeza de que não há nenhum engano? — perguntou Jenny. — Talvez seja a casa de outra pessoa.

— Não há engano algum. Eu verifiquei. Deus, eu pensei... maldição...

A voz dele estava trêmula?

— Oh, não — disse ela. — Rourke, você pensou que eu estava na casa?

— Era uma suposição óbvia a essa hora da madrugada.

Então fora por isso que ele a abraçara. Por alívio, pura e simplesmente. Enquanto se aproximavam, na maior velocidade possível, da Maple Street, Jenny percebeu o cheiro peculiar que empestava o ar dentro do carro.

— Que cheiro forte de fumaça!

— Você pode baixar o vidro da janela se não se importar de congelar.

— De onde está vindo esse cheiro de fumaça... Oh, meu Deus! Você entrou na casa, não foi? — Ela pôde visualizá-lo empurrando os bombeiros, lutando para chegar à casa em chamas. — Você entrou para tentar me encontrar.

Ele não respondeu. Não precisava. Rourke McKnight estava sempre resgatando pessoas. Era como uma compulsão.

— Você deixou o forno aceso? — ele perguntou. — Ou talvez um eletrodoméstico qualquer?

— É claro que não — Jenny retrucou, irritada. As perguntas a aborreceram porque a assustaram. Pois era possível que ela houvesse, sim, sido descuidada. Vivia sozinha agora e talvez estivesse ficando esquisita. Algumas vezes não conseguia afastar a sensação de que estava condenada a viver uma vida solitária, como uma pária que não tivesse ninguém para desligar a cafeteira caso ela deixasse ligada. Talvez terminasse seus dias como a velha dos gatos, sobre quem ela e as amigas costumavam inventar histórias quando eram crianças. Sozinha, excêntrica, com nada além de uma casa malcheirosa cheia de gatos como única companhia.

— ... está tentando não pensar no que aconteceu, não é? — A voz de Rourke cortou seus pensamentos.

— O quê? — perguntou ela, sacudindo os pensamentos que lhe ocupavam a cabeça.

— Você está bem?

— Você acaba de dizer que minha casa está se incendiando. Não acho que posso estar

bem dadas as circunstâncias.

— Quero dizer...

— Sei o que você quer dizer. Estou lhe parecendo ansiosa?

Ele relanceou um olhar na direção dela.

— Você está calma, dadas as circunstâncias. No entanto, ainda não chegamos lá. Você sabe o que significa quando o Corpo de Bombeiros diz que a estrutura está completamente comprometida?

— perguntou Rourke.

— Não, eu... — Ela engasgou e não terminou a frase quando viraram a esquina e ela pôde ver a rua onde morava. Seu coração disparou, totalmente descontrolado. — Meu Deus!

A rua estava interditada em ambos os lados e apinhada de veículos de emergência, equipes de resgate e salvamento e equipamentos. As luzes amarelas de sinalização colocadas sobre tripés cintilavam nas sombras. Os vizinhos, vestindo casacos de inverno sobre os pijamas, estavam agrupados em seus jardins ou varandas, com as cabeças inclinadas para o céu, as expressões aturdidas pelo assombro, como se estivessem assistindo uma queima de fogos do feriado de Quatro de Julho. A diferença é que não havia sorrisos ou exclamações de alegria e encantamento.

Bombeiros usando equipamento completo de proteção cercavam a casa, lutando contra as labaredas que iluminavam toda a estrutura de dois andares.

Rourke parou o carro e eles desceram. Uma fileira de janelas do andar superior explodira, como se alguém tivesse atirado nelas, uma depois da outra.

Aquelas janelas ficavam no corredor da escada, onde estavam penduradas fotos de família. Um antigo retrato do casamento dos avós e alguns poucos da mãe de Jenny, Mariska, que teria a beleza dos seus 23 anos para sempre, congelada na idade que tinha quando partiu. Havia ainda uma vasta coleção de retratos de Jenny na escola ao longo dos anos.

Quando pequena, ela costumava correr para cima e para baixo no corredor, fazendo muito barulho, até que a avó lhe pedisse para “baixar a febre”. Jenny sempre adorara essa expressão: “baixar a febre.” Ela ficava parada, com as mãos sobre a cabeça, assoviando, imitando o som de uma chaleira.

Jenny sempre gostara de inventar histórias sobre as pessoas nas fotos. Os avós — que encaravam as lentes da câmera com a expressão rígida e grave, típica de imigrantes que haviam acabado de desembarcar no posto de imigração de Ellis Island em Nova York —, ela transformava em astros da Broadway. A mãe, cujos olhos grandes pareciam esconder algum delicioso segredo, era uma espiã do governo, encarregada de proteger o mundo, que vivia escondida em um lugar secreto e não tinha permissão de contar nem mesmo à família onde estava.

Alguém, um bombeiro, estava gritando para que todos recuassem, para que se mantivessem a uma distância segura. Outros bombeiros subiam pela entrada de carros com uma mangueira grossa e pesada. De cima da escada mecânica, que saía do caminhão de bombeiros, um rapaz lutava contra as chamas do telhado.

— Jenny, graças a Deus! — disse a sra. Samuelson, apressando-se para falar com ela. A

senhora usava um longo casaco de pelo de camelo, botas de neve que não se preocupava em amarrar e segurava um trêmulo Nutley, seu cãozinho da raça Yorkshire Terrier. — Quando percebi o fogo, fiquei apavorada pensando que você estivesse em casa.

— Eu estava na confeitaria — explicou Jenny.

— Sra. Samuelson, alguém tomou seu depoimento? — perguntou Rourke.

— Por quê? Sim, mas eu...

— Nos dê licença, por favor, senhora. — Rourke pegou a mão de Jenny e guiou-a para além do limite determinado pelos bombeiros até a traseira do caminhão. Um homem mais velho estava dando ordens em um walkie-talkie enquanto outro bombeiro retransmitia as ordens por um megafone.

— Chefe, esta é Jenny Majesky — disse Rourke. Ele continuava a segurar a mão dela.

— Moça, sinto muito sobre sua casa — disse o chefe dos bombeiros. — Chegamos ao local oito minutos depois que o alarme foi acionado, mas esta casa já estava tomada pelas chamas muito antes de recebermos a chamada. O fogo costuma se alastrar muito rápido nessas casas antigas. Estamos fazendo o melhor que podemos.

— Eu... hã... devo agradecer, imagino. — Ela não tinha a menor ideia do que deveria dizer quando sua casa estava virando cinza.

— Seus vizinhos disseram que não havia animais domésticos.

— É verdade. — Havia apenas as violetas africanas da avó e as jardineiras com ervas plantadas. Apenas todo o meu mundo, tudo o que eu possuía na vida, pensou Jenny. Ela tremia na noite fria de inverno, apesar das camadas de roupas quentes e do calor das labaredas. Tremia incontrolavelmente.

Algo quente e pesado foi colocado ao redor de seus ombros. Jenny levou um momento para perceber que era um cobertor do equipamento de primeiros socorros. E os braços de Rourke McKnight. Ele estava atrás dela e puxou-a de encontro ao seu corpo, as costas dela coladas no peito dele, os braços dele envolvendo-a como se para protegê-la de qualquer perigo.

Com uma estranha sensação de rendição, Jenny encostou-se em Rourke, como se seu próprio peso fosse demais para ela. Ela fechou os olhos por um instante, protegendo-os da fumaça. O fogo esquentava sua face. Mas o cheiro acre nauseou-a, fazendo-a visualizar tudo o que havia na casa alimentando o fogo. Abriu os olhos novamente e examinou o estado da casa.

— Está arruinada — disse, virando a cabeça e levantando os olhos para encarar Rourke. — Eu perdi tudo.

Um homem com uma câmera fotográfica, provavelmente alguém do jornal local, estava de pé na caçamba da sua caminhonete e apontava as lentes para a cena. Os braços de Rourke apertaram com mais força o corpo dela.

— Sinto muito, Jen. Queria poder lhe dizer que está errada.

— E o que acontece agora?

— Uma investigação sobre a causa do incêndio — disse ele. — Depois o seguro deverá

ser acionado e também será feito o inventário do que foi perdido.

— Quero dizer agora, neste momento. Nos próximos 20 minutos. Na próxima hora. Em algum momento eles vão apagar o fogo, mas e aí? Devo voltar para a confeitaria e dormir sob minha mesa?

Ele baixou a cabeça. Sua boca estava perto da orelha dela, por isso Jenny conseguiu ouvi-lo apesar de todo o barulho ao redor. O corpo dele estava curvado protetoramente sobre o dela.

— Não se preocupe com isso — disse ele. — Eu cuidarei de você.

Ela acreditou nele. E tinha boas razões para isso. Conhecia Rourke há mais da metade da sua vida. E apesar da história turbulenta que tinham juntos, apesar da culpa e do sofrimento que já haviam causado um ao outro e da enorme distância que se instalara entre eles, Jenny sempre soube que podia contar com ele.

Capítulo 3

Os olhos de Jenny abriram rapidamente enquanto ela despertava assustada de um pesadelo. Seu coração batia com força, seus pulmões buscavam ar e a mente estava confusa, para dizer o mínimo. Sua cabeça ainda estava repleta das imagens de um terrível sonho que tivera: um editor de livros usava as páginas com as histórias de Jenny para alimentar sistematicamente a gigantesca batedeira da padaria.

Ela continuou deitada de costas, com os braços e as pernas estendidos, como se a cama fosse um bote salva-vidas e ela, a sobrevivente de um naufrágio. Ficou olhando o teto e a luminária desconhecida sem entender direito onde estava. Então, com movimentos cautelosos, sentou-se.

Estava usando uma camisa cinza listrada dos Yankees, tão grande que escorregava pelo seu ombro. E também um par de grossas meias de algodão, também largas e frouxas. E quando levantou a bainha da camisa, para checar, viu cuecas coloridas.

Jenny percebeu que estava sentada bem no meio da cama de Rourke McKnight. Aquela cama gigantesca estava coberta por lençóis surpreendentemente luxuosos. Ela checou a etiqueta da fronha. Algodão 600 fios. Quem imaginaria?, pensou. O homem era um sensualista.

Ouviu uma leve batida na porta e Rourke entrou sem esperar por convite. Ele trazia uma xícara de café em cada mão e o jornal enrolado sob o braço. Usava jeans Levi's desbotado e uma camiseta justa com uma inscrição NYPD, a sigla do departamento policial de Nova York. Três cachorros maltratados enrolavam-se em suas pernas.

- Estamos na primeira página do jornal - disse ele, colocando as xícaras de café na mesinha-de-cabeceira e abrindo o Avalon Troubadour.

Ela não olhou logo para o jornal. Ainda estava desnorteada e ligada no pesadelo que tivera, imaginando o que a fizera despertar tão rapidamente.

- Que horas são?

- Passa um pouco das 7h. Tentei ficar quieto, deixar você dormir.

- Estou surpresa por realmente ter conseguido dormir.

- Eu não. O dia ontem foi danado de longo.

Agora sim, ele estava atenuando a verdade. Eles haviam ficado no local do incêndio por quase a metade do dia, observando os bombeiros lutarem contra as chamas até não restar nenhuma brasa. Sob o céu cinza e pesado de inverno, ela vira seu lar se transformar, da conhecida casa de dois andares, em uma mancha negra, formada por madeira carbonizada, canos e utensílios arruinados, objetos tão queimados que ficaram irreconhecíveis. A lareira de pedra permanecia de pé no meio dos escombros, como um monumento solitário à sobrevivência. Alguém havia lhe explicado que depois que os investigadores determinassem a causa do incêndio e o representante da companhia de seguros visitasse o local, uma firma especializada iria examinar os escombros para resgatar o que fosse possível. Então, todo o entulho seria removido e descartado. Jenny recebeu uma pilha de formulários para preenchê-

los. Pediram-lhe, ainda, para fazer uma estimativa do valor das coisas que perdera. Ela ainda não tocara nos formulários. Será que eles não sabiam que suas maiores perdas eram tesouros que não podiam ser avaliados monetariamente?

Simplesmente, permanecera parada, com Rourke, sentindo-se devastada demais para falar ou planejar qualquer coisa. Nesse meio tempo, uma das poucas coisas que fez foi assinar alguns documentos com mão trêmula. No final da tarde, Rourke avisou que iria levá-la para casa. Ela não teve forças para fazer qualquer objeção, Ele preparara uma sopa instantânea de galinha, servira com alguns biscoitos salgados e depois mandara Jenny dormir. Aquilo, pelo menos, ela conseguiu fazer com facilidade, desmaiando de exaustão assim que deitou.

Agora, Rourke estava sentado na beira da cama, as feições iluminadas pela fraca claridade da manhã que entrava pelas cortinas brancas e finas da janela. Ele ainda não se barbeara e uma sombra de pelos dourados atenuara as linhas de seu queixo, a camiseta, fina e desbotada por anos de lavagem, moldava os músculos de seu peito.

Os cachorros amontoaram-se uns sobre os outros no chão. E alguma coisa em toda aquela situação fazia com que tudo parecesse surreal para ela. Estava na cama de Rourke. No quarto dele. Ele estava lhe trazendo café. Lendo o jornal com ela. O que havia de errado nessa imagem?

Ah, sim, ela lembrou: eles não haviam dormido juntos.

O pensamento pareceu sem propósito depois de tudo o que acontecera. A avó estava morta e sua casa fora transformada em cinzas. Dormir com Rourke McKnight não deveria ser prioridade naquele momento. Ainda assim, não parecia justo que tudo o que ela tivesse feito naquela cama fora ter um pesadelo.

- Vamos ver. — Ela pegou o jornal, chegando mais para perto dele. Era isso que os amantes faziam. Sentar juntos na cama, tomando café e lendo o jornal. Então, ela viu a foto. Era grande, colorida, em destaque na primeira página. — Oh, Deus, nós parecemos...

Um casal. Ela não pôde evitar o pensamento. A fotografia mostrava os dois no que parecia ser um abraço carinhoso, com os braços de Rourke enlaçando-a por trás e sua boca próxima da orelha dela, como se ele estivesse sussurrando alguma coisa. O fogo atrás era uma dramática luz de fundo. Olhando para a foto era impossível saber que, naquele momento, ela estava tremendo tanto que seus dentes batiam uns nos outros, e que ele não estava sussurrando palavras doces em seu ouvido, mas sim lhe explicando que se transformara de uma hora para a outra em uma sem-teto.

Jenny não disse nada, esperando que a aparência de romance na foto fosse apenas impressão dela. Deu um gole no café e passou os olhos pela matéria.

- Defeito na instalação elétrica? — disse ela. — Como eles sabem disso?

- É apenas especulação. Saberemos de fato após a investigação.

- E por que esse café está tão gostoso? — ela quis saber. — Está perfeito.

- Você tem algum problema com isso?

- Eu não fazia ideia de que você conseguiria fazer um café assim. — Ela tomou mais um gole, saboreando-o.

- Sou um homem de muitos talentos. Algumas pessoas simplesmente têm um dom para o

café — ele acrescentou, em uma voz falsamente séria. — Eles são conhecidos como encantadores de café.

- E como sabia que gosto do meu com exatamente essa quantidade de creme?

- Talvez eu tenha feito um estudo sobre tudo o que lhe diz respeito, desde a maneira como você toma seu café, até o número de toalhas que usa quando toma banho, e, ainda, sua estação de rádio preferida. — Ele descansou os cotovelos sobre os joelhos, envolvendo a caneca com as mãos.

- Hmm. Boa, McKnight.

- Achei que você ia gostar. — Ele terminou o café.

Jenny dobrou os joelhos e esticou a camiseta grande demais para o seu tamanho de modo a cobri-los.

- É uma coisa superficial de se dizer, mas uma boa xícara de café faz com que a pior situação pareça menos terrível. — Fechando os olhos, ela bebeu um pouco mais, saboreando e tentando se concentrar naquele momento. Levando-se em consideração tudo o que acontecera, aquele era o lugar mais seguro para estar. Com Rourke. A salvo, na cama dele.

- Qual é a graça? — ele perguntou.

Ela abriu os olhos. Não havia percebido que estava rindo.

Sempre imaginei como seria passar a noite em sua cama.

- E como foi?

- Bem... — Ela apoiou a xícara na mesinha-de-cabeceira. — roupa de cama não combina, mas a densidade dos fios é incrível, E está limpa. E não parece recém-lavada, mas sim limpa como se você a trocasse com frequência. Quatro travesseiros e um colchão muito confortável. O que há para não gostar?

- Obrigado.

- Não estou certa de que foi um elogio — ela avisou-o.

- Você gosta da minha cama, os lençóis estão limpos, o colchão é confortável. Como pode não ser um elogio?

- Porque não posso evitar imaginar o que tudo isso diz sobre você. Talvez diga que é uma pessoa maravilhosa que valoriza uma boa noite de sono, Mas, em vez disso, talvez possa significar que você está tão acostumado a trazer mulheres para casa que presto uma atenção especial à cama.

- E qual das duas opções você escolhe?

- Ainda não estou certa. Tenho que pensar a respeito. — Ela se recostou e fechou os olhos. Havia muitas coisas que poderia dizer, mas decidira não voltar lá. No passado. Para lembranças das quais nenhum dos dois poderia escapar, do que já haviam sido um para o outro. — Eu gostaria de poder simplesmente ficar aqui, para o resto da minha vida — disse, forçando uma suavidade na voz.

- Não me permita detê-la.

Ela abriu os olhos e apoiou-se nos cotovelos.

- Preciso perguntar. E é uma pergunta sincera. A quem, diabos, eu ofendi? Será que irritei algum equilíbrio cósmico do universo? É por isso que toda essa porcaria está acontecendo comigo?

- Provavelmente — disse ele.

Jenny jogou um travesseiro nele.

- Grande ajuda!

Ele jogou o travesseiro de volta para ela.

- Quem toma banho primeiro, você ou eu?

- Pode tomar. Ficarei sentada aqui mais um pouco, bebendo meu café e contemplando minha vida fabulosa. — Jenny relanceou o olhar para o chão. — Quais são os nomes dos cachorros?

- Rufus, Stella e Bon. — Rourke apontou para cada um enquanto falava. Eram cachorros que ele salvara, explicou. — Já o nome do gato é Clarence.

Todos resgatados. Claro, ela pensou.

- Eles são amistosos — acrescentou.

- Eu também. — Ela coçou a orelha de Rufus. Ele era um mestiço fie husky siberiano do Alasca, muito peludo e com olhos azuis.

- Bom saber — disse Rourke. — Prepare alguma coisa para você comer. Mesmo se não estiver com fome, coma um pouco. Este será outro longo dia. - Ele saiu pelo corredor e um instante depois ela ouviu o rádio tocando, seguido do barulho da água caindo do chuveiro.

Jenny olhou para o relógio. Cedo demais para ligar para Nina. Então, ela se lembrou de que Nina estava em Albany, em uma convenção de prefeitos. Levantou-se e foi até a janela, sentindo as pernas pesadas, como se tivesse corrido uma maratona, o que era estranho, porque não fizera nada durante todo o dia anterior a não ser ficar parada, em estado de choque, vendo sua casa virar cinzas.

Do lado de fora, o mundo parecia extraordinariamente inalterado. Toda a sua vida entrara em colapso e, ainda assim, a cidade de Avalon descansava em paz. O céu estava pesado, como um lençol impenetrável e branco. As árvores nuas se alinhavam pelo caminho e as montanhas no longe estavam cobertos por uma camada de neve.

Da janela da casa de Rourke ela podia ver a pequena cidade despertando para o dia, uns poucos carros cobertos de neve se arriscando na rua depois da tempestade de neve da noite anterior. Avalon era um lugar que tinha um charme antigo e desprezioso. As ruas eram bem pavimentadas e os prédios antigos e bem conservados do centro da cidade se agrupavam ao redor de um parque municipal onde os gramados cobertos de neve e as quadras de jogos ficavam às margens do rio Schuyler, que descia numa cascata tranqüila, sobre pedras brilhantes, cobertas de gelo, deixando pingentes cristalizados em sua passagem.

Era o tipo de cidade para onde as pessoas estressadas com a vida das cidades grandes sonhavam em ir para relaxar. Algumas, inclusive, escolhiam se aposentar ali, comprando um ou dois lotes de terra para passar seus anos dourados. No verão e no outono, quando as ruas ficavam cobertas de folhas, as estradas rurais, por onde costumavam passar apenas tratores

e uma ou outra charrete, ficavam cheias de caminhonetes alemãs importadas, insolentes Hummers e carros esporte típicos de homens na crise da meia-idade.

Ainda havia lugares intocados, onde a natureza selvagem permanecera bem densa, mais do que fora centenas de anos antes. Florestas, lagos e rios escondidos pelos picos aparentemente infinitos das montanhas. Do topo da Watch Hill, onde agora havia uma torre de telefonia celular, é fácil imaginar Natty Bumppo sendo caçado em O último dos moicanos. Jenny sempre ficava impressionada com o fato de estarem a apenas poucas horas de viagem da cidade de Nova York.

Virando-se de costas para a janela, inspecionou o quarto. Nenhum item pessoal, nem fotografias, nem lembranças, nenhuma evidência de que ele tivesse uma vida, um passado ou, que Deus não permitisse, uma família. Embora conhecesse Rourke McKnight desde que ambos eram crianças, uma enorme distância se instalou entre eles durante muitos anos e ela nunca estivera em seu quarto. Rourke nunca a convidara e, mesmo que o tivesse feito, Jenny não teria ido, não em circunstâncias normais. Ela e Rourke simplesmente não agiam desse jeito. Ele era complicado. A história deles era mais complicada ainda. Eles não combinavam. De maneira nenhuma.

Porque a verdade era que Rourke McKnight era um enigma, e não apenas para Jenny. Era difícil ir além do rosto esculpido e dos olhos penetrantes e descobrir o que havia no íntimo do homem por irás deles. Rourke tinha muitas camadas, embora ela suspeitasse que poucas pessoas já haviam descoberto isso. Ele intrigava as pessoas, disso não havia dúvida. Aqueles que estavam por dentro da política do estado sabiam que ele era filho do senador Drayton McKnight, que nos últimos 30 anos fora o representante de um dos distritos mais prósperos do estado. E as pessoas se perguntavam por que um homem nascido em uma família assim, um homem que poderia ter escolhido viver a vida que quisesse, terminara naquela pequena cidade da região montanhosa de Catskills.

Jenny sabia que fora parte do motivo que o levara a se estabelecer ali, embora ele nunca fosse admitir. Ela, um dia, já fora noiva do melhor amigo dele, Joey Santini. Houve um tempo em que cada um deles sonhara com o encanto da vida típica de uma cidade pequena, de amizades que durariam uma vida inteira e lealdades que nunca seriam rompidas. Havia sido mesmo tão inocentes?

Nem Rourke nem Jenny falavam sobre o que acontecera, é claro. Ambos haviam trabalhado duro para aceitar o fato de que era melhor deixar tudo no passado, não mexer no que acontecera.

Mas é óbvio que nenhum deles esquecera. A estranha e peculiar tensão entre eles e a forma calculada como se evitavam era a prova disso. Jenny tinha certeza de que mesmo que vivesse 100 anos nunca esqueceria. Tinha certeza de poucas coisas na vida, mas essa era uma delas. Sempre se lembraria daquela noite com Rourke, mas nunca o entenderia.

O chuveiro foi desligado e alguns minutos depois ele entrou no quarto, com uma toalha enrolada na cintura, o cabelo úmido caído por cima da sobrancelha. Era muito bonito. Mais de 1,80m de altura, ombros largos e quadris estreitos. Rourke tinha o tipo de rosto que faria uma mulher esquecer o número de telefone do namorado. A melhor amiga de Jenny, Nina Romano, sempre dizia que ele era bonito demais para ser um policial de uma cidade pequena. Com aqueles traços bem definidos, a covinha no queixo, os ardentes olhos azuis e aquela inesquecível cicatriz no alto da face direita, Rourke parecia feito para aparecer nos outdoors

de anúncios de bebidas sofisticadas ou de carros que ninguém tinha dinheiro para comprar.

Jenny sentiu uma fisgada de puro desejo, tão repentino que lhe arrancou uma gargalhada.

- Isso é engraçado? - perguntou ele, abrindo os braços, com as palmas das mãos viradas para fora.

- Desculpe - disse ela, mas sem conseguir se acalmar. A situação em que se encontrava era tão terrível que ela precisava rir para não começar a chorar.

- Eu gostaria que você soubesse que esta cama ficou conhecida por levar as mulheres às lágrimas - disse ele.

- Eu poderia ter passado o dia sem ouvir isso. - Ela secou as lágrimas de riso dos seus olhos e estudou-o mais detidamente. Nunca havia conhecido um homem tão cheio de contradições. Ele se assemelhava a um Deus grego, mas parecia não ter vaidade alguma.

Vinha de uma das famílias mais prósperas do estado, mas vivia como um homem da classe trabalhadora. Fingia não se importar com nada, nem ninguém, e ainda assim passava todo o tempo servindo à comunidade. Encontrava lares para cachorros e gatos abandonados. levava passarinhos machucados para o abrigo das matas. Se algum ser vivo estava fraco ou ferido, lá eslava ele. Era simples assim. Rourke já fazia isso há anos. Ele já vivera muitas vidas, do rapazinho mimado do Upper East Side, em Nova York, ao estudante sem um tostão no bolso e daí até o servidor público de cidade pequena. Sempre fazendo escolhas pouco ortodoxas para alguém do seu meio.

Rourke mantinha muito de si mesmo em segredo. Jenny suspeitava que isso tinha a ver com Joey e com o que acontecera com ele, com eles três.

- ... me olhando assim? — Rourke estava perguntando.

Ela percebeu que estivera perdida em pensamentos e se sacudiu mentalmente.

- Desculpe — disse. — Já faz muito tempo desde a última vez que conversamos. Eu estava pensando sobre sua história.

Ele franziu o cenho.

- Minha história?

- todos têm uma. Uma história. Uma série de eventos que conduziram você ao lugar que está agora.

O cenho franzido se transformou em uma gargalhada.

- Eu gosto da lei e da ordem, e sou bom com armas — disse ele.

Essa é a minha história e é a ela que me dedico.

- Até mesmo o fato de você fazer piada para encobrir a verdadeira história me parece interessante.

- Se isso é interessante, você deveria ser uma escritora de ficção.

Ah! Ele estava fingindo que não estava interessado.

- Você é uma boa distração — disse ela.

- Como assim?

- Toda a minha vida simplesmente virou fumaça e estou pensando em você.

Isso pareceu deixá-lo nervoso.

- Em mim?

- Bem, eu estava apenas me perguntando...

- Não — ele cortou-a. — Não fique se perguntando sobre mim, ou sobre minha história.

Como posso não ficar curiosa?, pensou ela. É a nossa história.

E por causa do incêndio alguma coisa mudara entre eles. Antes se evitavam e agora... isso. O que quer que "isso" viesse a ser. Ele se aproximara dela por causa do seu impulso natural de proteger quem precisava ou havia uma motivação mais profunda? Teria sido o incêndio um catalisador para fazê-los encarar os problemas que ambos evitavam? Quem sabe, finalmente, eles pudessem conversar sobre o que acontecera.

Não agora, pensou Jenny. Ela não poderia fazer isso agora, com tudo o que estava acontecendo. Por enquanto, era mais fácil envolver-se em um flerte despreocupado, contornando o cerne da questão. Ao longo dos anos ela se tomara muito boa nisso.

- É melhor eu ir para o chuveiro — disse ela, — Onde estão as minhas roupas?

- Estão lavadas, mas ainda não secaram.

- Você lavou minhas roupas?

Ela não falou nada. Sabia que a roupa toda estava impregnada com o cheiro da fumaça e devia ficar grata. No entanto, era desanimador perceber que possuía apenas uma muda de roupa no mundo

Ele abriu a gaveta inferior da escrivaninha e pegou um embrulho grosso de papel, com a etiqueta da lavanderia colada nele.

-Aqui há algumas coisas. Você, provavelmente, encontrará algo que lhe sirva. Fique a vontade

Franzindo o cenho com curiosidade, ela abriu o pacote e inspecionou o conteúdo, pegando cada peça levantando-a para ver melhor. Havia a parte de cima de um baby-doll, um sutiã do tipo que empina os seios, diversas calcinhas inacreditavelmente pequenas. Também encontrou alguns jeans de grife e outros rasgados e blusas de tricô com decotes generosos.

Jenny endireitou o corpo e olhou para ele.

- O que é isso? Recompensas de guerra? Lembranças das noites do sexo? Coisas deixadas para trás por mulheres que abandonaram você?

- O quê? — ele reagiu. Mas a expressão encabulada em seu rosto indicava claramente que ele sabia muito bem do que ela falava. - Eu mandei lavá-las.

E isso faz com que fique tudo bom?

- Veja bem, eu não sou um monge.

- Obviamente, não. — Ela segurou uma calcinha com a ponta dos dedos e bom distante do corpo, — Você usaria uma coisa assim?

- Agora você está gozando da minha cara.

- Vou ficar com as suas cuecas — decidi Jenny. Ela caminhou na direção do banheiro, mas parou, o rosto a apenas alguns centímetros do peito nu de Kourke. Ele cheirava a sabonete Ivory. - É melhor eu ir. Como você disse, este será um longo dia.

Ela entrou no banheiro. Logo descobriu que o rádio estava sintonizado em uma de suas estações favoritas. Sobre a bancada havia três jogos de toalha limpos. O número exato que ela costumava usar no banho, e nos tamanhos adequados: uma de banho e duas de rosto.

Certo, era lisonjeiro fantasiar que ele se sentira atraído por ela. Mas tudo isso era passado. Rourke não lhe dirigira nem uma dezena de palavras em anos. Aliás, mal parecera notar sua existência até a véspera. Até que ela estivesse na situação mais vulnerável possível. De luto, desabrigada, sem nenhum lugar para onde ir e ninguém a quem recorrer. Ele não prestou atenção nela até que ela precisasse ser salva. Interessante.

Jenny precisou deitar na cama e encolher a barriga para conseguir fechar os jeans emprestados por cima das cuecas. De acordo com a etiqueta no cós, a calça era do seu tamanho. Aquele jeans, com certeza, havia pertencido a alguém chamado Bambi ou Fanny, o tipo de garota que gostava de usar roupas que pareciam ter sido pintadas em seus corpos.

O sutiã serviu surpreendentemente bem, ainda que o feitiço com suporte não fosse de forma alguma seu estilo. Ela vestiu um moletom com decote em V, branco com detalhes em vermelho e com o símbolo de Harvard aplicado bem sobre o seio esquerdo. Honestamente! Provavelmente, isso seria o mais perto que chegaria de pertencer à Harvard.

Mais tarde, Jenny entrou na cozinha, pisando no linóleo com as meias emprestadas e frouxas. Quando Rourke a viu, seu rosto assumiu uma expressão que ela nunca vira antes, mas tudo foi tão rápido que Jenny percebeu por pouco. Um desejo feroz e impotente. Deus!, pensou ela, e tudo o que precisou fazer foi se vestir como uma modelo da marca Victoria's Secret.

- Vai querer bolo? — ele perguntou e mostrou a Jenny a embalagem de um bolo de chocolate comprado pronto, no supermercado, que lhe pareceu de péssima aparência.

Ela balançou a cabeça.

- Você pode até ser um encantador de café, mas isso — e ela indicou a embalagem dos bolos — é abominável.

Ele estava vestido para trabalhar agora, parecendo tão alinhado quanto um escoteiro, o chefe de polícia mais jovem do condado de Eister. Normalmente, seriam necessários anos de experiência e um lobby inteligente dentro do departamento para alcançar o status de chefe, mas na cidade de Avalon foi necessária apenas a disposição dele para aceitar o salário anormalmente pequeno. No entanto, Rourke levava seu trabalho a sério e conseguira conquistar o respeito da comunidade,

Ela se serviu de uma laranja e sentou-se no balcão da cozinha.

- Você vai trabalhar no domingo?

- Eu sempre trabalho aos domingos.

Ela sabia disso. Apenas não queria admitir.

- E agora, chefe? — perguntou Jenny.

- Vamos até sua casa, encontrar os investigadores de incêndios. Se você tiver sorte, eles tomarão uma decisão sobre a causa do incêndio.

- Sorte. — Ela enfiou a unha no meio da laranja para descastá-la. — IW que será que não me sinto muito sortuda?

- Está certo, escolhi mal as palavras. O que eu quis dizer foi que quanto mais rápido a investigação terminar mais rápido começará o resgate do que pode ser salvo dos escombros.

- Resgate. Tudo isso é tão surreal! — Ela sentiu um repentino aperto no estômago e lembrou-se de uma coisa. — Você disse que colocou minhas roupas para lavar?

- Sim. Acabei de ouvir o sinal da máquina de lavar, avisando que acabou o ciclo de limpeza.

- Oh, Deus! — ela saltou, correu para a área de serviço estreita ao lado da cozinha e abriu a lavadora de roupas.

- Qual é o problema? — perguntou Rourke, seguindo-a.

Jenny puxou com força para fora da lavadora a calça que usara, enfiou a mão no bolso e pegou a embalagem plástica onde estavam os comprimidos. A etiqueta ainda estava colada, mas a embalagem estava cheia d'água. Ela mostrou a Rourke.

Ele pegou a embalagem das mãos dela e leu a etiqueta.

- Parece que todos os comprimidos se dissolveram.

- Você agora tem a máquina de lavar mais zen, mais serena de toda Avalon.

- Eu não sabia que você estava sob medicação.

- Você pensou que eu estava lidando com a morte da minha avó sem nenhuma ajuda?

- Bem... sim.

- Por que você pensaria que eu seria capaz disso?

Rourke colocou a embalagem de comprimidos sobre a bancada da cozinha.

- Está lidando agora. Fez isso durante toda a manhã. Eu não a vi perder a cabeça.

Ela hesitou. Apoiou as mãos na beira da bancada. Então, percebeu que aquela posição moldava ainda mais seus seios sob a blusa justa que usava e cruzou os braços. Na noite em que a avó morreria, o médico lhe pedira para avaliar, em uma escala de 0 a 10, o quanto se sentiu ansiosa. Ele lhe dissera para sempre se fazer essa pergunta antes de tomar um comprimido. Assim, aquilo não se tornaria um hábito.

- Cinco, este é o número agora— disse ela tranquilamente, sentindo uma leve aceleração na circularão, uma tensão sutil nos músculos. Mus não estava suando, seu coração não estava acelerado e ela não estava hiperventilando.

- Sei que essas não são suas roupas — disse Rourke. — Mas eu diria que o número que você veste é, no mínimo, sete.

- Ah-ah. — Ela pegou outra laranja. — O médico disse que eu deveria avaliar o nível da minha ansiedade em uma escala de 0 a 10 para descobrir minha real necessidade de medicação.

Rourke levantou uma sobrancelha.

- Então, se você está em um grau 5, isso significa que devemos ir correndo até uma farmácia?

- Não. Não até eu me sentir em um grau 8 ou mais. Não estou certa do motivo de não estar me sentindo mais apavorada. Depois de tudo o que aconteceu, é impressionante eu não estar tendo uma crise de nervos.

- E você queria ter uma?

- É claro que não, mas seria normal que eu desmoronasse, não seria?

- Eu não acho que não há como dizer o que é "normal" ou não em uma perda nessas proporções. Você está se sentindo relativamente bem agora. Vamos deixar assim por enquanto.

Ela percebeu alguma coisa por trás das palavras dele. Uma certa sabedoria ou conhecimento, como se talvez ele tivesse alguma experiência nessa área.

O ar da manhã era frio e doce no rosto de Jenny enquanto ela acompanhava Rourke para fora. Ele certificou-se que os cachorros tinham comida e água e que o aquecedor na garagem anexa à casa estava ligado, assim eles poderiam entrar e se abrigar do frio se precisassem. Depois, abriu o portão e, num gesto de cavalheirismo, abriu a porta do Ford Explores para ela. Na porta do carro estava pintada uma roda de moinho, em homenagem ao passado de Avalon como uma cidade usineira, e as palavras Avalon P.D., formando o símbolo do departamento de polícia da cidade.

Rourke contornou o carro, sentou-se ao volante e deu partida.

- Coloque o cinto de segurança - disse.

Jenny sabia que Rourke percebera que ela estava observando e ficou imaginando se ele poderia adivinhar seus pensamentos. Tentava decifrar o enigma que ele era. Fora a primeira pessoa que conseguira distraí-la de seu sofrimento pela perda da avó. Mas todo aquele cavalheirismo era apenas porque ele era chefe de polícia, lembrou a si mesma. Rourke faria a mesma coisa por qualquer outra pessoa.

- Tem certeza de que está bem? — ele perguntou. — Você está me olhando de um jeito engraçado de novo.

Ela sentiu o rosto queimar e desviou o olhar. Era de se supor que estivesse desesperada com a perda da avó e da casa, mas, em vez disso, estava tendo pensamentos sensuais com o chefe de polícia. Por favor. Deus, não quero ser esse tipo de mulher.

- A não ser por essas roupas — disse —, eu estou bem.

Ele suspirou.

- Muito bem. Vamos nos concentrar no dia de hoje. Neste exato momento. Vamos lidar com as coisas uma de cada vez.

- O senhor manda. Veja, não conheço os procedimentos. Não tenho idéia do que acontece depois que uma casa é destruída por um incêndio.

- Você começa de novo - disse ele. - É isso.

As palavras dele a tocaram fundo. Pela primeira vez desde que o avô morrera, começava a

ver a situação sob uma nova luz. Afogada no sofrimento como se sentia antes, ela só conseguia pensar que estava completamente sozinha no mundo. O comentário de

Rourke provocara uma mudança de paradigma. De repente, sozinha se transformava em independente. Nunca experimentam sensação antes. Primeiro. Quando o avô morrera, ela fora necessária na padaria. Depois, quando a avó tivera o derrame, fora necessária em casa. Seguir seu próprio caminho nunca fora uma opção... até agora. Mas então percebeu uma coisa tão terrível que desejou poder esconder de si mesma; estava com medo da independência. Podia colocar tudo a perder e aí seria apenas culpa sua.

Embora ela tivesse estado no local durante todo o dia anterior, tivesse visto a casa virar cinzas e tivesse até mesmo sentido o calor do incêndio, não pôde evitar o choque que a atingiu quando saltou do carro. Agora que todo o aparato dos bombeiros se fora, não havia nada além daquele sórdido esqueleto negro, cercado por um fosso do lama pisada, agora transformada em um monte de blocos e sulcos congelados.

- O que aconteceu com a garagem?

- Um caminhão de bombeiros bateu nela. Foi bom termos tirado seu carro ontem.

Ela mal conseguiu registrar a perda. Era tão minúscula perto de todo o resto que apenas conseguiu sacudir a cabeça.

- Sinto muito - disse Rourke, dando palmadinhas meio sem jeito no ombro dela. - Os investigadores de incêndios logo estarão aqui e você poderá dar uma olhada mais de perto em tudo.

Ela sentiu um arrepio desagradável.

- Você está achando que esse incêndio foi provocado?

- Isso é o procedimento padrão. Se os investigadores de incêndios não conseguirem chegar a uma conclusão, pedirão uma investigação de incêndio proposital. O representante da empresa de seguros disse que logo estaria aqui, também. A primeira coisa que ele fará será lhe dar um cartão de débito, para que você possa comprar o básico de que necessita.

Ela assentiu, mas um tremor lhe percorreu todo o corpo. Uma fita plástica amarela e preta circundava todo o terreno, interditando-o.

Ver as minas da casa era como tocar numa ferida recente, o lugar parecia agora uma mutação grotesca da sua forma original. Contra o sol pálido da manhã, parecia um desenho tosco feito com carvão. A varanda na frente, que antes ostentava um gradil branco como um sorriso, havia enegrecido e desaparecido. Duas vigas finas inclinavam-se em um ângulo absurdo, perdidas ali. Não havia mais porta da frente. Todas as janelas que sobraram tiveram os vidros estilhaçados.

Os canos formavam um estranho esqueleto, e tudo o que os cercava fora queimado. Nas ruínas carbonizadas ela pôde distinguir a cozinha, o coração da casa. Seus avós haviam sido pessoas frugais em seus gastos, mas não hesitaram em investirem um refrigerador comercial de duas portas e em um enorme forno duplo. Mais de cinco décadas antes, a avó criara bem ali, naquela cozinha, seus primeiros produtos de confeitaria para vender.

A maior parte do andar de cima, agora, estava embaixo, e uma parte do térreo afundara para o porão. Jenny podia olhar diretamente para a cerca do pátio dos fundos, agora

transformado em um campo de neve, uma manta que ondulava sobre os canteiros do jardim. Durante toda a vida da avó aquele jardim fora seu orgulho e sua alegria. Depois que ela tivera o derrame, Jenny trabalhara duro para mantê-lo do jeito que era: uma artística e gloriosa profusão de flores e vegetais.

A alta pressão da água que saíra das mangueiras dos bombeiros emaranhara os galhos curvos e agora nus das plantas. O jato d'água formara cristais de gelo na certa de trás e no portão, transformando todo o pátio dos fundos em uma espécie de estranha escultura.

Botas pesadas haviam prensado a terra ao longo de todo o perímetro da propriedade. Toda a área cheirava a carvão molhado, um cheiro acre que queimava e invadia as narinas.

- Não sei nem por onde começar — disse ela. — Pergunta interessante, não? Quando você perde tudo em um incêndio, qual a primeira coisa que deve comprar?

- Uma escova de dente — disse ele tranquilamente, como se fosse uma resposta óbvia.

- Anotarei isso.

- Há um método. O representante da companhia de seguros vai colocá-la em contato com a empresa que fará o resgate do que pode ser aproveitado e eles a guiarão por todo o processo.

Os carros diminuía a velocidade quando passavam por ali. Ela podia sentir a força dos olhares curiosos. As pessoas sempre olhavam a desgraça na vida das outras e davam um suspiro de alívio, gratas por não ter sido com elas.

Jenny passou por sobre a fita de isolamento e seguiu os investigadores de incêndios e o perito da companhia de seguros andando por cima de uma tábua que estava apoiada no limiar da porta, no lugar dos degraus destruídos. Ela podia reconhecer a disposição dos cômodos, podia ver os restos sujos de antigos móveis e objetos.

Todo o lugar havia se transformado em uma espécie de território alienígena.

E ela era o alienígena. Não reconheceu a si mesma enquanto respondia monotonamente às perguntas sobre como fora sua rotina na noite anterior. Respondeu a tantas perguntas que sua cabeça parecia prestes a explodir. Eles passaram por todas as possibilidades mais prováveis. Ela não adormecera fumando na cama. O único pecado que cometera fora involuntário e não intencional. Tentou distanciar mais sinceramente possível, Não, ela não se lembrava de ter deixado nenhum aparelho ligado, nem a cafeteira, nem o secador de cabelo ou a torradeira. Não esquecera aberto nenhum bico de gás, nem esquecera uma vela acesa e não conseguia nem mesmo se lembrar de onde costumava deixar os fósforos na cozinha. (Embaixo da pia, como lhe informou um dos técnicos investigadores.) A avó costumava levar velas votivas para a igreja, acendendo fileiras e fileiras delas diante da imagem de São Casimiro, santo protetor da Polônia e dos solteiros.

- Oh, não! — murmurou Jenny.

- Senhorita? — o investigador perguntou,

- Eu fiz isso — disse ela. — O incêndio é culpa minha. Minha avó guardava uma lata cheia de coisas da Polônia: cartas, receitas e artigos que colecionava. Na noite do incêndio, eu estava... eu não conseguia dormir, então resolvi fazer uma pesquisa para minha coluna. Eu saí e ... oh, Deus. — Ela parou, sentindo-se sucumbir com a culpa.

- E o quê? — perguntou novamente o homem.

- Eu usei uma lanterna de mão ontem à noite. As pilhas estavam gastas e então retirei as que estavam no detector de fumaça, na cozinha, e me esqueci de colocá-las de volta. Eu desarme o alarme.

Rourke parecia despreocupado.

- Você não seria a primeira pessoa a fazer isso.

- Mas isso significa que o incêndio foi culpa minha.

- O alarme de um detector de fumaça só serve para alguma coisa se houver alguém para ouvi-lo — assinalou Rourke. — Mesmo se ele tivesse tocado a noite inteira, a casa teria se incendiado do mesmo jeito. Você não estava aqui para ouvi-lo, portanto, isso não tem a menor importância.

Oh!, como ela queria que ele estivesse com a razão. Como queria não ser a responsável pela destruição da própria casa.

- Eu já ouvi aquele alarme disparar — disse ela. — E é bem alto para acordar os vizinhos. Se estiver funcionando.

- Não foi culpa sua, Jen.

Ela pensou na lata cheia de documentos e textos escritos em papel fino. Irrecuperáveis. Perdidos, para sempre. Jenny sentiu-se como se tivesse perdido a avó novamente. Tentando manter o autocontrole, descansou o olhar na lareira, lembrando-se dos Natais que eles haviam compartilhado naquela casa. Não acendera a lareira depois que Helen morrera.

A avó costumava sentir muito frio, e dizia que somente um fogo acolhedor na lareira conseguia aquecê-la.

- Eu costumava enrolá-la como se fosse um *Kolache* — disse

Jenny, pensando alto sobre como ela e Helen haviam rido enquanto ela jogava camada após camada de colchas de crochê sobre o corpo pequeno e frágil da avó. — Mas ela continuava tremendo, e eu não conseguia ajudá-la.

Então, ela sentiu seu rosto sendo puxado para o ombro de Rourke. O esforço que precisava fazer para respirar fez seus pulmões arderem.

Jenny sentiu um tapinha desajeitado nas costas. Rourke, provavelmente, não contara em passar aquela manhã com uma mulher desesperada nos braços. Os rumores diziam que ele sabia exatamente o que fazer com uma mulher, mas ela suspeitava que os tais rumores se aplicavam apenas às mulheres sexies, atraentes e desejáveis. Pelo que Jenny sabia, esse era o único tipo com que ele já havia saído. Não que ficasse prestando atenção, mas era difícil ignorar. Com mais frequência do que gostaria de admitir, esbarrava com ele acompanhando alguma tontinha qualquer à estação para pegar o primeiro trem para a cidade.

- ... sair daqui. — Rourke estava falando em seu ouvido. — Podemos fazer isso outra hora.

- Não. — Jenny endireitou o corpo, controlou-se e até forçou um sorriso corajoso. Que tipo de pessoa era ela, pensando daquele jeito diante das circunstâncias? Jenny deu uma batidinha carinhosa no braço de Rourke, que, por sinal, parecia ser feito de pedra. — Excelente ombro para chorar, chefe.

Ele acompanhou a óbvia tentativa de Jenny de deixar o clima mais leve.

- Para servir e proteger. É o que está escrito no meu distintivo.

Ela olhou para o investigador de incêndios com uma expressão controlada.

- Desculpe-me. Acho que eu precisava de uma pausa para me lamentar um pouco.

- Eu entendo, senhorita. A perda de uma casa é um enorme trauma. Podemos marcar uma hora para avaliação com um psicólogo o mais rápido possível. — Ele entregou um cartão a ela. - O dr. Burrett, em Kingston, é muito bem recomendado. E o principal é não tomar nenhuma decisão importante por enquanto. Vá devagar.

Jenny guardou o cartão no bolso de trás da calça. Era impressionante que ela pudesse guardar qualquer coisa naquele bolso. O jeans emprestado a apertava em lugares que ela nem sabia ter. Eles continuaram a caminhar pelos escombros e, de alguma maneira, Jenny conseguiu permanecer inteira, apesar da enormidade da sua perda. Em menos de um mês, perdera a avó e agora a casa onde vivem todos os dias de sua vida,

A conclusão oficial ainda seria divulgada, mas os investigadores e até o desconfiado representante da companhia de seguros pareciam concordar que o fogo começara no pequeno espaço onde ficava a caixa de força, no sótão. A causa provável fora uma falha no sistema elétrico. Não fora encontrado nenhum catalisador e também não havia nenhum sinal de dano intencional.

- E agora? — perguntou ela ao perito, exausta, depois de andar pelos escombros da casa. Ela imaginou que deveria ser assim que as pessoas se sentiam depois de um bombardeio, recolhendo os restos de coisas que já haviam sido inteiras, vivas e vibrantes, como vasos de plantas que enfeitavam os cômodos, fotos de família nas paredes, lembranças de momentos marcantes e presentes trocados em aniversários e Natais, coisas únicas como receitas escritas à mão e antigas cartas.

O perito apontou para o computador dela, que estava jogado no meio de uma pilha de restos de estofado feios e queimados, com as molas saindo como entranhas pelos buracos derretidos.

- Aquele é seu laptop? — ele perguntou.

- Sim. — O computador estava fechado, com a tampa cheia de bolhas.

- Podemos pedir que um técnico o examine. Talvez o disco rígido possa ser recuperado.

Era pouco provável. O homem não disse isso, mas ela pôde ler em seu rosto. Todos os seus dados estavam perdidos. Arquivos de texto do WordPerfect, registros financeiros, álbuns de fotos, endereços, e-mails, a contabilidade da confeitaria que estava toda registrada no programa QuickBooks. Seu livro. Ela mantinha backups, mas guardava-os dentro da gaveta da escrivaninha, que agora era apenas uma pilha de cinzas.

Seus ombros vergaram diante da ideia de tentar refazer tudo.

- Ela é escritora — disse Rourke ao investigador.

- É mesmo? — O homem parecia intrigado. — Não diga. O que você escreve?

Jenny ficou encabulada. Sempre ficava sem graça quando as pessoas lhe perguntavam sobre seus escritos. Seu sonho era tão grande, tão impossível, que às vezes achava que não

tinha direito a ele. Ela, a Jenny Majesky da cidade pequena, sem muita formação, queria ser escritora. Uma coisa era publicar uma coluna de receitas semanal, fantasiar em segredo sobre alguma coisa maior e melhor. Outra, muito diferente, era confessar abertamente suas ambições para estranhos.

- Escrevo uma coluna com receitas culinárias para o jornal local — murmurou ela.

- Vamos lá, Jen — instou-a Rourke. — Você sempre disse que um dia escreveria um livro.

Um best-seller.

Ela não podia acreditar que ele se lembrava daquilo... nem que estivesse falando a respeito na frente daquele homem.

- Estou trabalhando nisso — disse, com o rosto queimando.

- É mesmo? Vou procurar por ele nas livrarias — observou o perito.

- O senhor precisará procurar por muito tempo — disse ela, melancólica. — Ainda sou uma autora inédita. — Ela lançou uma padaria, numa pequena cidade nas montanhas. Provavelmente, sempre seria apenas a dona da padaria, debruçada sobre os livros-caixa ou ficando velha e rabugenta atendendo no balcão, talvez até mesmo aprendendo a chamar os clientes de “boneca” e “doçura”.

- O que foi? — perguntou Rourke depois que o perito voltou para o carro. — Que olhar é esse?

- Você não devia ter dito nada sobre o livro.

- Por que não? — A expressão ingênua e confiante dele era de enlouquecer. — O que a deixou tão brava?

- Best-seller — resmungou ela. — Ficaria ridículo eu andar por aí dizendo para as pessoas: “Estou escrevendo um best-seller!”

Ele parecia genuinamente perplexo.

- O que há de errado com isso?

- É muita presunção! Eu escrevo, certo? Isso é tudo. Cabe às pessoas que compram livros transformá-los em best-sellers.

- Você está querendo discutir por bobagens. Isso já está me deixando com dor de cabeça. Uma vez você me disse que publicar um livro era um sonho seu.

Ele realmente não entendera nada.

- É um sonho — disse Jenny com intensidade. — É o sonho.

- Eu não sabia que era um grande segredo.

- E não é. Mas também não é algo que me faça ficar tagarelando com qualquer um por aí. É... para mim é como uma coisa sagrada. E não preciso anunciar isso para Deus e para mundo.

- Não vejo por que não.

- Porque, se não acontecer, vou parecer uma tola.

Ele jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

Jenny ainda lembrava bem de si mesma, recém-saída do colégio, louca para deixar a cidade, dizendo para as pessoas: “Na próxima vez em que você vir meu rosto será na orelha de um livro.” E ela realmente acreditava nisso.

- Isso não é nenhuma piada — reclamou ela, irritada.

- Deixe-me perguntar uma coisa — disse Rourke. — Quando foi a última vez em que você considerou alguém idiota por perseguir um sonho?

- Nunca pensei isso.

Ele sorriu para ela. Havia tanta bondade no rosto dele que Jenny sentiu o ressentimento abandonar seu coração.

- Jenny, ninguém pensa isso. E para quanto mais pessoas você contar seu sonho, mais real ele lhe parecerá.

Ela não conseguiu reprimir um sorriso.

- Você está parecendo um cartão de felicitações.

Rourke riu.

- Você me pegou. Isso estava num cartão que eu recebi no meu último aniversário.

Havia alguma coisa estranha no fato de ele estar passando tanto tempo com ela.

- Você não precisa ir a nenhum outro lugar? — perguntou. - Não tem nenhuma obrigação de chefe de polícia para cumprir em nossa versão de Sin City, a cidade do pecado? — Ela gesticulou indicando a Mapple Street, que parecia imaculada sob o manto de neve recém-caída.

- Preciso estar onde estou. Aqui, com você — respondeu ele, com simplicidade.

-Para juntar meus pedaços, se eu desmoronar?

- Você não vai desmoronar.

- Como pode estar tão certo?

Ele deu outra gargalhada.

- Você tem um best-seller para escrever.

Ela pensou no laptop, queimado e arruinado.

Ela indicou o esqueleto enegrecido da casa, agora uma ruína. Sentia-se fisicamente mal ao se lembrar da lata com as receitas e textos da avó, que deixara tão negligentemente na mesa da cozinha. Agora, aqueles papéis únicos estavam perdidos para sempre, junto com as fotografias e lembranças da vida de seus avós. — Seria melhor eu desistir — concluiu.

- Não — disse Rourke. — Se deixar de escrever por causa de um incêndio, então isso provavelmente não era algo que você quisesse tanto assim fazer, — Ele aproximou-se mais dela. Cheirava a creme de barbear e ar fresco. Rourke tomou cuidado para não tocar nela, ali em plena luz do dia, com a rua cheia de gente passando. Ainda assim, o modo como a olhou fez com que ela sentisse como se tivesse recebido uma carícia íntima. Provavelmente, ele ainda estava mortificado pela foto na primeira página do jornal. Ela não tinha exatamente a aparência de uma modelo de lingerie.

Então ele a tocou, embora não para puxá-la para seus braços. Em vez disso, segurou-a pelos ombros e virou-a para que olhasse para a casa incendiada,

- Veja bem, as histórias que precisa escrever não estão ali — disse. — Nunca estiveram. Elas já estão guardadas dentro da sua cabeça. Precisa apenas escrevê-las, do jeito como sempre fez.

Jenny assentiu, tentando de verdade acreditar nele, mas o esforço deixou-a exausta. Tudo o que acontecera a deixara exausta. Estava com uma dor de cabeça tão forte que parecia que seu cérebro ia explodir.

- Você não estava brincando — disse para Rourke — quando disse que este seria um dia cheio.

- Mas você está bem? — ele perguntou. — Na sua escala a ansiedade ainda está no grau 5?

Ela ficou surpresa por ele se lembrar.

- Estou confusa demais para me sentir ansiosa.

- A boa notícia é que agora todos param para almoçar!

- Graças a Deus!

Eles entraram no carro e Rourke disse:

- Onde? Na padaria? Ou quer voltar para casa para descansar?

Casa, ela pensou com tristeza.

- Sou uma desabrigada, lembra-se?

- Não, você não é. Vai ficar comigo pelo tempo que for necessário.

- Oh!, mas isso vai dar o que falar. O chefe de polícia morando como uma mulher desabrigada.

Ele riu e deu partida no carro.

- Já ouvi fofocas piores do que essa na cidade.

- Vou ligar para Nina. Posso ficar com ela.

- Nina está fora da cidade, no seminário dos prefeitos, lembra-se?

- Então vou ligar para Laura.

- O lugar onde ela mora é do tamanho de um selo postal.

Ele estava certo. Laura vivia feliz em um apartamento muito pequeno, perto do rio, e Jenny não apreciava nem um pouco a ideia de se espremer lá.

- Então, vou usar esse cartão de débito para pagar uma pousada...

- Ei! Pare com isso! Não sou nenhum Norman Bates, que sai por aí atacando mulheres desprotegidas. Você fica comigo e fim de papo.

Jenny virou-se no assento para encará-lo, impressionada com a facilidade com que ele lidava com a situação.

- O que foi? — perguntou Rourke, relanceando o olhar para a camisa e para a gravata conservadora que usava. — Deixei cair café na minha roupa?

Ela fechou o cinto de segurança.

- Eu estava apenas pensando: de uma maneira ou de outra, você está sempre me salvando. Desde que éramos crianças.

- É mesmo? Então você deve achar que já fui melhor nisso.

Ele virou o volante com uma das mãos, descendo a colina em direção ao centro da cidade, colocou óculos escuros típicos de agentes do FBI e ajustou o espelho retrovisor. — Ou, então, seus dragões estão ficando muito mais difíceis de ser derrotados.

Capítulo 4

Daisy Bellamy estava parada na calçada diante da Escola Secundária de Avalon. Quando olhou para o sólido edifício de seu novo colégio, o coração parecia prestes a saltar do peito. *Seu novo colégio!* Era um daqueles prédios de tijolos, em estilo gótico, tão comuns em cidades pequenas e antiquadas.

Não podia acreditar no que estava acontecendo. Antes, era uma garota do badalado Upper East Side, na cidade Nova York, e agora, no seu último semestre na escola, tornara-se moradora de Avalon, esta cidade no meio do nada.

Realmente me dei mal desta vez, pensou, sentindo o estômago enjoado.

Era incrível lembrar que há apenas duas semanas ela era uma formanda em uma escola preparatória particular em Nova York. Parecia ter sido em outra vida! Desde então, Daisy deixara o colégio em desgraça e agora estava ali. Seu pai a forçara a mudar-se para esta versão de Sleepy Hollow, a cidade de filme *A lenda do cavaleiro sem cabeça*, e terminar seu último ano ali, naquela escola secundária pública, junto com um pessoal que parecia a turma do Archie Andrews, os quadrinhos que retratavam os típicos adolescentes norte-americanos de cidade pequena.

É claro que todos diziam, da maneira mais delicada possível, que mudar para lá e trocar de colégio era consequência da má escolha que Daisy fizera. *Má escolha!* Que absurdo.

Portanto, agora estava parada no meio da tundra congelada e sentindo-se completamente deslocada naquele cenário. Era como viver uma experiência fora do corpo, como se estivesse pairando no ar, sem poder ser vista, observando a si mesma. Uma figura solitária na neve com um caleidoscópio de estranhos que falavam sem parar, circulando ao seu redor, ignorando completamente sua presença.

Não. Isso não era verdade. Nem todo mundo a estava ignorando. Duas garotas prestaram atenção nela e imediatamente juntaram as cabeças e começaram a cochichar. Logo depois, um grupo de garotos que jogava futebol deteve-se para olhá-la, avaliando. Seus assobios baixos e o barulho de macacos que faziam chegaram até ela como um vento desagradável.

Deixe-os sussurrar. Deixe-os zombar. Não ligava a mínima para nada daquilo.

Daisy entrou com o mesmo ar desafiador na secretaria da escola. Um calor úmido dominava a sala, que cheirava a lã molhada e a outro cheiro qualquer, típico de colégio público. Ela tirou o cachecol Burberry e as luvas Portolano. As pessoas que estavam do outro lado do balcão de madeira riscado estavam ocupadas no telefone ou concentradas na tela dos computadores, ou, ainda, distribuindo a correspondência em uma fila de caixas de correio.

Uma mulher de aparência cansada, sentada a uma mesa com a placa secretária de presença, levantou os olhos para olhá-la.

- Posso ajuda-la? – perguntou.

Daisy desabotoou o casaco de camurça enfeitado com pele sintética.

- Sou Daisy Bellamy. Hoje é meu primeiro dia.

A secretária selecionou um das bandejas empilhadas sobre sua mesa. Então, pegou uma pasta de arquivo e foi até o balcão, caminhando com o andar bamboleante de uma mulher grávida. Sua barriga era enorme. Daisy se esforçou para não encará-la.

- Oh, que bom! – disse a mulher. – Nós temos todos os seus registros em ordem. Seu pai passou por aqui na sexta-feira e está tudo certo.

Daisy assentiu, sentindo-se de repente acalorada e nauseada. Seu pai estaria ali junto com ela, agora, se Daisy não tivesse implorando para que ele não viesse. Seu irmão, Max, ainda estava no quinto ano, ela argumentara. Ele precisava do pai muito mais do que ela. Muito mais.

A secretária explicou a Daisy seu horário de aulas, pegou um mapa do prédio e mostrou-lhe a localização da sua sala. Ela também indicou onde ficava seu armário e lhe deu a senha para abri-lo. Havia um sistema complicado de campainhas. Primeira campainha, campainha para irem para o pátio, campainha do almoço... mas Daisy mal estava escutando. Ela checou o número da sua sala na folha rosa que lhe fora entregue, deixou a secretaria e caminhou pelos corredores, com paredes cobertas por azulejos, da sua nova escola.

O corredor estava cheio de crianças estridentes e cheirava a roupas de inverno úmidas. O som de armários batendo e de risadas enchia o ar. Daisy encontrou o armário que lhe fora designado. O ocupante anterior tinha uma paixão por hip hop, a julgar pelo intrincado desenho que grafitava dentro dele.

Ela guardou o casaco, o cachecol e as luvas. Ficara tentada, naquela manhã, a usar alguma coisa sóbria, que não atraísse a atenção. Mas não era seu estilo. A única possível vantagem de mudar de colégio no meio do ano era que, pela primeira vez na vida, frequentaria uma escola que não tinha regras rígidas sobre como os alunos deveriam se vestir. Aproveitou essa vantagem e escolheu como vestimenta, no seu primeiro dia, calças jeans de cintura baixa e um suéter curto tricotado em padrão de diamantes, que mostrava sua mais recente atitude rebelde contra os pais: um piercing no umbigo. Ela não tinha a menor ideia se o pessoal daquele colégio, no seu estilo turma do Archie, iria apreciar seus jeans da marca Rock & Republic ou seu suéter Pringle of Scotland, mas ao menos ela se sentia bem neles.

Daisy entrou na sala 247, passou pelo outros estudantes e foi até a mesa do professor.

Aquele era o professor? Ele não parecia ter idade para isso, com sua calça de algodão levemente e a gravata adorável, mas completamente torta.

- Daisy Ballamy – disse ela, entregando-lhe a pasta de estudante nova, que a secretária lhe dera.

- Anthony Romano – disse o professor, levantando-se e brindando-a com um sorriso caloroso. – Seja bem-vinda à Escola Secundária de Avalon.

Ele tinha um certo charme, parecia um filhotinho de cachorro, com aqueles grandes olhos castanhos e a atitude de quem estava ansioso por agradar.

- Você quer que eu a apresente à turma?

Ao menos ele tivera a consideração de perguntar. E parecia tão animado que ela não quis acabar com sua alegria. Daisy concordou. Talvez fosse melhor mesmo acabar logo com aquilo. Virou-se para enfrentar a turma agitada e barulhenta.

- Ei, escutem! – chamou o Sr. Romano, em um tom de voz surpreendentemente autoritário. Ele pontuou a ordem dando umas batidas no quadro-negro. – Temos uma nova aluna, hoje.

As palavras nova aluna funcionou como mágica. Todos os olhos da sala se voltaram para Daisy. Ela simplesmente fingiu que estava em mais uma peça teatral da escola. Havia participado de montagens escolares desde os 4 anos, quando representou um anjo no presépio de Natal; até a primavera do ano anterior, quando fez o papel principal na peça *A mulher do século*. Agora, na escola nova, tratou a turma como se fosse uma platéia e ofereceu um sorriso simpático.

- Esta é Daisy Bellamy. Por favor, façam com que ela se sinta bem recebida e mostrem-lhe tudo por aí, certo?

- Bellamy, como o acampamento Kioga dos Bellamy? – perguntou alguém.

Daisy ficou surpresa que o nome Bellamy realmente significasse alguma coisa por ali. Em Nova York, você tinha que ser um Rockefeller, ter o sobrenome de alguma grife de roupas famosas ou de uma cadeia de hotéis, para que as outras crianças o considerassem alguém especial.

- Meus avós.

O nome Kioga lhe trazia imagens da propriedade da família, no alto das montanhas, fora da cidade, que já fora um famoso acampamento frequentado pelos nova-iorquinos prósperos. O lugar fora fechado há muito tempo, mas ainda pertencia à família. Daisy só estivera lá uma vez, no último verão. Ela trabalhara com a prima, Olivia, arrumando a propriedade para as comemorações das bodas-de-ouro dos avós.

- Daisy, por que você não se senta aqui, entre Sonnet e o Zach. – O sr. Romano indicou uma carteira escolar do tipo universitária, com braço, entre um rapaz muito louro e uma moça afro-americana com os ossos malares de uma supermodelo e unhas muito exagerada.

- Graças a Deus! – disse Sonnet. – Agora não vou mais precisar olhar para ele.

- Ei! – advertiu o sr. Romano.

- Deixa pra lá. Falou Sonnet, reclinando-se na cadeira e cruzando os braços.

Daisy imaginou que o professor fosse expulsar a menina da sala. Esse seria o procedimento na sua antiga escola. Mas, em vez disso, ele virou-se de costas para ela e começou a escrever alguns lembretes no quadro-negro.

- Kolache? Perguntou o garoto chamado Zach.

Daisy percebeu que ele estava falando com ela e que segurava um pão dourado com um guardanapo. O cheiro exótico e doce deixou-a levemente nauseada.

- Oh, obrigada – disse, apanhada de surpresa. – Mas já tomei o café da manhã;

- Obrigada. – Sonnet esticou-se por sobre a mesa de Daisy e arrancou o pão da mão de Zach.

- Oinc, oinc – fez o garoto.

- Ele fala! O Sonnet mordiscou o pão. – Talvez saiba fazer outros truques.

- Estou me concentrando na tentativa de fazê-la desaparecer – disse Zach.

Daisy sentiu como se estivesse assistindo a um jogo de pingue-pongue, enquanto acompanhava os insultos sendo atirados de uma lado para o outro. Ela pigarreou.

- Eu trabalho na Confeitaria Sky River – contou Zach, puxando assunto. – No turno da manhã. Por isso, se quiser pães fresquinhos toda manhã, eu sou o cara.

- Todo mundo tem que ser bom em alguma coisa, não é? – alfinetou Sonnet com um olhar de pena na direção dele.

- É isso aí – respondeu ele. – Eu sou bom em fazer os pães e Sonnet é boa em comê-los, como você pode perceber pelo tamanho do traseiro dela.

- Certo! – disse Daisy de repente, compreendendo por que o professor a colocara aqueles dois. – Nós o matamos agora ou esperamos até soar a campainha?

Sonnet deu de ombros.

- No que me diz respeito, quando mais rápido, melhor.

Zach esticou-se e colocou as mãos atrás da cabeça.

- Você precisa de mim, e sabe disso. Morreria de síndrome de abstinência se eu não lhe trouxesse pães todo dia. Vocês ouviram sobre o incêndio? – perguntou ele, mudando de assunto. – A casa de Jenny foi destruída pelo fogo.

- Pare de inventar coisas! – Disse Sonnet.

- Não estou inventando. – Zach levantou os braços com as palmas das mãos viradas para fora. – Juro por Deus! Não estou inventando. Provavelmente saiu no jornal.

Daisy ouviu com interesse. Afinal, tinha um laço familiar meio louco com a padaria. Sua proprietária era Jenny Majesky, ela deduzia que essa era a Jenny de quem Zach estava falando. E essa mesma Jenny era filha do tio de Daisy, Phil. Isso as tornava primas, embora fossem completas estranhas.

- Jenny está bem? Quis saber Sonnet.

- Está. Fiquei surpreso por ela não estar com sua mãe.

- Jenny e minha mãe são as melhores amigas uma da outra – explicou Sonnet para Daisy. – E minha mãe está fora da cidade, em uma convenção de prefeitos. Ela estará de volta mais tarde, ainda esta manhã.

- Oh! – disse Daisy -, ela trabalha para o prefeito?

Sonnet deu uma mordida em seu Kolache.

- Ela é a prefeita.

- Ei! Isso é impressionante! Comentou Daisy.

- Não por muito tempo – intrometeu-se Zach. – Meu pai irá concorrer com ela nas próximas eleições.

- Sim, bem, boa sorte para ele – disse Sonnet, despreocupada e confiante.

- Ele atualmente é o administrador financeiro da cidade e já economizou uma fortuna para Avalon. As pessoas adoram isso – reagiu Zach.

- Oh, sim, adoram mesmo, principalmente quando para isso são cortados serviços para a população, como o fechamento da piscina pública. O que ele pretende fechar agora, a livraria?
- Ela terminou de comer o kolache e limpou as mãos no guardanapo.

A conversa foi encerrada com o som do alto-falante anunciando alguns avisos. Haveria uma reunião do clube de debates depois da aula. Treino de hóquei no gelo e uma festa do açúcar de bordo do Clube 4-H, que soava bastante saudável, mas que, conforme sussurrou Sonnet, era uma oportunidade para os membros da organização juvenil 4-H irem para os campos para ferver a seiva do bordo até que se transformasse em xarope e ficarem doidões ingerindo-o.

Depois dos avisos, Daisy mal pôde acreditar no que aconteceu. Todos se levantaram, viraram-se o juramento à bandeira que ficava no canto da sala e recitaram o juramento à bandeira. As palavras surgiram em sua mente vindas de algum lugar onde estavam tão bem escondidas que ela nem se lembrava de algum dia tê-las decorado.

- Vamos dar uma olhada no seu horário – disse Zach.

Daisy abriu o horário na mesa e os três o estudaram.

- Uau! – disse Zach – Cálculo e física avançada? E inglês avançado também? Você é o quê? Masoquista?

- Não tive escolha – explicou Daisy. – Na minha antiga escola era obrigada a fazer cinco cursos avançados. – Ela se mexeu no assento, sentindo-se desconfortável. O Era um colégio muito difícil.

-Então, você estava na metade do último ano e eles a fizeram se mudar para o meio do nada? – disse Sonnet. – Isso foi cruel.

- Eu implorei ao meu pai que me deixasse ficar em Nova York – disse Daisy, embora implorar fosse um eufemismo para os ataques aos berros que dera. – Cheguei até a dizer que ele mesmo poderia me dar aulas em casa, mas meu pai não quis nem ouvir falar.

- Por que não?

- Ele disse que não se lembrava de cálculo. Eu disse que para mim estava tudo bem, fracassaríamos juntos, já que eu também não entendia nada da matéria.

- Essa, provavelmente, não foi a melhor maneira de convencê-lo – disse Sonnet. – Estou surpresa de que haja matérias para você fazer aqui, já que está tão adiantada.

Daisy decidiu não contar a ela que, tecnicamente, havia grande probabilidade de que ela já tivesse créditos suficientes para se formar mais cedo. O único problema com isso era que, se terminasse a escola, teria que resolver o que fazer da própria vida. E ainda se sentia completamente despreparada para isso.

Comparando os horários, ela descobriu que tinha várias aulas junto com Sonnet, com Zach ou com ambos. Sonnet era um gênio. Embora tivesse apenas 16 anos, iria se formar em junho próximo. E Daisy imaginou que, embora Zach e Sonnet estivessem sempre implicando um com o outro, eles se gostavam. Mas, definitivamente, havia uma rivalidade entre os dois.

- É meio estranho – comentou Zach. Mal posso esperar para sumir daqui. Mandei as solicitações para as faculdades que me interessam em outubro. E quando a você?

Daisy baixou os olhos para seu caderno imaculado, vazio.

- Eu também mandei – disse ela. A orientadora de sua antiga escola praticamente teve que obrigá-la a preencher as fichas de solicitação. – Mas, na verdade, não quero ir para a faculdade – confessou.

Sonnet e Zach pareceram aceitar isso com tranquilidade. Na antiga escola de Daisy, dizer “Não quero ir para faculdade” tivera o mesmo impacto de “Eu tenho uma doença sexualmente transmissível”. As pessoas olharam para ela, escondendo a aversão por trás de uma fachada de piedade.

E, no caso de Daisy, os piores olhares desse tipo vieram de seus próprios pais.

Zach e Sonnet não pareciam estar com nenhuma pena. Talvez nessa escola você não fosse considerado fracassado e louco simplesmente porque não planejava se tornar um cientista brilhante ou um juiz da Suprema Corte.

Até agora, pensou Daisy, o dia não fora totalmente horrível. E isso era uma surpresa. No entanto, eles ainda nem haviam saído da sala.

A campainha soou e todos se agitaram, recolhendo papéis, arrumando mochilas e se encaminhando para a porta. No corredor, o fluxo de adolescentes lembrava folhas sendo levadas por um rio.

Zach desviou-se em direção a uma sala com cartazes de viagem para a França colados na porta.

- Eu fico por aqui – disse ele. – Encontrem-me no almoço. – E desapareceu dentro da sala.

- E, então, você tem namorado – disse com firmeza. – Por que pergunta?

- Porque Zach está caído por você. Desde o momento em que entrou na sala.

- Mas eu nem o conheço!

- Também não conheço Orlando Bloom, mas tenho certeza absoluta de que faria qualquer coisa que ele pedisse, seria sua escrava, até o fim dos tempos.

- acredite-me, não quero ser escrava do amor de ninguém. – Sei bem o que é isso, ela pensou. – E, de qualquer maneira, você entendeu tudo errado. Ele está a fim de você, não de mim.

Sonnet negou com a cabeça, balançando os cachos.

- Ele me odeia.

- está bem. Odeia tanto que lhe traz pão todo dia de manhã.

- Se você é tão esperta, como não quer ir para faculdade?

- Não tenho certeza de nada – Ela estava percebendo um pequeno vislumbre de calor humano e se pegou desejando que aquele fosse o começo de uma verdadeira amizade. – Gosto do nome Sonnet – disse, querendo desviar o assunto de si mesma.

- Obrigada. Minha mãe disse que o escolheu porque não queria nada que soasse excessivamente étnico. Todas as minhas primas do lado da família da minha mãe se chamam Lucia, Maria e por aí vai. Sonnet é simplesmente... bizarro.

- Bizarro no bom sentido – assegurou Daisy.

- Uma vez ela me disse que estava lendo um livro dos sonetos de Shakespeare quando entrou em trabalho de parto e foi para o hospital. Então, de sonetos veio a ideia de Sonnet. – Os olhos castanhos e aveludados de Sonnet suavizaram-se com uma expressão que Daisy não conseguiu decifrar.

-Então, seu sobrenome é Romano, como o do professor – percebeu ela, olhando para o nome na etiqueta do caderno de Sonnet. – Coincidência?

- Ele é meu tio Tony – explicou Sonnet. – Irmão da minha mãe.

Eles não pareciam parentes, pensou Daisy, mas não disse nada.

- E como é ter aula com seu tio?

- Estou acostumada. Há um monte de Romanos em Avalon e metade deles é professor, portanto, fica difícil evitar ser aluna de um.

- Então você usa o sobrenome da sua mãe, não deu seu pai – observou Daisy, esperando que aquele não fosse um assunto delicado.

Aparentemente não era, porque Sonnet respondeu com tranquilidade.

- Minha mãe é solteira. Ela nunca se casou com meu pai.

- Oh! – Daisy não sabia o que dizer. Estava quase certa de que “Sinto muito” não seria apropriado. Ela deu uma olhada no corredor lotado e comentou: - É impressão minha ou há mais três professores nesse andar chamados Romano?

Sonnet deu um sorriso triste.

- Essa é só a ponta do iceberg. Há Romanos por toda parte. Algumas pessoas dizem que foi assim que minha mãe conseguiu se eleger. Ela tem oito irmãos.

- E quanto a você? – quis saber Sonnet. – Como são os seus pais.

Divorciados foi a primeira coisa que veio à mente de Daisy.

- minha mãe é de Seattle, mas conseguiu um emprego de verão no acampamento Kioga, e lá conheceu meu pai. Eles se casaram cedo e foram juntos para a universidade. Direito e arquitetura. Parece que tudo deveria ter dado certo, não é? Ela conseguiu emprego em uma grande firma de direito internacional e meu pai montou uma empresa de paisagismo. Então, a melhor amiga da minha mãe, que mora em Seattle, teve câncer no ano passado e minha mãe teve uma epifania, uma revelação. Ela disse que estava apenas fingindo ser feliz, ou alguma idiotice do gênero, e que, para ser feliz de verdade, precisava se divorciar. – Daisy suspirou. Aquela situação toda a deixara exausta. Aliás, tudo a fazia sentir-se cansada naqueles dias. – Para mim está tudo bem, já que estou praticamente saindo de casa, mas para meu irmão menos, Max, de 11 anos, está sendo mais difícil.

- E por que seu pai ficou com você e com seu irmão?

- Minha mãe está trabalhando em um caso na Corte Internacional de Justiça, em Haía. Na Holanda.

Sonnet mostrou-se a perfeita primeira amiga para se ter naquela escola. Elas tiveram duas juntas e Sonnet apresentara Daisy a um monte de gente. Alguns a olharam com certa desconfiança, mas a maioria foi bastante amigável. No entanto, Daisy sentiu-se um pouco

agoniada tentando absorver todas as novas informações. Na aula de história, eles estavam estudando as diversas maneiras como eram feitos os funerais na Antiguidade e um dos métodos que aprenderam foi o uso de um marco, quer era um monte de pedras colocadas sobre o local do sepultamento, e que servia também para evitar que aves de rapina pegassem os ossos do morto.

Chegou a hora do almoço e Zach juntou-se a eles. A cantina era grande, com janelas altas embaçadas com o vapor dos enormes aquecedores e ferro. As compridas mesas de fórmica espalhadas pelo salão estavam cheias de adolescentes sentados em grupos.

- Muito bem – disse Zach – Deixe-me localizá-la. Lá estão os atletas. Eles são legais, desde que você não se importe de falar de esportes até ter vontade de vomitar. Os grandes esportes nesta escola são o hóquei e o beisebol. A mesa lá o final é do pessoal do teatro. Dançarinos, atores, cantores. A mesa dos skatistas fala por si mesma. Por aqui, skatistas e praticantes de snowboard são a mesma coisa. Você pratica algum dos dois?

- Eu esquio – disse Daisy.

- Então, não se classifica para estar com eles. – Ele seguiu adiante, fazendo um rápido passeio com ela. Góticos, nerds, riquinhos, metaleiros, baderneiros.

O cheiro de cebola na comida deixou Daisy enjoada. Ela acompanhou Sonnet na fila, mas pegou apenas uma tigela de frutas e uma garrafa de água gasosa.

- Oh, meu Deus! – Sonnet olhou consternada para a bandeja de Daisy. – Você não tem nenhum distúrbio alimentar, não é?

Daisy riu.

- Acredite que não. Não estou com fome.

Sentaram-se a uma mesa com uma interessante e eclética mistura de pessoas. Zach levantou-se para encher novamente a bandeja e Sonnet apoiou o queixo nas mãos e encarou Daisy, estudando-a atentamente.

- Há alguma coisa que você não está me contando.

Daisy mordiscou lentamente um pedaço de abacaxi. *Não diga!*

- Não sei exatamente o que é. Quero dizer, por que uma garota que tinha as melhores matérias preparatórias para a universidade, em uma das melhores escolas do país, de repente abandona tudo no medo do último ano e decide que não quer ir para a universidade?

Ainda assim, Daisy não respondeu. Não havia nada para dizer. Sonnet era como uma águia, dando voltas ao redor dela, aproximadamente em seu voo em espiral cada vez mais baixo e mais perto da verdade.

Daisy disse a si mesma que era melhor se acostumar a ser examinada e questionada. Esperara ter no mínimo um pouco mais de tempo para ambientar-se na escola, para deixar que as pessoas a conhecessem e, ela esperava, formassem uma opinião decente a seu respeito, antes que a verdade viesse à tona, antes que todos descobrissem o segredo que guardava a sete chaves.

Capítulo 5

Aquela era uma segunda-feira bem fora do comum, pensou Jenny enquanto se encaminhava mais uma vez para as ruínas do número 472 da Mapple Street. Ela havia marcado de se encontrar lá com o investigador de incêndios. Mais para o final da semana começaria a operação de resgate do que pudesse ser aproveitado. Jenny não acreditava que houvesse nada para ser salvo, mas Rourke jurava que ela se surpreenderia.

Ele estacionou o carro junto ao meio-fio e saltaram. Jenny relanceou o olhar para Rourke e prendeu a respiração. Não estava acostumada a andar com um homem tão bonito. O simples fato de olhar para ele exercia um estranho efeito sobre ela. Aquilo estava mexendo com sua capacidade de raciocínio.

Rourke percebeu o olhar.

- Algum problema?
- Eu realmente acho que não deveria ficar com você. Na sua casa, quero dizer.
- Mas você já está lá. E é a melhor coisa a se fazer, pelo menos por enquanto.
- É constrangedor. As pessoas vão falar.

- Esse sempre foi o seu problema, Jenny. Preocupar-se demais com o que as pessoas podem dizer.

Aquela era uma observação interessante, vinda dele.

- Quer dizer que você não se importa?
- Parece que me importo?

Ela pensou nas mulheres com quem ele saía.

Acho que não, Mas eu me importo.

- Veja bem, ninguém vai pensar nada sobre isso. Você foi vítima de um desastre. Eu sou o chefe de polícia da cidade. É um encontro perfeito.
- Engraçadinho, — Ela passou apressada por ele e subiu na calçada em direção às ruínas da casa. Jenny usou a ponta da bota para remexer no que antes fora um armário-arquivo de madeira. Era ali que guardava seus cadernos. Desde que aprendera a escrever habituara-se a colocar todos os seus segredos no papel. Todos os seus sonhos de menina, todos os seus pensamentos estavam naqueles cadernos em espiral, e ela os guardava naquele arquivo. Não sobrara praticamente nada, apenas páginas enegrecidas que se desintegravam ao menor toque, ou papéis encharcados, destruídos pela água.

Como eu me lembrarei? Indagou-se. Como resgatarei a menina que eu costumava ser?

Cercada pela devastação da única casa que conhecera, Jenny disse a si mesma que cm tollice sofrer por cada pequena perda. Se ela se permitisse fazer isso, continuaria sofrendo até o dia Juízo final. Enfiou a mão no bolso e sentiu a forma cilíndrica da embalagem de comprimidos. Ela pedira que a receita fosse aviada novamente naquela manhã. Controle-se, disse a si mesma. E então voltou a olhar para Rourke McKnight e foi tomada pelo mais estranho e irracional sentimento. Proteção. Segurança. Até mesmo um pequeno lampejo de esperança. E ainda não tomara uma única pílula!

Não sabia muito bem por quê. Ele apenas estava ali, observando-a, como se estivesse pronto para se jogar na frente de um trem caso fosse preciso, para mantê-la a salvo. E Jenny acreditava nele.

Confiava nele. Sentia-se protegida por ele. E isso fazia dela

A mais idiota das mulheres, ou a mais perspicaz.

O som do motor de um *carro* chamou sua atenção. Ela virou - se e viu Olivia Bellamy sair de uma caminhonete Lexus prateada e atravessar a rua correndo em sua direção. Loura e adorável, usando botas de grife e um casaco escandinavo murto enfeitado, ela parecia o tipo de mulher com quem Rourke costumava sair, tendo apenas uma diferença marcante: Olivia Bellamy tinha cérebro.

— Jenny — disse ela, puxando-a para um abraço e afastando-se para examinar o estrago. — Acabei de saber. Graças a Deus você está a salvo. — Ela olhou boquiaberta para as ruínas carbonizadas da casa. — Eu sinto muito — acrescentou.

Obrigada — disse Jenny, sentindo-se embaraçada. Ela e Olivia eram irmãs, meio-irmãs, embora não se conhecessem muito bem. As duas encontraram-se pela primeira vez no último verão, quase por acidente, quando Olivia chegara de Nova York para reformar o acampamento de verão da família Bellamy, no alto das montanhas, às margens do lago Willw:

Descobrir que ambas eram filhas de Philip Bellamy fora. uma sensação... surpreendente, num primeiro momento, e depois meio-amarga. Jenny era o resultado de um caso da juventude e Oilivia nascera da mulher com quem Philip se casara e de quem se divorciara mais tarde. Agora, Jenny e Olivia ainda estavam se acostumando com a ideia de serem irmãs. Não eram tão bem resolvidas como as gêmeas do filme *Operação Cupido*, e ainda estavam buscando o melhor caminho para se conhecerem melhor.

— Você deveria ter me chamado imediatamente — disse Olivia. Ela lançou um olhar rápido na direção de Rourke. — Oi, Rourke.

— Então, virou-se novamente para Jenny. — Por que não me ligou?

— Eu, hã, estava na confeitaria quando tudo começou e então... — Jenny não sabia por que sentia necessidade de se desculpar. Ela simplesmente não sabia como agir com sua irmã recém-descoberta.

— As coisas ficaram meio loucas, como você pode imaginar.

— Com licença — disse Rourke, quando o capitão dos bombeiros fez um sinal para ele.

- Não, não posso nem imaginar como foi. — Olivia tocou no braço dela *Oh, Jenny. Eu quero ajudar. O que posso fazer?* Olivia parecia quase desesperada e profundamente sincera. — Quero ajudar de todas as formas que puder.

Jenny esforçou-se para sorrir, grata além do que as palavras podiam dizer porque, mesmo depois de perder a avó, ainda tinha a irmã. Se não fosse por Olivia, Jenny estaria completamente sozinha agora, seria a última de sua família. Ainda assim, ao mesmo tempo, ela sentia uma ponta do melancolia, lamentando o tempo que ambas haviam perdido. Crescera com os Bellamy sempre por perto por causa do acampamento, mas ignorando completamente a conexão que compartilhavam. Ela e Olivia eram tão diferentes! Olivia passara a vida toda cercada pela prosperidade e pelos privilégios da família Bellamy. Como a adorada — e, de acordo com a própria Olivia, mimada — filha única, ela frequentara os melhores colégios, formam-se com louvor na Universidade de Colúmbia e, com 24 anos, já em dona do próprio

negócio. Era linda, bem-sucedida... e estava apaixonada pelo cara perfeito, um empreiteiro local chamado Connor Davis. Seria fácil invejá-la até o limite da antipatia.

Mas Jenny gostava de verdade de Olivia. Gostava mesmo. Sua meia irmã era boa e engraçada, e ela queria muito que construíssem um relacionamento. Jenny lera em algum lugar que o verdadeiro teste quanto à força de uma relação era se um ajudava o outro em uma crise.

Acho que estou prestes a descobrir, pensou ela.

Respirando fundo, disse:

— Neste momento ainda estou um pouco desorientada. Espero que você me perdoe.

- Perdoar? Meu Deus, Jenny, você deve estar arrasada.

Bem, quando você coloca dessa maneira...

Deus, escute só o que estou dizendo. Eu sou horrível!

Está tudo bem. Na verdade, não há regras de etiqueta em uma situação como essa. — Um silêncio incômodo instalou-se entre elas. Jenny observou o rosto da irmã, como costumava fazer, procurando por alguma coisa, qualquer coisa, que tivessem em comum. Uma certa inclinação dos olhos? A forma dos maxilares, do queixo, das maçãs do rosto? O pai delas jurava que pareciam irmã, mas Jenny achava que isso era mais um desejo dele do que a verdade.

— Escute, há uma coisa que você pode me ajudar. Vou precisar de algumas roupas.

— *Você vai precisar de tudo* — acrescentou Olivia. — Eu dirijo. *Finalmente, Jenny sentiu o alívio e a gratidão de saber que alguém queria cuidar dela. Foi até onde estava Rourke e falou:*

— *Já terminamos aqui?*

— Por enquanto, sim. O investigador de incêndios trabalham durante a maior parte do dia.

— Está certo. Então, vou com Oliv... com *minha* irmã comprar algumas coisas. — Ela sentiu uma curiosa satisfação em *dizer* em voz alta. *Minha irmã.*

— *Ligue-me* — disse ele.

Não havia desculpa para não fazê-lo. O telefone celular de Jenny estivera em sua bolsa, a salvo do *incêndio*, e Rourke já carregara a bateria dele. Ela *entrou no* carro com Olivia, o couro aquecido do assento suspirando *luxuosamente* sob seu corpo. Mais uma prova de que os ricos eram *diferentes*. Até seus carros provocavam sensações diversas.

— Onde você está *hospedada*? — quis saber Olivia.

Jenny não disse nada, mas seu olhar na direção de Rourke a traiu.

— *Você está na casa dele?*

— *Apenas temporariamente.*

— Não estou *dizendo* que haja nada de errado nisso — esclareceu Olivia. — Mas... Rourke McKnight? Quero dizer, se você somar isso à *foto de vocês dois juntos*, na primeira página do jornal, então não sei... começa a parecer...

— *A parecer o quê?*

— Que há alguma coisa. Que vocês dois são...

- Eu e Rourke? — Jenny balançou a cabeça, imaginando o quanto Olivia sabia sobre a história deles, — De jeito nenhum. — Nunca diga nunca. Era isso o que eu dizia a respeito de Connor e olhe para nós agora. No próximo verão estaremos casados.

— Acho que você foi a única se surpreender com isso.

— O que quer dizer?

— Você e Connor Foram feitos um para o outro. Qualquer um pode ver isso.

Olivia sorriu alegre para Jenny e disse:

— Você sabe que é bem-vinda para ficar conosco.

Sem ofensas, pensou Jenny, mas eu preferia falar um tratamento de canal. Olivia e Connor moravam no terreno mais lindo de toda a região, nas terras ao longo da margem do rio. Estavam construindo sonhos românticos e uma bela casa de pedra e madeira. E Jenny não tinha a menor dúvida de que um futuro feliz aguardava por eles. No entanto, a casa estava apenas parcialmente terminada, portanto, por enquanto, Olivia e Connor estavam vivendo em um trailer antigo, estacionado na propriedade. E que não fora feito exatamente para receber hóspedes.

— E muito gentil da sua parte, mas passo, obrigada.

— Não a culpo. Eu também não ficaria lá, se não soubesse que é apenas temporário. Connor prometeu que tudo estará terminado em abril — disse Olivia. — E continuo lembrando a mim mesma que ele é um empreiteiro. Será verdade que eles sempre subestimam os prazos?

— Não para suas noivas. Assim espero.

Antes mesmo de Olivia dar partida no carro. Nina Romano emparelhou com elas em sua picape velha e gesticulou para que abrissem o vidro da janela. A melhor amiga de Jenny era tão despreziosa quanto leal. Era comum estar vestida com roupas que pareciam ter vindo de uma brechó, em Woodstock, o que fazia com que tivesse recebido de seus oponentes a alcunha de “hippie feliz”. Ainda assim, sua sincera dedicação à comunidade, somada ao seu modo eficiente de conseguir com que as coisas fossem feitas, fizeram-na bastante popular para ser eleita prefeita.

— Ovi dizer que você está morando com Rourke — disse sem preâmbulos. Ela esticou a cabeça para olhar dentro da caminhonete

— Oi, Olivia!

Olivia sorriu em retribuição.

— Eu simplesmente adoro a vida nas cidades pequenas. Você nunca fica sem assunto.

— Não estou “morando” com Rourke — disse Jenny, e seu rosto ruborizou-se.

— Não foi o que ouvi — disse Nina.

— Escute, ele me encontrou no meio da madrugada, na padaria, e me disse que minha casa havia sido transformada em cinzas. Fui puna a casa dele porque estava muito cansada e era cedo demais para eu importunar alguém. E ainda estou lá porque... — Ela parou antes de comentar sobre os dotes dele para fazer café, o número de fios dos lençóis e a inegável sensação de segurança que sentia estando com ele.

Nina fungou e assoou o nariz.

— Desculpem. Peguei uma gripe no hotel em Albany. Você poderia ter ido para minha casa — disse ela. — Eu estava fora da cidade, mas Sonnet não teria se importado.

Jenny sabia que, assim como Olivia, Nina também não tinha como acomodar hóspedes. Ela e sua filha adolescente viviam num pequeno bangalô. O cargo de prefeito era praticamente um trabalho voluntário, tão baixa a remuneração.

— Obrigada — Jenny agradeceu. — Mas, como eu disse, é só até eu descobrir o que vou fazer depois.

Nina, como sempre, estava assoberbada de trabalho. Seu celular tocou e ela precisou correr para uma reunião.

— Ligue-me — falou enquanto dava partida na picape.

Jenny e Olivia foram para o centro da cidade, onde a confeitaria ficava ao lado de uma joalheria e cercada por uma livraria e várias

outras boutiques e lojas para turistas. Elas se encaminharam para uma boutique chamada Zuzu's Petals, uma das favoritas da cidade em roupas femininas.

Foi um prazer inesperado fazer compras com a irmã. E havia uma inegável sensação de liberdade em começar um guarda-roupa do zero. Ela insistiu em comprar o mínimo.

Acho que vou pegar leve, por enquanto — disse. — Ainda não consigo acreditar direito que não sobrou nada.

Os olhos de Olivia se enterneceram.

— Oh, Jenny. — Ela pegou o celular. — Precisamos contar a papai imediatamente.

— Não, não precisamos. — Jenny não pensava no pai delas como "papai". Talvez nunca viesse a pensar. Até o último verão, a única informação que tinha sobre ele era a nota misteriosa em sua certidão de nascimento dizendo "pai desconhecido". Desde que haviam descoberto um ao outro, ambos vinham se esforçando para se conhecerem melhor. Mas, ainda assim, para ela, ele não era "papai*" e sim Philip. Um homem até bem gentil, que muitos muitos anos antes tivera a péssima ideia de se apaixonar pela mãe de Jenny, Mariska.

— Está bem — cedeu Olivia. — Mas depois você precisa contar a ele o que aconteceu.

— Farei isso. Liguei para ele depois.

— E... — Olivia hesitou, seu rosto ficou vermelho. — Também preciso avisar a você que minha mãe e os pais *dela*, o lado Lightsey da família, estão planejando vir para cá logo, para me ajudar com os preparativos do casamento.

— Naturalmente... — disse Jenny. — Mas agradeço o aviso.

— Será muito embaraçoso para você vê-los?

Ver a mulher com quem o pai se casam depois de ser rejeitado por Mariska? Como poderia não ser embaraçoso?

— Somos todos adultos. Vamos conseguir lidar com a situação.

Obrigada. Os pais da minha mãe e vovó e vovô Bellamy são amigos antigos, Acho que os quatro resolveram que mamãe e papai deveriam se casar antes mesmo deles terem sequer se conhecido. Deve ter sido por isso que meus pais acabaram se divorciando. Talvez o casamento não tenha sido ideia deles em primeiro lugar Jenny sentiu-se desconfortável,

porque podia perfeitamente bem imaginar-se casando com alguém porque era a coisa certa a fazer, a mais conveniente. Quase fizeram exatamente isso, há muito tempo.

Ela afastou o pensamento e aceitou o sutiã que a irmã ofereceu. Olivia tinha um gosto excelente. Jenny pegou uns sete conjuntos de roupa íntima. Embora as exíguas peças de renda chamassem sua atenção, ela escolheu comportados conjuntinhos lisos da cor da pele. Precisava ser prática.

Olivia foi até um mostruário de roupas de dormir, levantou e descartou uma deselegante camisola de gola alta. Então, segurou a blusa de um baby-doll rosa na frente de Jenny e assentiu, aprovando.

- Talvez este seja mais adequado, já que vai ficar com Rourke.
- *Acredite em mim, não é.*
- Nunca se sabe. *Olhe* para mim. Se alguém me dissesse que eu terminaria morando num trailer com meu antigo fornecedor, eu diria que estava *brincando*. Minha mãe, praticamente, foi parar na terapia quando *lhe dei a notícia*. Foi um golpe, você sabe. Em maio do ano passado, eu estava namorando um herdeiro da fortuna dos *Whitney*, um cara que já teve o perfil publicado na revista *Vanity Fair*. No final do verão, estava apaixonada por Connor Davis. Isso é só para mostrar a você.
- *Mostrar o que?*
- Nem sempre conseguimos escolher por quem vamos nos apaixonar. Às vezes, o amor escolhe você.
- *Porque tenho a sensação de que você está tentando me dizer alguma coisa?*
- *Eu não* — disse Olivia, jogando o baby-doll rosa para ela.
- *Pelo menos, ainda não.*

No fim do dia, Jenny havia descoberto um novo nível de exaustão.

Até agora, tivera o conceito de "lar" como uma coisa garantida, como a maioria das pessoas. A simples lembrança de que sua casa, sua poltrona favorita, seu aparelho de som, sua cama, a pilha de livros em sua mesinha de cabeceira estavam a sua espera no fim do dia - dia era uma verdadeira fonte de conforto. e, até agora, nunca detivera pensando muito nisso. Agora que o cansaço a derrubava, se pegou lembrando com saudades da própria casa, da própria cama.

No momento em que entrou na casa de Rourke com suas sacolas de compras, a exaustão a engolfou com uma onda gigante.

- Você parece prestes a desabar — disse ele. — Os cachorros vieram galopando de sua corrida pelo quintal, sacudindo a neve dos pelos, os rabos balançando para saudá-la. Clarence, o gato de um olho só, acompanhou-os, incorporando-se elegantemente no grupo.
- Bom palpite — ele falou.

Rourke alimentou os animais, conversando com eles como se fossem gente, o que Jenny achou surpreendentemente charmoso.

- Um do lado do outro, rapazes — Instruiu ele. — E não comam tudo de uma vez, ou vão acabar ficando com soluço.

Apesar do cansaço, ela sorriu para os cachorros, que estavam aguardando, olhando com

adoração enquanto Rourke colocava o jantar para eles. Porque ela nunca adotara um animal de estimação? Era delicioso chegar em casa e receber esse amor incondicional.

— *E quanto a você?* — Rourke perguntou a ela. — O que quer para o jantar?

Oh, Deus!

- Qualquer coisa. A essa altura, não estou em condições de escolher.
- Bom, porque não tenho muito jeito para cozinhar.
- Quer ajudou? — a ofereceu.
- Não. Quero que tome um longo banho, porque depois de comer você vai direto para a cama.

Ela pensou na cama confortável dele e sentiu uma saudade enorme dela enquanto entrava no banheiro. O chuveiro como todo o resto na casa, estava muito limpo, embora estranhamente não tivesse personalidade. Ela resistiu à tentação de bisbilhotar no armário de remédios. Sabia por experiência própria que não era bom ter muita Informação sobre uma pessoa. Além disso, parecia que quanto mais descobria sobre Rourke, mais aumentava o mistério a ele relacionado.

Depois do banho, Jenny vestiu macia calça de ioga e uma blusa *de* moletom que comprara naquele dia, penteou o cabelo e foi para a cozinha, onde Rourke estava colocando o jantar na mesa.

- Então esta é a parte “servir” do “servir e proteger” — comentou Jenny.
- Levo minha missão muito a sério, mesmo que seja apenas sopa em lata e sanduíche de pão com presunto. Feito com o melhor pão de centeio do mundo — ele acrescentou.
- Você tem um gosto excelente para pães — disse ela, reconhecendo o tradicional pão de centeio da Sky River. — Você sabia que o fermento usado para fazer esse pão tem mais de 70 anos?

Ele olhou-a, confuso. A maioria das pessoas reagia assim quando era informada sobre o fermento natural usado na fabricação daquele pão.

- Trata-se de uma cultura viva de fermento. Você usa um pouco para fazer a massa do pão e continua cultivando-o, assim ele nunca acaba. Minha avó pegou esse com a mãe dela quando era recém-casada, na Polônia. Lá, um tradicional presente de casamento é uma caixa de madeira, do tamanho de uma caixa de sapatos, para guardar a vasilha de cerâmica onde fica o chef, a base do fermento natural. Vovó trouxe sua caixa de pinho entalhada para a América em 1945 e cultivou o fermento durante toda a vida.

Rourke mastigou mais devagar.

- Está brincando!
- Você acha que eu inventaria isso?
- Então, parte do meu sanduíche remonta à Polônia, antes da Segunda Guerra Mundial.
- Ele franziu o cenho. — Espere um minuto. Você não perdeu isso no incêndio, não é?
- Não. Mantemos todas as culturas de fermento para pão na padaria.
- Que bom. Pelo menos isso. Portanto, se você algum dia perder, ou caso esse acabe, ou o que seja, poderia fazer outro chef?

Claro. Mas nunca seria exatamente a mesma coisa. É como vinhos de diferentes safras. O processo de envelhecimento adiciona personalidade ao produto final. E é uma tradição que a

mãe passe para a filha e assim por diante, numa corrente que não se rompe nunca. Ela pegou seu sanduíche. — Embora eu duvide que minha própria mãe fosse tomar conta disso.

O material está são e salvo na confeitaria — disse ele, claramente querendo desviar o assunto da mãe dela. — É isso o que importa.

- Quer dizer que um pão de centeio importa mais do que minha mãe?
- Não foi isso o que eu disse. Apenas não queria trazer à tona um assunto delicado.

Acredite-me, ela não é um assunto delicado, não depois de todo esse tempo. Tenho preocupações bem maiores neste momento. - Tem razão — concordou Rourke. E peço desculpas se disse alguma coisa que a aborrecesse.

Ele estava sendo cuidadoso demais com ela, percebeu Jenny.

Escute, eu vou ficar bem — disse.

- Eu nunca falei que não iria.
- O jeito como você me olha diz outra coisa. E o modo como

Tratame, também.

- De que jeito olho para você? E de que modo a estou tratando?
- Você está me olhando como se eu fosse uma bomba prestes a explodir. E está me tratando com um cuidado excessivo.
- Posso dizer, com certeza, que esta é a primeira vez que uma mulher me acusa de estar sendo atencioso demais. Então eu deveria... O quê? Desculpar-me?

Ela imaginou se deveria trazer à baila o pacto de silêncio que imperam entre eles por tanto tempo. Em algum momento teriam de conversar sobre isso. Mas não agora. Ela estava cansada demais para ir adiante com aquilo.

- Apenas pare com isso — disse ela. Soa estranho.

- Tudo bem. Não serei mais delicado e gentil. Ajude-me com

Os pratos. Ele se levantou da mesa. — Melhor ainda. Você lava os pratos enquanto vou ver o que está passando no canal de esportes.

- Isso não tem a menor graça, McKnight — respondeu Jenny.

Eles acabaram lavando a louça juntos. Ela percebeu uma *pequena* foto emoldurada no parapeito da janela, sobre a pia. Era um dos poucos itens pessoais na casa e ela não ficou nem um pouco surpresa quando viu que a foto era de Joey Santini, o melhor amigo de infância de Rourke. E também o homem de quem ela fora noiva. O instantâneo mostrava Joey como um soldado do 75º Regimento dos Rangers, servindo na província de Komar, no Afeganistão. Ele estava em uma pista de pouso vazia, com um helicóptero de carga Chinook ao fundo, e parecia absolutamente feliz. Porque Joey era assim, feliz por estar vivo, não importava como. Em seu uniforme de batalha cor de areia, com o cotovelo apoiado num jipe, ele estava sorrindo para a câmera, completamente apaixonado pelo mundo e pela vida, mesmo estando no meio de uma terra arrasada pela guerra.

- Eu tenho essa mesma foto — disse Jenny. — Ou *tinha*. Estava no incêndio.
- Farei uma cópia para você.

Estava na ponta da língua de Jenny perguntar se ele costumara pensar em Joey, mas não

precisava perguntar. Sabia a resposta. *Todo dia.*

- Tenho sobremesa para nós — disse Rourke, fechando a lavadora de louças e acertando o programa no mostrador. Aparentemente, o assunto estava encerrado.
- Não vou comer bolinho pronto de supermercado.
- É sorvete de casquinha — disse ele.
- A sobremesa perfeita para o inverno.

Ele preparou uma casquinha com três bolas de sorvete para ela, ignorando-a quando Jenny reclamou do tamanho. Então, sentaram-se no sofá e ambos tentaram pegar o controle remoto ao mesmo tempo. Rourke venceu, e, embora ela choramingasse, recusou-se a ver *Project Runaway*, em vez disso insistindo em ver uma reprise clássica de *American Chopper*. Mantendo o controle remoto preso entre seu quadril e a almofada do sofá, ele disse:

- Agora você não pode me acusar de ser muito gentil.

Ela lambeu o sorvete enquanto assistia a montagem cuidadosa e intrincada de alguma coisa chamada, em tom de reverência, de cilindro mestre. Seus olhos começaram a ficar vidrados.

- Podemos checar a um acordo? — perguntou Jenny. — Que tal assistirmos a um daqueles programas de investigação criminal?
- Você se refere a um daqueles que fazem o trabalho da polícia parecer nobre e sexy?
- O quê? E não é nobre e sexy?
- Honestamente, é um trabalho de detalhes. Passo metade do dia fazendo levantamento de necessidades de conserto para os carros de patrulha. Eles estão em estado deplorável, já que o orçamento da polícia não prevê modernização do equipamento pelos próximos dois anos. Ou o administrador de finanças da cidade é um idiota ou é o próprio Scrooge, o avarento.
- Você está falando de Matthew Alger.

Ele assentiu.

- Então, por que trabalhar na polícia se tudo o que se faz é lidar com detalhes chatos? — perguntou ela.
- Porque é meu emprego — disse Rourke com simplicidade, olhando para a tela da tevê.
- Mas por que esse é seu emprego? Você poderia ter sido o que quisesse, ido aonde quisesse. Em vez disso, escolheu viver nesta pequena cidade nas montanhas onde nada acontece.

Entraram os comerciais e ele se virou para ela.

- Talvez eu esteja esperando que alguma coisa aconteça — disse.

Ela estava morrendo de vontade de pedir a ele que explicasse melhor, mas não queria parecer interessada demais.

- E eu aqui pensando que ser um policial significava uma aventura depois da outra.
- Odeio destruir suas ilusões, mas não é nobre ou sexy. Agora, fazer torta de creme e *kolaches* de framboesa, isso sim, é sexy.
- Bem, então, odeio destruir as *suas* ilusões, mas eu não faço os pães.
- E daí? Ainda assim você é sexy.

Mesmo contra sua vontade, Jenny ficou ruborizaria. Era uma bobagem, na sua idade, corar por causa de alguma coisa que um homem falara. Especialmente um homem como Rourke McKnight. Ela tentou fingir que não ficara abalada pelo que ele dissera, mesmo que continuasse a sentir o rosto quente. Bom Deus, eles estavam flertando um com o outro? Isso estava ficando complicado mas... irresistível.

- E quanto à parte do servir e proteger? — perguntou ela, tentando falar em tom leve.
- Isso não tem nada a ver com o emprego. E você está corando.
- Não estou.
- Está sim. Gosto disso. Gosto de saber que posso fazê-la ficar ruborizada.

E com uma facilidade que chega a ser patética, pensou Jenny. Eles ainda tinham um ritmo próprio. Sempre tiveram. Ela passara anos tentando esquecer, mas agora tudo voltava.

- E bom saber disso. Você realmente é uma pessoa fácil de agradar, chefe McKnight.
- Sempre fui — disse ele. — Você, dentre todas as pessoas, deveria saber disso.

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

A tradição da caixa de pinho

É uma tradição de casamento na Polônia dar a uma recém-casada um *chef* para fazer o fermento natural do pão de centeio. Desconfio que isso seja uma combinação de tradição e desespero por parte da noiva. Simplesmente não parece justo acrescentar a pressão de fazer um bom pão a tudo de novo com que a pobre garota precisará lidar.

Minha avó contava que na véspera de seu casamento, quando era apenas uma garota assustada de 18 anos, sua mãe lhe deu uma caixa de madeira entalhada, exatamente igual à que estivera na prateleira sobre o forno, na cozinham durante toda a vida dela. É realmente agradável pensar nessa corrente de mulheres, atravessando décadas e séculos.

Mas a realidade do mundo de hoje é que as recém-casadas não dão a menor importância a fazer pão. No entanto, se acordar com uma estranha disposição, aqui vai a receita de um chef que leva apenas uma noite para ficar pronta. O processo começa de uma forma meio misteriosa. Farinha, leiteiro e cebola, misturados juntos, são o começo de um pão substancial.

CHEF de Pão de Centeio Polonês

2 pacotes de fermento biológico seco

1 colher de chá de açúcar branco

2 xícaras de água

1 fatia grossa de cebola

3 xícaras de farinha de centeio

1 xícara de leiteiro, à temperatura ambiente

1 colher de chá de bicarbonato de sódio

1 colher de sopa de sal

8 xícaras de farinha para pão

1 colher de sopa de sementes de cominho (opcional)

Na véspera do dia em que for fazer o pão, coloque a água em uma tigela média e dissolva

um pacote de fermento e o açúcar. Deixe descansar por cerca de dez minutos, até ficar cremoso. Junte farinha de centeio até que a mistura fique lisa e macia. Acrescente a fatia de cebola. Cubra e deixe descansar durante toda a noite. Então retire a cebola.

No dia seguinte, dissolva o pacote de fermento no leiteiro. Acrescente, à mistura farinha de centeio, o bicarbonato de sódio, o sal, quatro xícaras de farinha para pão e mistura para incorporar bem todos os ingredientes. Junte então as quatro xícaras restantes de farinha para pão, meio xícara de cada vez, mexendo bem depois a cada vez (pode ser que você não precise usar toda a farinha). Quando a massa começar a ficar lisa e consistente, transfira-a para uma superfície levemente enfarinhada e sove-a até ficar homogênea e flexível, por cerca de oito minutos. Polvilhe as sementes de cominho na massa e misture até que fiquem bem distribuídas.

Unte levemente uma tigela grande. Coloque a massa na tigela e vire-a de modo que fique totalmente untada. Cubra com um pano de prato úmido e deixe crescer em lugar quente por cerca de uma hora ou até que dobre de volume.

Preaqueça o forno a 180°C.

Transfira a massa para uma superfície levemente enfarinhada e divida-a em três pedaços. Molde cada pedaço no formato de um pão e coloque-os em três formas de pão levemente untadas de 13 x 22,5cm. Cubra e deixe crescer novamente até quase dobrar de tamanho, por cerca de uma hora.

Asse à temperatura de 180° por cerca de 35 minutos, ou até que os pães façam um barulho oco quando bater neles.

Capítulo 6

Verão de 1988

Rourke McKnight tentou não parecer animado demais a respeito da ida para o acampamento de verão. Ele tinha medo de que, caso mostrasse o mínimo de prazer por antecipação, seu pai, o proibisse de ir. Durante o trajeto de limusine da Avenue of the Americas até a estação de trem Grand Central, permaneceu sentado tranquilamente, observando o trânsito através das janelas de vidro escuro à prova de balas. Estava chovendo, uma chuva forte, típica de verão, que fazia com que nuvens de vapor subissem do asfalto.

Seu melhor amigo, Joey Santini, estava sentado no banco da frente, junto com o pai. O Sr. Santini era motorista da família McKnight desde o início dos tempos, pelo que Rourke sabia. Era um grande golpe de sorte que Joey e Rourke fossem da mesma idade e que pai e filho – já não havia mais Sra. Santini – morassem nos aposentos de criados na propriedade dos McKnight. E isso era muito bom, porque, senão, Rourke teria crescido sem ninguém para brincar a não ser os Dandie Dinmont terriers da Sra. Grummond. Embora a janela deslizante que garantia a privacidade [cortou] va partindo em uma longa viagem ao [cortou] acordos de comércio que beneficiariam seu distrito. Agora, então fazia sentido mandar Rourke para passar o verão no Kioga dos Bellamy, nas montanhas Catskills.

Quando a mãe de Rourke era jovem, fora para o Kioga, e achava que o filho também devia ir.

Rourke precisou agir como se estivesse muito desapontado por passar todo o verão longe dos pais. Precisou fingir que estava tão preocupada com seu próprio bem-estar quanto seu pai. Teve até mesmo que fingir que não estava animado com o fato de Joey também estar indo para o acampamento, para que assim os meninos pudessem tomar conta um do outro. Rourke sabia muito bem que o lugar custava uma fortuna, e que a família poderia custeá-lo tranquilamente. Mas Joey não poderia. Ele estava indo por causa de uma bolsa de estudos, o que significa que o pai de Rourke estava secretamente pagando a conta.

No entanto, não era por bondade que ele fazia isso. O pai de Rourke era completamente paranóico. Pelo menos era isso o que Rourke achava. O cara era muito estranho. Ele estava mandando Joey para o acampamento porque assim Rourke não ficaria sozinho no meio de estranhos. De certa maneira, preocupar-se com a possibilidade de ataques à sua família provavelmente fazia o senador se sentir importante. E isso era o mais importante para Drayton McKnight, sentir-se importante.

Isso e ser perfeito. *Não*, pensou Rourke. *Parecer* perfeito. Parecer que tinha a família perfeita e a vida perfeita. “Deixe-me orgulhoso” era a frase que Rourke mais ouvia do pai. Era um tipo de código. A esta altura, Rourke já entendera o que isso queria dizer. Significava que ele precisava vencer em todos os esportes que praticava. Só podia tirar A na escola. E tinha de aprender a usar sua aparência e seu sorriso confiante para conquistar as pessoas, de modo que elas votassem no seu pai em cada ano de eleição.

Tudo isso era muito fácil. Ele era grande e forte e não tinha problemas para se sair bem em qualquer esporte que resolvesse praticar. Quanto a tirar boas notas? Tudo o que você realmente precisa fazer é ouvir o que o professor diz e descobrir o que ele quer que você diga

de volta. Rourke era um filho de político. E sabia agir como tal.

Ele mal podia esperar para chegar ao Kioga, onde ninguém se importava com suas notas. Rourke mordeu o lábio para impedir de sorrir.

– Seu cabelo está muito comprido – disse o pai de repente. – Julia, porque o cabelo dele não foi cortado antes de o deixarmos livre por todo verão?

Rourke não se moveu. Aquele era um momento crucial. Por causa de um capricho, seu pai poderia resolver que eles precisavam voltar para o bairro onde moravam, para irem à antiga barbearia onde os cabelos de meninos desafortunados eram tosquiados à máquina, na lateral da cabeça e ao redor das orelhas.

Ele continuou olhando pela janela. Gotas de chuva escorriam pelo vidro, deixando uma trilha prateada, como gotas de mercúrio. Rourke descobriu duas que estavam emparelhadas e escolheu uma delas, torcendo para que ela ganhasse a corrida. Ficou tenso enquanto a acompanhava ir para a frente e voltar a recuar. Por fim, a gota que elegera misturou-se com as outras e ele perdeu seu rastro.

– O cabelo dele foi cortado – disse a mãe de Rourke. Ela usou um tom de voz calmo e tranqüilizador que costumava usar quando não queria que o marido se aborrecesse. – foi feito o mesmo corte de sempre.

– Ele está parecendo uma menina – advertiu o pai. E inclinou-se para frente, para mais perto de Rourke. – você quer passar o verão parecendo uma menina?

– Não, senhor. – Rourke continuou a olhar para os respingos de chuva na janela. Ele prendeu a respiração, rezando para que o pai não ordenasse ao motorista que retornasse com o carro.

– O cabelo está bom, de verdade – disse a mãe.

Parabéns, *mamãe*, pensou Rourke cinicamente. Parabéns por enfrentar o desgraçado.

– Mildred Van Deusen me disse que os três meninos dela estarão no mesmo trem – continuou a mãe. – Rourke, você deve tentar encontrá-los. Talvez possa se sentar com eles.

Bingo, pensou Rourke, vendo que o interesse do pai fora desviado de seu cabelo.

Ele tinha que dar o crédito à mãe. Ela podia não ser muito boa para enfrentar o pai, mas sabia tudo sobre as táticas certas para distraí-lo. Os Van Deusen eram uma das famílias mais ricas e importantes da região e o pai sempre agarrava qualquer chance de se aproximar deles.

– Vou procurar por eles, com certeza – disse Rourke.

– Faça isso, filho – disse o pai, tendo aparentemente esquecido a questão do corte de cabelo.

– Sim, senhor.

E então, graças a Deus, chegaram à estação Grand Central. Foi uma confusão, enquanto tiravam mochilas e bolsas de viagem da mala do carro e se asseguravam de que estavam com as passagens e os documentos de viagem. Um táxi buzina e assovios e gritos dos carregadores enchem o ar. A arcada de mármore abria-se para um salão enxameado com viajantes e mendigos, vendedores e artistas de rua. O Sr. Santini caminhava segurando um guarda-chuva para proteger os três McKnight da chuva. Joey não se preocupou em ficar sob o

guarda-chuva, levantou a gola do casaco, pulou uma poça d'água e foi o primeiro a alcançar a parte coberta da estação.

Rourke entrou caminhando entre o pai e a mãe. O Sr. Santini foi estacionar o carro e voltou para se juntar a Joey. Os McKnight pararam sob a grande tela iluminada, onde verificaram o número do trem e se certificaram de que a partida seria no horário previsto. Algumas pessoas que passavam olharam para eles com admiração. Isso acontecia com frequência com Rourke saía com os pais. Juntos, os três pareciam a família americana ideal. Louros e saudáveis, bem vestidos e prósperos. Algumas vezes, Rourke percebia até mesmo uma certa inveja nas pessoas, como se elas quisessem ter o que os McKnight tinham.

Se eles soubessem...

Rourke afastou-se dos pais. Ele e Joey trocaram um olhar. Os olhos do amigo brilhavam de pura alegria. Algumas garotas da liga de futebol diziam que ele se parecia com um dos rapazes do grupo musical New Kids on the Block. Rourke não sabia se isso era verdade, mas não podia negar que o riso de Joey era contagiante. *Acampamento*, exultou Rourke, e sabia que o amigo entendia sua empolgação. *Vamos para o acampamento*.

Ele imaginou se Joey compreendia o quanto isso era importante e quanto Rourke lhe devia por isso. Se não fosse pelo amigo, Rourke não estaria indo a lugar nenhum. Quando o assunto acampamento Kioga surgira pela primeira vez, o senador imediatamente descartara a idéia. Fora Joey, naquele seu jeito casual, que mencionara o nome de todas as crianças da escola que iriam para o acampamento de verão. Ele fingira que estava falando com Rourke, mas tivera o cuidado de mencionar todas as famílias importantes, o tipo de pessoas que o pai de Rourke admirava e de quem buscava apoio. Rourke convencera os pais de que seria uma boa idéia mandar Joey também, e isso decidira a questão a seu favor.

Quando chegaram ao trem, Rourke despediu-se. Ele e o senador apertaram-se as mãos, a mão do pai esmagando a dele por alguns segundos, como se quisesse deixar algum tipo de marca.

– Nunca se esqueça de quem você é – alertou-o. – Faça com que sua família se orgulhe de você.

Rourke fitou-o nos olhos.

– Sim, senhor.

Então, a atenção de Drayton McKnight foi desviada enquanto ele examinava a plataforma. Mesmo ali, despedindo-se de seu filho por dez semanas inteiras, ele olhava ao redor procurando eleitores.

Ao menos isso garantiu a Rourke e sua mãe uns poucos segundos a mais para suas despedidas. Julia abraçou o filho com força. Ela já era um pouco mais alto do que a mãe agora, por isso era fácil para ela sussurrar em seu ouvido enquanto o abraçava.

– Você vai aproveitar muito – disse a mãe. – O Kioga é simplesmente... mágico.

– Julia. – A voz do senador interrompeu o momento. – Temos que ir.

A mãe deu um último abraço em Rourke.

– Não se esqueça de escrever.

– Não esquecerei.

Ele ficou de pé na plataforma e observou enquanto os pais se afastavam, esguios e elegantes em suas capas de chuva. A mãe enfiou a mão na dobra do braço do pai. Os olhos de Rourke se embaçaram, e foi como se os seus pais se fundissem, deixassem de ser duas pessoas separadas, tornando-se uma só. “Senadora. McKnight”, sem espaço.

Ao seu redor, ele podia ouvir pais e filhos se despedindo. Algumas garotas e suas mães derramavam lágrimas de verdade, jurando que sentiriam uma enorme saudade uma da outra e que se escreveriam diariamente. O Sr. Santini, um homem enorme, levantou Joey em um abraço, dando um beijo estalado no alto da sua cabeça.

– Vou sentir tantas saudades de você, meu garoto! – disse, chorando abertamente.

Rourke se pegou imaginando como seria ter o tipo de família de quem você realmente sentia saudades quando partia.

O Kioga era tão mágico quanto a mãe de Rourke prometera. Ele e Joey dividiam um quarto com dez outros garotos em um alojamento de madeira comprido, chamado Cabana Ticonderoga. Todos os dias eram repletos de atividades. Esportes e trabalhos manuais, longas caminhadas pelo bosque, escalada nas rochas, remo e canoagem no lago Willow e histórias ao redor da fogueira à noite. Eles também tinham que cantar e dançar em algumas noites e Rourke definitivamente poderia passar sem isso, mas, como todos tinham de participar não havia como escapar.

Se havia uma coisa em que Rourke era bom, era em suportar o que não estava com vontade de fazer. E tinha certeza absoluta de que já agüentara coisas piores do que girar pelo salão com alguma garota rindo e suando, enquanto sussurrava *rápido-rápido, devagar, rápido-rápido, devagar*, baixinho, no ritmo da música.

No acampamento ele encontrou vários Bellamy. O Sr. E a Sra. Charles Bellamy, os proprietários e diretores, pareciam boas pessoas.

– O projeto de lei para conservação da vida selvagem do seu pai foi muito importante para nós. Graças a essa lei não temos que nos preocupar com a aproximação da indústria em nossas terras – disse a Sra. Bellamy no dia em que chegaram. – Você deve ficar muito orgulhoso dele.

– Sim, madame. – Rourke não sabia mais o que dizer. *Sim, ele é um bom servidor público, mas é um canalha na vida particular.* Dizer isso seria como soltar um pum na igreja.

– Estamos muito felizes em tê-lo aqui – continuou a Sra. Bellamy. Me lembro de sua mãe. Julia... Delaney, não era esse seu nome de solteira?

– Sim, madame.

– Ela era uma das nossas favoritas. Tão animada! Costumava pregar peças o tempo inteiro, e na noite dos talentos apresentou a cena de uma comédia de costumes que fez com que todos morrêssemos de rir.

Naquela hora Rourke não acreditou nela, mas, numa noite chuvosa, quando as atividades ao ar livre haviam sido canceladas e Joey saíra para uma expedição solitária, a Sra. Bellamy mostrou a eles os preciosos álbuns do acampamento que estavam guardados na biblioteca [cortou]

[cortou] sétimo ano, Rourke já sentia o peso esmagador das expectativas do pai, e Joey estava consciente da realidade da vida nas classes trabalhadoras.

Rourke imaginou o que o amigo estaria fazendo lá fora, em sua expedição solitária. Aquele era um ritual pelo qual todo garoto precisava passar ao menos uma vez ao longo do verão. Ele tinha que se equipar e passar uma noite inteira, na Sprude, uma pequena ilha no meio do lado Willow.

O monitor chefe, Greg Bellamy, um dos filhos mais novos dos diretores, costumava dizer:

– Isso é bom para construir o caráter de um homem. E caso vocês se sintam muito apavorados, ao menos manterá seus intestinos em bom funcionamento.

Era esperado que o garoto fizesse uma fogueira e meditasse sobre coisas profundas, embora Rourke suspeitasse que Joey passaria o tempo todo dedicando-se aos prazeres solitários, que era com certeza a coisa que os garotos da idade deles mais gostavam de fazer.

[cortou] distraiu-o. Ele foi até [cortou] a imagem de um rio correndo, além da inscrição “Confeitaria Sky River, fundada em 1952” em uma letra elegante.

Rourke já se tornara fã da comida servida no acampamento, em especial dos produtos da padaria. Os pães salgados, os pãezinhos os bolos dinamarqueses de massa leve com diversos tipos de recheio, os donuts e as sobremesas, de modo geral. Tudo era incrível!

Ele já se preparava para voltar novamente a atenção para os livros quando notou três garotos subindo sorrateiramente na traseira do furgão. Os três estavam alojados na cabana de Rourke. Eram Jacob, Trent e Robson. Ele não os conhecia muito bem, mas sabia que era três imbecis. Mas, como o maior prazer deles era atormentar os meninos menores e mais fracos, não o perturbavam. Na verdade, pareciam pensar que ele era um deles, apesar de Rourke nunca haver se juntado aos três quando resolviam aprontar com alguém.

Naquele momento, eles não estavam perseguindo ninguém, estavam roubando. Haviam entrado furtivamente na traseira do furgão e serviam-se de todos os biscoitos que conseguiam guardar na boca e nos bolsos.

Idiotas! Aquilo era o ganha-pão, literalmente, de alguém. Embora Rourke não tivesse nenhuma experiência em precisar ganhar a vida, sabia o que era isso por causa de Joey e do pai dele, o Sr. Santini. Ele sabia que uma pessoa que dirigia um furgão de entregas provavelmente não poderia pagar pelos biscoitos surripiados as dúzias por garotos ricos do acampamento.

A situação o colocou em posição desconfortável. Se ele dissesse aos três que parassem, seria rotulado como delator por seus colegas de cabana pelo resto do verão. E se ignorasse o que estava acontecendo, odiaria a si mesmo por ter sido um covarde.

Quando Trent pegou o que parecia ser uma torta inteira de uvas-do-monte, Rourke se decidiu. Ele já se preparava para sair quando alguém desceu do furgão, uma garota de cabelos escuros que aparentemente estava sentada no lugar do passageiro. Era mais ou menos da idade de Rourke, talvez um pouco mais nova. Seu cabelo estava preso em duas tranças e ela usava calças cortadas, transformadas em short, uma camiseta vermelha e tênis desamarrados. Era apenas uma garota comum.

No enquanto, quando olhou para ela Rourke achou-a interessante, embora não conseguisse entender o motivo. A menina tinha um tipo de beleza antiquado, com olhos grandes e uma

expressão curiosa no rosto.

E, naquele momento, estava sendo roubada.

Talvez. Ele não podia ouvir o que ela estava dizendo, mas os três garotos, com toda certeza, não a estavam ouvindo. Continuavam se servindo de doces e pãezinhos. Àquela altura, provavelmente já estavam empanturrados, mas continuavam pegando as coisas assim mesmo.

A garota ainda estava falando. Talvez estivesse participando da travessura dos garotos. Talvez achasse bacana ficar parada lá vendo enquanto eles roubavam.

Ou talvez Rourke estivesse interpretando a situação de maneira completamente errada.

Deixou a biblioteca e desceu correndo as escadas, passou pela cozinha e saiu do prédio. Por uma janela havia visto o motorista do furgão, um homem mais velho, conversando com a Sra. Romano que administrava a cozinha. Eles pareciam completamente alheios ao que acontecia do lado de fora. O som metálico de um rádio ligado chegou aos ouvidos de Rourke.

Ele contornou a lateral do prédio bem a tempo de ver... bem, não estava muito certo do que via. Trent estava imprensando a garota contra a lateral do caminhão e eles estavam... que animais, eles estavam se beijando? Rourke estava prestes a se virar, enjoado, quando notou um pequeno e importante detalhe. Trent não estava segurando a mão da garota, mas sim seu pulso, prendendo-o na lateral do furgão. A mão dela estava levantada, como se estivesse com medo, do jeito que uma pessoa que está se afogando levanta a mão antes de afundar.

Alguma coisa aconteceu com Rourke. Ele poderia jurar ter ouvido um estalo em sua cabeça. E disparou em direção à cena, tomado por uma fúria que o envolveu com a rapidez do fogo se espalhando na floresta.

– Afastem-se dela! – disse, numa voz de comando baixa, que fez com que os três se virassem na sua direção.

Trent riu.

– Oi, McKnight! Pegue um donut e espere sua vez.

Rourke estava bem perto agora para ver as gotas de suor sobre o lábio superior da menina e o olhar de pavor em seu rosto. Ele agarrou Trent e jogou-o para longe com um único movimento ágil e violento. Trent – um garoto grande, com um corpo pesado, que mesmo ainda estando no oitavo ano em sua escola já era membro do time de luta – parecia uma pluma quando foi jogado no chão por Rourke.

Os outros se recuperaram da surpresa e partiram para cima de Rourke, que nem parou para respirar. Jogando o corpo para trás, ele acertou o rosto de Jacob com a parte de trás da cabeça e golpeou o estomago de Robson com o cotovelo. O garoto cambaleou, sem ar. Trent arriscou alguns socos, porém Rourke mal os sentiu. Ele não o socou de volta, mas surrou-o com ambos os punhos, metodicamente, sem sequer pensar direito no que estava fazendo, ignorando os balidos de Trent, que pedia arrego.

Finalmente, alguém interrompeu seu ataque de fúria. Rourke não estava certo de como conseguira sentir o toque leve e vibrante em seu ombro.

– Pare – disse uma voz baixa e tremula. – Já basta.

O fogo que queimava Rourke por dentro cintilou uma última vez e apagou-se. Trent se levantou cambaleando, o rosto inchado e ensangüentado parecendo uma máscara de medo.

– Jesus Cristo – disse ele limpando um fio de sangue com as costas da mão. – Você poderia ter me matado. Você é maluco, cara. Um louco furioso.

Seus amigos o ampararam e eles se foram, provavelmente para a enfermaria. Rourke observou-os. Sentia-se completamente vazio por dentro, como se a raiva o tivesse limpo de qualquer outra sensação.

– Oi – disse a garota.

Ele voltou a atenção para ela, que deu um pulo para trás, as mãos erguidas como que para se proteger. De repente, Rourke sentiu-se encabulado, como se ela o tivesse visto nu ou alguma coisa parecida.

– Oi – respondeu, forçando-se a relaxar, para mostrar a ela que não oferecia perigo.

– Há um estojo de primeiros socorros no furgão. Venha. – Ela contornou o veículo e pegou o estojo, muito bem equipado por sinal. – Vire as mãos para fora – disse.

Ele ficou impressionado ao perceber que os nós dos seus dedos estavam vermelhos e esfolados em vários lugares. Ela limpou os ferimentos com um antisséptico e depois passou um líquido qualquer que ardia sobre a pele esfolada. Por fim, cobriu tudo com um Band-Aids.

Embora surpreso com a violência de sua reação ao que Trent fizera, Rourke teve que admitir para si mesmo que aquela não era a primeira vez que saía em defesa de alguém. Acontecia alguma coisa com ele nessas horas. Ele odiava, odiava profundamente ver um ser vivo, qualquer um, até mesmo um cachorro, sendo maltratado por alguém. Isso o deixava – como foi mesmo que o Trent dissera? – como um louco furioso. No ano anterior, quando vira alguns garotos da escola de Joey atormentando o amigo por causa do seu cabelo comprido e da cara de bebê, Rourke os botara para correr com um pouco mais do que uma ameaça feita em voz baixa e perigosa. Se a coisa tivesse chegado às vias de fato, ele provavelmente teria deixado os garotos com danos permanentes.

– Agora preciso cuidar do seu rosto – falou a garota.

– Meu rosto? – Rourke virou o espelho lateral do furgão e ficou surpreso ao ver um corte pálido, no alto da face. – Nem senti quando isso aconteceu – disse.

Ela usou novamente antisséptico para limpar o corte.

– Não está sangrando muito, mas vai precisar levar uns pontos.

– De jeito nenhum. Se isso acontecer, vão ter que avisar aos meus pais e serei mandado para casa. – Ele não sabia se conseguiria agüentar caso tivesse que deixar o acampamento agora. E se eles chamassem seus pais, a mãe provavelmente o levaria de avião ate o hospital Mount Sinai para fazer uma cirurgia plástica, para salvar seu rosto.

Vista de perto, a garota era mais bonita do que parecera de longe. Ele podia ver a mistura de castanho e dourado em seus olhos, além de uma constelação de sardas espalhadas pelo nariz. E podia sentir seu cheiro, um cheiro de suco, daqueles em pó, em saquinhos, para misturar na água. Uma parte até então desconhecida dele, de repente, entendeu por que Trent estava tão determinado a lhe roubar um beijo.

Pare com isso, disse Rourke a si mesmo. Nem pense nisso. Mas ficou surpreso ao perceber que ela o estava encarando também, olhando para sua boca e para seu peito, onde a camisa que se rasgara pendia aberta.

Então, a garota corou e desviou o olhar. Pegou dois Band-Aids e cobriu o corte no rosto dele.

– Vai ficar uma cicatriz.

– Não me incomodo.

Ela fechou o estojo de primeiros socorros.

– Você acha que pode estar encrencado? – perguntou.

Ele estreitou os olhos.

– Depende de você.

Foi a vez então de ela estreitar os olhos, como se não tivesse entendido.

– O que quer dizer com depende de mim?

– Depende do quanto você quer que esses caras paguem por roubá-la e por ... – Ele não queria nem mesmo mencionar aquilo. – perturbarem você.

– Por que depende de mim? Achei que o garoto que saiu daqui com a boca sangrando iria delatá-lo.

– Trent? De jeito nenhum. Se ele disser que bati nele, contarei o motivo. Que eles estavam roubando e que... – Rourke fez outra pausa, estudando-a. – Ele machucou você?

Ela esfregou o pulso distraidamente.

– Eu estou bem.

Ele não tinha certeza se deveria acreditar nela. Mas como a garota parecia um pouco constrangida, resolveu não insistir.

– De qualquer modo – continuou Rourke –, eles não querem se meter em encrenca, assim como eu também não, por isso vão manter as bocas fechadas.

– Entendo.

– Eu poderia fazer com que pagassem por toda a mercadoria que roubaram...

– Não – respondeu ela rapidamente. Acho que você já os fez pagar. Não foi tanta mercadoria assim, de qualquer modo.

Ele olhou para a torta de uvas-do-monte, que agora era apenas uma mancha púrpura sobre a estrada de terra.

– E você também não pode se encrencar? – ele perguntou.

Pela primeira vez, a menina sorriu. E quando o fez, alguma coisa louca aconteceu com Rourke. Não fazia nenhum sentido, mas, de repente, o mundo todo pareceu diferente apenas porque ela estava sorrindo. Ele quase esperou que alguma música de fundo começasse a tocar.

– O motorista é meu avô – disse ela. – E nunca me meto em encrencas com ele.

– Isso é bom. – Ele descobriu um jornal velho e limpou a maior parte da torta. – Eu sou Rourke – acrescentou, percebendo que ainda não haviam se apresentado. – Rourke McNight.

– Eu sou Jenny Majesky – disse ela. – Meus avós são os proprietários da Confeitaria Sky River. Estou trabalhando para eles este verão. Economizando para ter meu próprio computador.

– Seu próprio computador – repetiu ele, como um idiota. Estar perto de uma garota bonita parecia tê-lo deixado sem cérebro.

– Sim. Um notebook que funciona com baterias e, assim, você pode levá-lo aonde quiser.

– Ah! Então você gosta mesmo de jogos de computador.

Ela sorriu novamente.

– Eu quero um computador para escrever. Gosto de escrever.

Deus! Isso era como fazer dever de casa sem que ninguém mandasse.

– O que você escreve?

– Histórias, poemas, coisas que acontecem comigo. – Ela esticou a mão embaixo do assento do passageiro no furgão e pegou um grosso caderno em espiral. Folheando-o, ela mostrou a ele página após página cobertas por textos escritos com brilhante tinta azul.

– Você escreveu tudo isso? – perguntou ele.

– Sim.

– Quanto tempo levou?

Ela deu de ombros.

– Não contei.

– Você escreve assim... assim, todo dia? – Ele não pôde evitar a pergunta.

– Está brincando? Claro que sim.

Rourke se pegou pensando o que ela escreveria sobre ele. E, para sua surpresa, percebeu que se importava com isso. Ele gostava daquela garota como nunca havia gostado de nenhuma outra.

Ouviram um barulho vindo da cozinha, o som das rodinhas de um dos carrinhos de padaria passando pela porta.

– É meu avô – disse Jenny. – Logo vou partir.

Não vá, pensou ele.

– Escute, você não deve ter medo de voltar aqui. Vou me certificar de que aqueles caras nunca mais perturbem você.

– Não tenho medo deles. – Ela parou, recuou um passo, cruzando os braços protetoramente sobre o peito. – O mais assustador hoje, aqui, foi você.

– Por quê...? – Ele, com certeza, não esperara por isso.

– Rourke! – chamou alguém. *Joey.* De volta de sua expedição solitária. – Aqui está você.

Estou lhe procurando por todo o acampamento. – Ele viera direto da margem do lago, e ainda carregava a mochila e o equipamento que levara.

Lógico, eles eram os melhores amigos um do outro, mas apenas naquela vez Rourke não ficou muito feliz em ver Joey. Estava tendo uma conversa de verdade com uma garota de verdade e queria mantê-la só para si. No entanto, não havia nada que pudesse fazer a respeito. Ele os apresentou, sentindo-se formal e desajeitado.

Joey não era desajeitado de maneira alguma. Ele sorriu de orelha a orelha, jogou para trás seus longos cabelos negros, acionou seu chame de garoto de grupo musical adolescente e começou uma animada descrição de sua aventura solitária na natureza selvagem. Ficara fora por apenas dois dias, mas ainda assim parecia... diferente. Mais seguro de si, talvez.

– Por que os Band-Aids? – perguntou a Rourke.

– Trent. – Foi tudo o que Rourke respondeu. Era tudo o que precisava dizer. Joey entendeu.

Jenny Majesky não pareceu sem importar nem mesmo com o fato de Joey estar imundo e suado.

– Você está com fome? – perguntou.

– Macaco gosta de banana?

– Acho que está – disse ela, encaminhando-se para os armários na traseira do furgão. – Barras de açúcar de bordo – falou. – São as minhas favoritas. – Ela entregou uma a ele e outra a Rourke.

– Obrigado – disse ele, mas Joey já estava tagarelando novamente, contando uma história qualquer sobre ver os olhos vermelhos dos animais à noite.

E o coração de Rourke afundou no peito. Porque agora era tarde demais. Joey também estava de olho nela. E Rourke sabia que, quando dois melhores amigos querem a mesma coisa, isso só pode significar problemas.

Capítulo 7

3 de julho de 1988

Querida mamãe,

Esta manhã trabalhei atrás do balcão, portanto Laura pôde concentrar-se nos livros. Quando eu era pequena costumava me sentir realmente importante, ficando de pé sobre um banquinho atrás das vitrines curvas de vidro, enquanto as pessoas custavam a decidir o que iriam levar. Kolache ou rosca? Chapéu-de-napoleão ou mil-folhas? Acho que posso dizer que isso me dava uma sensação de poder, por possuir o que eles queriam tão desesperados. Desesperadamente. Eu sempre confundo as palavras que devem levar um “mente” no final, desculpe.

E então, esta manhã, a família Alger veio até a confeitaria, o sr. e a sra. Alger e o menininho deles, o Zach, que é tão fofo quanto aquelas crianças dos comerciais de cereais matinais. Eles têm uma casa grande lá para cima, na River Road, e trocam de carro todo ano.

Eles me deixam desconfortável por várias razões. As três principais são:

1. Eles são uma família tão normal, tão tradicional, que fazem eu me sentir uma esquisita, porque nossa própria família é tão pouco tradicional!

2. O sr. Alger está sempre me perguntando se me lembro de alguma coisa de você, mesmo com toda a cidade sabendo que eu era muito pequena quando você partiu. Eu provavelmente seria levada para o hospício se as pessoas soubessem que tudo o que escrevo todo dia neste diário são cartas para você. Mas, na verdade, talvez não. Anne Frank chamava seu diário de “Querida Kitty”, portanto, talvez não seja tão estranho que eu chame o meu de “Querida mamãe”.

3. A sra. Alger sente pena de mim e nem tenta esconder. E eu detesto isso. Detesto que qualquer pessoa ache que sou uma órfã patética e comece a sentir pena de mim.

Assim que eles partiram, eu disse a vovó e a Laura que queria fazer as entregas com o vovô no turno da tarde. Eu precisava sair.

A confeitaria cheira a segurança, um cheiro quente e doce. Mas há dias, como hoje, em que esse cheiro me oprime e mal consigo respirar.

—Está fazendo maravilhoso dia de verão — disse Laura. — Você deve mesmo sair e respirar ar fresco.

Laura sempre me entende. Ela diz que é como uma segunda mãe para mim, mas não é bem verdade. Para que eu possa ter uma segunda mãe, antes é necessário que eu tenha uma primeira, e não tenho. Digo às pessoas que você está fazendo um trabalho secreto para o governo. Quando eu era pequena pensava que acreditavam em mim, mas agora vejo na expressão dos seus rostos que elas acham que você partiu e nunca mais voltou porque não queria a chateação de ter de criar uma filha sozinha.

Bem, quer saber de uma coisa? Eu não sou uma chateação tão grande assim. Pode perguntar para qualquer um.

Hoje, por exemplo, o vovô estava feliz em me levar com ele no furgão. Vovô acabou de se aposentar da fábrica de vidros em Kingston. O coitado ficou surdo por causa do barulho na fábrica. Agora ajuda na confeitaria e, sempre que tem chance, vai pescar no lago Willow. Ele é amigo do sr. Bellamy, dono do lago e do acampamento Kioga.

Pescar é a grande paixão do vovô, e ele faz isso o ano todo, mesmo no pior do inverno, quando tem que andar sobre o lago confiado e fazer um buraco na grossa camada de gelo. Muitas vezes, ele precisa pegar uma motoneve emprestada para subir até o lago Willow porque as estradas estão interditadas. Vovô diz que gosta de ficar sozinho no meio do nada.

Às vezes, vou com ele, mas para mim pescar é chato com “C” maiúsculo. Quero dizer, você senta e espera que um peixe qualquer morda a isca e, então, você tira ele da água, leva para casa, corta-o em fatias e o come. Que trabalhão, quando podemos simplesmente pegar uma lata de atum na despensa na hora que quisermos!

Quando eu digo isso para vovô, ele dá risadas e diz *mój misiaczku*, que como você deve saber significa minha ursinha em polonês. Ele me diz que o prazer de pescar não tem a ver com o que você tira da água, mas sim com o que você dá ao silêncio. Ou alguma coisa assim. Parece mais bonito quando dito em polonês. Essa é uma das coisas engraçadas a respeito de vovô. Quando ele fala em inglês, é igualzinho ao Yoda, de Guerra nas Estrelas, falando. Parece mesmo! E com aquela cabeça careca, que deve ter apenas uns nove fios de cabelo espalhados, ele se parece até fisicamente com o Yoda.

Então, tento não parecer muito chateada quando ele me leva para pescar. Na maioria das vezes, acabo passando o tempo devaneando sobre os devaneios de sempre (já lhe contei a respeito disso antes). Mudar para Nova York, ser uma escritora famosa e, um dia, autografar livros para os meus fãs que farão fila na porta da livraria, como se eu fosse Judy Blume ou R. L. Stine. E, então, quando levanto os olhos para ver de quem é o próximo livro que devo autografar, lá está você, mamãe, parecendo exatamente como nas fotos, e você sorri e me diz o quanto está orgulhosa de mim.

E eu nem mesmo lhe pergunto onde esteve por todos esses anos ou por que partiu, porque esse é meu devaneio e sei que não há uma boa desculpa ou explicação, portanto, o assunto nem vem à tona.

Nós apenas tomamos uma Cherry Coke ou um egg cream, aquela antiga bebida feita com calda de chocolate, leite e água gasosa, e saímos para fazer compras, e tudo é perfeito.

Quando está pescando, vovô pensa em você, também, mas não da maneira como eu penso. Ele pensa sobre o passado, quando você ainda era a filhinha dele. Vovô me conta que você adorava pescar tanto quanto ele e que mesmo depois que cresceu e me teve, ainda ia pescar com ele.

Ele conta que você fazia seus próprios pesos para o anzol, à noite, na cozinha, derretendo o chumbo — que, como aprendi nas aulas de química, tem um ponto de ebulição baixo — no fogão e derramando-o nos moldes em formato de pirâmide invertida, enquanto ouvia música no rádio.

Nesses momentos, surgem algumas lembranças. Está certo, talvez não seja uma lembrança de verdade, talvez eu apenas ache que estou me lembrando porque vovô me contou a história muitas vezes. Estou na cozinha, sentada na mesa de madeira limpa, que cheira ao desinfetante Lysol. E você está parada na frente do fogão, cantando junto com o rádio. Eu até

sei que música está cantando, porque é a música de Jenny. Na verdade é “867-5309/Jenny”, de Tommy Tutone.

Jenny é um bom nome, acho. Mesmo que o cara que cantava dissesse na música que pegara o nome e o número de telefone da tal Jenny na parede de um banheiro.

Mas na verdade era uma canção alegre e animada e lembro-me perfeitamente de você, com o cabelo preso para trás por uma presilha de borboleta, usando um dos aventais de vovó, cantando junto com o rádio, enquanto fazia pesos para anzol.

Em algum momento, nessa lembrança, vovó entra na cozinha e briga com você por estar usando sua melhor panela de fazer molhos. Diz que agora a panela está contaminada e que ela terá que sair para comprar uma nova.

Lembro-me de você rindo e do brilho em seus olhos quando disse: “Mãe, eu lhe comprarei uma centena de panelas para fazer molho! E um criado para fazer o molho, e outro para servi-lo sobre as suas batatas. Comprarei para você qualquer coisa que quiser!” Então, você me pegou pela mão e dançamos pela cozinha enquanto a música de Jenny tocava no rádio.

Acho que essa deve ser a última lembrança que tenho de você. E não sei o quanto dela é verdadeiro e o quanto eu inventei. Mas sei que todos os pesos que você fez ainda estão no fundo da caixa com o equipamento de pesca de vovô. Ele nunca os usa. No lugar deles, usa balas de espingarda. Vovô diz que os que você fez são muito pesados e que, além disso, não quer perdê-los.

É como se, ao guardar uma coisa que você fez, ele pudesse trazê-la de volta.

Hoje vovô tinha uma entrega para fazer no Kioga. No verão, eles são nossos melhores clientes, porque recebem algumas centenas de crianças. Estava um desses dias perfeitos, de céu azul, e eu feliz por sair para fazer entregas com vovô, em vez de ficar presa na confeitaria. Quando chegamos no acampamento, ele entrou e fiquei sentada no furgão, ouvindo a rádio WKRW, que toca músicas antigas. E você não imagina que música começou a tocar. “867-5309/Jenny”!

Eu achei que era um sinal.

Acabou sendo um mau sinal, porque três garotos do acampamento começaram a roubar coisas da traseira do furgão. Assim que os vi, fiquei confusa. Quero dizer, nunca fui roubada antes. Parecia... nojento. Como se alguém estivesse fazendo alguma coisa diretamente comigo. Ainda me sinto enojada só de lembrar.

Também sinto muito lhe contar que fiquei apavorada. Eu quase me acovardei e escorreguei para o chão do furgão, para me esconder até que eles tivessem roubado tudo o que quisessem e ido embora.

Pois é, admito isso. Estava apavorada. Como um bebê.

Na aula de estudos sociais, uma vez tive de fazer um trabalho sobre Eleanor Roosevelt e ela dizia várias frases que ficaram famosas. Uma delas, que memorizei é “Nós ganhamos força, coragem e confiança a cada experiência em que realmente paramos e encaramos o medo de frente.”

(Eu sempre tiro A na escola, já lhe contei isso?)

E quando eu estava sentada lá, paralisada de medo enquanto os garotos roubavam a

traseira do furgão, lembrei exatamente dessas palavras. E pensei: Está certo, Eleanor, vou fazer o que você diz, mas provavelmente vou me ferrar.

E quase me ferrei mesmo. Bem, não de verdade. Os delinqüentes, que eram os típicos garotos ricos com cabelos brilhantes e dentes brancos certinhos, fizeram mais uma coisa, uma coisa que eu não esperava. Eles debocharam de mim por trabalhar em um furgão da confeitaria. E, então, começaram a me empurrar dizendo “Que tal um beijo?” e “Aposto que você pode me dar mais do que um beijo!”.

O líder deles, o que dava as ordens, me empurrou contra o furgão e começou a tentar me beijar. E aí está a questão: penso sobre beijar garotos o tempo todo, eu e todas as minhas amigas. Nós até mesmo praticamos com nossos travesseiros. Portanto, isso não é um grande mistério para mim.

A não ser pelo fato de que não era gostoso, nem romântico, nem engraçado, nem nada do que imaginei.

Eu preferia um chute no traseiro.

Gosto de acreditar que lutei com ele, mas não foi exatamente o que aconteceu. O que aconteceu de verdade é que fui salva.

Posso dizer uma coisa? Eu odiei ser salva!

Foi apenas uma forma diferente de ser indefesa. Em um minuto eu estava indefesa enquanto El Nojento tentava me beijar e me apalpar. E, então, no minuto seguinte, estava indefesa enquanto outro garoto aparecia e nocauteava os três nojentos. Em cerca de meio minuto ele deixou os três uivando de dor. E eu? Fiquei parada durante toda a briga como a garota mais idiota no mais idiota dos filmes. Apenas parada ali, mordendo os nós dos dedos. Uma completa imbecil.

Se eu estivesse me vendo num filme assim, teria gritado: “Não fique aí parada, ajude-o, anda!”

Quero dizer, faz ideia de como eu parecia inútil, parada ali enquanto o garoto continuava a bater, furioso? É difícil descrever, mas era quase hipnótico o jeito como ele lutava. Ele socava o garoto maior como se fosse um enorme pedaço de carne. Olhei para baixo e vi que meus pés e minhas pernas estavam salpicados de sangue.

Finalmente descongelei o suficiente para dizer alguma coisa, uma palavra? Pare. E, então, disse mais outras duas. Já basta!

Não parecia que iria funcionar, mas funcionou. O garoto furioso levantou as mãos e afastou-se do outro, que tentara me beijar.

E todos os três delinqüentes saíram correndo como gatos escaldados.

Eu ainda estava encarando o garoto que me salvara. Eu digo salvara, mas ele realmente fizera isso? Recuei, olhando para ele como se fosse alguma coisa que pudesse explodir quando tocamos. O garoto estava suando e seu rosto estava vermelho, mas então, quase como por mágica, um tipo qualquer de calma o envolveu. Seus olhos azuis, que estavam escuros de fúria, clarearam. O vermelho do rosto começou a suavizar-se.

Eu apenas fiquei encarando-o, com minha boca movendo-se como se fosse uma truta fora d'água. Porque agora que ele estava parado calmamente pude perceber que não era apenas

mais um dos meninos ricos de acampamento. Esse garoto era incrivelmente lindo. Como um ator de cinema, ou um galã de capa de revista. Parecia totalmente diferente daquele que caçara os outros.

Ele estava me encarando de volta. Olhando para meus olhos e acho que para minha boca também. Nós dois ficamos sem jeito ao mesmo tempo e embaralhamos os pés. Então, finalmente acordei e peguei o estojo de primeiros socorros para cuidar dele.

Descobri que se chamava Rourke McKnight. Ele, pelo jeito, achava que eu nunca mais voltaria ao Kioga para fazer entregas com vovô. Mas estava totalmente errado. Voltarei lá todas as vezes que puder. Porque aí está a questão. Eu queria tanto que você estivesse aqui, mamãe, porque esse é o tipo de coisa que não posso conversar com vovó. Senti uma coisa engraçada, quando conversava com o garoto, como um frio na barriga. Mas era uma sensação boa. Teria ficado mais tempo conversando com ele e tentando entender o que estava sentindo, mas então outro garoto apareceu. No início, fiquei preocupada que ele fosse mais um delinqüente, mas depois descobri que se tratava de Joey Santini, o melhor amigo de Rourke.

Pois bem, fiquei olhando para os dois e pensando que aquilo não podia estar acontecendo. Ambos eram muito bonitos, mas especialmente Joey, que tem os maiores, mais castanhos e suaves olhos que já vi. Se ele fosse uma menina, seriam olhos de garotas de capa de revista. Joey ficou tentando contar histórias para me impressionar, o que foi bonitinho. Já Rourke não parecia tão doce, mas, por algum motivo, foi ele quem me fez sentir o frio na barriga.

De qualquer maneira, mal posso esperar para contar a Nina. Ela vai ficar uma fera quando souber que conheci os dois garotos mais lindos do Kioga. Correção: os dois garotos mais lindos do planeta.

A melhor amiga de Jenny era Nina Romano. Elas haviam se conhecido em seus primeiros anos de colégio. Nina era mais de um ano mais velha do que Jenny, mas estavam no mesmo ano. Nina alegava que a mãe esquecera de matriculá-la no jardim de infância por um ano inteiro, porque eram nove crianças na família. A verdade era que Nina precisava se esforçar muito na escola e, sendo de uma família daquele tamanho, não podia contar com muita ajuda para o dever de casa. A sra. Romano costumava aparecer na confeitaria quase diariamente, sempre quando faltavam 15 minutos para fecharem. Ela sabia exatamente quando o pão que sobrara seria vendido pela metade do preço.

Jenny olhara para os olhos amigáveis e inquisitivos de Nina e viu uma alma bondosa. Elas se tornaram as melhores amigas, migrando continuamente da casa de Jenny, na Maple Street, para a de Nina, na Elm Street. Nina amava a paz e a tranquilidade da casa de Jenny. Ela costumava parar no meio da brincadeira de bonecas para dizer “Eu posso ouvir o tiquetaquear do relógio”, com um tom reverente de deslumbramento.

Jenny, por sua vez, amava o barulho e o caos da família Romano. Quanto mais velhas as crianças iam ficando, mais alto era o barulho e mais turbulentas elas se tornavam. Alguém estava sempre gritando com outro alguém. Os temperamentos se inflamavam e se apagavam como fósforos sendo riscados. Jenny adorava a vida e a paixão que encontrava ali. Ficava fascinada com a capacidade dos irmãos de discutirem por absolutamente qualquer coisa.

—Eu daria tudo para ter uma irmã — ela dizia.

—Dê-se por satisfeita — respondia Nina, esfregando a cabeça no lugar onde sua irmã mais velha, Loretta, acabara de puxar seu cabelo. — Você não quer uma irmã. Ou um irmão... —

Uma vez, seu irmão, Carmine, roubara seu diário e lera o que estava escrito usando os alto-falantes da escola para que todos ouvissem, quando deveria estar lendo os avisos escolares.

A possibilidade de ter seus escritos transmitidos dessa maneira eletrizara Jenny secretamente, mas ela não comentou nada a respeito.

Em um determinado dia de verão os adultos declararam um “dia de folga” por causa do calor excessivo. Jenny e Nina se descobriram sem nada para fazer. Então, foram para a confeitaria, que era uma coisa de que Nina gostava tanto que seu prazer fazia com que também parecesse especial para Jenny, apesar de ser tão corriqueiro para ela quanto o quintal da sua casa. Para surpresa de Jenny, encontraram uma dezena de garotinhas na cozinha da confeitaria, todas enfileiradas na área onde eram preparados os pães. Laura Tuttle explicou que aquele era o “Final de Semana dos Pais” no acampamento Kioga. Os pais de todos os acampantes vinham de longe para uma visita e o acampamento organizava excursões especiais, como passeios pela área de trabalho de uma confeitaria. Pelo jeito, as pessoas tinham uma fascinação infinita a respeito de como uma simples forma de pão se transformava no produto que eles consumiam.

As garotas usavam shorts vermelhos e camisetas cinza com a logomarca do Kioga. Seus pais — as mães em blusas frescas, sem mangas, e os pais usando camisas de golfe e bermudas — estavam de pé, atrás delas, observando. No peito de cada garota havia um adesivo onde se via escrito “Olá! Meu nome é...”, seguido do que Jenny considerava os típicos nomes de menininha rica. Ondine e Jacqueline, Brooke, Blythe e Garamond. Dare e Lolly.

—Essa é a turma das novatas — apresentou a animada monitora. — Oi! Meu nome é Buffy... — continuou, falando com Laura.

—Isso significa que somos o grupo que tem de 8 a 11 anos. E também significa que vamos ser os melhores, certo, novatas?

As garotas assentiram em resposta.

Jenny e Nina pressionaram a mão contra a boca para segurar o riso. Uma lourinha rechonchuda no fim da fila permaneceu perto de Jenny. Enquanto o resto do grupo examinava a área de trabalho, ela disse:

—Eu sou Olivia Bellamy.

—Oi, Olivia — disse Jenny, embora observasse que na etiqueta no peito dela estava escrito “Lolly”.

Ela relanceou o olhar para um homem alto, de aparência séria, que estava de pé junto com os outros pais em visita. Tinha cabelos cor de areia e olhos claros, e parecia desejar estar em qualquer lugar, menos em uma área de trabalho de uma confeitaria lotada. A garotinha olhou para ele e sussurrou para Jenny:

—Meus pais estão se divorciando.

—Sinto muito — disse Jenny, meio sem jeito. Às vezes, as crianças eram engraçadas, contavam segredos para estranhos do mesmo jeito que Jenny os contava em seu diário.

—Pegue um donut, Olivia.

Laura bateu as mãos para chamar a atenção de todos.

—Meu nome é srta. Tuttle — disse. — Deixe-me mostrar o lugar a vocês e depois vamos ter uma degustação de doces e biscoitos.

Entediadas, Jenny e Nina se serviram da limonada que estava atrás do balcão e saíram. Elas podiam reconhecer facilmente os pais do acampamento Kioga. Eles não usavam uniformes como os acampantes, mas todos tinham um visual amassado e caro, como se tivessem despendido horas tentando produzir aquela aparência. As crianças vestidas com as cores do acampamento andavam em bando por toda a cidade, mostrando-a aos pais.

Jenny imediatamente localizou Rourke McKnight, sozinho. E ele olhava para ela.

Tudo bem, ela pensou. E agora? Momento de decisão. Ela podia fingir que não o vira. Ou podia agir como se ele fosse um amigo.

—Venha — disse a Nina. — Há alguém que quero que você conheça. — Talvez ela pudesse namorar Rourke, enquanto Nina namoraria Joey, e os quatro seriam amigos para sempre. Não seria o máximo? Exceto pelo fato de que a amiga não estaria interessada. Nina tinha um namorado secreto que fazia escola preparatória numa cidade próxima. Ela o mantinha em segredo porque os irmãos já haviam dito que amassariam a cara dele caso o encontrassem. Eles achavam que Nina era nova demais para namorar.

Jenny tentou imaginar que casal de pais pertencia a Rourke. Ao contrário dos outros acampantes, ele não estava mostrando a cidade para ninguém. Talvez seus pais não tivessem aparecido. Talvez ele ficasse feliz ao ver um rosto amigo. Trazendo Nina a reboque, ela seguiu na direção dele e disse “Oi”. Sentia-se surpreendentemente falante. Ele estava com uma aparência ainda melhor do que na primeira vez em que o encontrara. Estava bronzeado, com seu cabelo ainda mais louro. A cicatriz no rosto estava quase curada, embora ainda fosse visível, no formato de uma lua crescente.

—Oi — disse ele. — Eu estava só.

—Rourke! Ei, Rourke! — Joey se juntou a eles, sorrindo com animação.

Ao contrário do sorriso cauteloso de Rourke, o dele era exuberante.

—Olá, Jenny — disse ele, sem sequer uma sombra de timidez.

—Esse é meu pai, Bruno Santini.

Jenny cumprimentou-o e apresentou Nina.

O sr. Santini não parecia em nada com os outros pais. Ele era atarracado e forte, com o cabelo escuro e ondulado e um jeito de olhar para Joey que resplandecia de amor. Jenny sentiu uma ponta de inveja ao observá-los.

—Então, você fez novos amigos — disse o sr. Santini, dando um soco de brincadeira no ombro do filho. — Bom trabalho, meu garoto!

—Aquela ali é a confeitaria da Jenny — apontou Joey. — E a mãe de Nina é quem cuida da cozinha no acampamento.

—Posso dizer que eles estão sendo muito bem alimentados —disse o sr. Santini, sorrindo. — Minha mãe costumava dizer que uma boa comida é mais importante do que uma longa vida.

Rourke estava muito quieto, mantendo-se educadamente um pouco de lado. Ele olhava para Joey, mas não com a inveja que Jenny sentia, e sim com uma afeição genuína. Ela sabia

que Rourke e Joey eram os melhores amigos, da mesma forma que ela e Nina. Então, enquanto Jenny o observava, viu a expressão no rosto dele mudar, os olhos se tornarem mais duros e frios. Jenny seguiu a direção do seu olhar e avistou um casal bonito, caminhando na direção deles. Eram os pais dele, com certeza. O pai era alto e esguio, com o cabelo claro já ficando levemente grisalho nas têmporas. A mãe usava um vestido simples, de cor cáqui, e sapatos que pareciam ter custado uma fortuna. Rourke herdara dela o cabelo louro e os olhos azuis.

A sessão de apresentações foi bem mais formal dessa vez. Jenny se sentiu incapaz de falar, enquanto Nina bombardeava os McKnight com perguntas enxeridas, porque era assim que ela era. Curiosa e destemida. Quis saber onde moravam, onde o sr. Santini e o sr. McKnight trabalhavam. Quando o pai de Rourke disse que trabalhava na Assembleia Legislativa, Nina bateu com a mão na testa.

—Senador Drayton McKnight! — exclamou. — Puxa vida!

Jenny nunca ouvira falar de Drayton McKnight. Quem, a não ser

Nina, saberia dessas coisas? É claro, afinal Nina era obcecada por política e planejava concorrer a um cargo algum dia. Ela estudara cada escalão do governo, desde o setor de controle dos animais, passando pela Assembleia Legislativa até chegar ao presidente dos Estados Unidos.

Rourke, claramente, não gostava da ideia de ser filho de um senador.

—É melhor irmos — disse ele.

Jenny e Joey trocaram um olhar e nem precisaram falar. Eles eram do mesmo tipo, os dois, adolescentes pacatos, criados por imigrantes. Os olhos bonitos demais de Joey brilharam ao olhá-la. Depois de ser perturbada por aqueles garotos do acampamento, Jenny estava preparada para fugir dos beijos. Mas agora, olhando para Joey e Rourke, ela começava a reconsiderar a ideia.

O apito do monitor do acampamento soou e Rourke cutucou Joey.

—Vamos!

—Vejo vocês por aí — Joey disse a elas.

Quando os pais também se foram, Nina cambaleou e colocou a mão sobre o coração.

—Ai, meu Deus! Você não estava brincando! Ele é tão lindo!

—Qual deles?

—Boa pergunta, já que os dois são lindos. Mas Joey parece demais com meus irmãos.

Era verdade. Joey encaixava-se perfeitamente com a família Romano. Em contraste com Rourke McKnight, louro e refinado como o Príncipe Encantado.

—De qualquer modo — disse Nina —, não tem importância, porque ele gosta de você, não de mim.

O rosto de Jenny imediatamente pegou fogo.

—Você está louca.

—Não negue e não faça esse gênero de que ele é praticamente um estranho. Sei do que

estou falando. E estou dizendo que Joey tem uma queda por você.

Jenny sentiu uma sensação de vertigem, mas estava sem jeito. Todo esse negócio de garotos era maravilhoso e terrível ao mesmo tempo.

—Em primeiro lugar — disse ela —, você está errada. E, em segundo lugar, se disser alguma coisa para qualquer um deles, contarei para todo mundo na confeitaria que você é diabética e eles nunca mais lhe darão nada para comer.

Nina torceu o nariz.

—Você não ousaria.

Jenny colocou as mãos nos quadris.

—Experimente.

—Ele está muito a fim de você — insistiu Nina.

O rosto de Jenny queimava. Gostava dos dois rapazes. De Joey, porque era engraçado, fácil de lidar e se parecia muito com ela. E de Rourke, porque era bonito e misterioso, e um tanto inquieto. Quando olhava para ele, sentia um sobressalto no coração. Esse negócio de gostar de garotos era muito complicado, concluiu Jenny. Talvez fosse uma boa coisa que ambos morassem em Nova York. Ao final do verão, os dois iriam embora e ela não teria que gostar de nenhum deles.

A cada verão depois daquele Jenny observaria ansiosamente os acampantes saltando do trem na estação para saber se Rourke McKnight voltaria para o acampamento naquele ano. E, a cada ano, lá estava ele, mais alto e mais bronzeado do que no verão anterior. Joey não mudava muito. Estava sempre rindo de alguma coisa e olhando para Jenny de um jeito que não a deixava envergonhada, ao contrário, fazia com que ela se sentisse especial. Rourke era mais quieto, e quando ele a olhava, Jenny não se sentia especial, mas sim confusa.

No terceiro verão, Rourke lhe contou que aquele seria o último em que ele e Joey seriam acampantes. Isso foi na véspera do feriado de Quatro de Julho. Jenny fora ao acampamento para fazer uma entrega da confeitaria e deu uma escapada quando viu Rourke. Quando ele contou, ela teve a reação mais estranha. Por um lado, estava desapontada, porque isso significava que não o veria de novo. Mas, por outro, seu coração deu um salto, porque a primeira coisa que lhe ocorreu foi que, se queria que ele a beijasse, era melhor trabalhar rápido. O tempo estava se esgotando.

Ela esperara dois verões inteiros por isso.

Jenny olhou ao redor. Eles estavam sozinhos. Caía um temporal, e a maioria dos acampantes estava em suas cabanas ou no pavilhão principal, fazendo trabalhos manuais ou disputando jogos de tabuleiro. Eles correram para o terraço coberto para se abrigarem.

—Não posso acreditar que é seu último verão como acampantes —disse Jenny, dando um passo na direção dele. Ela olhava para a boca de Rourke, exatamente como a revista Seventeen indicara. Uma declaração não verbal.

Ele mudava o peso do corpo de um pé para o outro, parecendo desconfortável. Sim, ela pensou, sim. ele sabe. Jenny deu outro passo à frente, diminuindo a distância entre eles. Então, tentou outra coisa. Passou a língua sobre os lábios, para umedecê-los. Outra dica da Seventeen.

—É... sim... — disse ele, adoravelmente perturbado. — Mas nós voltaremos. Quero dizer, como monitores. O sr. Bellamy nos convidou para trabalharmos aqui no próximo verão, se quisermos.

Oh! Esta era a deixa para ela recuar. No entanto, Jenny não recuou. Só que ele não parecia ter a mínima ideia do que estava acontecendo, e ela não soube mais o que fazer. Então, agarrou-o e lhe deu um abraço.

—Estou tão feliz, Rourke! Tão feliz porque você vai voltar!

Por um momento mágico, um segundo apenas, ele retribuiu o abraço, e por aquele rápido instante Jenny sentiu como se estivesse no céu. Mas logo ele enrijeceu o corpo e afastou-a.

—De qualquer modo — disse ele, agindo como se o momento nunca tivesse acontecido —, estou quase certo de que meu pai vai ficar irritado e me proibir de fazer isso. Ele vai querer que eu passe meu tempo de modo mais produtivo, como ele diz.

—Isso quer dizer que você não vai voltar?

—Não. Significa apenas que terei de lutar para conseguir o que quero. Como sempre. — Ele voltou o olhar para fora, para a cortina de chuva que caía sobre o lago.

—Você e seu pai brigam muito? — ela perguntou.

Rourke deu de ombros.

—Eu tento escolher minhas brigas. Ele é um canalha desgraçado.

—O que você quer dizer com “canalha”?

—Quantos significados tem a palavra “canalha”?

Jenny percebeu que aquela era uma pergunta retórica. Tentou ajustar a ideia que fizera da família McKnight. Como todo mundo, ela os considerara a imagem perfeita do sonho americano.

—Você tem sorte por ter um pai — disse a ele.

—Hmm, hmmm — ele resmungou.

—Às vezes eu quero tanto um pai que aceitaria até um canalha —declarou ela.

—Então, você é louca.

—Não sou. Uma vez, fui mordida por um cachorro — contou —e, no fim das contas, o motivo do cachorro ser malvado era porque ele era maltratado.

—Um cachorro não tem consciência do que faz.

—O que estou dizendo é que deve haver uma razão. Quando as pessoas são magoadas, se tornam malvadas. — Ou apenas dão as costas e vão embora. Ela acreditava que fora isso o que acontecera com a mãe dela.

Ele encarou-a e Jenny pôde perceber aquele assustador lampejo de mau gênio que demonstrava algumas vezes. Sentia muito, ela pensou, mas não ia se render.

—Como chegamos a esse assunto? — perguntou. — Tudo o que eu queria era... — Jenny hesitou. Ela devia dizer? Devia contar a ele? — Eu queria que você me beijasse. E ainda quero.

Um som baixo saiu da garganta dele, como um gemido.

—Não — disse Rourke —, você não quer. — E, então, ele foi embora, na chuva, sem sequer encolher os ombros para proteger-se do aguaceiro.

Jenny sentiu-se uma idiota. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Odiava Rourke McKnight. E o odiaria para sempre. Com esse pensamento firme na mente, esperou que a chuva parasse e saiu para ajudar o avô. Quando terminaram a entrega, o sol já aparecera novamente e um arco-íris cobria o lago Willow.

Jenny contornou a lateral do furgão, e lá estava Joey Santini, esperando por ela com um sorriso no rosto. Durante alguns minutos, ficaram conversando e rindo à toa, e ela o apresentou novamente ao avô.

O avô sorriu com aprovação quando Joey apertou a mão dele e disse todas as coisas certas, como o quanto ele gostava das barras de açúcar de bordo da avó.

Graças a Deus por Joey. Ele fazia com que ela se sentisse satisfeita e valorizada e não estava sempre a ponto de explodir. Sentia-se confortável com ele. Joey nunca fazia com que se sentisse estúpida ou desajeitada. Nunca a deixava com vontade de chorar.

Na noite seguinte, ela e Nina foram ao Kioga para ver a queima de fogos em comemoração ao Quatro de Julho, às margens do lago Willow. E Joey deu o primeiro passo. Estavam sentados num cobertor, na margem do lago, junto com um grupo de garotos, quando ele pressionou o ombro contra o dela, inclinou-se e sussurrou:

—Quero namorar com você — disse.

Jenny não sabia o que dizer. Não sabia se queria ou não. E, mesmo com Joey tão próximo, ela relanceou olhar para Rourke. Ele estava de pé, perto deles, com os polegares enfiados na cintura do short. Encarava-a com uma expressão esquisita no rosto. Jenny tentou perguntar com o olhar se havia alguma chance para eles, mas Rourke não entendeu a mensagem ou não se importava. Então, ele deslizou o braço com tranquilidade pela cintura de uma garota qualquer e inclinou-se para sussurrar alguma coisa no ouvido dela, até que ela sorrisse.

Rourke esperava que tivesse funcionado. Passara metade da noite com a Sorridente. Não conseguia nem lembrar seu nome, mas precisava dela. Não sabia mais o que fazer. Jenny começava a se apaixonar por ele. Já estava apaixonado por ela há muito tempo, mas não podia demonstrar. Joey gostava de Jenny, se apaixonara já no primeiro dia, e Rourke não tiraria isso dele, de jeito nenhum. Apenas precisava fazer Jenny acreditar que ele não prestava, o que, de acordo com seu pai, era mesmo verdade. Então, ela deixaria de gostar dele e começaria a gostar de Joey, e essa era a maneira como as coisas deviam ser. Joey a merecia muito mais do que ele.

O amigo sabia o jeito certo de tratar uma garota como Jenny. Ele não se sentia como se alguém o tivesse colocado numa fogueira, do jeito como Rourke se sentia, queimando por dentro com sentimentos tão intensos que acabariam por consumir a ambos.

Pelo resto do verão ele fez questão de que ela o visse com várias garotas diferentes. Só para lembrá-la de que ele não prestava e de que ela estaria melhor com Joey.

Bolo Feliz

Está aqui uma coisa que eu aposto que você nunca percebeu. <as depois que eu lhe disser nunca mais deixará de notar. Uma confeitaria pequena, que pertence a uma família, é um lugar de gente feliz. Pense a respeito. Quando foi a última vez em que você entrou numa confeitaria e encontrou uma pessoa mal-humorada? Isso simplesmente não acontece. As pessoas que estão atrás do balcão são agradáveis. Mesmo os sons e cheiros do lugar são totalmente agradáveis.

Aposto que se fosse feito um estudo da qualidade do ar de uma padaria, seriam encontrados feromônios. Uma das receitas mais felizes do arsenal da minha avó é essa. Na verdade é um bolo inglês, mas vovó criou um neologismo para ele e o chamava de SzczeSsliwe ciastko. Em uma tradução livre, isso significaria – e acho que você já adivinhou, não? – “Bolo Feliz”. Ele se distingue por sua cor amarelo-sol e pelo fato de ser impossível comer um pedaço e não se sentir feliz.

BOLO FELIZ

500 g de farinha de trigo (3 xícaras)

500g de ovos (cerca de 6 ovos)

500g de manteiga sem sal, macia (4 tabletes – não substitua)

500g de açúcar (cerca de 2 ¼ xícaras)

2 colheres de chá de baunilha

½ colher de chá de sal

½ xícara de leite

½ colher de chá de bicarbonato de sódio

1 colher de chá de fermento

Preaqueça o forno a 170°. Unte e enfarinhe uma forma de bolo inglês. Bata a manteiga na batedeira até ela clarear e acrescente gradualmente o açúcar, a baunilha e os ovos, um de cada vez. Com a batedeira em velocidade baixa, adicione o leite. Misture todos os ingredientes secos e agregue-os lentamente à mistura na batedeira.

Despeje a massa na forma e asse por cerca de 1 hora e 20 minutos, até que ao enfiar um palito de dentes ou uma faca fina estes saiam limpos. Deixe o bolo esfriar por cerca de 15 ou 20 minutos, ainda na assadeira. Então, desenforme-o delicadamente e sirva à temperatura ambiente com frutas frescas ou lemon curd, uma pasta de limão, azedinha e doce ao mesmo tempo. Serve 12 porções generosas.

Capítulo 8

Tudo o que Jenny possuía na vida cabia na caçamba de uma caminhonete alugada. E para falar a verdade ela estava até surpresa que a operação de resgate tivesse conseguindo recuperar tanto. Tudo fora limpo, colocando em caixas etiquetadas e depois empilhando na caminhonete. Era esperado que ela avaliasse o que fora recuperado e determinasse o que iria manter e o que poderia ser descartado. Mas por enquanto Jenny não pretendia fazer isso, de jeito nenhum. Por ora, guardaria tudo. Ela ficou parada, de braços cruzados, tremendo e batendo os pés. Perdera suas luvas favoritas no incêndio, as de couro com forro de cashmere.

Rourke estacionou atrás da caminhonete, na entrada de carros. Naquele dia, como parte da sua iniciativa para prevenção do crime, ele visitara a escola secundária local e estava vestido de acordo. Rourke acreditava que o uniforme da polícia, e até mesmo um terno, eram uma barreira na comunicação com os jovens, por isso vestia uma calça cargo larga, botas amarradas nos tornozelos, um casaco grande e um gorro de tricô. Parecia mais um praticante de snowboard do que um chefe de polícia.

- Como estão as coisas? – ele perguntou.

- Como foi a sua visita na escola?

- Acho que gostaram de mim. Cerca de uma dezena de garotos se inscreveu para participar de projetos de serviços comunitários.

Jenny não podia imaginar como alguém, adulto ou criança, poderia resistir a Rourke. Crianças conseguiam detectar um impostor a quilômetros de distância, e ele parecia saber disso. Estava completamente à vontade naquelas roupas. Não era apenas para agradar os estudantes.

- Como consegue ser tão bom com os garotos, chefe?

- Você escuta e mostra respeito, e depois disso fica fácil. E você está me olhando de um jeito engraçado. São as roupas?

- Não são as roupas. – Ela hesitou. Mas que droga! – Você já desejou ter seus próprios filhos?

Ele olhou para ela espantado e então caiu na risada.

- Não estou tentando ser engraçada – disse ela. – Não consigo deixar de imaginar que tipo de pai você seria, que tipo de homem de família.

- Nenhum tipo de pai e nenhum tipo de homem de família, muito obrigado.

- Ah, o que é isso, McKnight? Você não foi a primeira criança a ter uma infância infeliz. Isso não é desculpa.

- Há também o pequeno problema de como conseguir essas crianças que você está tão convencida de que eu quero. Não é fácil para um homem.

O modo como ele estava olhando para ela era muito íntimo.

- Veja, nós realmente precisamos ter outra conversa sobre esse... arranjo de moradia. É

uma loucura eu ficar aqui com você.

- Loucura por quê?

- Não temos nenhum tipo de relação.

- Talvez devêssemos ter – disse ele. – Colegas de quarto. – Rourke virou-se abruptamente e deu a volta até a traseira da caminhonete para checar o trabalho que a companhia de resgate havia feito.

Colegas de quarto, pensou Jenny. Que diabos ele queria dizer com aquilo? Como não conseguiu imaginar um jeito de perguntar, preferiu mudar de assunto.

- Uma caçamba de caminhonete. Meio patético, não? – perguntou.

- Não – disse ele. – Não é patético. É apenas uma coisa que acontece.

- Patético – repetiu ela. – Que tal você me deixar chafurdar um pouco de autopiedade?

- Tudo bem. Se isso faz você se sentir melhor.

- Não faz, não. Mas fará com que você se sinta pior e isso fará com que eu me sinta melhor. Sou uma cidadã que paga seus impostos. Isso é o mínimo que você pode fazer.

- Tudo bem. – Ele cruzou os braços sobre o peito. – Ver essas coisas na caçamba da caminhonete e saber que é tudo o que restou da sua casa faz eu me sentir péssimo. Melhor assim?

Uma imponente picape 4x4, com lâmina para neve, estacionou. Dela saltaram Connor Davis e, logo depois, Greg Bellamy. Greg era o irmão mais novo de Philip Bellamy, o que o tornava tio de Jenny, embora ele fosse apenas alguns anos mais velho do que ela. Recém divorciado, Greg se mudara para Avalon com seus dois filhos, Daisy e Max. Daisy ia começar a trabalhar na confeitaria e Max estava no quinto ano. Como todos os Bellamy que Jenny já conhecera, Greg era afável, tinha um charme espontâneo, boa aparência e era muito educado. Ela não se sentia uma verdadeira Bellamy e certamente não fora contemplada com essa aparência luminosa e aristocrática. Todos que conheceram sua mãe diziam que ela se parecia muito com Mariska, que com certeza era bonita, mas de um modo completamente diferente. Mais morena e comum.

- Olá rapazes, obrigada por virem – disse Jenny.

- Não há por que agradecer – assegurou Greg.

Enquanto ela o apresentava a Rourke, refletiu que os três homens juntos, Rourke, Connor e Greg, eram a personificação de um sonho do qual nenhuma mulher iria querer despertar. Eram altos, fortes e sexies. E havia alguma coisa a respeito da presença de equipamento pesado e trabalho a ser feito ao ar livre que parecia fazer com que o nível de testosterona aumentasse.

- Eu fico realmente grata – disse. – Você tem certeza de que não há problema em levar todas essas coisas para o Kioga?

- Claro que não – disse Connor. – Há espaço de sobra por lá e o lugar estará vazio durante todo o inverno.

- Bem, obrigada mais uma vez. Eu tinha a intenção de guardar tudo na garagem, mas ela também ficou arruinada e será posta abaixo junto com o que sobrou da casa. – Jenny ainda se

sentia um pouco zozna com o fato de não ter uma casa, um lugar para colocar suas coisas, ou o que sobrara delas. Ficou combinado que Connor guiaria a picape até o acampamento, enquanto Rourke e Jenny o seguiriam na caminhonete. Eles tiveram que dirigir lentamente pela estrada particular que levava ao acampamento, as pás levantando neve pelas laterais do carro para abrir caminho.

- Eu nem acredito que todos estão sendo tão bons comigo – disse Jenny.
- Não é difícil ser bom com você.
- É por isso que você está me ajudando? Para ser bom?
- Eu não sou bom – disse ele. – Você, entre todas as pessoas, deveria saber disso.

Ambos haviam cometido erros no passado. Jenny era assombrada por arrependimentos, enquanto Rourke ainda sofria por causa de uma culpa antiga que criara raízes profundas. Era por essa razão que haviam se distanciado tanto um do outro, mas, como ultimamente estavam passando tanto tempo juntos, Jenny sentia-se no direito de trazer antigas questões à tona.

- Você nunca se perdoou por causa de Joey – disse, levantando a questão mais delicada. – De que adianta isso, Rourke?

Ele manteve os olhos no caminho.

- Pergunta interessante, vinda de você.
- Isso não é uma resposta.

- Muito bem, então que tal essa: talvez eu não tenha me perdoado a respeito de Joey porque algumas coisas... elas não são perdoáveis. Você apenas tenta seguir em frente e viver com a lembrança.

E passa o resto da vida fazendo penitência, ela refletiu. Por alguma razão, ela pensou em A Bela e a Fera, a furiosa e violenta versão francesa, não a inocente versão da Disney. No original, a fúria da fera era acalmada pelo amor inquestionável da heroína, ainda que a redenção fosse alcançada com tanta dor e sacrifício para ambos que ela sempre imaginara se o esforço valera a pena.

Jenny permaneceu em silêncio durante o resto do caminho. A parte sul do lago era próxima da cidade e ali se viam lindos chalés, a maioria deles fechada para o inverno, enfileirados lado a lado, ao longo da margem. As docas congeladas, com montes altos de neve, projetavam-se sobre o manto branco do campo. Eles passaram pela Pousada do Lago Willow, uma mansão do século XIX com fama de assombrada. Quando jovens, Jenny e Nina costumavam ir de bicicleta até à mansão, especulando se era ou não assombrada. Nina sempre dizia que queria ser proprietária da hospedaria um dia, mas depois que ficou grávida de Sonnet sua vida tomara um rumo diferente.

O lago começava em um vale profundo que sutilmente se transformava em bosque fechado, e então não havia nada a fazer a não ser observar as árvores nuas. A perfeição quase sobrenatural e a calma do lugar a hipnotizaram. Árvores delgadas pareciam ter sido pintadas em um cenário de neve, marcado apenas pelas trilhas em ziguezague deixadas por algum animal. Chapins e cardeais voavam para dentro e para fora do emaranhado de galhos. Os riachos pareciam pequenas geleiras e massas de gelo flutuante. Quando finalmente alcançaram o terreno do Kioga, Jenny sentia como se eles estivessem a mundos de distância

da cidade, e não apenas a alguns quilômetros.

O acampamento, um histórico local de veraneio, refletia o estilo dos “grandes acampamentos” do Período Dourado americano. Marcada por uma rústica arcada de madeira e ferro fundido, a entrada era uma extensão de neve lisa até o pavilhão principal. De lá viam-se os pátios para prática de esportes que naquele momento estavam cobertos de neve; os galpões onde eram guardados os equipamentos; e a casa de barcos, junto ao lago agora congelado, parecia um campo vasto, liso e branco.

Tudo estava em sonolento estado de hibernação. Os alojamentos e as cabanas tinham pilhas de neve acumulada nas escadas. No meio do lago, via-se a pequena ilha com um mirante de onde pendiam cristais de gelo. Jenny viu que estava fascinada pela calma impenetrável daquele cenário de algodão doce. Nunca vira o acampamento no inverno, e para ela o lugar parecia mágico.

A picape de Connor moveu-se pesadamente até estacionar em um galpão. Greg destrancou-o e em pouco tempo eles já haviam arrumado tudo na grande construção de madeira. É lindo aqui - disse ela. – Estou feliz que você e Olívia tenham decidido reabrir o lugar.

- Um dia ele ainda ficará aberto durante todo o ano – disse Connor.

Jenny notou que Rourke estava parado a uma certa distância, olhando para além do lago, talvez perdido em lembranças. Ele passara muitos verões ali. Ele e Joey. Lá, com os tornozelos enfiados na água gelada do lago, os dois garotos haviam ficado parados, juntos, jogando pedras e competindo para ver quem fazia o maior círculo na água. E mais adiante, na doca, eles haviam começado suas disputas de natação. Na época, havia uma corda pendurada no galho de uma árvore enorme, que se espalhava por sobre o lago, e os garotos desafiavam uns aos outros para ver quem se balançava mais alto ou mais longe, para então soltar a corda e mergulhar. Rourke e Joey sempre disputavam tudo.

Ela tentou se lembrar do momento em que isso começara, a rivalidade que, silenciosamente, abrira uma ferida na amizade deles. Será que fora na ocasião em que os três se encontraram? Teria sido invisível, como o magma correndo em um canal subterrâneo, procurando um caminho para explodir na superfície?

Greg afastou-se um pouco e olhou para as caixas empilhadas e etiquetadas.

- Tudo pronto?

- Obrigada de novo. – Jenny se recusava a pensar no fato de que tudo o que possuía na vida estava naquelas caixas. E que um dia, num futuro próximo, talvez no degelo da primavera, ela teria que analisar cada item e decidir seu destino. Será que deveria guardar o batedor de ovos da avó, a caixa com o equipamento de pesca do avô, o cinzeiro de argila feito pela mãe quando era bandeirante?

A neve começou a cair mansamente e Jenny levantou o rosto para o céu, sentindo os flocos tocarem sua testa e suas bochechas. Tudo iria ficar bem, disse a si mesma. O mundo era lindo e todas as possibilidades estavam abertas diante dela.

- É melhor voltarmos – disse Connor, já se encaminhando para a picape.

- Encontrem-me na confeitaria – sugeriu Jenny. – Tenho algum trabalho para fazer no escritório. Servirei a vocês uma xícara de café e qualquer doce que escolherem.

- Vou deixar para a próxima vez – disse Connor. – Preciso voltar ao trabalho.

- E o mesmo digo eu – falou Greg. – Mas nos veremos no sábado à noite, certo? Para jantar?

- Claro! – O pai de Jenny, Philip, estava chegando de Nova York para vê-la. Ela lhe dissera que não estava precisando de nada, que ficaria bem, mas ele insistira.

Depois que Connor e Greg partiram, Jenny e Rourke ficaram mais um pouco dando uma última olhada no lago.

- É lindo aqui – disse ela. – Eu me sinto... nostálgica. Você não?

- Talvez – ele admitiu. – Um pouco. – Rourke apressou o passo e Jenny sentiu que ele se fechava. *Provavelmente, era melhor assim*, ela pensou. Eles nunca foram muito em conversar sobre coisas que realmente importavam.

Capítulo 9

Jenny finalmente estava terminando o que precisava fazer na prefeitura, depois de passar uma tarde aparentemente interminável preenchendo formulários para repor registros perdidos. O processo só foi um pouco menos tedioso porque Nina Romano dedicou um tempo para ajudá-la,

- Então, seja honesta - disse Jenny. - Quantos Já então com a língua inchada de tanto falar de mim porque estou na casa de Rourke?

- Você acreditaria se eu dissesse que ninguém?

- Nesta cidade? Dificilmente, - Jenny assinou seu nome na décima página de uma requisição de escritura.

- Acredite-me, as pessoas têm preocupações maiores do que essa. - Nina estendeu a mão para os formulários. — Pode deixar que darei entrada nesses para você, com o secretário municipal.

- Elas caminharam juntas através do corredor onde ficavam várias secretarias municipais,

- Que tipo de preocupações?

Nina acenou com a mão, afastando o assunto.

- Problemas com as finanças da cidade. Não vou entediá-la com detalhes, prefiro ouvir mais sobre você e Rourke morando juntos.

- Está vendo? - Jenny acentuou. - Eu, não deveria estar lá.

É loucura.

- Estou implicando com você. Escute, ainda não sabemos o que aconteceu com sua casa - disse Nina. - Você deve ficar com ele, ao menos até descobrirmos o que houve.

- Ah, meu Deus! Uma teoria da conspiração?

- Não. Estou apenas sendo prática. E se isso for um problema tão grande assim, mude-se para minha casa.

- Eu posso vir a cobrar isso de você, hein? - Mas Jenny sabia que não faria isso. Nina e Sonnet não tinham lugar. - O que eu realmente preciso fazer é descobrir um arranjo permanente.

- Não se apresse para resolver nada. Lembre-se do que o psicólogo falou. Que você não deve tomar nenhuma grande decisão por enquanto. E a maior decisão de todas é exatamente onde vai morar, onde vai passar o resto da sua vida.

Ao ouvir aquelas palavras, o coração de Jenny já começou a bater em ritmo acelerado, avisando-a de que um ataque de pânico estava sempre à espreita sob a superfície. Era uma sensação muito estranha, acordar de manhã e não saber o que seria da sua vida.

Nina deve ter lido a preocupação no seu rosto. Ela deu um tapinha confortador no braço de Jenny.

-A última coisa com que você tem de se preocupar é com o que as pessoas pensam. Leve o tempo que precisar, está bem?

Jenny admitiu, agasalhou-se contra o frio, e encaminhou-se para a casa de Rourke. Três cachorros agradecidos saíram correndo da entrada da casa para o quintal e Jenny entrou com um saco da mercearia e uma pilha de livros da biblioteca. No futuro, é claro, ela teria que comprar novas cópias dos preciosos volumes que perdera no incêndio. Havia os seus preferidos da infância, que graças a Deus ainda estavam sendo editados, como *A teia de Charlotte*, *A espiã*, *The Borrowers*. A bibliotecária da cidade lhe avisara que outros títulos de que ela gostava poderiam estar esgotados, mas prometeu localizar uma cópia de *You Were Princess Last Time*, um conto sobre duas irmãs que Jenny lera vezes sem conta quando era pequena. Havia também livros aos quais ela sempre recorria, como uma cópia de ensaios sobre a arte de escrever, por Ray Bradbury. Livros sobre fuga e reinvenção de si mesmo, como *Sob o sol de Toscana*, histórias sobre comida, como as escritas por Ruth Reiehl. Mas esses eram os livros de que Jenny se lembrava, Um dos seus grandes arrependimentos era que não tinha nenhum registro de quantos livros não lembrava.

Jenny tirou lentamente as luvas e a parca, enquanto analisava a sala de estar e a estante de livros que havia ali. Ela se pegava fazendo isso com frequência, tentando descobrir quem Rourke era pelas coisas que ele tinha em casa. Talvez, admitiu para si mesma, estivesse procurando por quem ele costumava ser. Os livros de uma pessoa dizem muito sobre ela, mas as escolhas de Rourke eram tão enigmáticas quanto ele. Processos policiais, antigos livros escolares, manuais de reparos. Havia uma enorme coleção de livros de bolso muito manuseados com títulos como *Assault on Precinct 17* e *Murder Street*, que provavelmente descreviam um tipo de trabalho policial muito diferente do que Rourke fazia em Avalon. Alguns livros, provavelmente presentes de ex-namoradas frustradas, aparentavam estar novinhos em folha. Eram manuais de relacionamento que, sem dúvida, pretendiam mostrar os erros que cometera. Ela contou pelo menos três volumes de *Relationship Rescue*. O plástico que envolvia o *Relationship Rescue Workbook* ainda nem fora aberto.

Vão sonhando, falou ela silenciosamente para as mulheres que haviam dado aqueles livros a Rourke. Ela duvidava seriamente se estaria na natureza de qualquer homem ler um livro como aquele e pensar em aplicar em um relacionamento o que lera.

Jenny voltou para a cozinha para arrumar as compras do mercado. Nunca vivera com um homem antes, portanto, não sabia se o jeito de Rourke era comum a todos. Acostumara-se tanto a tomar conta da avó, levantando cedo para aprontá-la para quando a enfermeira chegasse, que era uma total novidade simplesmente acordar e seguir com seu dia sem precisar planejá-lo de acordo com as necessidades de Helen. Depois de uns poucos dias na casa de Rourke, naturalmente se estabeleceu um ritmo entre eles. Ele levantava cedo e preparava aquele café maravilhoso. Ela bebia o café enquanto Rourke estava no chuveiro e, então eles trocavam de lugar. Depois tomavam o café da manhã juntos - Jenny rapidamente acabou com o hábito dele de comer bolos prontos comprados no mercado - e saíam para o trabalho.

No final do dia, em uma cena irremediavelmente doméstica, ela se pegou preparando sanduíches de atum e perguntando:

- Como foi seu dia?

Era quase como o clássico: *Como foi seu dia, querido?*

Jenny não podia evitar. Parecia perfeitamente natural. Assim como parecia natural o súbito pulo que seu coração dava quando o ouvia entrando pela porta dos fundos, batendo com as botas para tirar a neve e assobiando para os cachorros, antes de entrar na cozinha aquecida.

- Olá - disse ela. - Como foi... - Oh, Deus!, ela estava fazendo de novo - ... seu dia?

- Cheio. - Ele não pareceu se incomodar com o tom familiar da pergunta. - Tivemos 13 acidentes de trânsito, sete envolvendo álcool e todos por causa das estradas escorregadias. Uma briga doméstica, um caso de fraude, crianças destruindo a propriedade escolar e uma mulher que deixou uma criança pequena sozinha em casa para ir para o trabalho.

- Como você aguenta? - perguntou Jenny. - Você vê o pior das pessoas, todo dia. Isso deve ser muito deprimente.

- Suponho que o que me faz ficar bem é saber que tento tornar as coisas melhores. Mas nem sempre funciona.

- Você quer dizer que às vezes precisa deixar os caras maus fora da cadeia?

- Sim. Às vezes. Se não há bastante evidências ou se alguém fez pressão. Ou ainda porque temos que pegar um peixe maior e, por isso não podemos dispor do efetivo. Enfim, um monte de razões. - Antes que ela pudesse perguntar outra coisa, ele afastou o assunto com um gesto de mão. - Mas algumas das coisas que faço durante o dia não são um bom assunto para a conversa no jantar.

Como todo mundo, ele chegava em casa trazendo um peso invisível nos ombros por causa do dia de trabalho. Mas para a maioria das pessoas esse peso não consistia nos pequenos crimes e crueldades inerentes ao trabalho de um policial de uma cidade pequena.

- Nossas vidas são tão diferentes! - disse ela. - Você sai para trabalhar diariamente e vê as pessoas se comportando da pior maneira.

Ele riu.

- Ninguém nunca colocou a coisa dessa forma.

- E na confeitaria vejo pessoas que só precisam de uma xícara de café e de uma rosca fresquinha para ficarem felizes.

- Eu devia me aposentar da polícia e comprar alguns pijamas - disse Rourke, enquanto comia agradecido o sanduíche.

Jenny percebeu que ele relaxava visivelmente. Seria por causa dela, ou simplesmente porque chegara ao fim de mais um dia?

Ela achou que descobrira a resposta quando olhou para o outro lado da mesa e o pegou contemplando-a de um modo ardente e perturbador.

- O que foi? - perguntou.

- Nada - respondeu ele. - Eu não disse nada.

- Você estava me encarando.

- Eu gosto de olhar para mulheres. É pecado?

Ela baixou a cabeça para esconder um sorriso. Eles estavam caminhando lentamente um na direção do outro, ainda que agissem com cautela. Quando terminaram de jantar - e

abençoado fosse ele, que tirou a mesa e colocou os pratos na máquina de lavar -, Jenny estava pronta a admitir, estava perdida.

Por sorte, ele pareceu não perceber sua perturbação.

- Preciso sair esta noite - disse Rourke.

E por sorte, novamente, ele também pareceu não ouvir o baque no coração de Jenny.

- Oh! Hã, está certo - disse ela. O que mais poderia dizer? Ela era uma hóspede, estava apenas de passagem. Ele não lhe devia nenhuma explicação.

Rourke pegou o telefone celular e prendeu o coldre no ombro. Jenny fingiu que não estava prestando atenção, mas não conseguiu se controlar. Era intrigante, sexy mesmo, saber que ele usava uma arma escondida.

Rourke a surpreendeu olhando-o e sorriu.

- Quer vir?

- Aonde?

- Para um estande de tiro - respondeu - Fazer exercícios de tiro ao alvo. - Ele era rigoroso ao cobrar treinamento em seu departamento e praticava o que pregava, indo ao estande de tiro uma vez por semana.

Exercícios de tiro?

- Talvez eu vá - disse ela. - Nunca pensei sobre como seria atirar com um revólver.

- Posso lhe ensinar - ofereceu-se ele com tranquilidade.

Ela hesitou por mais um momento. Será que queria mesmo aprender, ou fora apenas uma coisa que dissera para que ele não pensasse que ela estava aborrecida, como na verdade estava? E ele queria ensinar-lhe a atirar porque gostava dela ou porque pensava que ela devia aprender autodefesa? Jennv disse a si mesma para parar de procurar razões para recusar o convite.

- Vou pegar minhas coisas.

Foi uma curta viagem de carro. O prédio tinha dois blocos, um com os boxes para treinamento e outro com a sala de aula. Na sala de aula, Rourke ajudou-a a se preparar e mostrou a Jenny o revólver que usaria.

- Este é um Glock, calibre 40 - explicou, enquanto mostrava a ela como a arma funcionava. - A chave para você atingir o alvo é manter a postura certa. - Ele levantou o revólver com as duas mãos num movimento que pareceu perfeitamente natural. - Agora tente você.

Tudo bem, pensou Jenny, sentindo a força poderosa do revólver negro em suas mãos.

- Preste atenção na parle deslizante quando segurá-lo. Como se sente?

- Você vai me achar leviana... mas me sinto... sexy. Ele riu.

- É um bom sinal. É bom para que se sinta confiante.

Com o moletom do Departamento de Polícia de Avalon, protetores de ouvidos e óculos de proteção, ela não parecia nem de longe tão sexy quanto se sentia.

- Feche os olhos e levante o revólver.

- O quê?

- Não se preocupe, não está carregado. Você precisa levantar o revólver com os olhos fechados, porque assim saberá para onde seu braço aponta naturalmente.

Ela ergueu a arma, abriu os olhos e se pegou olhando para o grande X na parede da sala de aula. Rourke era incrivelmente exigente a respeito da postura e da posição corretas. Ele ajustou a altura dos braços esticados dela, o ângulo do seu queixo, o posicionamento dos pés, a forma como ela agarrava a arma, até Jenny quase explodir de frustração.

-Estou me sentindo como uma Barbie articulada.

Ele riu, enquanto ajustava a postura dela mais uma vez.

- Uma Barbie atiradora. É tão americano! Gostei.

Rourke ainda continuou mais um pouco, falando sobre a forma certa de apertar o gatilho e sobre a necessidade de acompanhar a pausa respiratória natural. Ele disse que a pausa era o momento certo para apertar o gatilho, porque, então, ela estaria completamente relaxada. Jenny tentou se lembrar de tudo o que ele estava dizendo. Parecia que para atirar com um revólver era necessário fazer no mínimo uma dezena de coisas ao mesmo tempo, e todas bem feitas.

- Nunca tive que trabalhar tão duro para satisfazer um homem disse ela.

- É bom saber que você está querendo trabalhar nisso. Agora, pare de me paquerar e se concentre.

- Não estou paquerando você - Jenny retrucou.

- Eu me senti paquerado.

- Então, está imaginando coisas. Sei que não devo paquerar você. Agora, mostre-me como atirar em alguma coisa.

- Muito bem. Regra número 1: você deve ser um pouco mais específica sobre em que vai atirar. "Alguma coisa" é muito vago.

- Não importa. Eu quero atirar em um daqueles bonecos de caras malvadas.

- Então, vamos para a área de tiro.

O lugar era dividido em boxes com alvos, onde as pessoas que não precisavam de supervisão próxima podiam praticar. Naquele momento, apenas dois boxes estavam ocupados. Por outros guardas lhe disse Rourke, acenando para os colegas, e por uns poucos moradores. Ela ficou surpresa por ver Zach Alger ali, com o pai. Matthew em um homem grande, com o peito largo. Suas feições nórdicas faziam-no parecer mais jovem do que era na verdade. Pai e filho estavam em cabines vizinhas, alheios a qualquer outra coisa que não atirar. O espocar de cada tiro fazia com que Jenny estremecesse. Rourke lhe explicou que as paredes eram à prova de qualquer tiro de pistola dado à queima-roupa.

- A bala de uma arma calibre 40 pode penetrar até 12 camadas de uma placa de reboco comum - explicou ele.

- Bom saber. Nunca irei me esconder atrás de uma parede caso alguém esteja atirando em

mim.

- A melhor defesa em quase todas as situações é lutar. Lutar e nunca desistir. Mas você precisa saber o que está fazendo. — Ele mostrou uma silhueta no final da linha de tiro. Depois, usou alguma coisa chamada de controle elétrico dos alvos para fazê-la se mover e posicionou-a no fundo do boxe, Ela se preparou exatamente como ele mostrara. Braços estendidos, pés plantados no chão para alinhar o braço com o alvo, visão alinhada, alvo alinhado, respiração e, então, pressionar o gatilho. Não puxe, dissera ele. Pressione.

Ela pressionou.

O revólver quicou violentamente em sua mão, causando um eco na arma.

- Continue - recomendou ele, sussurrando as palavras. Não se esqueça de que deve continuar.

Depois de atirar, era preciso alinhar-se com o alvo novamente, para melhorar a firmeza da mão. Ela se realinhou, sentindo o cheiro de cordite queimado. Mas o alvo continuava parado incólume, no fundo da cabine, parecendo zombar dela.

- Deveria ter sido um tiro perfeito!- Que nada. - Ele sacudiu as mãos. - Eu sabia que você erraria.

- O quê?!

- Você foi excelente no quesito postura e na forma como segurou a arma. Mas jamais conseguirá acertar nada até que veja o que pretende acertar primeiro. - Ele tocou a própria têmpora.

- O quê?

- Olhe. E então atire.

Jenny não entendeu exatamente o que ele queria, mas estava de terminada. Atirou várias vezes, e a cada uma delas assustava-se com o coice da arma na hora do disparo. Finalmente, conseguiu arranhar a beirada do alvo. Olhe e depois atire tornara-se seu mantra.

Depois de tantas tentativas que já não conseguia contar, ela melhorou um pouco. Era muita coisa para lembrar. A mecânica da arma e a postura. O ajuste exato entre a respiração e o momento de pressionar o gatilho. E Rourke estava absolutamente certo. Ela aprendera a visualizar onde acertaria a bala e, assim, conseguia colocá-la no alvo. Na verdade, atirá-la.

Quando o alvo estava crivado de buracos em todas as áreas vitais, ela abaixou o Glock e virou-se para Rourke, com o maior sorriso que já dera desde que perdera a avó.

Ele moveu a boca silenciosamente dizendo "Bom trabalho" e levantou o polegar em aprovação.

Por fim, Rourke lhe mostrou como limpar o revólver. "Um revólver limpo é um revólver seguro." E mostrou também como arrumar o equipamento de proteção.

- Estou orgulhoso de você - disse ele.

Era uma declaração simples e, ainda assim, causou-lhe uma inesperada reação emocional. Jenny desviou o olhar e ajeitou o cabelo no lugar onde ele havia ficado sob os protetores de ouvida

- Isso foi dito como um cumprimento - falou Rourke.

- Eu sei e eu... eu estou grata. - Ela respirou fundo, podia explicar? - Estava pensando que já havia superado minha necessidade de aprovação.

- Todo mundo nasce com essa necessidade - disse ele. - Deus sabe que passei toda a minha infância procurando por isso.

Interessante, pensou ela. Esses vislumbres do passado dele eram raros.

- E então você desistiu de tentar se entender com seu pai e foi embora - recordou Jenny.

- O que a faz pensar que fui embora por nada? - perguntou ele. - Talvez eu tenha ido para alguma coisa.

- Como o quê?

- Como o tipo de vida que eu queria, e não o que minha família queria para mim - disse ele com simplicidade.

- E você conseguiu? - perguntou ela. - Esta é a vida que você queria?

- É a vida que consegui - respondeu Rourke. - Assim como todo mundo. - Então, ele se afastou, encerrando a conversa.

Jenny também estava feliz por terem abandonado o assunto. Estava ficando muito pessoal. Ela não estava certa se queria entrar por esse caminho.

Eles arrumaram o equipamento de proteção. Então, ela limpou o revólver, seguindo passo a passo o que Rourke lhe ensinara, enquanto ele a observava, satisfeito.

- Então? Vai escrever sobre o que aconteceu aqui, hoje? - perguntou quando ela terminou.

Jenny foi pega desprevenida e tudo em que podia pensar era na sensação dos braços dele ao seu redor, enquanto a ajudava a acertar a postura. Ela não escreveria sobre isso tão cedo.

- Seria difícil encaixar uma lição de tiro em uma coluna sobre comida.

- Mas poderia se encaixar nas suas memórias.

Ela arrumou o cachecol ao redor do pescoço.

- Desejaria nunca ter falado nada sobre um livro de memórias.

- Por que não? Eu gostaria de lê-lo.

Como lera todos aqueles livros na casa dele, aqueles que ainda estavam com a lombada inteirinha, intocados, pensou ela.

Por que você iria querer ler as memórias de uma família de confeitheiros?

- Talvez por que eu queira saber o final da história.

- Não posso planejar o final.

- Mas, se pudesse, como seria? - perguntou Rourke.

- Não posso responder.

- Por que não?

- Precisaria de dias para pensar a respeito. Talvez até semanas, ou meses. - Esse era o

problema com o excesso de liberdade, pensou Jenny. Agora que estava completamente livre para escolher o que quisesse, não sabia direito o que faria.

- Bobagem. Todo mundo tem uma ideia de como quer terminar.
- Tem mesmo? Você tem? - Ela fechou o zíper da parca.
- Sim.
- E..?
- E talvez eu lhe conte algum dia.

Em algum momento, sem que Jenny percebesse, eles haviam parado de caminhar e estavam parados muito próximos um do outro, banhados pela luz amarela das lâmpadas do estacionamento. Ela podia sentir o calor do corpo dele. Quando levantou a cabeça, viu que Kourke olhava sua boca com interesse indisfarçável. O mero pensamento de que ele iria beijá-la quase fez com que seus ossos derretessem. Ela queria. Ela tinha medo. Ela queria.

A indecisão e o desejo deviam ter transparecido em seu rosto, porque ele segurou-lhe o braço e falou, num rouco sussurro:

- Jenny...

Ela olhou para ele, sob aquela luz pálida e misteriosa e se deu conta de uma terrível verdade: eslava apaixonada, caída de amor por Rourke. Quase podia ouvir o vento soprando em seus cabelos. E isso não era bom. Não era bom porque não funcionaria para eles. Ela já sabia disso. Terminariam magoando um ao outro. Ele partiria e ela ficaria presa naquela cidade para sempre.

Não conseguia pensar direito com ele parado ali, tão perto dela e olhando-a daquela maneira.

- Eu acho que... antes que nós... - Ela não queria colocar aqui com palavras. - Precisamos conversar, Rourke.

O sorriso dele tinha um traço de amargura.

- Nós já falamos demais.

Ele de fato pensava assim. Realmente parecia acreditar que nada mais precisava ser dito.

- Não vou me enfiar na sua cama como uma dessas tontas com quem costuma sair - disse ela.

- Não pedi a você que fizesse isso - avisou ele. - E, na verdade já se enfiou na minha cama.

- Sozinha - recordou ela.

- Porque quer. - Dizendo isso, ele se virou, caminhou até o carro e abriu a porta para ela. A noite estava gelada e haviam chegado naquela fase do inverno em que os dias eram tão escuros e a neve tão profunda que era difícil imaginar que haveria uma nova estação, ou mesmo que o sol poderia estar brilhando em algum lugar do mundo.

- Vou lembrá-lo daquela promessa - disse ela quando ele se sentou ao volante e ligou o motor.

- Que promessa?

Ela quase riu diante da expressão de pânico no rosto dele. “Rourke McKnight” e “promessa” eram uma combinação ruim.

- Você disse que me contaria como quer terminar, um dia - ela recordou. - Pessoalmente, acho que planejar as coisas é má ideia. - Ela parou por um momento e então entrou no assunto que estava pairando entre eles, sem ser mencionado, desde que Rourke a levara para sua casa, depois do incêndio. - Veja como foi entre mim e Joey. Os melhores planos podem mudar de rumo em um único instante.

Ela esperou pela reação dele. Esperou que ele dissesse que o que acontecera talvez fosse apenas uma prova de que a mentira e a traição podem destruir um inocente. Ela sabia que era isso que ambos pensavam.

A única reação de Rourke foi aumentar o nível de aquecimento do carro, virando o ar quente na direção dela.

Capítulo 10

Em um sábado pela manhã, Jenny e Rourke foram à Confeitaria Sky River. Ela precisava resolver algumas coisas no escritório e ele iria cobrir o turno de um policial que estava doente. Quando entraram, o sino sobre a porta soou e o abraço quente e fragrante da confeitaria os envolveu.

Mariel Elena Gale, a garota que estava atendendo no balcão, saudou-os com um sorriso. Ela era a empregada mais jovem da confeitaria e tinha um humor jocoso e um forte senso de independência. Mariel fora responsável por algumas deliciosas novidades, como os biscoitos em formato de cabeça de alce e os bolinhos de chocolate com açafrão na massa. Ao lado do bolo do dia, ela colocara uma placa onde se lia “Você quer um pedaço de mim?”

- Olá, Jenny, chefe McKnight – Mariel não pareceu nem um pouco surpresa ao vê-los juntos. – O de sempre?

- Claro.

Jenny serviu café em delicadas xícaras de porcelana.

- Estou um pouco desconfiada – admitiu ela – , agora que sei sobre seus dons para fazer café.

- Nunca vim aqui por causa do café – disse ele. – Achei que isso era óbvio.

Ela não sabia como responder a isso, então escapou para trás do balcão para certificar-se de que os condimentos estavam todos bem alinhados. Passar tanto tempo com Rourke a estava afetando de maneiras inesperadas. Coisas sobre as quais não se permitira pensar durante anos voltaram à superfície e, para sua surpresa, as lembranças ainda estavam muito vivas. E ela também se preocupava porque sabia que estava entrando em um terreno, na melhor das hipóteses, delicado. Na pior delas, perigoso. Precisava fazer alguma coisa diferente, mas se sentia congelada pela inércia e pela indecisão.

Enquanto estava de pé, no balcão, Jenny viu uma mulher deixar cair um guardanapo no chão, ao lado da mesa onde Rourke estava sentado, e logo inclinar-se para pegá-lo. Isso, é claro, não tinha nada demais, exceto pelo fato de que a mulher usava uma jardineira própria para esqui muito justa no corpo, de cor púrpura, e um suéter de lã angorá ainda mais justo, e não fazia nenhum segredo de seu interesse por ele. Jenny não conseguia ouvir o que estavam e conversando, mas, com certeza, a mulher estava achando Rourke muito divertido. Ele sempre exercera esse efeito nas mulheres, desde garoto. Nem precisava falar nada. Havia alguma coisa nele, e não apenas sua aparência de ídolo de matinês. Propositalmente ou não, ele transpirava uma sensualidade latente que parecia prometer noites intermináveis de prazer. Ou pelo menos era assim que parecia aos olhos de Jenny, que se viu obrigados a admitir que ela e a tonta de roupa de esqui compartilhavam o mesmo gosto.

Por sorte, o momento foi interrompido por Mariel, que pediu licença para servir dois pratos à mesa. O olhar da esquiadora não se desviou por um longo momento e, então, ela se afastou para juntar-se aos amigos que estavam prontos para partir.

O “de sempre” de Rourke era um *danish*, com recheio de creme e cobertura de tangerina, servido quente. E era exatamente isso o que ele estava comendo quando Jenny voltou para a

mesa.

- Desculpe-me – disse ele com a boca cheia. – Não consegui esperar. Isso é quase tão bom quanto sexo.

Ela relanceou olhar na direção da coelhinha em roupa de esqui púrpura.

- Eu diria que depende de como é o sexo. E vou mudar de assunto imediatamente. Ninguém quer o chefe de polícia da cidade falando assim.

- É verdade, eu sempre fui muito preocupado com a minha imagem.

O lugar estava cheio. Clientes entravam e saíam o tempo todo, levando pães de centeio ou uma torta especial para o jantar de domingo. Intérpretes turistas, alguns esquiadores e outros com motos de neve, tomavam café e planejavam seu dia nas pistas de esqui que se espalhavam pela Saddle Mountain, a montanha usada pelos esquiadores na cidade. Três homens idosos reuniram-se em sua mesa de sempre, no canto da padaria. Seus grossos sobretudos, cachecóis e gorros de lã foram pendurados em um cabideiro próximo.

Apesar de caos que estava a sua vida, Jenny sentia um forte senso de integração com a comunidade em momentos como aquele. As conversas dos clientes, os cheiros, a garota sorridente atrás do balcão, os sons agitados que vinham da cozinha. Tudo isso combinando criava uma atmosfera segura, familiar, atemporal. Embora toda a sua vida adulta até então tivesse sido consumida cuidando daquele lugar, ela se sentia grata pelo prédio antigo na praça central da cidade. Quando todo o rosto lhe fora tirado, a confeitaria continuava ali, de pé sólida, real, segura.

Ao mesmo tempo, Jenny sentia o peso da responsabilidade pressionando-a. Os dois baques emocionais seguidos por que passara, o falecimento da avó e logo depois a perda da casa, fizeram com que vacilasse. Mas tinha um negócio para tocar e empregados pelos quais era responsável. Disse a si mesma que deveria estar grata por ter a confeitaria da família, mas o fato era que, às vezes, se pegava pensando como seria sua vida se lhe tivesse sido permitido escolher. A confeitaria era o sonho dos avós, não o dela. Sentia-se desleal até mesmo por pensar uma coisa dessas, mas não podia evitar.

Rourke recostou-se em sua cadeira e olhou para ela.

- Adoraria saber o que está se passando em sua cabeça.

- Talvez eu não tenha nada na cabeça.

Ele riu.

- Está certo.

- Estava apenas me sentido ambivalente em relação a este lugar. Estou falando da confeitaria.

- Ambivalente? Que é isso?! Este é o lugar mais feliz da face da Terra. Esqueça a Disney. Olhe para estas pessoas.

Ela examinou os clientes, reparando em seus sorrisos e no prazer tranquilo em seus rostos.

- Eu apenas aceitei tudo sem questionar, acho. E sinto-me ambivalente porque vi todos os meus amigos partirem quando terminaram o ensino médio. É isso o que as pessoas fazem em uma cidade como esta: elas partem.

- Alguns de nós vêm para cá para ficar – ressaltou ele. – Eu, Olivia Bellamy e agora Greg. Sempre a invejei por ter crescido aqui, neste lugar.

Oh, meu Deus!, ela pensou. E aquilo não abria uma porta secreta?

- É mesmo? Você tinha inveja disso?

- É tão estranho assim?

- Minha mãe se foi quando eu era pequena e nunca conheci meu pai. Meus avós trabalhavam o tempo todo...

- E você sempre foi uma das crianças mais felizes e bem ajustadas que conheci.

Ela assentiu, porque entendia que, mesmo tendo tido uma criação pouco ortodoxa, aproveitara muito sua infância cheia de amor e segurança, rica de uma maneira que não tinha nada a ver com dinheiro. Rourke crescera no luxo, com criados, escolas particulares, acampamentos de verão e viagens à Europa. Ainda assim, ela sabia o quanto ele sofrera. Joey lhe contara uma vez, no segundo verão que passaram juntos. Jenny fora ao acampamento para assistir ao campeonato anual de boxe, e Rourke parecia ganhar todas as lutas. Embora a multidão torcesse por ele e o aplaudisse, não parecia haver alegria em suas vitórias. Na verdade, quando foi declarado campeão, Rourke saiu do ringue, vomitou em um balde e saiu andando com arrogância, incapaz de saborear sua vitória.

Naquela ocasião, Joey tocara no ombro dela e inclinara-se para sussurrar em seu ouvido:

- O pai bate nele.

Jenny ficou espantada.

- Tem certeza?

Ele assentiu, solenemente.

- Sou o único que sabe disso. E agora você.

Por isso, naquele momento, quando Rourke olhava para ela do outro lado da mesa e dizia que a invejava, ela entendia.

- Sinto muito – disse. – Gostaria que as coisas tivessem sido diferentes para você.

- Elas são diferentes agora.

Talvez, ela pensou. Mas ele ainda escondia coisas. Uma parte dele ainda era prisioneira do passado, permanecia refém da crueldade do pai e da indiferença da mãe.

Matthew Alger entrou na confeitaria para tomar seu café da manhã habitual, e Jenny percebeu que ele deixara a mesma gorjeta miserável se sempre. Matthew não era uma das pessoas preferidas de Jenny, e ela sabia que Rourke também não gostavam dele. Como encarregado de gerir o orçamento da cidade, ele costumava tornar o trabalho de chefe de polícia mais difícil. Rourke precisava ir até Alger com frequência, de pires na mão, sempre que precisava de algum tipo de fundo extra.

Zach passou pelas portas que separavam a cafeteria dos fundos da confeitaria e foi até a mesa do pai. Embora não conseguisse ouvir o que falavam, Jenny pôde perceber a tensão em ambos, pai e filho. Ela imaginou sobre o que seria a discussão, mas Zach costumava manter as coisas para si mesmo.

Zacha era um membro dedicado do grupo jovem que Rourke formara assim que se tornara chefe de polícia. Tinham acontecido vários incidentes de violência na escola secundária e Rourke estava determinado a fazer alguma coisa a respeito. Seu primeiro passo foi derrubar as barreiras entre gerações, visitando as escolas em que os jovens estudavam, ouvindo-os, descobrindo o que estava acontecendo em suas vidas.

Essa era outra das razões que o tornavam tão fora do comum. Sua vida pessoal parecia ocupar um lugar secundário quando comparada com a atenção que dava à comunidade. Alguns dos garotos do grupo jovem estavam indo às casas do pessoal antigo Indiam Wells para fazer vídeos com depoimentos sobre a história dos moradores. Outro grupo ficara responsável por pegar os pães dormidos na confeitaria e entregá-los no dispensário da igreja. Outra equipe de trabalho pintaram um mural na lateral de um prédio abandonado, nos limites da cidade. Naquele ano, uma turma iria criar uma escultura de gelo para o Dia dos Namorados,

E as crianças contavam coisas a ele. Talvez essa fosse a razão pela qual Matthew Alger não gostava de Rourke. Porque ele se preocupava com o que Zach poderia dizer a seu respeito. O rosto de Zach estava pálido e a expressão carrancuda quando ele deixou o pai e empurrou as portas de vaivém para voltar ao trabalho. Matthew, por sua vez, pegou um jornal velho de uma pilha, dobrou-o na página de palavras cruzadas e, apoiado no peitoral da janela, começou a trabalhar nelas.

Jenny voltou sua atenção de novo para Rourke, e seus olhares se encontraram por sobre a mesa.

- Acho que sei o motivo de tudo isso – disse ela.

- Do quê?

- Zach e Matthew.

Rourke deu de ombros.

- Não prestei atenção. Estava muito ocupada com o pão doce. – Ele deu outra mordida e sorriu beatificamente para ela.

O coração de Jenny bateu mais forte. Isso estava começando a parecer bom demais. Confortável demais. Romântico demais.

- O que foi? – perguntou ele, percebendo que ela o encarava.

- Preciso encontrar um lugar para morar.

- Você tem um lugar para morar.

- Escute, você foi realmente muito legal por me deixar ficar na sua casa, mas já estou abusando da hospitalidade.

- Quem disse?

- Eu disse. Para dizer o mínimo, estou empatando sua vida social.

- Talvez você seja minha vida social.

- Oh, sim, eu sou um barril de risadas – disse Jenny. – Estava me referindo às mulheres com quem você sai.

- Isso não é vida social – disse ele. – Isso é... – Ele parecia não conseguir encontrar uma

palavra para descrever aquilo.

Ela se controlou para não sugerir “transar por aí”.

Ele balançou a cabeça, negando, e disse:

- Você não está empatando meu estilo de vida.

- Você ainda não saiu com ninguém desde o incêndio.

- Mas isso foi somente há uma semana-ressaltou ele.

- E quando foi a última vez que você ficou uma semana inteira sem sair com alguém?

- Não mantenho um registro, mas, obviamente, você sim. Não sabia que se importava, srta. Majesky.

Ele sabia, sim, e estava se divertindo com tudo aquilo.

- Não posso ficar com você para sempre.

Rourke observou-a por um longo momento, com uma expressão indecifrável. Como ele conseguia se barbear daquele jeito?, ela se pegou imaginando. Era impecável. E agora que ela conhecia sua rotina, sabia que ele levava exatos dois minutos para isso.

- Não – concordou Rourke. – É claro que não.

Ela percebeu que o magoara. O que não contava, já que era ele quem a estava provocando.

- Você sabe – disse ela. – Eu poderia simplesmente ir embora e deixar tudo para trás. – Dizer aquelas palavras em voz alta fez com que Jenny se sentisse apavorada e animada ao mesmo tempo. Era assustador, porque a cidade e a confeitaria haviam sido todo o seu mundo. Mas ainda mais assustador era o fato de que ela finalmente estava estabelecendo algum tipo de ligação com aquele homem. Sim, ela pensou, isso era mais assustador do que partir. Se ficasse, ela teria que lidar com essa desconfortável colisão entre o passado e o presente deles.

Ele se inclinou por sobre a mesa.

- Você não pode ir embora. Precisa da confeitaria para que possa ter alguma sobre o que escrever.

Era isso o que ela mais odiava, o fato de que ele podia ler o que ia dentro dela.

- Boa, Rourke.

Ele jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Todas as mulheres no salão se viraram para olhá-lo e Jenny não as culpava. O que poderia ser mais sexy do que um homem grande e bonito às gargalhadas?

Está certo, havia uma coisa. Um homem grande, bonito, às gargalhadas e *nu*.

O sorriso se espalhou dos seus lábios para os pálidos olhos azuis.

- Falando sério agora, Jenny – disse ele, inclinando-se na direção dela novamente, como se estivessem em um restaurante intimista, e não em uma cafeteria lotada. – Eu realmente queria falar sobre uma coisa com você. Veja bem, eu estava pensando que poderíamos...

- Jenny? – chamou uma voz masculina profunda.

Nós poderíamos o quê?, pensou ela frustrada. Mas colocou no rosto um sorriso simpático e levantou-se.

- Philip – disse ela -, você deve ter tomado o primeiro trem.

Ele assentiu.

- Sei que você disse que não precisava de nada, mas eu tinha que vir.

E chegara na hora exata, pensou ela.

- Bem, estou feliz. Philip, este é Rourke McKnight. Talvez você se lembre de tê-lo encontrado no último verão, na comemoração das bodas de ouro dos Bellamy... E, Rourke, este é Philip Bellamy. Meu... – Pai. Ainda era impossível usar esta palavra. Pai significava muitas coisas que Philip Bellamy não era. Significava uma conexão entre um homem e sua filha que simplesmente não existia entre eles.

- É claro que me lembro. – Rourke levantou-se para apertar a mão de Philip. – Por favor, sente-se.

- Você realmente não precisava ter vindo – disse Jenny, sentindo-se ao mesmo tempo culpada e constrangida, como sempre acontecia quando estava perto de Philip. – No entanto, estou feliz por estar aqui.

A primeira vez que ela o encontrara fora num dia de gosto do ano anterior, quando ele simplesmente aparecera em sua porta dizendo que acreditava ser pai dela.

Simple assim. Num instante, ele resolvera o maior mistério da vida dela. Desde então, os dois vinham se arriscando em uma dança desajeitada, esbarrando um no outro, e depois recuando, tentando descobrir que tipo de relação poderia vir a ter.

Uma parte dela queria que a situação fosse tão simples quanto um belo cartão Hallmark. Então, ela abriria seu coração para ele e o incluiria em sua vida. Mas outra parte estava cheia de dúvidas. Afinal, tinha apenas a palavra dele dizendo que amara sua mãe e que quisera se casar com ela. Somente a palavra dele, dizendo que Philip não fazia idéia da existência de Jenny. E como ela não o conhecia, não sabia se podia confiar em sua palavra.

- Rourke está sendo muito bondoso e me dando abrigo em sua casa – explicou Jenny. – Temporariamente, é claro. Estávamos exatamente conversando sobre as minhas opções.

Philip sorriu para ela, satisfeito.

- Então, cheguei bem na hora – disse. Queria mesmo falar com você sobre isso.

Jenny já ia pedir a ele que explicasse melhor o que queria dizer quando Laura apareceu, vinda do escritório que ficava no andar de cima.

- Ouvi você aqui embaixo – disse ela para Jenny. – Olá, Rourke. Então, virou-se para Philip Bellamy: - Olá.

Philip levantou-se e segurou educadamente a mão de Laura, enquanto a cumprimentava.

- Laura, há quanto tempo!

Rourke também se levantou.

- Tenho que ir. Preciso resolver algumas coisas.

Talvez fosse verdade, talvez não. Jenny não saberia dizer se ele realmente tinha compromissos ou se estava fazendo uma retirada educada.

Antes de sair, Rourke afastou uma cadeira para que Laura se sentasse. Ela pareceu encantada pela gentileza e acomodou-se à mesa.

Não vá, pensou Jenny. Termine o que estava dizendo. Você queria falar comigo sobre...?

- Vejo você depois – disse ele. – Foi um prazer encontrá-lo – acrescentou com um aceno na direção de Philip.

- Foi alguma coisa que eu disse? Perguntou Philip, observando-o partir.

- Ele trabalha duro – respondeu Jenny.

- Ele já descobriu o que causou o fogo?- quis saber Philip.

- Um grupo de investigadores está trabalhando nisso – disse ela. – Era uma casa velha. Imagino que a causa tenha sido um defeito na rede elétrica. – Ela se ocupou retirando os pratos sujos da mesa. – Então, esta é sua primeira visita à confeitaria?

Ele e Laura trocaram um olhar.

- A primeira depois de muito tempo.

- Você já esteve aqui antes – disse Jenny. Um arrepio percorreu sua pele.

- Qualquer um que venha à cidade de Avalon visita a Confeitaria Sky River.

Então, Jenny notou a expressão no rosto de Laura.

- Vocês dois se conheceram... antes.

Laura simplesmente assentiu.

- Vivi aqui toda a minha vida. Conheci os Bellamy, incluindo Philip.

Ele olhou ao redor da cafeteria. Os esquiadores estavam recolhendo seus equipamentos, preparando-se para ir embora. Matthew Alger terminara seu café e as palavras cruzadas e também estava pronto para partir.

- Meu Deus! – disse Philip. – É quem estou pensando?

- Você também o conhece? – perguntou Jenny.

- Conheci, há muito tempo. – Philip levantou-se e se aproximou de Alger. – Eu o reconheci de imediato.

Os homens trocaram um aperto de mãos, mas claramente não era um cumprimento caloroso. Alger tinha um jeito de menino que fazia com que parecesse mais jovem do que realmente era. Tinha cabelo louro impecavelmente penteado em um corte rente à cabeça, estilo do ator Rutger Hauer. Era mais baixo do que Philip e não era bem-apeesoado, mas tinha certa presença. Ele cumprimentou.

- Como está o progresso na investigação do incêndio? – perguntou.

- A equipe que cuidou do resgate do que ainda poderia ser aproveitado acabou de terminar seu trabalho – contou ela, um pouco surpresa com o interesse dele.

- Tão rápido assim?

- Não havia muito a ser resgatado – disse Jenny.

- Zachary contou que você está tirando um tempo livre.

- Sim – respondeu ela. – Pelo menos estou tentando. Mas acabo dividida entre gerenciar a confeitaria e lidar com as consequências do incêndio.

- Bem. Espero que tenha conseguido salvar alguns daqueles insubstituível tesouros de família.

O comentário surpreendeu-a. Sentimentalmente, vindo de Matthew Alger?

- Também espero. Obrigada.

Depois que ele se foi, Jenny e Laura levaram Philip para uma rápida excursão pela confeitaria.

- Tudo isso começou com o pão de centeio da minha avó – disse Jenny – Talvez você saiba disso.

Ele negou com a cabeça.

- Mariska não falava muito comigo sobre o negócio da família

O que ela lhe contou? Imaginou Jenny. Que ela detestava isso aqui? Quer queria fugir? Quer ter uma filha não foi o bastante para segurá-la aqui?

- Vovó começou assando o pão na cozinha - comentou ela.

Jenny também sofria por isso, lembrando todas as vezes em que pensara a respeito do pai, desde que era criança.

- Você sabia – perguntou Philip – que o maior companheiro de pescaria do meu pai era seu avô?

- Sim, vovô me contou. – Jenny sentiu uma pontada de pesar. O filho de Charles Bellamy e a filha de Leo Majesky haviam se apaixonado e feito um bebê. Mas nenhum dos dois homens soubera disso. O pesar fisgou-a com mais força e ela rapidamente mudou de assunto.

- Daisy está trabalhando aqui agora, você sabia? – disse.

- Não. A mudança para cá, com certeza, foi um grande abalo na vida dela. É gentil da sua parte trazer Daisy para a confeitaria – Ele hesitou. – Ela está passando por um momento difícil por causa do divórcio do meu irmão.

Jenny desconfiava que havia mais a dizer sobre a sobrinha problemática, mas não o fazia, é claro. Jenny ainda era mais um estranha do que uma filha, para ele. Ela esperava que Daisy gostasse de trabalhar ali. Zach trouxera-a para conhecer o lugar durante a semana, e a menina parecera ansiosa para começar o treinamento. Jenny mal conhecia a prima, mas se apiedava dela. Alguma coisa acontecera na escola em Nova York, embora Jenny não soubesse exatamente o quê. A mãe de Daisy estava trabalhando do outro lado do oceano, e Greg Bellamy retornara com os filhos para a pequena cidade onde crescera. No meio do seu último ano na escola secundária, Daisy fora transferida para a escola de Avalon. Havia alguma coisa melancólica no jeito da menina. Talvez, à medida que Jenny a conhecesse um pouco mais, pudesse vir a compreendê-la melhor.

Ela os conduziu de volta à cafeteria.

- Dê uma olhada nisto – Havia uma parede coberta com autorizações, certificados. Jenny apontou o primeiro dólar que fora recebido na confeitaria e a primeira autorização que os avós haviam recebido do departamento de saúde.

E havia ainda fotografias. A maioria delas fora pendurada ali havia tanto tempo que Jenny já não prestava atenção a elas. Enquanto mostrava a confeitaria ao pai, ela se surpreendeu ao perceber o quanto o lugar parecia descuidado. Com certeza, uma renovação geral seria bem-vinda. Uma demão de tinta, talvez algumas gravuras na parede.

- O Avalon Troubador fez uma crítica muito favorável à confeitaria no primeiro verão em que abriram. Com o decorrer dos anos, fomos mencionados cinco vezes na seção “Escapes” do New York Times.

Philip checou o mais recente. “Refúgio nas montanhas Catskills, 160 quilômetros para o paraíso”

- Há sempre um incremento nos negócios depois de uma mentira como essa – disse Jenny. Ela percebeu que Philip estudava da foto dela de pé sobre um caixa atrás do balcão, ajudando a vó arrumar os biscoitos na vitrine. Jenny tinha cerca de 8 anos aquela ocasião, seu cabelo estava preso em duas tranças grossas e um sorriso torto e desdentado estampava-se em seu rosto.

- Antes do incêndio eu tinha muitas outras fotografias para lhe mostrar – disse ela. O de sempre, Natal e Páscoa, o primeiro dia no colégio, a primeira comunhão...

Philip pigarreou.

- Jenny, teria sido ótimo ver todas as suas fotos, desde criança, mas não é isso o que lamento. Em tudo que aconteceu, o que realmente lamento é ter perdido todos esses anos com você.

Ela não sabia o que dizer. O anseio dele pareceu alcançá-la, tocá-la intimamente em lugares solitários e ternos.

- Não é culpa sua – disse ela com voz rouca. Jenny engoliu com dificuldade e forçou um sorriso. – Por que você acha que ela nunca lhe falou a meu respeito?

- Não sei. Sua mãe era... – Ele sacudiu a cabeça. – Eu pensava que a conhecia. Achava que desejávamos as mesmas coisas. E realmente a amei, Jenny, mas alguma coisa mudou para ela. E não sei por que ela manteve você afastada de mim.

Jenny sentiu que Laura a observava.

- Tenho certeza de que ela teve suas razões – disse Laura.

- Bem, não há nada que possamos fazer sobre isso agora – disse Jenny. Ela mostrou ao pai a foto da mãe aos 18 anos, rindo para a câmera – Essa foi a foto que chamou a atenção de Olivia no último verão, a que a fez perceber que havia uma conexão entre nossas famílias.

Jenny nunca havia percebido que a foto de mãe era, na verdade apenas a metade de uma fotografia. Havia sido rasgada por alguém, anos antes. E que a pessoa que fora cortada da foto era Philip Bellamy. Foi somente quando Olivia encontrou uma cópia intacta da foto de Mariska e Philip juntos que ela percebera que havia uma longa história por trás daquela

imagem. Olivia havia encontrado a foto quando arrumava lembranças antigas dos acampamentos que Philip fizera, e a descoberta abriu a Caixa de Pandora do passado, trazendo novas pessoas para a vida de todos os envolvidos.

- Fico imaginando quem me cortou fora da foto – comentou Philip. – Imagino que tenha sido sua avó.

- Acho que nunca saberemos – disse Jenny. – A não ser que a minha mãe reapareça como por mágica, algum dia. – Ela observou a foto amarelada da linha jovem que nunca ficara mais velha do que era naquele momento. Era essa garota de quem Philip se lembrava quando pensava em Mariska?

- Escutem, vocês dois – disse Laura, com uma pressa súbita. – Preciso voltar ao trabalho – E saiu rapidamente pelas portas de vaivém.

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

Torta Xadrez

Ninguém sabe a origem do nome dessa torta. Certamente, não tem nada a ver com o jogo de xadrez. Minha avó conseguiu essa receita há décadas, de uma turista que viera do Texas para a queda das folhas no outono de Avalon. Não sei mais nada a respeito da mulher, a não ser que sua receita era chamada de “Torta Xadrez com leiteiro da Srta. Ida”.

Não desanime por causa do leiteiro. Essa torta é tão doce e de sabor tão intenso que você vai precisar de uma xícara de café das grandes para acompanhar.

Torta Xadrez com Leiteiro da Srta. Ida.

4 ovos

$\frac{3}{4}$ de xícara de sopa de açúcar

2 colheres de sopa de farinha

1 $\frac{1}{2}$ xícara de leiteiro

$\frac{1}{4}$ de xícara de manteiga derretida

Raspas de 1 limão

3 colheres de sopa de suco de limão

1 colher de chá de baunilha

1 base de torta de biscoito

Frutas vermelhas frescas para enfeitar

Em uma tigela grande, bata os ovos e o açúcar até a mistura clarear.

Acrescente a farinha e, depois, o leiteiro, a manteiga derretida, as raspas de limão, o suco de limão e a baunilha. Despeje a mistura sobre a massa de torta de biscoito, que já foi aberta em uma forma. Asse no forno a 180° por 35 a 40 minutos ou até que, ao enfiar uma faca perto do centro, ela saia limpa. Enfeite com frutas vermelhas frescas.

Capítulo 11

1977

- Oh, Laura, olhe para esta! Gosto desta foto, você não gosta? - Mariska Majesky entregou a ela uma fotografia que tirou de um envelope onde estavam várias outras, que ela acabara de pegar na loja de revelação em uma hora. – Eu realmente gosto do meu novo corte de cabelo.

Laura Tuttle estudou a foto com um entusiasmo que era, precisa admitir para si mesma, forçado. Durante todo o verão, enquanto Laura trabalhava na confeitaria no primeiro turno da madrugada, sua melhor amiga, Mariska, estava vivendo um romance de conto de fadas, com direito inclusive a príncipe encantado. Laura fora relegada ao segundo plano, e agora que o verão findava já estava cansada dessa situação. Mas fez uma cara animada e admirou a foto, que mostrava uma Mariska risonha e bronzeada e o belo Philip Bellamy segurando um troféu do campeonato de tênis. As colinas verdes e o lago tranquilo do Kioga apareciam ao fundo.

- Também gosto dela. – Ainda dissimulando seu descontentamento, Laura devolveu a foto. Uma brisa fresca soprou na ruela atrás da confeitaria, onde ela e a Mariska supostamente deveriam estar retirando os carrinhos vazios do furgão depois da última entrega.

Elas haviam feito uma pausa antes de voltarem para o calor com cheiro de fermento da confeitaria,

- Sabe de uma coisa? – disse Mariska, balançando a cabeleira com um atraente corte em camadas. – Mandei fazer uma cópia da foto. Agora vou encontrar uma moldura para ela. Philip voltará para Yale em poucos dias e esta é a nossa única fotografia juntos.

- Isso é porque vocês não deveriam estar juntos – alertou Laura.

- Não comece. – Os olhos de Mariska chispavam em advertência.

Laura podia lidar com o temperamento forte da amiga.

- Ele está noivo de alguém – lembrou.

- Sim, de Pamela Lightsey, que o abandonou por um verão inteiro para ir à Itália. Ela merece perde-lo.

- Você nem a conhece, como sabe o que ela merece ou não?

- Sei como ela é – insistiu Mariska. – Uma garotinha rica e mimada. Quando Philip romper o noivado, ela provavelmente comprará um novo BMW para se consolar.

- Isso não quer dizer que ela não sangre, do mesmo modo que você e eu – disse Laura. Ela não sabia por que estava defendendo Pamela Lightsey, uma estranha.

- Ah, Laura! - Mariska rolou o último carrinho para fora do furgão. – Fique feliz por mim e por Philip. Ele é tão, tão... tudo!

- Escute a si mesma! – Laura sentia-se como se fosse a adulta naquela amizade. Sempre fora. Mariska era o espírito livre, a ousada, que trabalhava com vontade, mas se divertia com mais vontade ainda. Laura era prática, que trabalhava com vontade e, então, continuava a

trabalhar com mais vontade ainda. Tão tudo.

- É a Philip que você ama! Ou ao dinheiro dos Bellamy?

- Não seja tola. Você não pode separar os dois. Philip é Philip porque é um Bellamy.

- Então se a família fosse a falência amanhã, e você tivesse que deixar de fazer a pergunta, porque, bem no fundo, sabia a resposta. E se Philip também soubesse, talvez não ficasse mais tão louco por Mariska.

Mariska riu, com aquela gargalhada sexy que a tornara a garota mais popular da Escola Secundária de Avalon. Na formatura, em junho, ela fora votada como a que tinha mais chances de viver de sua aparência. Mariska aceitava aquilo com tranquilidade, porque sabia muito bem que havia nela muito mais do que a bela aparência. Tinha uma incrível noção do valor do trabalho duro, por exemplo. Trabalhava em dois empregos, um ali, na confeitaria dos pais, e outro, de meio período, como vendedora na joalheria vizinha.

- O que vai fazer da vida depois que ficar rica? – perguntou Laura. – É sério! Você vai ficar tão entediada!

- Bobagem. Vou ver o mundo e comprar tudo o que quiser.

- E quanto a Philip? – Será que Mariska o conhecia de verdade? Imaginou Laura. Será que sabia que ele guardava metade do seu pão ou chocolate para comer mais tarde, ou que veria os Allman Brothers no Fillmore East, antes que Duane Allman fosse assassinado, ou que seus olhos se enrugavam nos cantos quando ele ria?

- E quanto a Philip? – ela suspirou. – ele é... Laura você tem que prometer não contar nada...

- Sobre o quê? – Laura franziu o cenho. – Onde ele se encaixa no meio de tantas viagens e compras?

- Mas é exatamente isso. Às vezes tenho medo de que vá acabar ficando entediada com ele.

Laura quis sacudir a amiga.

- Se você tem medo disso, então, por que está planejando seu futuro com esse homem?

- Deus! Você parece uma velha, uma estraga-prazeres – disse Mariska, franzindo o cenho e inclinando-se para checar seu reflexo no espelho lateral do furgão, e ajeitar o cabelo nas têmporas. – Eu nunca deveria ter lhe contado sobre nós. – Ela retocou o batom e recostou-se contra a lateral do furgão. – Não é verdade. Eu precisava contar para alguém. Faço segredo é bom demais para que eu o mantivesse apenas comigo durante todo o verão, e você é a única em quem posso confiar.

Apesar dos sentimentos que nutria por Philip, Laura se sentia privilegiada por Mariska ter confiado a ela os detalhes do seu caso de amor clandestino. Porque aquilo era provavelmente, o mais perto que Laura chegaria de ter ela mesma um caso de amor. Tinha a existência mais sem graça do planeta. Sua melhor fonte de drama e romance era Mariska, que vivia a própria vida como se fosse personagem de uma novela.

Infelizmente, personagens de novelas normalmente terminavam sozinhos e com o coração partido ou, no mínimo, com um terrível caso de amnésia.

- Escute – disse ela a Mariska - - eu realmente espero que tudo dê certo.

- Mas o quê?

- Eu não disse “mas”!

- Não precisava, ouvi mesmo assim. Mas o quê?

Laura respirou fundo.

- Estou apenas preocupada com o que vai acontecer com você agora que o verão terminou e Philip vai voltar para Yale. Ele pode...

Bem. Você sabe o que pode acontecer. É daí que vem a expressão romance de verão. Quando o verão termina, o romance também.

- Não para mim e Philip – insistiu Mariska. Laura mordeu a língua. Mariska e Philip eram de mundos completamente diferentes, e estavam enganando a si mesmos se pensavam que seria fácil ajustar suas vidas. Laura já vira isso antes. Pessoas com formações tão diferentes simplesmente não tinham o suficiente em comum para conseguirem ficar juntas. Cinderela e o Príncipe Encantado.

- Ainda não disse a ele, portanto, não diga nada você também.

Laura sentiu como se alguém tivesse lhe dado um soco.

O sorriso de Mariska transformou-se em uma gargalhada.

- Você deveria ver sua cara! Com certeza, está mais surpresa do que eu fiquei.

Porque você planejou isso, pensou Laura, repentinamente entendendo tudo com clareza. Embora Mariska alegasse que amor de que ela e Philip precisavam, aumentara suas chances ficando grávida. E, apesar de Laura não saber muita coisa sobre Philip, tinha certeza de que, além de ser o cara mais bonito do planeta, ele também era extremamente decente. Ele trouxera crianças do projeto para menores carentes Fresh Air para o acampamento e recebera um prêmio de presidente Carter por seu trabalho com os pobres de New Haven. Agora que Mariska estava grávida, ele nunca a deixaria.

- Eu, hã... não sei o que falar. Quero dizer, estou feliz por você.

- Laura sentia o coração apertado, porque não conseguia ver uma maneira daquilo funcionar. Mariska ainda nem era uma adulta completa. Ter um filho tão jovem era um erro.

Laura sentiu-se um pouco triste por causa dos Majeska. Eles haviam desejado formar uma família grande, mas, de acordo com a mãe de Laura, Helen tivera tantos problemas no parto de Mariska que quase morrera, e depois não pudera gerar outras crianças. Talvez por isso Mariska fosse tão mimada. Eles deram a ela tudo o que tinham. E esse era o problema com as pessoas mimadas, não importa o quanto você dê a elas, jamais as satisfaz. Sempre querem mais.

- Então, quando você vai contar a Philip? – perguntou Laura.

- Ainda não pensei a respeito.

- Mariska, você tem...

- Eu vou, prometo que vou contar, Mas acabei de descobrir. Você é a primeira pessoa quem contei...bem, quase.

- Quase? – Laura não gostou da forma como isso soou.

- Eu estava um pouco surpresa quando a clínica ligou para dizer o resultado do exame. Então, meio que deixei escapar para alguns fregueses da confeitaria.

- Oh, não!

- “Oh, não!”, mesmo. – Então Mariska riu novamente. – Você não vai acreditar em quem eram esses fregueses. O Sr. E a Sra. Lightsey.

Laura só pode balançar a cabeça. Obviamente, a novidade não havia escapado por acidente.

- Os pais de Pamela!

- Philip diz que eles são os melhores amigos dos pais dele. Os dois vieram para a cerimônia de encerramento no acampamento. Ele me contou que eles fazem isso todo o ano.

- E agora eles sabem, que você está grávida. – Laura sentiu um arrepio apesar do calor do verão. Aquele que o modo como Mariska agia. Ela iria manipular a situação, Laura tinha certeza. Certificar-se de que os pais de Pamela soubessem do resultado do seu exame fazia parte de algum trunfo que Mariska tinha guardado na manga.

- Eles sabem que é de Philip?

- Não importa. Assim que Philip se encontrar com Pamela, na próxima semana, em Yale, ele lhe dirá que quer romper o noivado. Então, se casará comigo antes que o bebê nasça e tudo ficará perfeito.

- A não ser por Pamela Lightsey.

- Ela ficará bem depois que comprar o BMW – disse Mariska lentamente.

Dois dias depois Laura estava podando os arbustos de flores, nos canteiros que ficavam na frente da confeitaria, quando ouviu o apito do trem e lembrou-se de que Mariska havia ido até a estação para se despedir de Philip. Alguns minutos mais tarde Mariska retornou à confeitaria, pálida e derrotada. Uma estranha, que Laura nunca vira antes.

O Suor porejava sob o lábio de Mariska. Ela cambaleava um pouco e segurava o estômago como se estivesse prestes a vomitar.

- O que aconteceu? – perguntou Laura, deixando de lado as tesouras de jardinagem. – Você está com uma aparência horrível.

Mariska arriou numa cadeira de uma das mesas do bistrô que ficavam na calçada em frente à confeitaria.

- Terminei tudo com ele.

- Não estou entendendo. – A cabeça de Laura estava girando de tão confusa. – Ele recebeu mal a notícia? Não quer ter nada a ver com o bebê?

- Não contei a ele sobre o bebê. – Havia uma sombra de desespero nublando os olhos de Mariska. – Ele nunca poderá saber, entendeu? Nunca.

- Não seja louca. Ele tem o direito de saber.

- Pare com isso, Laura. Eu juro, se você disser uma palavra...

- Ela apertou as têmporas. - Preciso pensar.
- Escute, há dois dias você estava planejando um futuro com Philip. Ele mudou de idéia?
- Não. Ele me implorou para não rompermos.
- Então, por que você fez isso? – Quis saber Laura, tentando entender o que realmente acontecera.

Mariska não respondeu. Ela deu uma risadinha, levantou-se da mesa e foi embora. Embora Laura a chamasse, Mariska não respondeu e continuou se afastando pela calçada, com a cabeça bem, erguida. Ela tirou alguma coisa da bolsa, rasgou ao meio, jogou o pedaço que arrancara na lata de lixo esmaltada em verde e continuou andando.

Laura não pode resistir. Foi até a lixeira para ver o que a amiga jogara fora. Era uma parte da bela foto de Mariska e Philip, cuidadosamente cortada ao meio. Sem hesitar, Laura resgatou a metade descartada. Com certeza, Mariska era rápida.

RECEITAS PARA LEMBRAR

JENNY MAJESKY

Pão da Amizade

Na confeitaria Sky River muitos dos nossos pães começam com o chef, a base do fermento natural. E o Pão da Amizade era um dos favoritos. Chamava-se assim porque o chef podia facilmente ser dividido entre os amigos, que eram convidados a criar seus próprios pães. Parece um pouco absurdo deixar um monte de ingredientes fermentando por dias a fio, mas, no fim, isso dá ao pão um sabor denso, especial. Essa receita rende bastante fermento para que você possa compartilhar com seus amigos.

Assim como pode também compartilhar a receita. Esta, em particular, é muito flexível. Você pode acrescentar frutas secas, nozes, essência de amêndoa ou especiarias em pó.

CHEF DO PÃO DA AMIZADE

3 xícaras de açúcar

3 xícaras de farinha

3 xícaras de leite

Primeiro dia: Em uma tigela que não seja de metal, misture 1 xícara de açúcar, 1 de farinha e 1 de leite. Mexa com uma colher de pau ou do plástico (não use colher de metal ou batedeira elétrica). Cubra a tigela levemente com um pano de prato. Mantenha à temperatura ambiente, não na geladeira.

Mexa a mistura uma vez por dia no 2º, 3º e 4º dia.

Quinto dia: Adicione mais 1 xícara de açúcar, 1 de farinha e 1 de leite.

Mexa a mistura uma vez por dia no 6º, 7º e 8º dia.

Nono dia: Acrescente mais 1 xícara de açúcar, 1 de farinha e 1 de leite. Retire 3 xícaras da mistura e dê uma para cada um de três amigos, com as instruções. Guarde o fermento que sobrar para você.

PÃO DA AMIZADE

1-xícara de chef 1 xícara de óleo

1-xícara de açúcar 1/2 xícara de leite

1-colheres de chá de canela

1/2- colher de chá de bicarbonato de sódio

2-xícaras de farinha de trigo

1 1/2 colher de chá de fermento em pó

1/2- colher de chá de sal

1-colher de chá de essência de baunilha

3 ovos

1-caixa de pudim instantâneo de baunilha

Misture bem o chef com todos os outros ingredientes. Unte duas formas de pão grandes e polvilhe-as com uma mistura de açúcar e canela. Despeje colheradas de massa nas formas. Pincele a massa com manteiga e polvilhe com o restante da mistura de açúcar e canela por cima. Asse no forno a 160°C por cerca de 50 a 75 minutos, ou até que esteja pronto.

Capítulo 12

Havia alguma coisa melancólica em relação á casa nova de Greg Bellamy. Jenny sentiu uma estranha tristeza assim que entrou na casa vitoriana de dois andares, na Spring Street. De fora, era uma das residências típicas de Avalon, alta, com telhado triangular, cercada pela neve alva e pelas árvores nuas, como uma tela em branco esperando para ser pintada.

Dentro era outra história. As coisas estavam espalhadas sem muito critério por toda parte. Caixas de mudança, as mais estranhas peças de mobília, uma pilha de correspondência no peitoril da janela. O lugar lembrava um hotel. Mas não era. Greg e seus dois filhos, Max e Daisy, estavam ali para ficar.

- Deixe-me pegar seu casaco — ofereceu Greg, ao recepcioná-la no vestíbulo.

Philip já estava lá, sentado em uma banquetta na bancada, segurando uma taça de vinho. Rourke também fora convidado, mas declinara, dizendo que trabalharia até tarde. E provavelmente era o que faria, mas Jenny também tinha a impressão de que reuniões de família não eram o programa preferido dele. Ela cumprimentou Philip com um sorriso hesitante. Também não estava certa se gostava de reuniões familiares, mas ao mesmo não tinha medo de dar uma chance a elas. Toda essa coisa de ter parentes deixava Jenny confusa. Ela crescera acreditando ser a única filha de uma filha única. E agora havia toda essa família de estranhos para conhecer.

- Isso é parta você. - Ela entregou a Greg o embrulho que trouxera. - Pão da Amizade. É para lhe dar as boas-vindas em sua nova casa.

- Puxa, obrigado. - Greg ofereceu-lhe um sorriso infantil. - Preciso de toda a sorte que puder conseguir.

Daisy e Max desceram as escadas com um floreio.

- Olá Jenny - disse ele. - Olá tio Phil.

Jenny estava ansiosa para conhecer melhor seu tio e seus primos. Eles tinham a aparência típica dos Bellamy: cabelo liso, belos dentes, boa postura e um encanto natural.

Daisy, que iria se formar no ensino médio naquele ano, era compreensivelmente complicada. Era loura, bonita e calada, e seus modos, quando cumprimentou Jenny e Philip, foram mais do que adequados. Max estava no quinto ano. Em alto, magro e cheio de uma energia inquieta, que ficava evidente em seu sorriso fácil e no entusiasmo sem fim.

Jenny lhes deu um recipiente com um pouco de chef e explicou como cultivá-lo e depois compartilhá-lo com os amigos.

- Então, em teoria, você pode continuar distribuindo-o em uma cadeia sem fim —concluiu ela.

- E se você não tiver vontade de fazer pão a cada dez dias? - perguntou Max. - Existe alguma maldição para quem quebrar a cadeia?

- Sim! Como você sabe? — perguntou Jenny. — Aparecem umas bolhas no couro cabeludo do membro mais novo da casa e ele precisa raspar a cabeça.

Max levou a mão aos abundantes cabelos castanho-avermelhados.

- Muito engraçado.

- Acho que você pode ignorar isso e descobrir por si mesmo - disse Daisy.

- Agora, falando sério - disse Jenny -, você pode colocar o fermento no congelador e deixá-lo lá indefinidamente.

Connor e Olivia chegam em um turbilhão de neve, trazendo um sopro de vento gelado. Enquanto eles cumprimentavam a todos, Jenny afastou-se um pouco e observou silenciosamente a dinâmica familiar. Para ela, era tudo tão novo. Olivia transbordava uma afeição natural pelo tio e pelos primos e, particularmente, pelo pai. Os dois compartilhavam um vínculo que só poderia ser fruto de uma vida inteira de intimidade. Jenny sentiu uma pontada não de inveja ou ressentimento, mas de tristeza, por ter ficado de fora dessa parte da família.

Ela sentiu que alguém a observava e, ao levantar o olhar, descobriu que era Connor. Ele era um homem grande, de uma beleza rude, que, como Jenny sabia, havia enfrentado suas próprias dificuldades na infância, ainda que parecesse feliz com Olivia e confortável consigo mesmo.

- Não se preocupe — disse ele como se tivesse lido seus pensamentos. - Vai se acostumar com tudo isso.

- Presente para a festa de inauguração da casa — disse Olivia a Greg, entregando-lhe uma bolsa de compras cheia.

- Esta é a terceira desde que nos mudamos para cá — protestou Greg. — Você precisa parar com isso.

- Não até que a casa esteja aconchegante — disse Olivia com uma risada zombeteira. — Isto aqui ainda está parecendo uma residência temporária,

Jenny podia perceber facilmente as outras contribuições de Olivia espalhadas pela casa. Havia uma manta de cashmere verde-musgo jogada nas costas de uma cadeira e, perto dela, uma almofada forrada com um brocado precioso. Os dois itens tinham a marca do gosto refinado de Olivia. Desta vez, seu presente fora uma pequena luminária de leitura, com a cúpula de vidro trabalhado, oferecida com a clara intenção de transformar a poltrona marrom e a mesinha lateral em um canto de leitura.

- Devo admitir - disse Greg - que você é boa no negócio. Deveria viver disso.

- Bom plano. - Olívia entregou o casaco e o cachecol a Max. Era mais uma brincadeira, é claro. Olívia realmente vivia disso. Era uma decoradora especializada em preparar propriedades para que fossem vendidas. Era tão boa em desmanchar, redirecionar e reorganizar que abriu sua própria empresa em Manhattan, chamada Transformations.

A decoração atual da casa de Greg, se é que aquilo podia ser chamado de decoração, era típica de um alojamento de rapazes. No lugar de uma mesa de jantar, havia uma enorme mesa de bilhar, ao estilo dos pubs londrinos, bem no meio da sala, com uma placa de compensado cobrindo sua superfície. A luminária onde se via escrito "Enjoy Budweiser" era feita de plástico colorido. Na parede havia um alvo para jogo de dardos e a lareira estava ocupada por uma churrasqueira elétrica.

- Para preparar cachorro-quente - explicou Greg.

- E marshmallows - acrescentou Max. - Nós chamamos isso de acampar dentro de casa.

Jenny não conseguiu decidir o que era mais forte, se a aparência de alojamento masculino, ou a de um acampamento. Em vez das comas habituais, eles tinham amplos sacos de dormir. Colocados sobre colchões nus.

- Eu estou quase convidando vocês para irmos comprar lençóis - murmurou Olívia para Daisy quando foram examinar o segundo andar.

Jenny perdeu a conta do número de salas, banheiros e quartos. A maioria estava vazio e sem aquecimento, com as portas fechadas.

- Graças a deus - disse Daisy - meu pai esqueceu algumas coisas. É bom começarmos do zero.

- Há lugar de sobra, Jenny. Você pode ficar conosco - disse Greg - pelo tempo que precisar.

Ela foi envolvida por uma sensação de aconchego e gratidão. Era isso o que uma família fazia: ficava unida, uns ajudando os outros. Mas, ainda assim, ela não conseguia confiar completamente na situação. Sem uma história compartilhada, era difícil comprar a ideia de uma família.

- É muita gentileza sua - disse ela. - Neste momento, está tudo uma loucura. - No entanto, Jenny achava que poderia haver problemas com esse tipo de arranjo. Greg era seu tio de sangue, mas eles eram estranhos um para o outro. Ele acabara de se divorciar e sua ex-mulher era advogada. Complicações demais, pensou. - Mas estou bem, por enquanto.

- É verdade - concordou Olívia. - Quem não estria bem com o chefe de polícia?

O rosto de Jenny imediatamente ficou vermelho.

- É um arranjo temporário. Totalmente temporário.

- Nós sabemos - disse Olívia.

Jenny ficou surpresa quando Laura Tuttle apareceu. Aparentemente, Philip a convidara.

- Trouxe uma torta — disse Laura, movendo-se com intimidade pela cozinha. E de repente estavam todos ajudando a colocar o jantar na mesa. Para Jenny era estranho e maravilhoso ao mesmo tempo sentir o ritmo de uma família novamente. O jantar era composto de espaguete, salada comprada pronta e pão da Sky River. Nada muito criativo, mas servido com fartura.

O ar de acampamento era reforçado pelos pratos descartáveis e talheres de plástico, embora Greg tivesse taças de vinho de verdade para os adultos.

Mais tarde, houve mais vinho, depois café e a sobremesa, uma torta Xadrez, também da Sky River. As crianças foram liberadas para ver tevê e os adultos voltaram a discutir a situação de Jenny. Todos queriam ajudar, e o pai mais do que todos.

- Não quero apressá-la ou pressioná-la, mas sei que este é um momento crucial para você — disse ele.

Para dizer o mínimo, pensou ela.

- Talvez você queira dedicar mais tempo a escrever — lembrou Philip. - Você é uma

excelente escritora.

- Você lê minha coluna? — ela perguntou.

Ele assentiu.

- Fiz uma assinatura do Avalon Troubadour e recebo o jornal em Nova York, por isso leio "Receitas para Lembrar" toda quarta-feira.— Ele sorriu diante do espanto dela e se serviu de outro pedaço de torta. - De qualquer modo, lá em Nova York, você pode conhecer pessoas do meio editorial e descobrir se quer não seguir a carreira de escritora.

Ainda surpresa, Jenny não estava certa de ter ouvido bem.

- É apenas uma coluna semanal, não um emprego em tempo integral.

- Por enquanto — ressaltou Philip. — Eu sempre quis ser escritor. No entanto, não parecia conveniente para mim.

- E parece conveniente para mim?

- Você ainda é bem jovem para correr o risco — disse ele.

Ela se sentiu confusa enquanto olhava para o pai e para a irmã.

- Obrigada. Estou lisonjeada por saber que você lê minha coluna. — Ela sorriu, tentando vencer a sensação de pânico que subia por seu peito. — Já me peguei imaginando várias vezes como seria ser uma escritora em tempo integral, talvez reunir minhas receitas e ensaios em um livro. — Pronto. Ela dissera. Contara seu sonho àquelas pessoas. A ideia de ser uma escritora sempre parecerá tão frágil e improvável, era um segredo que Jenny mantinha apenas para si mesma. Mas Rourke estava certo. Ao compartilhar seu sonho, ele ganhou forma e conteúdo, ficou mais forte.

E Jenny sabia que teria de trabalhar em tempo integral se quisesse reconstruir tudo o que fora perdido no incêndio. Embora o jornal tivesse suas colunas arquivadas, todo o resto — as coisas que ainda não publicara por estarem ainda muito cruas, ou por serem muito íntimas ou muito novas — se fora, e ela não sabia se conseguiria recuperar.

- Então, você deve esforçar-se ao máximo para isso — disse Olivia.

- É uma delícia ler seus textos — acrescentou Philip. - Adoro os vislumbres da vida na confeitaria. Sinto como se conhecesse seus avós, os fregueses habituais e as pessoas que trabalham lá há anos.

Estou orgulhoso de você. Nunca havia lido uma coluna de culinária antes, mas ultimamente venho vangloriando para todo mundo sobre os textos da minha filha.

Foi bom demais para ela ouvir aquelas palavras. Achava que nunca experimentaria tal sensação: o orgulho do pai por uma coisa que fizera. É claro que seus avós haviam reconhecido seus feitos, mas nenhum dos dois era um grande leitor de inglês. E agora aqui estava esse intelectual, Philip Bellamy, bastante orgulhoso para falar dela com os amigos.

- O que você acha de passar algum tempo na cidade? - perguntou ele interessado.

- Eu... — Jenny tomou um gole de vinho. Na cidade? Na cidade de Nova York? Ele estava brincando? Tudo bem, pensou ela. Fique fria. — Não sei... Não havia pensado nisso.

- Talvez devesse.

- Mas a confeitaria...

- Você poderia tirar uma licença.

Jenny já percebera há algum tempo que os Bellamy nem sempre entendiam como funcionava o mundo real.

- Não é simples assim. Não se pode tirar licença de uma confeitaria. Ela fica aberta sete dias por semana.

- É possível, sim — disse Laura. — Posso tomar conta do lugar enquanto você tira um tempo para si mesma.

Nunca houvera um tempo na vida de Jenny em que ela não estivesse envolvida com a confeitaria. Mesmo quando criança, todos os dias ela passava parte do seu tempo lá, varrendo o chão, empilhando tabuleiros ou, às vezes, apenas fazendo companhia à avó. Elas costumavam cantar juntas antigas canções em polonês.

Como se houvesse acontecido na véspera, Jenny pôde sentir o carinho que a mão da avó fazia no alto de sua cabeça.

- Você tem o emprego mais importante de todos — costumava dizer a avó quando ela era bem pequena. — E você quem me faz lembrar de por que eu faço pães.

Era mesmo uma lembrança adorável. E Jenny tinha consciência de que fora abençoada com muitas lembranças adoráveis. Ela procurava recordar sempre, que tinha muitas bênçãos na vida, incluindo toda a cidade de Avalon entre elas. Amava a cidade e amava a confeitaria, ainda que houvesse, sim, um anseio não realizado que eventualmente a assombrava. Terminada a escola, ela continuara a trabalhar na confeitaria e, a partir daí, tornara-se sua única proprietária. Tudo bem, não era uma vida ruim, mas talvez, apenas talvez, devesse agarrar essa chance de afastar-se, de viver uma vida diferente.

Mas agora? A pergunta não parava de importuná-la. Desde o incêndio, ela finalmente sentira uma ligação com Rourke. E talvez essa fosse a principal razão para dar as costas e fugir. Jenny tomou outro gole de vinho, esperando que os outros não percebessem as emoções que pareciam emanar dela. E então sentiu novamente. O pânico já conhecido, subindo por seu corpo como uma locomotiva ganhando velocidade. Deus, agora não, pensou. Por favor, agora não.

Tudo bem, disse para si mesma. Tudo bem. Podia simplesmente pedir licença, ir ao banheiro e tomar o comprimido. Sem problemas. Enquanto permanecia ali, sentada, sem expressão, lutando para esconder a angústia, um pensamento curioso conseguiu ultrapassar o atoleiro da sua ansiedade. Não sofrera nenhum ataque de pânico enquanto estava com Rourke.

Coincidência? Isso teria acontecido de qualquer maneira ou tinha alguma coisa a ver com o modo como se sentiu quando estava com Rourke McNight?

Greg, Olivia e Connor tiraram a mesa e foram cuidar dos pratos, deixando Jenny com Philip e Laura. - Eu quero entender.

Jenny se inclinou um pouco mais para diante, intrigada. Ele parecia querer esclarecer alguma coisa na sua frente. E Laura parecia querer encerrar a questão, mas sem perder a calma.

- Ela passou muito tempo longe — disse, olhando para Philip e Jenny. - E depois de se mudar novamente para cá, com Jenny, continuava a sair muito. Os pais dela ficavam mais do que felizes.

Jenny **189** significava ir a muitas festas. Ela sabia, por algumas coisas que ouvira os avós dizerem, que a mãe nem sempre voltava para casa à noite. Uma viagem de final de semana muitas vezes se esticava por toda uma semana, às vezes duas. Foi por isso que ninguém estranhou quando ela não voltou numa determinada noite. É claro que ninguém podia saber que aquela seria para sempre.

- Os Majesky eram maravilhosos - continuou Laura. - Eles deram a Jenny todo o amor do mundo. Uma criança feliz é uma coisa poderosa. É impossível ficar triste quando se tem uma garotinha rindo em seu colo.

Jenny tentou manter um sorriso no rosto. Sim, ela fora uma criança feliz, mas também uma garota que já aos 4 anos de idade, estava acostumada com o fato de que a mãe tinha o hábito de sumir.

- Quando as pessoas perceberam que ela não voltaria? — perguntou Philip.

- Não posso dizer exatamente. Talvez tenha sido depois de um mês, ou de umas seis semanas. Lembro de Leo falando com um policial, quando ele parou na confeitaria para tomar café e comer um doce, como fazia todo dia, que ela costumava ligar, mas que os telefonemas haviam cessado. Mais tarde, a preocupação se transformou em um informe oficial, que acabou virando uma investigação. De qualquer modo, fomos avisados desde o início de que, quando mulher adulta, com um histórico de ausências prolongadas e não explicadas, sumia, a maior possibilidade era de que ela tivesse feito aquilo por vontade própria.

Obviamente, a mãe de Jenny não quisera ser encontrada e trazida de volta para aquela cidade pequena onde nunca fora feliz.

A ansiedade tamborilava em seu peito. e Jenny pediu licença para ir ao banheiro. Lá, engoliu meio comprimido, a seco. Quando estava voltando para a sala de jantar, parou no corredor, do lado de fora da porta. Laura e Philip estavam inclinados por sobre a mesa, conversando compenetradamente, alheios a ela. Ela percebeu uma intensidade nas vozes deles que ficou onde estava, sem querer se intrometer.

- ... não sabia se veria novamente depois daquele verão - estava dizendo Laura. - Você visitou o Kioga com sua esposa e, alguns anos depois, com sua filhinha,

- Mas você sabia, Laura! Ele esvaziou a taça de vinho. - Meu Deus, você sabia!

- Havia coisas sobre as quais nunca falávamos a respeito. Você era uma delas.

- Por que não disse nada?

- Não cabia a mim dizer nada.

- Você em a única que poderia ter falado a favor de Jenny, e não disse uma palavra.

- Eu estava protegendo aquela criança — revidou ela.

- Que diabos quer dizer com isso?

- Pense um pouco, Philip. Jenny era uma garotinha extremamente feliz, que estava sendo criada em um mundo de amor e segurança. Eu não podia imaginar o que aconteceria se algum

homem estranho aparecesse de repente na vida dela dizendo que era seu pai. Pelo que eu sabia, você tinha o dinheiro e o poder dos Bellamy em quantidade suficiente para levá-la para longe de nós.

- De nós.

- Dos avós — emendou Laura e então acrescentou, com determinação: — E, sim, de mim também. Eu amava Jenny, mas não tinha como reivindicá-la, de forma alguma. E fiquei apavorada de perdê-la.

- Nós parecíamos tão monstruosos assim para você?

- Vocês pareciam ser uma família normal. E eu simplesmente não conseguia visualizar Jenny com vocês. Por que sua esposa a aceitaria? A filha de outra mulher. E sua filha, Olivia? Eu não fazia ideia se ela gostaria ou não de ter uma irmã. De qualquer modo, eu estaria brincando de Deus, com a vida de uma menininha, e não pretendia fazer isso.

Aquela menininha não existia mais, pensou Jenny enquanto tomava uma firme decisão. Era uma mulher adulta agora, e estava cansada de ter a vida controlada por medos e segredos.

Depois do jantar, Jenny voltou para casa dirigindo e automaticamente virou na Maple Street, antes de perceber que sua casa não era mais ali. Ela deveria voltar para a cama enorme, "confortável-demais-para-seu-próprio-bem", na casa de Rourke. Mas agora que estava tão perto alguma coisa a compeliu a passar pelo lugar, mesmo àquela hora.

Os pneus do carro estalaram quando passaram sobre a rua aberta de sal e ela preferiu estacionar o carro no meio-fio em vez de parar na entrada de carros coberta de camadas profundas de neve. A clareira vazia onde antes ficava a casa parecia incongruente. Havia um par de altos bordos na frente da casa. No outono, quando Jenny era pequena, a avó costumava varrer as folhas das árvores e juntá-las em uma pilha tão grande que ela podia pular nela e desaparecer. Agora, aquelas árvores pareciam deslocadas, como esqueletos nus, jogados de qualquer jeito no meio do nada.

Ela conseguia olhar direto através do quintal nos fundos da casa. Uma empresa de demolição começara a trabalhar logo depois de completado o resgate, e removera os escombros. Depois de limpo, o lugar ficou parecendo uma zona de guerra, com a terra negra e queimada.

Mas nevara na noite anterior e durante a maior parte do dia, e a cobertura de neve, literalmente, apagara todos os traços de que uma casa estivera de pé naquele lugar por 75 anos. Agora, tudo o que Jenny podia ver era um terreno branco e irregular, cercado por fitas de interdição. Sob a luz da lâmpada do poste, podia distinguir contorno. Rastros de coelhos atravessavam a área onde, ela imaginava, fora a sala de estar. Era ali que a avó costumava sentar à noite, para conversar com Jenny.

Antes do derrame, a avó fora uma grande conversadora. Adorava discutir sobre as coisas em detalhes intermináveis e amava responder a perguntas, Isso fazia dela uma excelente companheira, porque Jenny sempre fora uma garota cheia de perguntas.

- Como eram as coisas quando você era uma garotinha na Polônia? - ela costumava perguntar.

Esta era uma das perguntas favoritas da avó. Seus olhos ficavam mais doces e perdiam um pouco o foco, enquanto parecia se transportar para um lugar distante. Então, começava a

contar a Jenny sobre os tempos antigos, passados em uma aldeia chamada Brze'zno. Cercada por campos de trigo e bosques de plátanos, o ar cheio da música dos pássaros, do rugir apressado do rio e do som dos sinos

Quando Helenka tinha 16 anos, seu pai encarregou-a de levar a carroça cheia de trigo ou milho para ser moído no moleiro. Lá, ela conheceu o filho do moleiro, um rapaz forte como um touro, capaz de conduzir o moinho com apenas uma das mãos. E que tinha os olhos da cor de um ovo de pintarroxo e uma gargalhada tão alta e alegre que as pessoas quando a ouviam costumavam parar o que estivessem fazendo e sorrir.

É claro que ela se apaixonou por ele. O que mais poderia fazer? Ele era o homem mais forte e mais bondoso da aldeia e lhe disse que ela brilhava mais do que o sol.

Para Jenny, a história parecia um idílico conto de fadas. Mas ela sabia que, ao contrário dos contos de fadas, não houve um “e foram felizes para sempre” para os recém-casados. Apenas duas semanas depois do casamento os alemães começaram a Campanha de Setembro e ocuparam a Polônia. Os soldados invadiram a aldeia, queimando casas e lojas, assassinando ou recrutando todos os homens e rapazes fisicamente aptos, aterrorizando mulheres e crianças. Quando Jenny cresceu o suficiente para ser capaz de pesquisar sobre o massacre de Brze'zno, percebeu que a avó a poupou dos detalhes mais terríveis.

A única razão pela qual Helenka e Leopold escaparam da carnificina foi porque haviam sido mandados à capital do distrito para fazer o registro do casamento. Quando voltaram, a aldeia estava mergulhada no caos, e eles não encontraram suas famílias. Os que não estavam mortos, haviam fugido.

- No dia seguinte - contava a avó - , começamos a andar.

Foram necessárias muitas conversas e muitas perguntas até que Jenny entendesse que eles haviam abandonado a aldeia apenas com a roupa do corpo, um saco com maçãs secas e alguns poucos suprimentos, entre eles, a caixa com o chefe de pão de centeio que a mãe da avó lhe dera no dia do casamento.

Os alemães atacaram os poloneses pelo oeste e russos pelo leste. Para as pessoas que viviam na Polônia, cada rio e cada estrada tornaram-se um campo de batalha. Nenhum centímetro quadrado era seguro para nada, fosse cultivar o solo, criar filhos ou enterrar os mortos. Cerca de 6 milhões de poloneses morreram na Segunda Guerra Mundial. Os avós de Jenny tiveram sorte por escapar vivos.

- Para onde vocês caminharam? — ela costumava perguntar.

- Para o mar Báltico.

Quando Jenny era pequena, pensava que isso era o mesmo que andar até a loja da esquina para comprar um litro de leite. Mais tarde, aprendeu que os avós, que eram pouco mais do que duas crianças e nunca haviam deixado a pequena aldeia rural, viajaram centenas de quilômetros a pé até alcançarem o porto de Gdansk e pagaram por suas passagens com o suor do seu trabalho.

Às vezes, Jenny pensava nas pessoas que a avó nunca mais viu. Seus pais, os seis irmãos e irmãs, todas as pessoas que conhecera a vida inteira.

- Você deve sentir muitas saudades deles — costumava dizer.

- Isso é verdade — respondia a avó, — Mas eles estão aqui. - E ela pressionava a mão delicadamente sobre o peito. — Estão em meu coração, para sempre.

Jenny encostou-se no carro, fechou os olhos e pressionou os punhos sobre o peito, rezando para que a avó estivesse certa, para que não se perdesse realmente uma pessoa enquanto esta estivesse guardada em suas lembranças e em seu coração, sendo nutrida pelo amor que sentíamos por ela.

Ela respirou profundamente, abriu os olhos e piscou na noite fria. Não estava funcionando. Não havia nada em seu coração. Ela se sentiu oca e um pânico inexplicável ricocheteando dentro de si.

Um carro dobrou a esquina e iluminou a área com sua luz branca. Do outro lado da rua, uma cortina balançou na janela da casa da sra. Samuelson. Quando o visitante se aproximou mais, Jenny reconheceu Rourke McKnight. Ele encostou o carro no meio-fio, saiu e caminhou na direção de Jenny. O coração dela falhou uma batida.

Rourke ainda eslava vestido com suas roupas de trabalho, o longo sobretudo ondulando enquanto ele se aproximava.

Ela estremeceu e enfiou as mãos nos bolsos.

- Oi — disse.

- Oi para você também. — Ele olhou ao redor, no espaço vazio.

- Está tudo bem?

- Claro — disse ela, mesmo sabendo que a verdadeira pergunta era “O que você está fazendo aqui?”. — Eu, hã, dobrei nesta direção por engano. Você sabe, dirigir para casa estava no piloto automático.

- Ela deu um sorriso irônico. — São necessários alguns ajustes, nessa coisa de ser uma desabrigada.

Jenny não conseguiu aguentar olhar para a expressão dele, uma mistura de compaixão e bondade, e inclinou-se para observar o lugar onde costumava ficar a janela do seu quarto no segundo andar.

- Você sabia — perguntou ela — que quando eu era criança costumava descer da janela por aquele galho? — Ela apontou para o bordo. — Nunca fui pega.

- O que você ia fazer, saindo furtivamente?

Ela tentou imaginar a razão do tom um pouco irritado na voz dele.

- Depende respondeu, — Normalmente, eu ia encontrar com amigos na beira do rio, e ficávamos por lá mesmo. Às vezes, íamos assistir a um filme no drive-in, em Coxsackie. Não diria que éramos delinquentes ou coisa parecida, sempre tentei me manter longe de problemas, por causa dos meus avós.

- Gostaria que todos os adolescentes tentassem fazer isso — disse Rourke. - Assim, meu trabalho seria bem mais fácil.

- Sempre senti pena dos meus avós, por causa da minha mãe - explicou Jenny. A cada respiração, o pânico em seu peito regredia. - Ela partiu o coração dos dois. Sempre houve

uma certa tristeza neles, especialmente no meu avô. Quando os médicos o desenganaram, ele disse que talvez ela aparecesse para seu funeral. - Jenny bateu com o bico da bota na neve. Ela sempre achara que de algum modo, deveria compensá-los pelo abandono da mãe. - Como minha mãe nunca mais voltou para vê-los, prometi a mim mesma que nunca os deixaria. — Ainda muito nova, Jenny percebera que seu trabalho era manter a tristeza longe dos avós, e cumprira seu papel por anos. E era estranho, agora, não precisar fazer mais isso.

Ele ficou calado por alguns minutos. Ela fez a checagem do nível de ansiedade, como o médico sugerira. Momentos antes estava em nível 8. Agora baixara para um 6, talvez até mesmo um 4 ou 5, o que era um enorme alívio. Talvez fosse a metade do comprimido que tomara. Ou talvez estivesse deixando essa fase para trás.

- Havia várias caixas com informações sobre o desaparecimento da minha mãe - disse ela.
- Eles foram perdidos no incêndio.

- O departamento de polícia tem tudo arquivado — Rourke assegurou-lhe. - Se você quiser, posso checar e ver o que há guardado.

- Obrigada. Venho pensando mais nela do que de hábito, nos últimos dias. — Começou a nevar levemente. — É engraçado, mas uma parte de mim achava que ela voltaria depois da morte de minha avó.

- E por que isso é engraçado?

- Má escolha de palavras. Estranho é melhor do que engraçado, Foi estranho que eu pensasse assim. Quero dizer, se ela não voltou quando o pai ficou doente e morreu, nem quando a mãe teve o derrame e tivemos que declarar falência... se essas coisas não a trouxeram de volta, então era bobagem pensar que a morte de vovó a traria.

Ele não disse nada e ela ficou feliz por isso. Porque uma das conclusões a que se podia chegar era a de que a mãe não voltara porque estava morta. Jenny se recusava a pensar nisso. Se Mariska tivesse morrido, eles teriam sabido.

- O que é irônico — disse — é que Philip apareceu, praticamente do nada. Justamente quando eu achava completamente só no mundo, esse grupo de novos parentes aparece.

- Você nunca precisou ficar sozinha — disse ele.

As palavras e seu tom de voz a surpreenderam.

- Rourke ? — perguntou ela, delicadamente.

Ele pareceu cair em si, e, então, colocou novamente a máscara do policial cordial.

- O que quero dizer é que você é parte desta cidade — explicou ele. — Todos aqui a amam. Sua melhor amiga é a prefeita.

- Você está certo. Sou incrivelmente sortuda. — Ela respirou profunda e lentamente, deixando o ar encher seus pulmões. — Não há muita coisa que eu poderia dizer de bom sobre o que aconteceu - disse. — Eu me vi sem teto, sem família. Isso é uma coisa que não desejaria ao meu pior inimigo.

- Você não tem inimigos — ressaltou ele.

- A não ser que descubram que alguém ateou fogo à minha casa.

- Ninguém ateou fogo à sua casa.

- Bem, ao menos uma coisa boa resultou de tudo isso. Estar desabrigada abriu inúmeras possibilidades para mim.

- O que quer dizer?

- Posso começar do zero, em qualquer lugar que eu queira. —

Ela observou o rosto dele, mas não pôde decifrar o que passava em sua cabeça. — Por isso será tão difícil partir.

Ele não se moveu ou emitiu qualquer som. Na verdade, tudo estava tão quieto que Jenny podia ouvir os flocos de neve caindo no tecido da parca que usava. Ela aguardou, com a respiração suspensa, esperando a próxima pergunta dele.

Mas a pergunta não veio. Rourke simplesmente continuou parado, o rosto como que esculpido em pedra.

Talvez ele não tivesse ouvido,

- Eu disse que estou deixando Avalon.

- Ouvi o que você disse.

- E não tem nada a dizer sobre isso?

- Não.

- Rourke....

- É sua vida. Você decide. Não tenho direito de opinar.

Diga-me que deseja que eu fique, ela pensou. Diga uma palavra e não irei. Então, ela se sentiu patética. Se ele realmente dissesse isso, ela ficaria?

- Diga alguma coisa.

- O que você quer ouvir?

- Quero saber o que você acha do meu plano.

- E o que acho importa alguma coisa?

- Sim.

- Por quê?

- Porque você é importante para mim — ela deixou escapar. Então, horrorizada, recuou. — Você tem sido tão generoso! Muito generoso mesmo. Me sinto mal pela forma como fui inconveniente para você. Já me impus em sua vida por tempo demais. Não posso me mudar para dentro da sua vida, Rourke.

- Por que não?

- Porque está errado. Cada um de nós tem sua própria vida para tocar, e não podemos limitar o jeito do outro viver.

- Então agora estou limitando seu jeito de viver?

- Não! Meu Deus, como é frustrante conversar com você!

Ele não disse nada.

- Decidi ir para Nova York — disse ela. O impacto da decisão que tomara atingiu-a. Era a primeira vez que dizia aquilo em voz alta.

- Vou ficar no antigo apartamento de Olivia. Foi Philip Bellamy quem sugeriu. Ele quer que eu o conheça melhor, que encontre com suas irmãs e passe algum tempo com seus pais, meus avós e... não sei. Como o meu negócio está aqui, vou precisar reorganizar algumas coisas. Laura tomará conta da confeitaria e finalmente vou ter chance de levar a sério meus escritos.

Jenny sentiu-se estranhamente sem fôlego quando terminou de contar seus planos a ele. Era estranho falar a respeito. Ia mesmo acontecer. Ela realmente ia deixar o lugar onde nascera e crescera, onde vivera toda a vida. A menos que Rourke lhe desse uma razão para ficar. E por que, em nome de Deus, ele faria isso?

- Estou aproveitando a liberdade que o incêndio me garantiu.

- Para mim, soa como se estivesse fugindo. - Ele abriu a porta do carro para ela. — Encontrarei você na minha casa - disse.

Confusa, ela sentou ao volante.

- Vejo você mais tarde - acrescentou ele, inclinando-se um pouco para dentro do carro. - Coloque o cinto de segurança - ele lhe lembrou e então bateu a porta do carro.

Capítulo 13

Até agora. Daisy já fizera dois amigos de verdade na Escola Secundária de Avalon. E não precisara mentir para conseguir que gostassem dela. É claro que ocultara algumas informações. Não estava bem certa se isso era considerado uma mentira. Não, decidi. Não era. De qualquer modo, ela estava mantendo algumas cartas escondidas na manga. Para o futuro.

Era boa em guardar segredos. Por exemplo, quando seus pais começaram a dormir em quartos separados, um ano antes do divórcio, ela não comentava com ninguém, nem mesmo com o irmão menor. Ou quando Logan O'Donnell dissera que não queria que ninguém soubesse que estavam transando, ela guardara o que acontecera só para si, mesmo Logan sendo considerado o garoto mais sexy do Colégio.

É claro que o mais sexy não significa o mais esperto, como ela logo pôde descobrir. Só porque um garoto era sexy não significava que ele sabia como fazer sexo seguro.

No entanto, agora que olhava em retrospecto, da sua perspectiva atual, podia perceber claramente que ela é que fora estúpida naquele relacionamento. Mesmo sendo secreto, mesmo ela querendo tanto fazer aquilo que quase não se agüentava, deveria ter esperado dois segundos para se assegurar de que Logan realmente sabia como colocar uma camisinha.

Mas quem teria imaginado?, pensou. Por Deus, quem pensaria realmente que Logan O'Donnell, que estava indo para Havard, pudesse ser tão ignorante?

- Quer ir esquiar no sábado? - perguntou-lhe Sonnet.

Os três estavam indo para a casa de Sonnet depois do colégio para estudar para uma prova de história geral. Daisy não ligava muito para a escola, mas gostava de verdade de Zach e Sonnet, e mesmo que eles fossem estudar era uma chance de passarem um tempo juntos.

- Não posso ir a lugar algum no sábado - recordou-lhe Daisy. - Estou trabalhando, lembra-se?

- Você não perdeu tempo em conseguir um emprego! - disse Sonnet.

- Sim, bem, imaginei que se estivesse um trabalho remunerado minha família não iria me pressionar tanto a respeito da faculdade. No entanto, ainda não contei para minha mãe. - Ela quase podia ouvir a mãe: Uma Bellamy? Trabalhando como ajudante no balcão de uma confeitaria? Como se isso fosse uma grande desgraça.

- O que sua mãe tem contra trabalhar? - Perguntou Zach.

- Nada - disse Daisy. - Na verdade, essa foi a razão principal pela qual ela e meu pai se separaram, porque ela é viciada em trabalho. Com certeza, minha mãe passava mais horas na firma de advogados do que em casa. No ano passado trabalhou em um caso em Seattle e só a víamos em finais de semana alternados. Agora está na Hala e quase nunca bem a Nova York. Mas trocamos e-mails. - admitiu. - Email e telefonemas. Aliás, acho que nos falamos mais agora que ela está na Europa do que quando estávamos em casa. - Daisy gostava, na verdade adorava, essas conversas. Eram as únicas oportunidades de ter a atenção da mãe só para si.

- Ela provavelmente a respeitará por ter conseguido um emprego - ressaltou Sonnet.

- Ela gostaria que eu tivesse um emprego que, de acordo com ela, importasse. E para minha mãe isso significa um emprego que leve a algum lugar, como auxiliar de algum político, estagiária numa firma de corretagem, ou alguma coisa assim. Enfim, trabalhar para alguém que pudesse me dar uma boa carta de referência para a universidade.

- Jenny escreverá uma carta de referência para você - disse Zach.

- Sim, está certo... "Minha prima fez um excelente trabalho vendendo muffins e pãezinhos de canela" - Ela olhou para Zach. - Não que haja nada de errado com isso, mas minha mãe não acharia que é nada de especial.

- E não é - disse ele - Mas gosto de trabalhar para Jenny. E acho muito legal ela ser sua prima.

- Aqui estamos nós - disse Sonnet, parando diante de uma caixa de correio que estava meio enterrada em um banco de neve. - Lar doce lar. - Ela recolheu a correspondência e guiou-os pela calçaria até a casa.

A penumbra do final da tarde, a neve parecia ondular com sombras púrpuras e a casa branca de dois andares parecia saída de um tempo distante. Era uma construção incrivelmente simples, no meio de um terreno liso, branco por causa da neve. Daisy esperava que houvesse canteiros de flores ou arbustos sob a densa camada de neve, porque, caso contrário, o lugar provavelmente se qualificaria para um desses programas que transformam as casas, redecorando-as. No entanto, ela sabia que não importava muito como era a aparência da casa das pessoas. Seus pais não tinham apenas uma, mas duas belas casas - uma onde moravam em Manhattan e outra para os fins de semana em Long Island -, mas isso não fez com que fossem felizes.

- Minha mãe está doente - avisou Sonnet quando entraram juntos por uma porta lateral. - Ela voltou da conferência gripada.

Daisy ouviu o som de um rádio tocando em algum lugar da casa. Nina Romano parecia ser fã de Air America. Sonnet encaminhou-os para o que pareceu ser a sala de estar da família.

Nina estava no sofá, coberta por uma manta de tricô, com o rádio ligado e o laptop diante de si. Em uma mesinha lateral, havia uma variedade de canecas e remédios para gripe, uma caixa de Kleenex, um telefone comum e um BlackBerry. Ela levantou olhar e abriu um sorriso.

- Olá, garotos! Como foi o dia na escola?

Daisy precisou parar por um momento para se recupera da surpresa. Ela esperava que a prefeita da cidade fosse brusca e eficiente, como a sagaz bibliotecária da música "Marian, the Librarian", do musical The Music Man, com quadris estreitos e sapatos práticos. Em vez disso, Nina Romano parecia jovem demais para ter filha que já ia se formar no ensino médio. E era branca, embora isso não fosse surpresa, já que Daisy conhecera dois tios de Sonnet no colégio. Outra coisa que não surpreendeu Daisy foi que era linda de morrer. A julgar pela aparência de Sonnet, era de se esperar. No entanto, mãe e filha pareciam ter vindo de continentes distintos.

Sonnet fez as apresentações e Nina sorriu para Daisy.

- Não chegue mais perto — disse ela. — Eu peguei a mãe de todas as gripes e não quero

que vocês, crianças, fiquem doentes. Vinha mesmo querendo conhecê-la Daisy. Meu irmão, Tony, disse que você está na turma em que ele dá aula.

- É verdade.

- E ouvi dizer que você também já está trabalhando na confeitaria. Isso é muito bom!

- As notícias correm por aqui disse - disse Daisy.

- Você não faz ideia do quanto. Sabia que Jenny Majesky é minha melhor amiga? Nós crescemos juntas. — Nina virou-se para Zach. - E como vai você? — perguntou. — Não o tenho visto muito ultimamente.

- Eu aumentei minhas horas de trabalho na confeitaria.— Zach parecia levemente desconfortável, parado no batente da porta como se estivesse prestes a sair correndo. Daisy sabia que havia uma tensão entre o pai dele e a mãe de Sonnet, sem dúvida porque o pai dele, o atual administrador financeiro da cidade, estava cobijando o emprego de Nina. Zach não falava muito sobre o pai, mas Daisy tinha a impressão de que Matthew Alger era rigoroso e muito ligado em dinheiro. E ele, provavelmente, não ia gostar muito da idéia de seu filho estar ali, confraternizando com o inimigo, por assim dizer. Os três foram para a cozinha em busca de alguma coisa para comer, para depois começarem a estudar.

- Sua mãe parece uma universitária — disse Daisy a Sonnet.

- Ela estava com apenas 15 anos quando nasci.

Daisy não soube o que dizer. Sinto muito não parecia a coisa certa.

- O que aconteceu? — ela acabou falando, deixando a pergunta escapar, antes de decidir se devia ou não fazê-la. — Quero dizer, além do óbvio.

- Ela conheceu um cara da academia militar de West Point. Ele não sabia que ela era menor de idade. Minha mãe parecia muito mais velha do que os seus 15 anos. Agora ela parece muito mais nova do que os 31 que tem. Tenho muito orgulho dela.

- Não a culpo. Ela deve ser o máximo mesmo. Ir de mãe adolescente à prefeita da cidade! Mas você também é o máximo — acrescentou Daisy. — Terá apenas 16 anos quando se formar. Por que a pressa?

Sonnet deu de ombros.

- Não é bem isso. Fiz aulas dobradas de inglês e isso me deu créditos suficientes para terminar. Por isso não é como se eu estivesse apressando nada. Mas acho que estou sim com pressa de me mudar, de começar a faculdade. Minha mãe não diz nada, mas tenho a sensação de que ela está esperando isso acontecer para dar um novo impulso à própria vida.

- E quanto ao seu pai?

- Na verdade não o chamo de pai ou de papai. Isso implicaria em um relacionamento que não existe. Ele é... o cara de quem carrego o DNA. O cara que me fez birracial.

- E onde ele está agora?

Ela deu de ombros, o gesto casual provavelmente ocultando um mundo de dor.

- Ele trabalha em Washington, no Pentágono.

- O que ele é, algum tipo de militar vip?

- É isso o que dizem. E le também tem como troféu uma esposa que foi bolsista Rhodes da Universidade de Oxford e neta de um poderoso líder dos direitos civis, e eles têm dois filhos perfeitos, que parecem astro de cinema.

Mais uma vez, Daisy não soube o que dizer.

- Eu lido bem com tudo isso - apressou-se em explicar Sonnet. - Exceto...

- Exceto o quê?

- Exceto pelo fato de que algumas vezes não tenho idéia de quem sou. Eu vejo meu pai uma vez por ano, se tanto. Minha mãe é como a hippie da cidade. Uma sobrevivente de Woodstock.

- Ela deve ser mais do que isso, para ter sido eleita prefeita.

Eles abriram as mochilas e pegaram os cadernos. Daisy também pegou sua câmera, uma digital, com lentes Carl Zeiss. Ela ganhara como presente de aniversário no último verão e, desde então, descobrira uma nova obsessão. Na sua escola anterior, a única disciplina de que gostava era a de fotografia. Simplesmente amava tirar fotos, capturar um momento em particular, uma imagem ou mudança de luz.

Havia algo de cativante e estranhamente íntimo na forma como Sonnet e Zach estavam sentados à mesa, estudando juntos, implicando um com o outro de vez em quando. O ângulo de suas cabeças formavam uma curiosa simetria.

- Não liguem para mim — disse Daisy, acionando a câmera. - Só quero tirar algumas fotos.

O espaço entre eles formava o desenho de um coração, mas o resultado final não ficava bobo, porque a expressão de ambos era intensa. Daisy tirou algumas fotos e depois colocou a câmera de lado. Sonnet lhe ofereceu uma Coca-Cola, mas ela não aceitou. Estava faminta. Ultimamente vinha sentindo uma fome que parecia dez vezes mais forte do que a que se costuma sentir depois de fumar um bascado. E nas horas mais estranhas, também, da às vezes no meio da noite. Por isso, quando Sonnet pegou um pacote de batatas chip e um molho de creme azedo, Daisy mergulhou neles como se não comesse há dias.

Ela pediu um copo d'água. Assim que terminou de beber, todo o líquido já parecia ter ido direto para sua bexiga.

- Onde fica o banheiro? - perguntou, achando que ia estourar.

Sonnet apontou para o corredor.

Daisy saiu correndo. Ela passou pelo escritório, onde naquele momento, Nina falava ao telefone sobre alguma coisa que tinha a ver com as finanças da cidade.

As batatas e o molho foram um erro. Um grande erro, Daisy sentiu que eles voltavam por sua garganta de uma maneira que era como se um vulcão estivesse prestes a explodir.

Banheiro. Onde diabos era o banheiro?

Ela abriu com força uma das portas do corredor. Droga. Armário de casacos. Tentou a seguinte. Droga. Escadas para o porão. Quase em pânico agora, tentou a terceira porta. Também não era a do banheiro. Estava a ponto de explodir quando ouviu Nina dizer:

- No fim do corredor, querida.

Daisy correu. Ela não sabia o que era mais urgente, se a vontade de fazer xixi ou a de vomitar. Mas tinha que alcançar o banheiro.

Dez minutos depois. Pálida e completamente vazia por dentro, depois de ter se limpado e bochechado, ela saiu cambaleando do banheiro. Preste atenção, disse a si mesma. Vá para a cozinha e aja normalmente.

Ombros para trás, queixo erguido, ela voltou pelo corredor.

Quando passou pelo escritório onde Nina estava trabalhando, Daisy não vê-la. Já tinha quase passado quando Nina falou:

- Já consultou um médico, meu bem?

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

O paraíso em uma garrafa

A mãe que está amamentando deve tomar um pouco de alguma bebida alcoólica todo dia, desde que não tenha problemas com bebida. Um médico não lhe faria tal prescrição, mas minha avó e todas as suas amigas acreditavam nisso. Das um copo de cerveja toda a noite à mãe que está amamentando é bom para a produção de leite. E uma pequena quantidade não afeta o bebê, de forma alguma.

Minha avó nunca foi muito de beber, mas sempre tínhamos bebida alcoólica em casa por causa dos seus pão e doces. Xerez para os bolos Fanny Farmer, Triple Sec para o bolo de frutas, Kahlúa com sua grande variedade de usos, rum e, é claro, Irish Cream.

Décadas atrás, vovó descobriu uma receita para bolo em um rótulo de Irish Cream e vovô gostou tanto que terminou com o resto da garrafa. Mais tarde, eles puderam ser vistos, abraçados, no balanço da varanda.

Ela fez o bolo tantas vezes que já nem precisava mais consultar a receita. Esse bolo congela bem e é um belo presente.

Bolo Irish Cream

1/2 xícara de noz-pecã cortada em pedaços pequenos

1/2 xícara de coco ralado fino

1 pacote de 500g de mistura para bolo de baunilha

1 pacote de mistura instantânea para pudim de baunilha

4 ovos

1/4 de xícara de água

1/2 xícara de óleo vegetal

3/4 de xícara de licor Irish Cream

1/2 xícara de manteiga

1/4 de xícara de água

1 xícara de açúcar branco

1/4 de xícara de licor Irish Cream

Pré-aqueça o forno a 160 °C. Unte e enfarinhe uma forma de 25 cm em formato de anel. Espalhe as nozes cortadas e o coco uniformemente no fundo da forma.

Em uma tigela grande, junte a mistura para bolo com a mistura para pudim. Acrescente os ovos, 1/4 de xícara de água, 2/2 xícara de óleo e 3/4 de xícara de licor Irish Cream. Bata na batedeira por cinco minutos, em velocidade alta. Despeje a massa sobre as nozes na forma.

Asse por 60 minutos ou até que, ao enfiar um palito de dentes, ele saia limpo. Deixe esfriar na forma por dez minutos, enquanto prepara a cobertura. Para fazer a cobertura, misture manteiga, 1/4 de xícara de água e uma xícara de açúcar em uma panela. Leve ao fogo, deixe ferver e mantenha no fogo por cinco minutos, misturando sempre. Retire do fogo e acrescente 1/4 de xícara de Irish Cream.

Vire o bolo assado em uma travessa de bolo. Fure o topo e as laterais do bolo. Jogue a cobertura por cima e espalhe pelas laterais até que a cobertura seja absorvida.

Capítulo 14

1991

- Eu já me decidi — disse Nina aos amigos, que estavam esperando por ela do lado de fora da clínica onde fora conversar com uma psicóloga. - Vou tê-lo.

Jenny, Joey e Rourke sentaram-se silenciosamente no Volvo de Rourke. Como monitor do acampamento naquele ano, ele tinha direito a usar um carro. Ele e Joey tinham conseguido permissão para tirar uma folga naquela tarde. Uma brisa do rio soprava pelas janelas abertas. No rádio tocava "Alive", do Pearl Jam. Os três haviam esperado por Nina por mais de uma hora. Jenny achou que podia sentir os rapazes se contorcendo, embora na verdade não os tivesse visto se movendo. Garotas grávidas e clínicas de planejamento familiar não eram exatamente o assunto preferido dos rapazes. Com certeza. Jenny, por sua vez, recebera a novidade com um misto de emoções, mas, para o bem da amiga, sorria enquanto se ajeitava no assento e abria espaço para Nina entrar.

- Muito bem — disse ela. — Então, parabéns!

Rourke ajeitou o espelho retrovisor.

-Cinto de segurança -

Jenny manteve um olho em Nina e ficou tentando imaginar o que ela estava sentindo. Nina olhava para baixo, para o colo. Um instante depois, pegou alguns folhetos coloridos na bolsa e começou a examiná-los. Tinha 15 anos. Quinze! Ainda nem tirara a carteira de motorista, mas em breve teria que cuidar de um bebê 24 horas por dia, sete dias por semana, sem um marido para ajudá-la.

E realmente tendo o bebê. Jenny vira o filme padrão, que passava nas aulas de saúde na escola, e não gostara nada da parte de dar à luz. A ideia de um bebê inteirinho passando lá embaixo era... Jenny resistiu à ânsia de contorcer-se junto com os rapazes. Pelo amor de Deus, ela ainda ia ao pediatra! E até onde sabia, Nina também. Havia um tipo de médico chamado "ginecologista", mas ela nem sabia direito como pronunciar essa palavra e tinha vergonha demais para perguntar. Não ter mãe significava não ter alguém com quem esclarecer esse tipo de coisa. Ao menos Nina tinha mãe. Mãe que provavelmente ia ter um ataque quando Nina lhe contasse que estava grávida.

Os rapazes catavam calados. Joey olhava pela Janela e Rourke prestava atenção no caminho, de cara feia. Pelo espelho retrovisor, Jenny podia ver seu cenho franzido em concentração. Como sempre, Joey e Rourke eram um estudo de contrastes, tendo merecido o apelido de Bill e Ted, por causa dos filmes sobre os adoráveis idiotas que eram os melhores amigos. Rourke seria o surfista louro e bronzeado, enquanto Joey seria o de cabelo preto, olhos escuros boca cheia, como Keanu Reeves. Secretamente, Jenny achava que eles eram mais parecidos com Jay Gatsby e Nick Carraway, mas essa referência não seria compreendida pela maioria das pessoas.

Rourke olhou pelo retrovisor e pegou-a olhando para ele. Envergonhada, ela se ajeitou no assento e virou-se para olhar pela janela com um falso interesse. Jenny precisava ser cuidadosa em relação à Rourke. Porque, embora tivesse jurado a Joey que queria ser sua

namorada, na verdade estava perdidamente apaixonada por Rourke.

Apaixou-se no dia em que o conheceu, quando ele entrou em uma briga para protegê-la.

Jenny se perguntou se algum dia se acostumava com a aparência dele. Ela duvidava. Todo verão era a mesma coisa. O Kioga reabria ao público e Jenny ajudava o avô com as entregas da confeitaria. Ir até o acampamento era como entrar em outro mundo, um lugar idílico do passado. Ela sempre ficava impressionada com as pessoas que freqüentavam o acampamento. Lembravam-na de uma coisa que lera em um livro de F. Scott Fitzgerald - que fora leitura obrigatória no colégio, mas valera a pena porque ele era, na verdade, um escritor muito bom. Ele dizia "os ricos são diferentes".

E isso era verdade, por mais que Jenny não quisesse. Aquelas pessoas tinham um ar de autoconfiança e um estilo próprio. Sabiam muito bem quem eram e qual o seu lugar no mundo. O topo.

E cada ano ela pensava "Este será o ano em que Rourke vai estar diferente. Provavelmente, virou um nerd, ou está cheio de espinhas, ou cheirando a suor, ou se transformou num imbecil". Mas a cada ano ele provava que ela estava errada. Rourke aparecia ainda mais bonito e autoconfiante. E, além disso, era um cara legal. Naquele dia, quando Jenny lhe disse que ela e Nina precisavam de um favor, ele aceitara ajudá-las sem sequer pestanejar.

A verdade era que Jenny ficava procurando motivos para não gostar dele. Porque precisava não gostar. Principalmente porque ele nunca corresponderia aos seus sentimentos. Mas jamais conseguia. Embora Rourke fosse sério e brusco, era bondoso. E era lindo.

Basta, disse para si mesma. Sua obsessão por Rourke McKnight estava ficando pura e simplesmente assustadora. Ele era o Príncipe Encantado, bom demais para ser de verdade e tão inalcançável quanto à lua. No entanto, Joey era real, engraçado e de pés no chão, o filho do motorista dos McKnight, que ousava sonhar com uma vida melhor para si mesmo. Joey era o tipo de cara que uma garota podia apresentar à família sem se sentir embaraçada. Se Rourke era do tipo com quem as garotas sonham se casar, Joey era do tipo com quem elas realmente se casavam.

Jenny esticou o braço no banco do carro e deu um tapinha na perna de Nina.

- Você está bem? - perguntou.

Nina levantou o olhar, estava pálida e com uma expressão confusa.

- Estou completamente zozza, é assim que estou. - disse ela. - Já posso ouvir todo mundo falando "Ela era uma garota tão inteligente, de uma família tão maravilhosa. Tinha tanta coisa esperando por ela...".

- E agora você tem ainda mais coisas esperando por você - disse Jenny, lutando para encontrar algo positivo para dizer. - Você é inteligente, tem uma família incrível e vai ter um bebê. Minha avó costuma dizer que os bebês são a prova de que Deus existe.

- Olhe, essa idéia é mesmo muito linda, mas não estou me enganando. Isso não vai ser um piquenique.

Jenny concordava completamente, mas não se permitiu dizer isso. Também não trouxe à

tona os planos que ela e Nina vinham fazendo há anos. Haviam combinado que iriam conhecer o mundo quando terminassem o ensino médio. Depois, Jenny planejava conseguir um emprego sensacional e um *loft* em Nova York, e aproveitar a vida, como faziam as pessoas no seriado *Mad About You*. Nina planejava retornar para Avalon e comprar a pousada no lago Willow, um lugar que já fora um grande hotel e que ela sempre sonhara possuir. Jenny passaria todas as férias na pousada, onde trabalharia no seu romance. Agora, é claro, nada daquilo iria acontecer, e Jenny sentiu uma incômoda pontada de raiva por Nina ter destruído seus planos. Então, sentiu-se desleal e forçou um sorriso.

- Só porque é difícil não quer dizer que você não vá conseguir fazer.

- Tenho que contar para Laurence — disse Nina. — Ele vai detestar isso.

Joey virou-se para trás, apoiando o cotovelo nas costas do assento.

- Quer que demos um corretivo nele por você?

- Não, pelo amor de Deus, Joey. E, de qualquer maneira, vocês não conseguiriam dar um corretivo nele. Ele pratica defesa pessoal. Ele é de West Point.

Jenny encontrara-se com Laurence apenas uma vez. Era um afro-americano alto, de ombros largos, bastante intimidador, com sua cabeça raspada e sua postura de militar.

- Então, que diabos ele está fazendo saindo com uma garota que ainda está no ensino médio? - perguntou Rourke.

- Ele tem apenas 17 anos, assim como vocês, rapazes.

- Sim, e nenhum de nós dois engravidou você - disse Joey, desastradamente, tentando ajudar. E ganhando de Rourke um soco no braço.

- É o primeiro ano dele na academia. E, além disso, eu disse a ele que tinha 18 anos - revelou Nina.

Jenny podia entender perfeitamente bem por que Laurence Jeffries fora ludibriado. Nina, com seus belos olhos escuros e seu corpo formidável, possuía um talento especial para fingir que era mais velha do que a idade que tinha. Para seu crédito, Laurence havia desistido dela assim que descobriu como ela era jovem.

- Se eu lhe contar — disse Nina —, e ele agir de acordo com o código de honra, terá que informar aos seus superiores, e então será expulso. Portanto, talvez eu acabe não contando nada.

A sugestão arrepiou Jenny.

- Durante toda a minha vida desejei que meu pai soubesse a meu respeito. E continuo achando que tudo poderia ter sido diferente se minha mãe tivesse contado a ele. - Se esse fosse mesmo o caso. Ela não sabia com certeza. Talvez tivesse um pai em algum lugar que realmente soubesse sobre ela, mas não tivesse se importado o bastante para tomar uma atitude.

- Por que você iria querer que alguma coisa fosse diferente.— perguntou Rourke.

Boa pergunta. Era engraçada a forma como ele achava que a vida dela era perfeita.

- Eu apenas gostaria de saber. Isso é tudo - respondeu ela.

- Então agora vamos para West Point? - ele perguntou a Nina.

- Não — disse ela. — Tenho de ir para casa. Preciso pensar um pouco no que fazer.

Nina ficou calada durante o resto do caminho, folheando preguiçosamente os folhetos com informações que lhe deram na clínica.

No rádio, tocava "*Baby, Baby*", de Amy Grant.

Não demorou muito e chegaram à placa indicando a entrada para a cidade de Avalon, perto da ponte coberta.

- É melhor você encostar o carro - pediu Nina. - Vou vomitar. - Ela saiu cambaleando do carro, mas não vomitou. Respirou profundamente e fez um esforço visível para controlar a náusea.

- Você está bem? - perguntou Jenny, saindo do carro.

- Sim. - Nina pegou a bolsa e um pacote da clínica. - Quero ir andando pelo resto do caminho, até minha casa.

- Eu levo você de carro - disse Rourke.

- São apenas algumas quadras - argumentou Nina. - Preciso clarear minhas idéias antes de jogar essa bomba no colo dos meus pais.

- É justo.

Nina estava pálida, mas decidida.

- E vocês são os melhores amigos que alguém poderia ter. Não sei o que teria feito sem vocês.

Depois que ela se foi, Jenny, Joey e Rourke demoraram-se um pouco mais na beira do rio. Aquele era um dos lugares mais bonitos de Avalon, com sua antiga ponte coberta, os trilhos já quase escondidos, passando por cima do rio Schuyler.

- É tranquilo aqui — disse Joey. — Você tem sorte de viver num lugar como este.

- Hmm. Mal posso esperar para ir embora daqui — disse Jenny.

- Por que você quer partir? — perguntou Rourke.

- Por que este foi o único lugar que conheci na vida. Sempre quis a oportunidade de conhecer outros lugares. Viver uma vida diferente. Descobrir quem sou, além da garota da confeitaria.

Embora, Joey parecesse compreender, Rourke ficou encarando-a de um jeito estranho.

- O que há de errado em ser Jenny, a garota da confeitaria? As pessoas gostam dela.

- Sim, bem, talvez eu não goste dela. — Ela suspirou e ficou observando a água transparente correndo sobre as pedras. — Eu e Nina tínhamos grandes planos. Iríamos nos mudar para Nova York depois que terminássemos o colégio. Conseguir empregos. Agora ela vai ter um bebê, portanto, parece que estarei por minha conta.

Ela olhou para Joey e Rourke, ambos tão belos, tão confortáveis em relação a quem eram. Não sabia bem o motivo, mas sentia-se compelida a contar coisas a eles.

Todo tipo de coisas.

- Se eu contar uma coisa a vocês prometem nunca contar nada a ninguém?

Rourke e Joey trocaram um olhar.

- Prometemos.

- Quando Nina saiu da clínica hoje e disse que estava esperando um bebê, por um momento senti... sei que isso é uma loucura.. mas senti ciúme. Quer dizer, sei que um bebê é uma coisa assustadora, especialmente quando a gente é criança, mas, ao mesmo tempo, não pude evitar o que senti. E isso foi uma coisa feia.

Rourke deu de ombros.

- As pessoas pensam coisas feias o tempo todo. Isso só é um problema quando se age de acordo com esse pensamento. — Ele falou com um ar casual, embora Jenny suspeitasse que havia algum tipo de conhecimento muito forte por trás das suas palavras.

- Então, o que você pensa? — perguntou a ele.

- Sobre Nina ter um bebê? — Ele apertou os lábios, balançou a cabeça. - Como Nina disse, é escolha dela. Cara, eu nunca terei filhos.

- Todos os rapazes dizem isso - replicou Jenny. - Aposto que em dez ou 15 anos você estará empurrando um carrinho, ou talvez caminhando com um desses carregadores de bebê...

- Não Rourke - disse Joey.

- É isso mesmo - concordou ele. - Algumas pessoas nunca deveriam ter filhos.

Ela o encarou.

- Você quer dizer o seu pai.

- Eu não disse isso.

Nem precisava. — Jenny achava surpreendente o contraste entre a pessoa pública do senador Drayton McKnight e a forma como ele era em sua vida privada. Às vezes, ela não acreditava nisso, embora já houvessem lhe garantido que o cara era um canalha de primeira ordem. Quando o senador fazia uma aparição pública com a família, eles pareciam maravilhosos juntos.

O servidor público honesto, sua esposa adorável e o filho bonito e bem tratado. Mas com o decorrer dos anos Rourke lhe dera vislumbres da podridão por detrás daquela bela fachada.

- Eu também tomei uma decisão — disse ele.

Jenny e Joey se aproximaram mais, para ouvi-lo.

- Vou romper com meu pai.

- O que você quer dizer com “romper com ele”? — perguntou Joey.

- Vou viver por minha própria conta.

O pai de Rourke tinha grandes planos para ele. Era esperado que fosse para Colúmbia ou para Cornell. Para se formar com honras. E que carregasse a tradição da família. Isso parecia

muito bom para Jenny, mas Rourke tinha outros projetos.

- Você só está falando a respeito do que não quer — ressaltou Jenny. — Não quer ter filhos, não quer ir para Colúmbia, não quer seguir os passos do seu pai. Mas o que você quer?

- Eu tenho algumas idéias e nenhuma delas deixaria meu pai feliz. E isso é tudo o que vou dizer a respeito por enquanto.

- E quanto a você, Joey? — ela quis saber, percebendo que ele ficara muito quieto.

- Eu tenho um plano — disse ele. — Vou me alistar no Exército.

Jenny franziu o cenho.

- O Exército? Com campos de treinamento e essas coisas?

- Isso mesmo. Começo no próximo outono.

Ela não sabia nada sobre militares, a não ser pelos comerciais de tevê que diziam “Seja tudo o que você pode ser” e prometiam que a pessoa teria acesso a educação e ainda conheceria o mundo.

Jenny estava certa de que havia uma armadilha em algum lugar dessa história. Como ter que ir a lugares perigosos onde pessoas hostis estariam tentando matá-la. Ela se virou para Rourke:

- O que você acha do plano dele?

- Acho que Joey deve fazer o que quiser.

- Então, é isso o que você quer? — Jenny perguntou a ele.

Joey olhou-a por um longo tempo. Eles não se tocavam nem mesmo estavam muito próximos um do outro, mas ela sentiu o olhar cair sobre ela como uma brisa morna.

- Sim — disse ele. — Sim, é isso o que eu quero. Quero um monte de coisas.

A paixão dele por ela, ou o que quer que fosse, pareceu palpável, como se ele a tivesse acariciado. Jenny não pôde evitar um sorriso.

Joey sempre a fazia sorrir.

- Como o quê? — perguntou, esperando que ele percebesse que ela não estava zombando ou flertando. — Eu realmente quero saber.

- Quero ir para a faculdade. Portanto, ir para o Exército me garantirá isso.

- Por que quer ir para a faculdade? Achei que você detestasse o colégio.

- E detesto mesmo, mas essa é a melhor maneira de eu ser alguém. Quero ser capaz de me casar, de sustentar uma família. Você sabe todo o pacote de “e viveram felizes para sempre”. — Ele cutucou Rourke com o cotovelo e imitou o amigo. — E isso é tudo o que vou dizer por enquanto.

Receitas para lembrar

Jenny Majesky

Começando do Marco Zero

Muitas pessoas usa esta frase e entendem perfeitamente o que ela significa, mas apenas poucas conhecem sua origem. Começar do marco zero é começar do início, do zero. É começar do nada, sem nenhuma chance a seu favor, nenhuma vantagem inicial. Isso é o grau Zero, que é outra expressão que precisa ser explicada, mas talvez não aqui.

Em meados do século XVIII, “começar do marco zero” era um termo usado no esporte. Referia-se à linha de partida, normalmente marcada com um risco na terra feito por um galho pontudo. Isso seria o “zero”, o risco, o marco inicial. No críquete, o “zero” era a linha marcada na frente de cada tronco onde fica o rebatedor. E, finalmente, na luta livre, uma linha é riscada no meio do ringue e os lutadores têm que “vir até a marca” para começar a luta.

Nos dias de hoje, começar do marco zero é sinônimo de começar do nada, e, numa confeitaria, presume-se que alguma coisa que foi começada do zero é excelente. Pode-se adicionar sabor com apenas uma pitada de ervas. E não esqueça, lavanda é uma erva.

Tenha sempre um punhado de açúcar de lavanda à mão.

Biscoitos Marco Zero com Açúcar de Lavanda

2 xícaras de farinha de trigo

2 colheres de chá de fermento em pó

¼ de colher de chá de bicarbonato de sódio

¼ de colher de chá de sal

½ xícara de manteiga sem sal, gelada e fatiada em cerca de 12 pedaços

¾ de leiteiro

1 colher de sopa de manteiga derretida

1 punhado de açúcar de lavanda

Aqueça o forno a 230C. misture os ingredientes secos e a manteiga gelada usando duas facas ou um utensílio próprio para esse fim até alcançarem a consistência de uma farofa. Acrescente o leiteiro e mexa apenas até umedecer a mistura. Vire a massa numa superfície levemente enfarinhada.

Trabalhe a massa umas dez vezes, ou até que fique lisa. Abra-a até que esteja com cerca de 2cm de espessura. Corte-a com cortadores de biscoito de cerca de 12 biscoitos. Coloque-os num tabuleiro não untado, com espaço de cerca de 1cm entre cada um. Pincele os biscoitos com a manteiga derretida e polvilhe-os com açúcar de lavanda. Asse por cerca de 10 a 14 minutos, ou até que fiquem levemente dourados. Sirva quente, com manteiga.

Açúcar de Lavanda

1 Xícara de açúcar

1 fava de baunilha, partida em duas e cortada em pedacinhos

1 colher de sopa de flores secas de lavanda

Em um moedor de café ou de pimenta, triture 2 colheres de sopa de açúcar com as favas de baunilha. Transfira para um vidro. Então, triture a lavanda com a colher de açúcar restante até que se transforme em grãos finos. Misture tudo num vidro, feche-o bem e deixe descansar por cerca de 5 dias.

Capítulo 15

A mudança para Nova York ainda não parecia real para Jenny. Uma das razões para isso, ela admitia, era que estava sendo realmente difícil partir. Havia milhares de detalhes a resolver, questões que tinham a ver com os bens da avó, a casa e a confeitaria. Era impressionante o tempo que se leva para descobrir como repor um monte de coisas sobre as quais nunca se pensara antes, como certidão de nascimento, cartão de seguro social, todas as informações bancárias e financeiras. Ela sentia-se como se estivesse com uma cãibra permanente no pescoço de tanto estica-lo para tentar chamar a atenção de pessoas que não estavam com muita vontade de ajuda-la.

Em seu escritório, no andar de cima da confeitaria, Jenny mantinha os papéis em pilhas organizadas. Por alguma razão, a organização das pilhas agradava-a e a fazia se sentir menos ansiosa. Ela se perguntara se não estaria se tornando uma pessoa excêntrica.

Mas Jenny sabia que não estava se tornando excêntrica. Ela estava era protelando. Ia adiando tudo, inclusive sua tão sonhada viagem para Nova York, porque tentava evitar fazer uma coisa.

Mas não ia protelar mais, pensou, pegando o casaco e a bolsa. Isso não tornaria nada mais fácil. Quinze minutos depois batia na porta da frente da casa dos Alger. Era uma casa grande, no estilo rancho, com vista para o rio. A certa distância, parecia grande e imponente, até a mesmo pretensiosa. Mas de perto Jenny percebeu que a pintura estava descascada em vários lugares e que alguns tijolos aparentes se esfarelavam. A casa parecia negligenciada. Talvez isso tenha começado quando a esposa de Matthew o abandonou, de repente e sem explicação, anos antes. Esse era um dos motivos pelos quais Jenny sentia certa ligação com Zach. As mães de ambos haviam ido embora.

Quando ninguém apareceu à porta, Jenny sentiu-se frustrada e aliviada ao mesmo tempo. Era um adiantamento. Ela não precisava fazer aquilo naquele dia. Deu mais uma batida e apertou a campainha. Nada. Não havia ninguém em casa. Já era fim da tarde e todas as janelas estavam escuras. Quando ela já ia voltando para o carro, a porta foi aberta de repente.

- Jenny? – Zach Alger parecia ter saído direto da cama, com os cabelos desgrehados e o rosto vermelho. Usava um casaco em lã escocesa e bem maior do que seu tamanho.

- Algum problema?

Está certo, ela pensou. Vamos acabar logo com isso.

- Preciso falar com você, Zach.

- Tudo bem. Eu posso ir à confeitaria...

- Agora.

-Certo. Vou pegar minhas botas.

- Você não vai precisar das botas. Eu já dirigi toda a distância até aqui. Podemos conversar dentro da casa.

- Mas...

- É importante. – Por causa da insistência dela em ir para a cidade grande, Roucke lhe dera aulas de defesa pessoal. Um dos princípios básicos era a autoconfiança. Lidar com as situações como se estivesse no comando e não pudesse ser contestada. Ela testou o que aprendera, empurrando a porta e entrando na casa pisando forte.

O lugar estava gelado e seus passos ecoaram no chão nu. Jenny parou, momentaneamente esquecida da autoconfiança.

- Hã, há algum lugar onde possamos sentar e conversar? Alias, onde fica seu computador? Preciso lhe mostrar uma coisa.

Zach parecia estar passando mal. Era bem possível que já soubesse por que ela estava ali. Ele disse:

- O... hã... meu computador não está funcionando.

Ela poderia dizer o que queria mesmo sem o computador.

- Bem, então vamos apenas nos sentar.

Os ombros dele curvaram-se enquanto a levava por um corredor escuro, até a cozinha, onde uma luz fraca, cinza, entrava pelas janelas sem cortinas. Uma pequena pilha de caixas brancas de papelão da confeitaria estava espalhada sobre a bancada. Seguindo o olhar dela, Zach disse:

- Isso tudo eram pães e doces que haviam sido descartados, eu juro. E é tudo o que já trouxe para casa.

Não exatamente, pensou Jenny. No entanto, ela estava ficando cada vez mais confusa. Nunca estivera na casa dos Alger antes, ainda assim, o estado do lugar chocou-a. Estava gelado ali, e quase não havia mobília. Talvez fosse a falta de toque feminino, ela tentou racionalizar.

Mas não era isso. Até Greg Bellamy mantinha sua casa aquecida. Até mesmo Rourke, o solteiro comedor de bolos comprados prontos, tinha uma mobília.

- Zach, está tudo bem?

Ele indicou um par de banquinhos de três pernas na bancada.

- Podemos sentar aqui.

- Você não respondeu. Está tudo bem?

Ela tirou um CD da bolsa e mostrou-o a ele.

- Era isso o que eu queria lhe mostrar no computador. – Não viu nenhum computador por perto. E suspeitava de que não havia nenhum em casa. – No entanto, não precisamos ver isso. É o vídeo de segurança da confeitaria. E acho que você sabe o que há nele.

Os olhos de Zach brilharam em súbito alarme. Então, ele fez um esforço visível para se recompor.

- Não sei do que você está falando.

- É claro que sabe, Zach. – Jenny achou difícil falar. Sentia-se muito mal com aquilo. – Sou

a única pessoa que viu isso. Não assisti as gravações de todos os dias, portanto não sei quantas vezes essa cena se repetiu, mas a câmera não mente. Quando vi isso, foi como se tivesse levado um soco no estômago.

Ela assistira à cena vezes e mais vezes, certa de que estava cometendo um erro. Mas não, Zach premeditou tudo. Ele moveu um armário alto para tapar a frente da lente da câmera. Só que não sabia – ninguém a não ser Jenny sabia – que havia outras duas câmeras com as lentes voltadas para o balcão.

- Me ajude Zach – disse ela. – Por favor. Eu quero entender. O rosto dele estava pálido como a neve, os olhos de um azul opaco.

- Estamos quebrados – admitiu – meu pai e eu. E ninguém deveria saber.

É claro que não, pensou ela acidamente. Matthew Alger era um homem orgulhoso e, além disso, um aspirante a candidato a prefeito. Jenny podia ver claramente que era o tipo de homem que sacrificaria a segurança do próprio filho para manter as aparências.

- Se lhe serve de consolo, acho que ninguém sabe – disse ela.

- Por favor, não diga a ninguém. – a voz dele era baixa e urgente. – Ele me mataria se soubesse que contei a alguém – Ele apontou para a evidência na mão dela. – Eu ia devolver o que peguei assim que pudesse. – Ele se apavorou. – Você vai contar para Rourke?

A pergunta surpreendeu Jenny. Nunca lhe ocorrera levar aquilo a Rourke.

- Eu nunca faria isso. Não posso imaginar o que você estava pensando, Zach, mas sei que deve haver alguma explicação e estou aqui para ouvir.

Zach manteve os olhos no chão. A vergonha parecia emanar dele em ondas. Ele não era um mau garoto, Jenny sabia. Mas estava metido numa encrenca das grandes.

- Zach? – ela sussurrou.

- Ele, meu pai, vive dizendo que tem um esquema que vai funcionar, que só preciso ser paciente e tudo vai dar certo. Isso é tudo o que sei, juro por Deus.

Ela tentou imaginar como Matthew conseguiria se afundar num buraco tão grande. Ele não parecia o tipo de pessoa que se envolvia com drogas ou álcool, mas algumas pessoas eram peritas em esconder essas coisas.

- Jogos online – murmurou Zach como se tivesse adivinhado o que ela estava especulando. – Ele é viciado nisso, ou algo assim. É uma loucura, você sabe, mas ele não consegue ficar longe. Se ganha um pouco, passa a agir como se estivéssemos bem de vida. E, então, perde o que ganhou, e mais um pouco. Tudo começou no outono passado, e só vem ficando pior. Portanto, na verdade o computador está funcionando. É a única coisa que ele ainda não empenhou ou vendeu.

- Sinto muito – disse Jenny. Tinha apenas um conhecimento vago desse tipo de vício, mas sabia que as pessoas podiam ter grandes problemas por causa dele. – Não sei o que dizer, a não ser que precisa convencê-lo a buscar ajuda para o problema. Você não pode se comprometer apenas para tirá-lo de um aperto, compreende, Zach?

- Ele não sabe que peguei dinheiro da confeitaria. Mas eu precisava pagar a conta de gás.

- Vamos fazer uma coisa. Vamos dar uma olhada nas contas domésticas. Vou cuidar delas,

assim você não congela até a morte.

- Não posso deixar você...

- Mas vai deixar, portanto, não perca seu tempo argumentando.

Ele respirou fundo e a tensão pareceu esvair-se de seu corpo.

A expressão no rosto do rapaz trouxe lágrimas aos olhos de Jenny.

Tudo o que ele precisava era de alguém que o entendesse, que mostrasse um pouco de compaixão.

- Zach, quando foi à última vez que você teve contato com sua mãe?

- Nós não conversamos – ele se apressou a dizer. – Ela tem, digamos, uma vida toda nova na Califórnia, e está esperando um bebê e tudo. Não vou contar a ela sobre isso.

Jenny cerrou os dentes, frustrada.

- Só quero ajudar – disse – Mas preciso de um mínimo de cooperação da sua parte. Para começar, você precisa prometer que vai falar com seu pai, vai fazê-lo procurar ajuda.

- E você acha que já não fiz isso?

- Continue fazendo. Não desista dele, Zach.

- Está bem – disse ele, parecendo cansado e bem mais velho do que realmente era. – Mas já sei o que ele vai dizer: que só precisa de um pouco mais de tempo. Há uma fortuna acumulada com o nome dele escrito nela, e assim que ele puser as mãos nessa fortuna não vamos mais precisar nos preocupar com nada. – Finalmente, Zach ergueu o olhar para ela. Seus olhos, aqueles extraordinários olhos pálidos, guardavam um mundo de dor. – Está certo – disse, por fim.

Capítulo 16

Daisy fora criada para esperar muito de si mesma, mas ainda assim nunca chegara a lugar algum e sempre conseguira desapontar-se vezes sem conta. Por isso, o trabalho na confeitaria fora uma surpresa. Gostava de trabalhar lá, e era boa no que fazia, o que era uma novidade em sua vida. Isso a fez perceber que talvez o problema não fosse ela. Talvez o problema fosse tentar viver de acordo com as expectativas de outros.

- Você parece feliz – disse Zach, que estava levando carrinhos para fora, para serem colocados no furgão de entregas.

- E estou – disse ela, saindo para o dia frio de inverno com ele. – Quero dizer, parece loucura, mas gosto de tudo em relação a trabalhar aqui. Dos cheiros, dos outros empregados, dos clientes. E isso é fantástico.

Ele sorriu para ela.

- Você está certa... é loucura.

- Se é, então é um tipo bom de loucura. E o engraçado é que tive um monte de empregos e detestei todos eles. Sabe, na minha escola, em Nova York, tínhamos de fazer rodízios para explorar diferentes carreiras. Mas todas tinham que ser o tipo “certo” de carreira. Wall Street, relações públicas, direito, o Poder Legislativo. De modo algum eles mandariam alguém trabalhar em uma confeitaria.

Ele desceu da traseira do furgão e trancou-o. Haviam decidido passar o intervalo do trabalho dando uma caminhada, porque Daisy queria tirar algumas fotos. Assim que começaram a caminhar, Zach pegou um cigarro. Ela o arrancou da mão dele antes que ele pudesse acendê-lo.

- Ah, não, você não vai fazer isso – avisou.

- Que ótimo! Então você é algum tipo de não fumante radical.

- De ex-fumante – admitiu ela

- Você?

Daisy sabia o que ele estava pensando. Ela parecia a garota americana típica, que fazia nada de errado. Era por isso que conseguia escapar impune de tantas coisas.

- Bem, aqui vai à parte estúpida – disse ela. – Não apenas eu sabia que o cigarro me mataria como também acreditava que deixaria meus pais loucos.

- E funcionou? – perguntou ele. – Você conseguiu deixá-los loucos?

- Não – respondeu ela, com uma risada amarga. – eles enlouqueceram um ao outro. A mim, eles simplesmente ignoram.

- O divórcio fazia aquilo com os filhos, não importava o quanto as pessoas tentassem torná-lo suportável. A verdade era que, quando um casal estava empenhado na batalha emocional inerente a uma separação, os filhos eram deixados de lado.

Eles pararam no parque municipal, que era um estudo em preto e branco. A cerca, os

bancos e as mesas de ferro fundido contra a neve. Os tubos de aço do conjunto de balanços. O granito preto da estátua do fundador de Avalon. Daisy pegou sua câmera. Zach pegou o cigarro e acendeu-o.

Ela agiu como se não estivesse impressionada, embora não pudesse deixar de perceber o quanto ele parecia sexy com aquele jeito de bad-boy.

- Encoste-se naquela árvore – disse ela. – Vou tirar uma foto de você.

Ele deu de ombros e fez o que ela pedira. Estava acostumado com a mania dela de tirar fotos e agora já conseguia relaxar diante da câmera.

Daisy tirou mais algumas fotos. Zach tinha um rosto interessante. Anguloso, mas contrabalançado por lábios cheios e pelo impacto daquele cabelo liso e de um louro quase branco. Envolto em uma nuvem de fumaça de cigarro, ele parecia intenso e, por alguma razão, triste.

- Muito Juventude Transviada – disse ela, capturando-o de perfil, com o olhar perdido em um ponto que ela não podia ver, uma espiral de fumaça se erguendo da ponta do cigarro.

- O que é isso?

Tudo bem, isso era uma coisa com a qual ela precisava se acostumar. Os garotos da outra escola entendiam todas as referências que ela fazia a filmes e livros. Ali em Avalon, várias vezes tivera que explicar algumas coisas.

- É um filme antigo sobre um adolescente de classe média se rebelando sem motivo. – Agora Daisy parava para pensar, aquilo parecia familiar demais para que ela se sentisse confortável. – Um adolescente que fumava sem parar – acrescentou.

- E o que fez você parar? – ele perguntou.

- Alguém que conheci no último verão – Ela baixou a cabeça, ao perceber que sorria. – Julian Gastineaux.

- Um namorado.

- Nada parecido com isso. – Ela deixou de sorrir.

Julian, certamente era bem bonito para ser um namorado em potencial. Mas, assim como Daisy, ele não estava procurando por isso quando se encontraram.

- Trabalhamos juntos no Kioga – ela explicou a Zach. – No entanto, ele voltou para Califórnia. Como Sonnet, Julian era birracial. E também lindo, mas tinha uma vida incrivelmente triste.

Ele e Daisy trocavam e-mails todos os dias. Às vezes, duas vezes por dia. Outras vezes, seis vezes por dia. Mas... namorando?

- E tudo o que ele queria – ela contou a Zach – era ir para a faculdade e aprender a ser piloto. De qualquer modo, foi ele quem me fez ver como eu era estúpida por fumar. Fizemos um tipo de ritual, queimando meu último maço de cigarros. Porque percebi que a única pessoa a quem estava magoando era a mim mesma.

- Se você espera que eu diga “Oh, fiquei entusiasmado, vou parar”, você está errada.

- Não espero que você faça nada. – Teria sido bom, pensou Daisy, se livrar-se do cigarro e

da maconha tivesse sido seu grande momento. Bom e perfeito. Sua rebelião adolescente concluída com uma atitude positiva. Mas não funcionara desse jeito, porque as coisas que a enlouqueciam não terminaram. Daisy sabia que não era coincidência que tivesse começado a transar sem proteção com Logan O'Donnerll no mesmo dia em que a mãe anunciara que iria trabalhar do outro lado do oceano por um ano.

- Meu pai costumava a trabalhar no Kioga – disse Zach.
- Eu não sabia disso.
- Pois é. Faz muito tempo.

Daisy abaixou a câmara e estremeceu. Quando a mãe de Sonnet, Nina Romano, lhe perguntou se já fora consultar um médico, ela se sentira como uma gazela diante de um par de faróis. E é claro que sua reação aturdida a traía.

Oh, mas ela tentara disfarçar. Dissera:

- Não sei do que está falando.

Nina – Deus, a prefeita Romano – não a pressionara. Em vez disso, escrevera um nome em um papelzinho e disse:

- Imagino que sendo nova na cidade você gostaria de encontrar um bom médico.

Desde então, Nina já discara o número tantas vezes que decorara. No entanto, assim que uma voz dizia “consultório do dr. Benson”, ela desligara. Estava sendo completamente estúpida. Todo dia ela adiava o momento de tomar uma decisão, e suas opções vinham diminuindo.

- Você está bem? – perguntou Zach. – Parece tão pálida.
- eu?
- Há alguma coisa errada?

Por alguma razão, aquilo foi o limite. Por tempo demais Daisy manteve o controle de si mesma. Qualquer um que olhasse para ela veria uma garota comum da escola de ensino médio, mas por trás daquela aparência bem-apeçoada de americana típica estava uma garota que mal conseguia manter a sanidade. Ela sentiu o controle se esvaindo e começou a rir por causa disso. E quanto mais Zach a olhava espantado, mais engraçado tudo parecia.

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

O aroma do gengibre

Assar biscoitos é bom para a alma em vários níveis. Sua qualidade mais básica é o cheiro de tabuleiro de biscoitos no forno. O aroma de gengibre e manteiga se espalha pela casa e permanece no ar por horas. Acrescentar uma pitada de pimenta caiena na massa de gengibre pode parecer um pouco ortodoxo, mas é sutil e dá um toque a mais farinha de trigo

Bolo de gengibre com recheio de queijo cremoso com laranja.

3/4 de xícara de manteiga em temperatura ambiente

3/4 de xícara de açúcar

1 ovo

1 colher de sopa de gengibre ralado

1 colher de chá de canela

1/4 de colher de chá de pimenta caiena

1 1/4 xícara de chá de bicarbonato de sódio

1/4 de colher de chá de sal

1/3 de xícara de melão + 3 colheres de sopa de água quente

Recheio de queijo cremoso com laranja

1/2 pacote de cream cheese (cerca de 100 gramas)

1/3 de xícara de açúcar cristal colheres de sopa de suco de laranja

1 colher de sopa de licor Cointreau, Grand Marnier ou Triple Sec (opcional)

Pré- aqueça o forno a 170°C.

Forre uma forma com papel encerado. Depois unte o papel encerado e polvilhe com farinha. Bata a manteiga até que fique lisa. Bata o açúcar e o ovo. Misture gradualmente os ingredientes secos, alternando com mistura de melão e água. Despeje na forma já preparada.

Bata o cream cheese até que fique liso. Acrescente o açúcar, o suco de laranja e o licor. Coloque colheradas da mistura sobre a massa na forma. Use a faca para misturar o creme à massa em longas pinceladas, em direções diferentes, para criar um efeito marmorizado.

Asse por 30 minutos ou até que a massa comece a soltar nas beiradas. Desenforme usando as laterais do papel encerado. Deixe esfriar sobre uma grade, corte em barras e guarde na geladeira.

Capítulo 17

19 de junho de 1995

Querida mamãe,

Se algum dia você aparecer novamente na minha vida terá muita leitura para colocar em dia. Desde que aprendi a escrever, venho lhe contando sobre a minha vida, apenas para o caso de você vir a se interessar. E guardo tudo o que escrevo em caixas no fundo do meu quarto. Na verdade, agora está muito claro para mim que vi você não está interessada, mas escrever todas essas coisas tornou-se um hábito. Na escola de ensino médio, todos os meus professores dizem que sou uma boa escritora. Sempre pensei que estudaria Jornalismo na faculdade. Falarei mais sobre isso depois.

Revendo estas páginas, percebo que muita coisa mudou desde a última vez em que escrevi meus pensamentos para você. Achei que depois da formatura no ensino médio eu teria todo o tempo do mundo para dedicar à minha escrita, mas a vida vem arrumando um jeito de me desviar do caminho. A perda de vovó é um exemplo. Dói muito ver estas palavras escritas em minha própria letra. Registradas a tinta nesta página.

Você chegou a saber que ele morreu, mãe? Que, perto do fim, algumas vezes ele me chamou pelo seu nome? E que, já bem no fim, não me importei mais em corrigi-lo? Acho que você sabe o motivo.

Hoje, vovó é uma pessoa totalmente diferente. Todos têm sido muito bons para ela, toda a cidade, na verdade. Durante semanas depois que vovô morreu, choveram caçarolas de atum aqui em casa. As pessoas nos visitavam, traziam comida, sentavam-se para conversar conosco. No início, ela levou bem a situação, mas quando todas as formalidades acabaram, foi como se tivesse se esvaziado. Mesmo quando ia à igreja, voltava para casa solitária e perdida. Eles se casaram tão jovens e sobreviveram a tantas coisas juntos!

Estamos quebradas agora, sabia disso? O seguro de vovô e o seguro-saúde não cobriram todas as despesas. Aliás, não deram nem para a saída. Assim que vovô recebeu o diagnóstico e percebemos o modo como as coisas iam andar, demos entrada num pedido de falência, para evitar que fôssemos processadas até o fim da vida por não pagamento de dívidas. Se eu tivesse que eleger os três momentos em que fui mais humilhada na vida, com certeza passar por todo o processo de falência com vovó teria sido um deles. Não que tenhamos feito algo errado ou coisa assim. Simplesmente precisamos fazer isso como uma forma de evitar que tivéssemos que dispensar todos os nossos empregados e fechar a confeitaria.

Então você vai entender se eu estiver ocupada demais para encher estas páginas com doçura e leveza.

Vovó diz que você nunca foi muito de se preocupar com dinheiro, apesar de sempre ter gostado de coisas boas. Você nunca pareceu preocupada com as finanças e, na verdade, sempre agiu como se a terra de leite e mel estivesse logo ali, dobrando a esquina. Pelo menos é isso o que vovó diz. Ainda fala isso, às vezes. Ainda sente sua falta. Para ser honesta, eu não. Tenho certeza de que, aos 4 anos, eu adorava você. Mas, para mim, perdê-la é como perder uma sombra, ou um sonho. Tão impalpável! Quando a filhinha de Nina, Sonnet, perdeu um balão de gás na parada, ela chorou mais por causa disso do que por causa da morte de

sua bisavó, Giulietta, no dia seguinte. Acho que as crianças são assim mesmo.

Estou apaixonada por dois garotos diferentes, já lhe disse isso?

Ah! E tem mais. Os dois são os melhores amigos um do outro. Joey Santini e Rourke Mcknigh. Eles vêm sempre para cá no verão. Rourke está trabalhando no Kioga, como faz todo ano. Joey está no Exército, para ganhar dinheiro e pagar a faculdade, mas conseguiu uma dispensa por emergência familiar por que seu pai teve um acidente sério de carro e precisará de uma longa recuperação. Joey veio trabalhar nos finais de semana e feriados no acampamento. Quando seu pai melhorar, ele irá se realistar para outro período de serviço no Exército, já que agora quer ir para a escola de medicina e vai precisar de todo o dinheiro que puder conseguir. Joey planeja ser um ranger, um soldado de um regimento de operações especiais. Pelo que entendi, isso é a coisa mais secreta e perigosa que se pode fazer no Exército.

Não vou mentir para você, gosto de Joey porque ele ama o mundo e me faz rir. Mas é verdade que a ida para o Exército transformou-o em um pedaço de mau caminho. É claro que Rourke já era um pedaço de mau caminho, tão forte e inteligente que às vezes só olhar para ele me deixa zozza. É como se o meu coração não quisesse que eu escolhesse entre um e outro.

Está bem, eu menti. É Rourke. Sou louca por ele desde que usara tranças. Rourke é tão intenso! E tem aquele pai terrível com quem ele não fala desde que terminou a escola de ensino médio e se recusou a ir para a faculdade “certa”. Em vez disso, Rourke escolheu ir para a Universidade de Stony Brook, onde fez cursos na área de aplicação da lei. Ele me fascina, e é o cara mais sexy que já conheci. No entanto, nunca fizemos nada. Temos esse acordo velado de que somos apenas amigos. Essa é a única maneira que vejo de fazer com que a relação com cada um deles funcione. Mantenho meus sentimentos por Rourke sob controle, e continuo com a farsa.

Vovô sempre me lembra de que pessoas como os McKnight e os Majesky não se misturam. Por sua vez, Rourke acha que não é certo gostar da mesma garota que o seu melhor amigo quer. Então prefere deixar o espaço livre e sair por aí com outras garotas. Não que nenhum deles me consulte a respeito. E, às vezes, eu gostaria de poder ter sentimentos mais profundos por Joey. Quer dizer, eu tenho, porém mais como um amigo do que como um namorado. Provavelmente nada disso tem importância, porque Rourke está na faculdade agora e Joey partirá novamente no fim do verão. E para mim... bem, preciso ficar com vovó, para que ela não comece a achar que todo mundo a está abandonando.

Depois da tradicional parada do Quatro de Julho houve um enorme piquenique no parque municipal, perto do rio. Ao anoitecer, pessoas subiram a montanha até o Kioga para assistir à queima de fogos sobre o lago Willow. Os diretores do acampamento convidaram toda a cidade. Jenny e Nina foram juntas, com Sonnet acomodada em sua cadeirinha no banco de trás do carro.

- É a primeira queima de fogos dela — disse Nina. — Você acha que ela vai ficar com medo?

- Ela não tem medo de nada. — Jenny virou-se no assento para olhar a garotinha, fofa como uma boneca Repolhinho, em um macacão vermelho, branco e azul. Ela batia palmas, satisfeita. Já estava treinada para usar o vaso sanitário, mas, só para prevenir, Nina trouxera

uma bolsa de fraldas.

Nina parou o carro no estacionamento com chão de cascalho.

- Onde Rourke e Joey disseram que nos encontrariam? — perguntou.

- No pavilhão principal — disse Jenny, indicando a enorme construção de madeira. Ela localizou os rapazes em seus moletons com a logomarca do Kioga. Como sempre, a visão de Rourke fez seu coração falhar uma batida e, como sempre, ela ignorou o que sentia. Esta era, ela sabia, outra faceta de ser um adulto. Depois de perder o avô e enfrentar o processo de falência, controlar-se para não se apaixonar por um rapaz deveria ser moleza.

Mas não era. Quando olhou para ele, sentiu uma dor aguda, que a deixou sem ar.

- Eu a carregarei — ofereceu-se Jenny, esticando os braços para pegar Sonnet. Além de manter seus braços agradavelmente ocupados, dar colo para a menininha serviria como um escudo para manter distancia.

Mas, ao contrário de Jenny, Sonnet não reprimia seus sentimentos de jeito nenhum. Assim que viu Joey, gritou de alegria. Desde a primeira vez em que o vira, a garotinha decidira que ele era o amor de sua vida. Embora fosse triste que ela crescesse sem pai, isso tinha lá suas vantagens. Havia tantas pessoas na vida dela que a adoravam! A chave de tudo era cercá-la de amor e não o DNA que carregava.

Como a maioria dos rapazes, tanto Joey quanto Rourke olhavam para crianças pequenas com a mesma cautela horrorizada que olhariam para uma cobra. E como a maioria dos bebês, Sonnet não se importava nem um pouco com isso. Ela gritou e se contorceu nos braços de Jenny até conseguir ir para o colo de Joey. Ele olhou para o rostinho cor de avelã e disse:

- Um xixi e devolvo você.

- Xixi — disse Sonnet, olhando para ele.

Enquanto desciam até a praia para assistir à queima de fogos, Rourke manteve distância, como se Joey estivesse carregando alguma substância volátil. Estava anoitecendo e as pessoas se reuniam ao redor das fogueiras acesas ao longo da margem do lago. Elas assavam marshmallows e acendiam estrelinhas, que as crianças giravam incansavelmente em círculos, formando “oitos”. Quando a noite caiu, os fogos começaram a espocar sobre a ilha no meio do lago. Estrelas coloridas refletiam-se na água parada, sendo saudadas por oohs e aahs dos espectadores. Sonnet adorou o espetáculo e batia palmas e gargalhava a cada explosão. Mas, como a maioria dos bebês, logo se entediou com a queima e quis nadar no lago.

- Não é uma boa ideia — disse Nina. — Não estamos com nossas roupas de banho e está escuro.

- Mamãe - disse Sonnet, sua vozinha de Minnie Mouse ficando mais aguda, o que era o prenúncio de uma crise de choro.

- Vamos dar uma volta - sugeriu Nina, levantando-se de um pulo.

Os quatro foram caminhar juntos, levando Sonnet. Rourke acendeu sua lanterna para iluminar o caminho à beira do lago. Passaram pela casa dos barcos e, então, pelo pavilhão dos empregados, informalmente conhecido como o barracão das festas, onde os empregados do acampamento e monitores já estavam reunidos agora que os acampantes haviam descido

para a noite.

- A onde você está indo, Rourke? - chamou uma sedutora voz feminina. Ele apressou o passo e essa foi a única indicação de que ouvira.

- O que é isso? - perguntou Nina, apontando para uma chalé isolado, bem distante das cabanas dos empregados.

- Deve ser onde o caseiro mora no inverno - disse Joey. - está vazio agora, vamos dar uma olhada.

- Deve estar trancado - disse Rourke.

- Com certeza está trancado - concordou Joey. - A sorte é que tenho uma chave.

Era um belo chalé antigo, com cheiro de mofo por estar fechado há muito tempo e cheio de móveis em mau estado e lembranças do acampamento. O lugar originalmente fora a residência do dono do acampamento, mas agora era usado pelos Bellamy como um refúgio quando estavam fora da temporada, ou como chalé de hóspedes. Joey abriu a geladeira, mas estava vazia. Sonnet corria pelo chão, explorando tudo, pegando os jogos e brinquedos que estavam sobre um banco. Ela parou em frente à cabeça de alce, pendurada como um troféu sobre a lareira feita de pedras do rio, e ficou olhando-a fixamente.

- Não se preocupe, ele não vai machucar você - disse Joey, pegando-a no colo. Mas logo colocou-a novamente no chão, como se ela estivesse pegando fogo. — Deus, que cheiro é esse?

- Fiz cocô — explicou Sonnet.

- Deus — disse ele novamente — Meus olhos estão até lacrimejando. Pensei que você tivesse dito que ela estava domesticada.

- Treinada para usar o vaso sanitário. E a notícia ruim. - disse Nina — é que a bolsa com as fraldas ficou no carro.

Sonnet começou a soluçar como se estivesse com o coração partido. Ficou decidido que Joey levaria Nina até o carro, enquanto Rourke e Jenny arrumariam os brinquedos e jogos que Sonnet desarrumara. Jenny abriu uma janela para deixar o ar entrar. Tentou não rir diante da expressão horrorizada de Rourke, mas não conseguiu evitar.

- Você acha isso engraçado? — ele perguntou.

- Não, acho sua reação engraçada. “Isso” não é resíduo tóxico,

Rourke.

- Eles deviam usar crianças como ela nas aulas de educação sexual da escola de ensino médio. A taxa de natalidade, com certeza, iria cair.

Ela juntou as peças de Cribbage que Sonnet espalhara.

- Não é tão ruim assim.

- Talvez não para você.

- Para falar a verdade, trocar fraldas também está longe de ser uma das minhas tarefas favoritas. — Ela lembrou-se do quanto Nina fora incrível desde o começo. Mudar uma fralda era apenas uma pequena parte de uma enorme responsabilidade. Apesar de ser tão jovem a

amiga tratava a filha com uma paciência e um amor infinito.

- Meu avô costumava subir até aqui no inverno — disse Jenny, folheando um álbum com antigas fotos coladas sobre as páginas negras. Ela parou ao ver uma foto dele de pé no píer, sorrindo docemente.

- Ele e o sr. Bellamy iam pescar no gelo. — Ela tocou o rosto na foto e a dor da perda envolveu-a de uma forma tão intensa que parecia que estava sentindo uma dor física.

- Sinto muito — disse Rourke. Como tantas pessoas, ele parecia não saber exatamente o que dizer.

- Está tudo bem. — A voz dela era triste e trêmula enquanto ela fechava o álbum delicadamente. — É só que... eu sinto tantas saudades dele!

E então - Jenny nunca conseguiu entender direito como aconteceu - ela estava nos braços de Rourke, sentindo um conforto tão grande que o abraçou de volta. E, então, eles estavam se beijando.

Finalmente, como que por milagre, estavam se beijando. Era o beijo que ela imaginara milhares de vezes, longo e profundo, do tipo que faz o mundo parar, do tipo que Jenny nunca pensou que experimentaria, embora isso estivesse crescendo entre eles, verão após verão, por anos. Ela estava ardendo por dentro, e pela primeira vez se deixou levar. Oh, queria aquilo, vinha esperando há tanto tempo e tudo estava sendo ainda melhor do que suas fantasias mais quentes. Era o momento perfeito, e ela não queria que terminasse. Finalmente, quando se afastaram um pouco para respirar, ela teve um gesto ousado e deslizou as mãos por baixo da camisa dele. Rourke prendeu a respiração como se Jenny o tivesse ferido. O luar, que entrava pela janela, se refletiu na pálida cicatriz no rosto dele. E Jenny teve de encarar a verdade. Daquele momento em diante, qualquer outro beijo já estava arruinado para sempre para ela.

- Rourke...

- Desculpe — disse ele, afastando-se dela — Eu não devia ter... Isso não vai acontecer novamente.

Mas eu quero que aconteça, pensou ela. Queria beijá-lo de novo, e queria qualquer outra coisa que viesse dele.

- Devemos ir — falou Rourke. — Eles estão esperando por nós.

Ele se encaminhou para a porta sem se certificar de que ela o acompanhava. E ficou lá, parado, segurando a porta aberta. Jenny olhava para ele, dividida entre a excitação que sentira e o sentimento de rejeição. Rourke devolveu o olhar, e não se afastou da porta. Ela olhou mais uma vez ao redor e então saiu da casa pisando firme, desceu os degraus e continuou andando enquanto ele trancava a porta.

Rourke alcançou-a e continuou andando rápido como se estivesse com pressa de se afastar dela. As fogueiras já haviam se apagado e a lua estava alta quando passaram pelo caminho á beira do lago.

- Você está zangado comigo — disse ela. Não havia possibilidade de fingir que nada acontecera.

- Não estou zangado com você.

- Está sim. Posso ver. Você está me castigando com seu silêncio, e seus olhos estão apertados.

Ele parou de andar, suspirou alto.

- Meus olhos não estão apertados e não estou zangado.

- Mentiroso.

- Está bem, agora estou zangado - disse ele.

- Eu sabia. Viu? Estava certa. E agora você tem que me dizer o motivo.

- Porque você me chamou de mentiroso.

- Estou me referindo a antes disso.

- Antes disso, eu... Isso é uma estupidez. Não vou falar mais nada - Ele enfiou as mãos nos bolsos e encarou-a. As sombras se refletiam no rosto dele.

- Você não está zangado porque me beijou — disse Jenny. — E sim porque gostou de me beijar.

- Gosto de garotas, então me processe. E, de qualquer modo, se você já sabe de tudo, por que continua falando a respeito?

- Porque estou tentando entender, Rourke.

- Não é difícil — disse ele.

Jenny baixou os olhos.

- É Joey, não é? — perguntou ela, baixinho.

- Ele está tentando arrumar um jeito de convidá-la para sair desde o início do verão.

Ela sabia. Em algum nível, tivera consciência disso.

- Eu posso não querer que ele me convide para sair.

- E por que você não iria querei? Ele é demais!

- Talvez eu goste de outra pessoa. — As palavras escaparam, sussurradas, como se fossem um escândalo.

Ele olhou-a com severidade. Contornado pelo luar, Rourke parecia grande e ameaçador.

- Bem, mas você não deveria.

- Ótimo. Obrigada pelo conselho. — Ela disfarçou a dor com sarcasmo. Aquela era, sob todos os ângulos, uma situação absurda. Não havia como ela ficar com um dos rapazes sem magoar o outro. Não, isso era verdade. Nada magoaria Rourke. Ele usava uma couraça, blindando-se emocionalmente, reforçada ao longo dos anos pela crueldade do pai. Rourke sabia como se proteger.

Mas Joey não. Mesmo depois de dois anos no Exército! Doce, sensível, Joey não tentava se proteger de maneira alguma.

- Por que vocês demoraram tanto? — perguntou Joey. Ele estava esperando do lado de fora do pavilhão dos empregados, onde a festa continuava a todo vapor.

- Por nada — disse Jenny, e percebeu que estava à beira das lágrimas. Ela baixou a cabeça, escondendo o rosto. Se Joey olhasse bem para ela, poderia perceber que acabara de ser beijada de um jeito que era como se o mundo estivesse prestes a acabar. — Onde está Nina?

- Levou Sonnet para casa. Eu disse a ela que Rourke e eu lhe daríamos uma carona, mais tarde.

Que ótimo. Abandonada por Nina e forçada a passar o resto da noite ali.

- Vamos entrar— murmurou Rourke. Ele também parecia estar evitando o olhar de Joey.

Jenny estivera em poucas festas no Kioga. A maioria delas era apenas um grande mosh pit, a dança selvagem em que todos se esbarram sem parar, com música muito alta berrando pelos alto-falantes. A luz estava baixa, mas de algum modo três garotas descobriram Rourke e o cercaram, pululando em volta dele como tietes ao redor de um astro do rock. Ela o observou enquanto ele parecia se transformar em outra pessoa, com um sorriso fácil, conscientemente sexy, e movimentos sensuais, como quando passou o braço ao redor de uma das garotas e levou-a para a pista de dança. A escolhida usava uma minissaia e uma camiseta sem mangas tão apertada que se podia distinguir a armação do seu sutiã.

Jenny deve ter deixado transparecer no rosto toda a mágoa e confusão que sentia, porque Joey aproximou-se e tocou seu braço.

- Vamos lá para fora.

Enquanto deixavam a festa, ela olhou por sobre o ombro bem a tempo de ver Rourke observando-a, como se para ter certeza de que Jenny vira o que ele fazia. E, na verdade, o que ele fazia? Tentando convencê-la de que estava errada por gostar dele? Se era isso, então estava funcionando. Isso deveria deixá-lo feliz.

- Não se preocupe com Rourke — disse Joey. — Às vezes ele age como um tolo sem nenhum motivo.

Ah, mas eu lhe dei um motivo, pensou ela.

- É difícil para ele, sabe? A forma como foi criado.

Ela teve de sorrir. Joey sempre parecia acreditar no melhor de todo mundo. As coisas seriam tão mais fáceis se ela e Joey... Será que uma pessoa conseguiria se convencer a amar alguém apenas porque esse alguém parecia tão certo para ela?

Jenny fez o melhor que podia. Quando Joey a convidou para ir ao cinema, ela aceitou prontamente. Depois, convidou-o para ir até sua casa, e seu coração derreteu ao ver o modo como ele e a avó se deram bem. Uma série de pequenos derrames havia debilitado a avó, mas Joey não prestou atenção nisso. Não gritou como se ela fosse surda (não era), ou falou com se fala com alguém com alguma deficiência mental (que ela também não tinha). Em vez disso, tratou-a com dignidade e respeito, e enquanto Joey esteve por perto, Helen Majesky ficou mais animada e feliz. Ele a tratou como se ela fosse sua própria avó, e Jenny o amou por isso.

Bruno Santini foi visitar o filho num fim de semana. Como passou algum tempo com ele, Jenny pôde entender exatamente de onde Joey viera. De um lugar de amor e aceitação. Bruno não tinha nenhuma vergonha de demonstrar a afeição e o orgulho que sentia pelo filho, mesmo

ele já sendo um rapaz. E não hesitou em abrir o coração para Jenny e sua avó.

- Você é a garota mais linda que Joey já me apresentou — disse.

- Pai, ela é a única garota que já lhe apresentei — lembrou-o Joey.

Em agosto, quando o clima ficou tão quente que até as cigarras silenciaram, Joey pendurou um balanço de dois lugares na varanda da frente e ele e Jenny ficavam sentados ali até tarde da noite, balançando levemente, aproveitando a brisa. Jenny estava começando a achar que nunca sairia daquela casa. Depois da morte do avô, ela ainda se agarrara ao seu sonho, mas quando a avó teve o primeiro derrame, acabou desistindo. Ela iria ficar. A avó precisava dela. Eram uma boa companhia uma para a outra e tentavam tirar o melhor da situação que estavam vivendo. Como a avó não podia mais subir escadas, converteram o gabinete do primeiro andar em um quarto para ela e Jenny ficou com todo o segundo andar para si. As vezes ela fingia que estava em um loft no SoHo, em Nova York, mas quando as cigarras começavam a cantar ou um coioote uivava, era forçada a se lembrar: estava em Avalon.

- É tão gostoso aqui — falou Joey, passando os braços ao redor dos ombros dela.

Jenny sorriu diante da ironia de tudo aquilo.

- Era exatamente no que eu estava pensando.

- Vou sentir tanta saudade de você — disse ele, baixinho.

- Você está com medo? — ela perguntou.

- Nervoso, acho. Mas com medo? — Ele sorriu. — Sei que esse próximo período de serviço vai ser mais intenso, porque serei um ranger, mas isso não me assusta. — O sorriso dele apagou-se. - Mas... deixar você. Isso sim me assusta.

- Por que isso o assustaria?

- Porque tudo parece tão bem agora, e eu não queria que nada mudasse.

Ela ficou quieta por algum tempo, respirou fundo o ar quente da noite e disse:

- Tudo muda. Nós dois sabemos disso.

- Mas se estivermos juntos mudaremos e cresceremos juntos.

Ele deu uma risada auto depreciativa. — Eu sei, estou louco. Você provavelmente irá para Nova York e se transformará em uma estranha.

Ela também riu, embora o comentário dele a tivesse perturbado. Não vou a lugar nenhum. Vovó precisa de mim aqui. Você precisa entender, Joey, eu nunca a deixarei.

Ele se inclinou e encostou os lábios na testa dela.

- Ela tem sorte por ter você. E eu também.

Nesse momento, Jenny sentiu que era ela quem tinha sorte. A lua estava quase cheia no céu naquela noite e o luar prateado se refletia em Joey, iluminando aquele rosto que já se tomara tão precioso para ela. Era um presente ter alguém como ele na vida, alguém que amava sem questionamentos, e cuja maior preocupação era não querer se separar dela.

Pelo resto do mês de agosto Rourke observou Joey e Jenny se tornarem cada vez mais próximos. Tentou ficar feliz por eles, mas não conseguiu, e limitou-se a agir como se não se

importasse. Ele andava para cima e para baixo com as garotas do acampamento, bebia muito, dormia bem pouco e evitava o melhor amigo. E, de algum modo, o verão finalmente estava chegando ao fim. Rourke começou a contar os dias até que ele, Joey e Jenny seguissem caminhos separados.

Na semana anterior ao Dia do Trabalho era organizado o tradicional Dia dos Esportes para os que trabalhavam no acampamento. Monitores e empregados competiam em várias modalidades, encorajados pelos acampantes. Rourke participou do campeonato de tênis e ganhou facilmente os primeiros jogos. No último jogo, seu oponente era Joey. Ótimo, ele pensou. Realmente ótimo. Lutaria pelo título com seu melhor amigo. E pior, Jenny iria assistir. Ele podia vê-la, sentada com Nina nas arquibancadas. Ela estava usando um chapéu de abas largas e bebia um copo de limonada. Mesmo à distância ele podia ouvir sua risada.

Assim que deu o saque inicial, ele soube em que transformaria aquilo — em uma punição. Cada jogada sua tinha o objetivo de castigar Joey, o que era uma estupidez, já que ele era seu melhor amigo. Joey também era um bom jogador, eles haviam tido aulas de tênis juntos quando eram mais novos. Mas Joey tinha a garota e Rourke não tinha nada além do mau humor e do talento para o jogo, que usou sem piedade. Aquilo era uma batalha. Ele fez Joey correr pela quadra até ver o suor escorrendo do rosto e do corpo do amigo, encharcando suas roupas. Rourke derrotou Joey por dois sets seguidos, usando a manobra de atraí-lo para a rede, apenas para mandar a bola alta para longe. No final, eles apertaram as mãos, mas nem sequer olhou para o amigo.

Ele recebeu o troféu, uma taça banhada em prata, mas, enquanto estava do pé, erguendo-a, Joey foi embora com a garota. Para surpresa de Rourke, Philip Bellamy o parabenizou. Ele era o filho mais velho dos proprietários do acampamento e amigo dos pais de Rourke, o que o deixou imediatamente desconfiado.

- Eu ganhei este campeonato uma vez — disse o sr. Bellamy

Faz tempo, em 1977.

- Isto é, hã... uma honra, senhor — disse Rourke.

O sr. Bellamy olhou para Joey, que estava deitado na sombra com Jenny. Ela tirara o chapéu de sol. Joey estava com uma toalha em volta do pescoço e falava seriamente com ela.

- Quem é ela? — perguntou o sr. Bellamy. — A garota, com o seu oponente?

Rourke deu de ombros, como se não se importasse.

- Uma garota qualquer. Seu nome é Jenny, acho. Por que pergunta?

- Ela me faz lembrar de alguém, só isso. Alguém que conheci.

Phil relanceou o olhar para ele. — Alguém para quem eu costumava olhar do jeito como você está olhando para ela.

- Eu não estou...

- É claro que não — disse o sr Bellamy. — Uma vez cometi o erro de deixar uma garota partir sem lutar por ela. Hoje em dia, desejaria ter agido de outro jeito.

Embora não quisesse admitir isso nem para si mesmo, a sugestão permaneceu assombrando Rourke. Conte a ela, dizia uma voz em sua cabeça. Simplesmente conte a ela a

verdade, porque a verdade nunca magoa. Conte a ela antes que perca a chance.

No final do verão Joey partiu para a primeira fase da escola de treinamento de rangers em Fort Benning, na Geórgia. Ele nem pôde ficar para a cerimônia de encerramento no Kioga. Jenny sabia que se passariam oito semanas ou mais até vê-lo novamente. Ele ligou para ela de um telefone público no acampamento para dizer que precisava perguntar-lhe uma coisa e também lhe contar uma novidade. Jenny suspeitava do que era e não sabia bem como se sentia a respeito. Quando ele apareceu para se despedir, ela estava inexplicavelmente nervosa.

- Vou caminhar até a estação com você - disse ela, encontrando-o na porta dos fundos da confeitaria.

Ele pendurou a bolsa de lona no ombro e passou o braço livre em torno dela. Durante o verão, Joey deixara crescer o cabelo negro, ondulado e cheio, mas ainda tinha o físico de um soldado, em boa forma e musculoso.

- Ainda não posso imaginá-lo empunhando um rifle — disse ela.

- Meu pai diz a mesma coisa.

- Você é tão... pacífico, acho. Tão bom.

- Creio que foi por isso que meu primeiro tempo de serviço foi na área de protocolo, em Washington. Mas dessa vez estou preparado para uma coisa além — disse ele. — Para alguma ação.

- Não posso acreditar que eles vão treiná-lo para matar pessoas.

- Vão me treinar para fazer um monte de coisas — disse ele.

Para sobreviver e servir meu país, entre elas.

Jenny se arrependeu imediatamente. Joey estava fazendo isso para poder se educar, para garantir seu futuro. Ela não tinha direito de questioná-lo.

- Eu sei. Me desculpe. Você vai se dar muito bem e eles estão com muita sorte por tê-lo no Exército.

- É bom saber que alguém pensa assim. Vou tentar me lembrar disso quando estiver gritando por piedade durante os treinamentos. -Ele parou diante de um banco no lado de fora da entrada da estação. — Espere aqui um pouco, está bem?

O lugar era muito bem cuidado, planejado para recepcionar bem aqueles que visitavam Avalon. Altos olmos e bordos formavam um arco sobre o caminho principal, flanqueado por canteiros de flores. Em agosto, dálias e esporinhas pareciam gastas e exaustas. Algumas folhas secas redemoinhavam na brisa, uma lembrança de que o outono logo chegaria. Um pequeno bando de corvos circulava no céu, logo pousando com estardalhaço em uma das árvores.

- Preciso lhe perguntar uma coisa. — Joey colocou a sacola de lona no chão.

Jenny parou de caminhar e olhar ao redor, sem muita certeza do que estava procurando. Tudo o que viu foi a cidade onde vivera por toda a vida, as fachadas das lojas e os grupos de turistas circulando pela praça principal. Então, virou-se para encarar Joey. Havia intensidade na forma como ele a olhava, e alguma coisa mais, algo de que ela não poderia escapar

mesmo se quisesse. Amor. Joey a amava. Jenny podia ver isso no brilho dos olhos dele quando a fitavam e na curva terna dos lábios quando dava um sorriso especial, só para ela.

- Quero me casar com você, Jenny — disse ele, sem preâmbulos.

Casar? Ela ficou com a boca seca e sentiu a garganta se fechar.

Não conseguia falar nada. Provavelmente, essa não era a reação pela qual ele estava esperando. Havia muitas coisas acontecendo dentro dela. Euforia, porque ali, diante de si, estava alguém que não tinha medo de declarar que queria passar o resto da vida com ela. Mas também havia medo. Joey confiava nela de todo coração.

Ele não pareceu perturbado com o silêncio de Jenny. Enfiou a mão no bolso do jeans e pegou uma pequena caixa que ela reconheceu como sendo do Palmquist's.

- Sei que não podemos fazer nada por enquanto, mas quero lhe dar isso. — Ele sorriu de um jeito adorável e envergonhado enquanto abria a caixa para mostrar a ela um anel de ouro, fino, com um único e minúsculo diamante solitário no meio. — É o melhor que posso lhe oferecer. Espero que goste.

- Eu gosto, Joey. Eu...

Ele se curvou e beijou-a, e Jenny se sentiu segura em seus braços, como se nada pudesse feri-la. Ela podia ouvir o trem chegando do norte. Ele assobiou enquanto freava e soou um apito. Os corvos assustados espalharam-se pelo céu numa revoada de asas negras.

- Sei que somos jovens — ele sussurrou. — Mas também sei o que quero e sei que posso fazer funcionar. Em 24 meses terei acabado esse alistamento. Nós viveremos aqui, em Avalon, e poderei freqüentar a universidade estadual. Você nunca precisará deixar sua avó.

Quando o ouviu dizer isso, Jenny não pode deixar de sorrir.

- Minha avó ama você. Quando eu lhe contar o que acaba de dizer, ela vai declará-lo candidato a canonização.

- Não sou santo. Se eu fosse a bruxa Má do Oeste, ainda assim a amaria apenas por ela ser sua avó. - Com isso, ele deslizou o anel pelo dedo dela. - Olhe para isto - disse. - Coube perfeitamente.

Ela olhou para a mão e para o brilho do diamante.

- Coube mesmo — concordou. — Perfeito. Mas dois anos é tanto tempo...

- Eu amo você há bem mais tempo do que isso — falou Joey. - Dois anos não são nada. Essa decisão não é algo que surgiu do nada. Já vinha pensando sobre passar o resto da minha vida com você.

- Eu não — ela confessou.

- Eu sei. - Ele a puxou mais para perto, seu peito expandindo-se quando ele respirou profundamente. — Estou lhe pedindo que dê um salto de fé. Que acredite que amo você e que isso vai dar certo.

- Primeira chamada para embarque — avisou uma voz metálica vinda de um dos alto-falantes colocados do lado de fora da estação. — Esta é sua primeira chamada para o expresso que vai na direção sul.

Jenny fechou os olhos com força, visualizando-se na beira de um abismo escuro, balançando, pronta para dar aquele salto de fé. Contra a sua vontade, ela pensou em Rourke. Bem, é claro que ela pensou em Rourke, porque ele era a única pessoa que poderia fazer alguma diferença naquele momento. Se ele apenas tivesse dito alguma coisa, dado algum sinal de que sentia qualquer coisa por ela, tudo teria mudado. Mas desde a noite da queima de fogos ele vinha se mantendo distante. E fazia questão de se exibir com as várias garotas com quem saía. Esse, pensou Jenny, era o sinal que estava procurando. Não era bem o que queria ver, mas, com certeza, ele estava lhe mostrando, bem claramente, que lugar ela ocupava em sua ordem de importância.

Joey segurou o rosto dela entre as mãos e deve ter percebido o brilho das lágrimas em seus olhos.

- Vai ficar tudo bem — disse ele, interpretando errado as lágrimas de Jenny. — Vou estar de volta antes mesmo que perceba. Vamos morar aqui e tomar conta da sua avó por quanto tempo ela precisar de nós. Eu prometo.

Ela não sabia o que responder. Joey tinha olhos tão gentis e uma natureza tão doce! E o mais importante de tudo, ele nunca, nunca partiria seu coração. Joey era perfeito para ela. Era leal, afetuoso e dedicado.

- Última chamada — disse a voz metálica. — Esta é sua última chamada para embarque no expresso que vai para o sul.

- Preciso ir — disse Joey. Ele pegou a mão direita de Jenny e beijou-lhe a palma, então fechou seus dedos ao redor. — Vou ligar para você sempre que puder e lhe escrever todos os dias.

- Boa sorte — disse ela, lutando contra as lágrimas. — Mantenha-se em segurança.

- Farei isso.

- Prometa-me, Joey, que vai se manter a salvo a todo custo.

- É claro que sim.

Um apito soou. Ele se curvou e beijou-a, então pegou a bolsa e andou pelo caminho em direção à plataforma de embarque. Jenny ainda pôde vê-lo emergir do outro lado das barras de ferro fundido da plataforma. Ele subiu num vagão de passageiros e virou-se para acenar-lhe uma última vez. Uma nuvem de poeira subiu dos trilhos e se espalhou ao redor do vagão, transformando-o em uma figura diáfana, enquanto o trem se afastava. Jenny apenas ficou ali parada no parque em frente a estação, olhando para o espaço vazio onde o trem estivera. O ar cheirava a calor e cinzas e os sons estranhamente pareciam ter desaparecido. O trânsito, as vozes das pessoas que passavam. Em algum momento, ela se sentou no banco do parque. Com o polegar esquerdo, tocou o aro duro em seu dedo, o anel de noivado de Joey. *O que eu fiz?*, perguntou a si mesma, vezes e mais vezes. *O que eu fiz?*

Jenny perdeu completamente a noção do tempo. Poderiam ter se passado minutos ou até mesmo horas, ela não saberia dizer. As sombras da tarde envolveram-na. No relógio da torre da Prefeitura um sino soou. Finalmente ela se levantou e secou as mãos na blusa.

Era melhor ir para casa. A avó ficaria preocupada.

Mas Helen não pareceu preocupada. Ela estava esperando, com o cabelo macio recém-

arrumado pela enfermeira que ia cuidar dela todos os dias. Estava assistindo ao programa Oprah, mas assim que viu a neta desligou a tevê.

Jenny sentou-se diante dela, ainda se sentindo um pouco aturdida. Ela levantou a mão com o anel.

- Joey me deu isto. Ele quer se casar comigo.

- Sim. - disse a avó. — Eu sei. Ele pediu meu consentimento. - O sorriso da avó era torto, uma seqüela do derrame, mas seus cílios brilhavam de felicidade. — É uma bênção. Sempre quis que encontrasse alguém que olhasse para você e visse o que eu vejo. Ele a fará feliz.

- Estou com medo — disse Jenny. — Não tenho certeza se o amor que sinto por Joey é o bastante para me casar. — Tinha sonhos, aspirações. Ela não sabia se o noivado era uma boa idéia pura nenhum dos dois. — Eu não disse sim.

- Você aceitou o anel.

- Oh, vovó!

- Joey é um bom homem. Ele é como nós. Não é um garoto rico que não se importa em ferir sentimentos.

- Quero ter certeza de que eu é que não vou ferir os sentimentos dele— disse Jenny. Ela se sentiu oprimida pela enorme responsabilidade de fazer outra pessoa feliz, de compartilhar a vida com essa pessoa. Não tinha idéia se conseguiria fazer isso. No entanto, Joey achava que ela conseguiria. Ele acreditava nela.

Quando Rourke parou na frente da casa de Jenny, logo a viu na varanda, escrevendo num caderno espiral. Ela trabalhava com tanta concentração que não pareceu percebê-lo enquanto ele estacionava de qualquer jeito no acostamento e saía apressado do carro, deixando a porta entreaberta.

Jenny levantou os olhos e o viu. Por uma fração de segundo ele teve certeza de ter visto um brilho de prazer em seus olhos. Então, ela fechou o caderno e se levantou.

- Rourke, há alguma coisa errada? - perguntou.

Ele ficou parado nos degraus da escada da varanda, olhando para ela, e a tensão em seu peito finalmente relaxou. A pergunta de Jenny era irônica, porque alguma coisa estivera errada durante todo o verão e ele finalmente descobrira como fazer tudo ficar certo.

Era muito simples na verdade. Ele estava apaixonado por essa linda garota de olhos castanhos, que conhecia desde que eram crianças. Está certo, era complicado, já que ela estava saindo com Joey, mas aquilo agora acabara. Joey partira no trem da manhã.

Rourke tinha vivida em um inferno, tentando se convencer de que o que sentia por Jenny não era amor. Já estava cansado daquilo. Juntou-se a ela na varanda e pegou-lhe a mão.

- Vim lhe falar uma coisa - disse Rourke. A voz dele em baixa e „e rouca. Ele pigarreou. - É importante. — E, Deus, ele esperava que para ela também fosse. — Queria lhe dizer que eu...

O apito de um trem soou, abafando suas palavras. No final da rua, luzes vermelhas brilharam enquanto a cancela começava a fechar. Um carro passou rapidamente, em direção ao centro da cidade, tentando atravessar os trilhos antes que o trem chegasse. Rourke ficou tenso observando as cancelas abaixarem, quase amassando o capô do carro. Idiota, pensou

ele, aquela pressa toda poderia tê-lo matado.

O momento passou e ele voltou a olhar para Jenny.

- Desculpe. O que eu queria dizer era...

- Há uma coisa que também preciso lhe dizer - replicou ela, puxando delicadamente a mão que ele segurava.

Só quando Jenny retirou a mão é que Rourke percebeu o quanto os dedos dela estavam frios... em um dos dias mais quentes do ano. Ela engoliu com dificuldade e recuou, embora fosse quase doloroso afastar-se dele. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas.

- Joey partiu no trem da manhã.

Rourke assentiu. Ele havia se despedido do amigo na noite anterior. Eles haviam ficado meio estremecidos durante aquele verão, mas seriam amigos para sempre. Rourke precisava acreditar que aquilo significava alguma coisa. Ele esperava de coração que significasse que Joey o perdoaria por tentar roubar sua garota.

- Talvez ele já tenha lhe contado... — Jenny estava dizendo.

- Me contado o quê?

- Ele e eu... Joey me pediu em casamento.

Ótimo, pensou Rourke. Simplesmente perfeito. Isso tinha que ser algum tipo de piada cósmica.

Ela girava sem parar o aro fino do anel no dedo.

- De qualquer modo, pensei... — A voz dela sumiu em um fio de incerteza.

Ela realmente não estava brincando. Rourke forçou-se a se concentrar no que Jenny estava falando. Ela ia se casar com Joey. Ia ser a esposa do seu melhor amigo. Ele fez um esforço para se endurecer por dentro, porque não queria sentir nada. Nem dor, nem desapontamento, nem raiva.

- Isso é bom — disse em uma voz neutra. — Parabéns.

Ela assentiu, os olhos ainda marejados.

- Obrigada. Há... você disse que precisava me dizer alguma coisa?

Ele deu uma risadinha e pensou, Graças a Deus! Graças a Deus Que não dissera o que viera dizer. Isso teria sido a única coisa que teria conseguido fazer aquele momento ser ainda pior.

Receitas para Lembrar

Sonhos meio-amargos

Eileen era uma cliente regular da confeitaria há anos, e sempre gostou de chocolate mais do que qualquer outro de nossos clientes. O chocolate tem propriedades mágicas se preparado corretamente. É o ingrediente apropriado para aqueles dias em que parece que o mundo todo está contra você, ou no aniversário de um acontecimento triste, porque costuma melhorar o humor das pessoas. O acréscimo de um toque de licor destaca as mais delicadas nuances do chocolate. O Frangelico é uma escolha. Fabricado na Itália com avelãs tostadas e

engarrafado em um recipiente de formas sinuosas, ele não irá se impor aos sabores.

O teor de cacau do chocolate é importante, não deixe que ninguém lhe convença do contrário. O melhor sabor vem do chocolate com teor de cacau de no mínimo 70 por cento. Além disso, evite qualquer um que tenha em seus componentes um ingrediente chamado “vanilina”, um substituto químico para a baunilha verdadeira. E, talvez o mais importante de tudo, escolha um chocolate que use manteiga de cacau. Interessante...ele derrete a uma temperatura de cerca de 34° C, o que é bem próximo da temperatura do nosso corpo. Não acho que isso seja coincidência.

Bolo de Chocolate Amargo da Eileen

Açúcar para polvilhar a forma

2 tabletes de manteiga sem sal

170g de chocolate meio amargo, picado

85g de chocolate amargo, forte e escuro, picado

1 ¼ xícara de açúcar

4 ovos

1 colher de sopa de farinha de trigo

Creme de chantilly levemente adoçado

1 colher de sopa de licor Frangelico

Amêndoas torradas picadas

Preaqueça o forno a 160°. Unte uma forma de furo no meio de cerca de 23cm de diâmetro. Polvilhe açúcar no fundo e nas laterais. Enrole a forma em papel alumínio desde o fundo, até cinco centímetros acima das laterais da forma.

Misture a manteiga e os dois chocolates em uma tigela de vidro e coloque no micro-ondas, mexendo até a mistura ficar lisa.

Bata os ovos com açúcar. Acrescente a farinha. Junte tudo à mistura de chocolate. Despeje a massa na forma já preparada. Coloque a forma dentro de outra maior. Encha a forma maior com água fervente até cerca de um centímetro da lateral da forma que está com bolo. Asse por cerca de uma hora, até que o topo esteja firme e que um palito de dentes enfiado no centro saia com apenas alguns pedaços úmidos grudados.

Retire a forma de bolo da água e deixe esfriar completamente. Transfira o bolo para um prato. Misture o Frangelico com o chantilly. Decore cada fatia com um pouco desse chantilly e um punhado de amêndoas.

Capítulo 18

- Você está cometendo um grande erro – disse Rourke. – Está fugindo, em vez de ficar por aqui e descobrir as coisas,

Jenny não se permitiu olhar para ele enquanto se movia pelo quarto, arrumando sua única mala.

- Descobrir o quê? – ela perguntou, desconcertada pela forma como ele a olhava. – Nós?

Ele não respondeu, e ela também não esperava que o fizesse. E também não queria insistir no assunto. Uma coisa era fantasiar sobre Rourke, isso era nenhum esforço. Mas quando começou a pensar naquela como a sua vida, percebeu que havia chegado a hora de se mudar dali. Não havia muito para ser arrumado, o que a deixou estranhamente satisfeita.

- De qualquer modo, já fiquei aqui por tempo suficiente.

- Suficiente para quê? – Ele se recostou na parede, cruzando os braços e os tornozelos.

Jenny imaginou se ele sentia falta de dormir na própria cama, mas jamais iria perguntar.

- Para que eu pudesse superar os traumas, para que conseguisse amarrar os fios soltos. – Ela pegou uma blusa e jogou-a de qualquer jeito na mala. – Pelo menos é bom saber que nunca fui muito ligada nas minhas roupas. Não senti falta de nada. – Pegou um pijama de flanela e enrolou.

- Do que sente falta?

- Exatamente daquilo que você imaginaria. Meus diários, tudo o que estava no disco rígido do meu computador. Fotografias únicas e lembranças. Pequenas coisas que pertenceram aos meus avós. Ir embora não é um erro, Rourke. Tenho que seguir com a minha vida.

Ele pegou a mala.

- Nesse caso, não me deixe detê-la.

Mas Rourke poderia sim, detê-la, pensou Jenny ao sentir o coração saltar. Havia coisas que ele poderia falar que a fariam ficar ali ou, ao menos, que fariam com que ela o ouvisse. Naquele momento, se ele dissesse “eu preciso de você” ou “Há esta coisa entre nós”, talvez já tivesse começado a desfazer as malas. Era perturbador admitir para si mesma que Rourke poderia fazer com que não partisse, dizendo apenas duas palavras. Não vá.

Mas ele não disse nada parecido. Não faria isso. Eles podiam falar sobre Joey. Rourke estava afogado em culpa pelo que acontecera e Jenny sabia que ambos tinham a sensação de que aquilo nunca se resolveria. Era melhor assim. Se ele pedisse para que ela ficasse, Jenny diria sim e eles acabariam por viver algum tipo de drama, que terminaria mal e arruinaria a amizade que haviam acabado de recapturar.

Saíram de casa para a manhã fria e clara. Jenny se despediu dos animais, sentindo um súbito aperto no peito enquanto os acariciava e coçava suas orelhas uma única vez. Rourke já esquentara o carro. Enquanto atravessaram a curta distância até a estação de trem, ela olhou para as casas antigas, cobertas de neve, e para as árvores majestosas e nuas naquela época do ano, para aponte coberta sobre o rio e para todas as lojas e igrejas tão singulares. Era

tudo tão familiar! Jenny tirou uma foto mental, como que para repor algumas das fotos perdidas no fogo.

Rourke parou o carro no estacionamento da estação ferroviária. Saltaram e ele pegou a mala e empurrou-a até a entrada da estação. Os dois ficaram se olhando, enquanto os flocos de neve caíram ao redor.

- Então, estou indo – disse ela.
- Boa sorte na cidade grande – desejou ele.
- Obrigada, Rourke. Obrigada por tudo.
- Posso dizer uma coisa? – ele perguntou.
- Claro. Qualquer coisa.
- Vou sentir uma falta desgraçada de você.

Ela riu para disfarçar o que sentira.

- Ao menos terá sua própria cama de volta.
- Ei! Eu estou muito apegado ao meu sofá.
- Bem, agora você pode voltar para a sua vida amorosa.
- Não tenho uma vida amorosa.
- Então o que são todas aquelas mulheres lindas com que sai?

Ele riu.

- Não é amor.
- Então, por que você faz isso?

Ele riu mais alto.

- Eu não vou responder a isso.

- Mas tem que responder. Uma vez você me disse que me contaria qualquer coisa que eu quisesse saber. – O que era uma grande mentira, já que ele escondia tanto de si mesmo. – Qual o problema com as supermodelos, chefe?

- Nenhum problema. Elas vêm, elas vão, fim de história. Nunca são nada além do que alguma coisa para eu fazer em minha noite de folga.

- Como pode saber disso? Alguma vez você já deu realmente uma chance para alguma dessas garotas?

- Como posso saber disso? – Rourke repetiu o que Jenny dissera e aproximou -se mais. Muito delicadamente, com a mão coberta pela luva de couro, ele tocou sob o queixo e levantou seu rosto para que ela o encarasse. – Acho que ambos sabemos a resposta – disse simplesmente e beijou os lábios dela. Foi um beijo casto, mas ainda assim devastador. – Faça uma boa viagem para a cidade grande – acrescentou, e virou-se para ir embora.

Capítulo 19

Jenny levava um livro para ler no trem, baixara três edições do programa This American Life para seu iPod e trouxera o novo laptop, que tinha tantos recursos que ela levaria anos até descobrir todos.

Ainda assim, durante a viagem, tudo o que fez foi ficar sentada olhando pela janela. As palavras inesperadas de Rourke quando se despediram e a forma como ele a olhara e beijara assombraram Jenny enquanto o trem seguia para o sul, para a Grande Central Station. O que deveria fazer agora? Descartar as coisas que ele tinha dito? Quanto mais pensava a respeito, mais irritada ficava.

Rourke só resolvera falar alguma coisa quando ela estava saindo da cidade! Que conveniente, escolher uma hora em que era seguro para fazer aquilo, afinal, ela não estaria ali para forçá-lo a se comprometer.

Então, novamente era ela quem estava partindo. Escapando, para ser mais precisa, escapando de um passado que eles não puderam resolver, da convicção de Rourke de que ele falhara com Joey – que ambos haviam falhado com Joey. A paisagem coberta de neve, como uma colcha de retalhos, era tão rural e atemporal como uma gravura de Currei & Iver. Gradualmente o cenário mudou. Ela passou a ver menos neve e mais trânsito. O céu ficou mais pesado e o mundo pareceu mais lúgubre. Os pequenos centros comerciais e subúrbios deram lugar a construções urbanas de vários andares.

Conforme observava a mudança no cenário, Jenny sentiu uma conhecida e nada bem-vinda palpitação de pânico martelando em seu peito.

Não, ela pensou. Isso não pode estar acontecendo.

No espaço de poucos minutos as palmas de suas mãos ficaram escorregadias de suor. O coração batia aceleradamente. Fechou os olhos e fez exercícios que o dr. Barret recomendara.

Inspirou pelo nariz e expirou pela boca. Visualizou um lugar seguro, cheio de luz dourada, onde nada, nem ninguém poderia machuca-la. Imaginou um mundo onde houvesse apenas bondade e amor.

Não funcionou. Ela realmente não esperava por isso. Sentia-se infeliz, presa em uma armadilha, e muito tola. Era uma pessoa prática, de pés no chão. Não entrava em pânico sem motivo.

Quando já não aguentava mais, Jenny levantou-se e foi cambaleando com o movimento do trem até o lavatório. Ali secou as mãos e o rosto com uma toalha de papel. Então, tomou metade de um comprimido de Xanax e voltou para seu assento.

A pílula funcionou, amortecendo as beiradas agudas do pânico e trazendo o esquecimento obscuro do sono. Jenny sabia que isso era um alívio artificial, mas, àquela altura, se agarraria a tudo que pudesse.

Ela se recostou no assento e observou o grande nada que era o mundo do lado de fora. Tentou se concentrar nas pessoas que via passarem apressadas aqui e ali e imaginar como

seriam suas vidas. Será que tinham famílias? Riam juntos? Magoavam-se uns aos outros? Lutavam contra os remorsos?

No entanto, por mais que tentasse se distrair, sua mente continuava voltando a um pensamento louco. Ela acreditara que os ataques de pânico haviam passado porque não tivera nenhum desde a noite na casa de Greg. Fora muito tola para acreditar que os dias de avaliar sua ansiedade em uma escala de 0 a 10 haviam acabado.

Mas o pânico voltara com mais força e ela teria que reavaliar o que pensara.

Talvez, ao contrário do que achara, os ataques não tivessem parado porque estava finalmente se ajustando a todas as mudanças em sua vida e, sim, por causa de Rourk. Mesmo depois do beijo de despedida na estação – oh, Deus! , ele a beijara e ela quase derreteria -, ela não estava com ele.

E como isso a estava enlouquecendo mais do que o ataque de pânico, Jenny pegou o celular e discou o número de Rourke. Seu dedo pairava sobre o botão que completaria a ligação. Ela podia ligar para ele. Precisava lhe perguntar sobre o beijo. No entanto, perguntar o quê?

Basta, disse Jenny a si mesma, fechando o telefone com força. Philip a estava esperando, um homem que parecia estar desesperado para ser um pai para ela, para participar da sua vida. Isso era algo em que se concentrar.

Não podia deixar que sua ligação irracional com Rourke McKnight a afastasse dessa oportunidade de começar uma nova vida. Essa era sua grande oportunidade. Sua chance de começar uma nova vida. Essa era sua grande oportunidade. Sua chance de se provar. Queria ficar por conta própria, descobrir quem era longe de Avalon e da confeitaria.

Longe das pessoas que a conheciam como neta dedicada, a responsável proprietária de um negócio, a garota que superara um passado trágico. Talvez estivesse fugindo, como Rourke dissera, mas desse quando isso era crime?

Capítulo 20

Greg Bellamy ficou positivamente chocado quando Daisy concordou em praticar esqui cross-country com ele. Ela e o irmão eram teimosos esquiadores do estilo downhill que implicavam com a paixão do pai pelo esqui nórdico.

—Saudável demais — eles zombavam. — Trabalhoso demais.

Portanto, quando convidou a filha e ela aceitou acordar às 6h, ele achou que estava ouvindo coisas. E logo sentiu uma onda de alegria. Sim. Greg tivera esperanças de que a mudança para Avalon poderia aproximá-lo dos filhos. Talvez aquele fosse o primeiro passo. Max passara a noite na casa de um amigo e não estaria de volta até a tarde. Assim, ele e Daisy poderiam ter um tempo de qualidade juntos.

A aurora era ainda uma fina linha no horizonte quando colocaram várias camadas de roupas e guardaram o equipamento na traseira da caminhonete.

—Estou faminta! — comunicou ela assim que pegaram a estrada.

—Você disse que não estava com fome quando tomamos o café da manhã — objetou Greg, ainda sentindo o estômago cheio por causa da grande tigela de cereais que comera.

—Mas agora estou.

Ele lembrou a si mesmo que precisava ser paciente.

—Que tal então pararmos na confeitaria para pegar algumas coisas?

Ela sorriu para ele.

—Perfeito!

A confeitaria estava cheia, mesmo àquela hora. Ele reconheceu um grupo de esquiadores downhill e alguns madrugadores que liam jornal. E... Greg ficou estupefato com a mulher que estava na frente dele na fila.

—Nina — disse ele e recordou, caso ela não lembrasse: — Greg Bellamy.

Nina lhe deu um sorriso digno de Sofia Loren.

—Eu me lembro. Como você está?

Ele tentou não ficar encarando, mas, diabos, essa Nina era muito diferente da que ele conhecera assim que se mudara para a cidade. Aquela era a prefeita em uma versão executiva dominadora. Essa, usava jeans macios, botas próprias para andar de motoneve e um gorro de tricô que fazia com que parecesse ter a idade da filha, Sonnet.

—Você levantou cedo — comentou ela.

—Estou levando minha filha para esquiar — disse ele. — Cross-country, no Clube Avalon Meadows.

—Parece divertido. E, aliás, como está Daisy?

Ele tentou ler nas entrelinhas da pergunta. Não conseguiu. Talvez Nina estivesse apenas sendo política.

—Está indo bem. Estou ansioso para passar o dia com ela hoje. Você esquia?

—É claro — respondeu ela. — Cross-country e downhill. Ambos muito bem.

Quando chegou ao balcão, ela pediu apenas um expresso simples ao rapaz — Zach, lembrou Greg, bem a tempo de chamá-lo pelo nome quando foi fazer seu próprio pedido. Dois chocolates quentes e dois kolaches com creme doce de queijo para viagem.

Aquilo não era bom, pensou ele, sem conseguir parar de olhar para Nina. Seu casamento acabara há apenas poucos meses e já estava tendo pensamentos sensuais a respeito de outra mulher.

Ele pagou e virou-se para a porta, quase derramando o chocolate quente em Nina.

—Desculpe! — disse, ajeitando a bandeja de papelão. — Não a vi parada aqui.

—Na verdade, eu estava esperando por você.

Uau!

Ela sorriu, como se tivesse ouvido o “Uau!” dele e lhe entregou seu cartão profissional.

—Não precisa entrarem pânico. Estava apenas imaginando... se você gostaria de tomar um café ou... alguma coisa assim.

Sim. Sim. Sim.

Greg sentiu a boca seca.

—Isso é gentil da sua parte, Nina. De verdade. Mas, hã, acho que não. — Ele parou e respirou fundo, tentando arrumar uma forma de explicar.

Ele não lhe deu nenhuma chance.

—Está certo — disse alegremente. — Apenas pense no meu convite.

—Mas eu...

—Até logo, Greg — Nina virou-se, foi até uma mesa cheia de moradores da cidade e sentou-se.

—Sou um idiota — murmurou ele baixinho. Então, guardou o cartão em sua carteira e se encaminhou para a porta.

—Era com Nina Romano que você estava falando? — perguntou Daisy.

—Hã, sim. — Ele colocou os copos no porta-copos do carro e entregou a ela o saco com kolaches.

—E o que ela queria?

—Quem, Nina?

—Sim, Nina. Acorde, papai!

—Ela queria apenas dizer oi — disse ele.

—Mentiroso.

—Não sou... — Sim, ele era. E era um péssimo mentiroso. — Ela me chamou para sair. Está feliz por ter perguntado?

—Oh! — disse Daisy. — Irc!

Ele virou e pegou a estrada do rio.

—Foi exatamente o que pensei. — Outra mentira, mas ele não iria admitir para a filha que achava a prefeita pra lá de sexy. — De qualquer modo, eu disse “Não, obrigado”.

Daisy mordiscou seu doce.

—Ela ficou brava?

—Não. Foi bem gentil.

—Ela é realmente gentil. Provavelmente, foi assim que conseguiu se eleger prefeita.

—Então você acha que Nina é gentil, mas que não devo sair com ela.

—Honestamente, papai, a escolha é sua. Mas acho que seria bizarro. Total e completamente bizarro.

—Eu disse a ela que não. Fim de papo. — É claro que não era. Ele pressentia que era o começo.

O estacionamento do Country Club e Clube de Golfe Avalon Meadows estava quase vazio, embora tivesse sido recentemente aplainado. O clube tinha um acordo com a cidade, e durante o inverno o campo de golfe era preparado para ser usado para a prática de esqui cross-country. Greg estacionou e deu a volta para pegar o equipamento na traseira da caminhonete. Esquis e bastões, mochilas com garrafas d'água, barras de cereal e a câmera fotográfica de Daisy. Ele olhou para a neve, para as colinas macias e declives do campo de golfe, e uma onda de nostalgia o invadiu. A sensação era aguda e doce, como o ar frio do inverno. Aquele era um lugar onde o tempo parecia ter parado, onde a passagem dos anos não deixara nenhum traço. Tinha exatamente a mesma aparência de quando ele era garoto: o prédio de tijolos em estilo colonial, a linda paisagem com alamedas de árvores altas, piscinas naturais cercadas por plantas perenes, ladeiras dramaticamente íngremes e os campos verdes e planos, que agora tinham discos brancos rodeando cada buraco de golfe.

Quando criança, Greg sempre gostara tanto do cenário quanto do jogo de golfe. Para ele era tão prazeroso dar uma tacada na bola quanto simplesmente ficar parado, na tranquilidade do bosque, onde tudo era tão silencioso que se conseguia ouvir o barulho das folhas tocando o solo.

Apenas por uns poucos segundos, era possível ficar parado ali e voltar a ser criança novamente, cheio de assombro e totalmente à vontade no mundo. Apenas por uns poucos segundos, ele deixou de ser um cara de 38 anos, tentando recomeçar a vida, fazendo malabarismos para conciliar a família, o trabalho e a vida em uma nova cidade.

—Vamos por este caminho — ele disse a Daisy e deslizaram por uma trilha demarcada, seus esquis estreitos deixando marcas no caminho e acompanhando as pegadas deixadas pelo encarregado que estivera por ali de manhã cedo.

Era agradável estar ao ar livre, em silêncio, sozinho com Daisy. O único som que ouviam era o sussurro ritmado dos esquis na trilha e a cadência das suas respirações. Enquanto deslizavam, ele desapareceu dentro de si mesmo e parou de pensar. Depois de um tempo, ambos estavam suando por causa do esforço.

Daisy disse:

—Eu gostaria de tirar algumas fotos. Você se importa se fizermos uma pausa?

—Nem um pouco.

Ela escolhera um lugar onde uma alameda de vidoeiros cercava um riacho, que desaguava em uma piscina natural, que naquele momento estava completamente coberta de gelo. Uma ponte feita por alguém passava por cima do riacho. No tempo mais quente, ali sempre havia alguma festa de golfistas. Agora o lugar estava completamente vazio a não ser pelo canto dos pássaros e pelas pegadas dos coelhos na neve.

—Como está indo? — Greg perguntou à filha.

Ela se recostou em uma cerca.

—Estou bem. — Suas bochechas estavam vermelhas, mas havia alguma coisa em seus olhos, uma centelha que indicava problemas.

—Tem certeza? — Ele tirou uma garrafa d'água da mochila e entregou a ela.

Daisy abriu a tampa e tomou um grande gole.

—Claro.

O antigo Greg, aquele que não passava tempo suficiente com os filhos, teria aceitado a resposta dela sem maiores questionamentos. Mas, depois do divórcio, ele acabara se tomando amigo dos filhos. Que diferença! Agora, Greg sabia que “Claro” não significava necessariamente que tudo estava bem. A julgar pela expressão nos olhos de Daisy, na verdade queria dizer “Investigue um pouco mais fundo, papai. Você não vai demorar a descobrir o que está acontecendo se souber fazer as perguntas certas”.

—Como estão as coisas no colégio? — perguntou ele.

Ela sorriu brevemente, como se ele tivesse dito alguma coisa irônica. Talvez tivesse mesmo. No passado, ele fizera a mesma pergunta e aceitara tranquilamente quando ela dissera que estava tudo bem. Então, um dia, Daisy chegara em casa e informara: “Eu me dei mal em quatro matérias. ”

—Tudo bem — continuou ele —, continue se esforçando. E como está o trabalho? Você gosta de trabalhar na confeitaria?

—A confeitaria é legal. Fiz dois amigos, Zach e Sonnet, e eles também são muito legais. É legal trabalhar para minha prima, desconhecida por tanto tempo. Viu? Está tudo bem.

Outra coisa que Greg aprendera em seu curso intensivo de paternidade fora o poder do silêncio. Algumas vezes, se você permanece calado e espera, o filho acaba falando alguma coisa. Ele ficava impressionado porque muitos adultos ainda não haviam percebido isso. Muitos conhecidos seus, que tinham filhos, tendiam a preencher os momentos de silêncio falando, falando e falando mais um pouco. Os filhos de Greg lhe haviam ensinado que, às vezes, coisas importantes surgiam no meio de um grande silêncio, depois de estarem sentados em um barco por uma ou duas horas, esperando que um peixe mordesse a isca. Ou parados no meio de uma silenciosa paisagem coberta de neve.

Ele precisou de alguma disciplina, mas apenas esperou. Sacudiu a neve de um de seus esquis, tirou o protetor labial do bolso e hidratou os lábios. Estreitou os olhos para olhar para o

sol. Havia uma característica peculiar no céu azul, uma solidez, que contrastava agudamente com o branco da neve e os troncos nus do bosque de vidoeiros. E, por enquanto, era fácil ficar calado. Ele podia ouvir sons impossíveis de ser percebidos na cidade, como o rumorejo de um riacho quase completamente congelado, à exceção de um único filete bem no meio dele. Ou o sussurro do vento passando através dos arbustos que cercavam a piscina natural. Ou, ainda, o gorjear dos pássaros nas moitas.

Era um momento perfeito, pensou Greg. Parado ali, no meio do nada, num lugar maravilhoso, com a filha que tanto sofrera por causa do divórcio. Agora, finalmente, as coisas pareciam estar melhorando para ela.

Daisy pegou a câmera fotográfica nova, que ele comprara para ela em setembro último. A filha sempre tivera um olhar curioso e criativo para a fotografia. Agora, com uma câmera à altura de seus dotes, o talento desabrochava. As imagens que captava sempre o surpreendiam.

Greg observava-a com satisfação. Daisy trabalhava com autoconfiança e tinha um instinto natural para encontrar o melhor ângulo para cada foto. A facilidade dela com a câmera havia emergido... quando ele pensou a respeito, percebeu que a paixão da filha por fotografia havia coincido com a decisão dele e de Sophie de se separarem.

Assim que ele lhe dera a câmera, ela ficara obcecada em fotografá-lo, a Sophie e Max, de preferência todos juntos. Ele imaginou que isso acontecera porque a fotografia congela um momento no tempo. Aqui está minha família, agora, antes de se romper, de se separar. Então, nas aulas de fotografia, ela diversificara seus temas, e começara a tirar fotos de arquiteturas, da natureza, de qualquer cor, forma ou movimento que capturasse seu olhar. De certa maneira, Daisy fazia com que ele se lembrasse de si mesmo na idade dela, descobrindo a paixão pelo design. Com o tempo, o sucesso acabara sendo também sua ruína.

Criar a própria empresa o consumira, deixando-lhe pouco tempo para a família. E para o casamento! Por fim, o casamento acabara, e ele estava lutando para reorganizar a vida e a relação com os filhos. Greg gostaria de poder aconselhar Daisy a equilibrar a paixão por sua arte com outros elementos, para que não se deixasse consumir e acabasse por negligenciar as coisas que realmente importavam. Mas ele não poderia lhe aconselhar nada disso, da mesma forma como seus pais não haviam conseguido quando ele era pequeno.

Por um instante, Daisy pareceu esquecer que ele estava ali. Greg desconfiava que as fotos que ela estava tirando naquele dia ficariam excelentes. Era um daqueles dias perfeitos de inverno que pareciam um presente.

—Mantenha o olhar distante, para o lado — disse ela, surpreendendo-o ao mirar as lentes nele. — Certo, agora tome um gole de água da garrafa.

Ele fez a vontade da filha e bebeu a água, então, recostou-se na cerca, de braços cruzados. Depois, apoiou-se nos bastões dos esquis e sorriu.

—Eu não disse para sorrir — repreendeu ela.

—Não posso evitar. Você é tão séria a respeito do seu trabalho.

—E isso é engraçado?

—De jeito nenhum. Mas é que gosto de observá-la. Agora coloque o disparador no automático e venha tirar uma foto comigo.

—Papai...

—Faça minha vontade, vai! Não tenho muitas fotos de nós dois juntos.

Era uma atenuação da verdade. É claro que ele e Sophie tinham muitas fotografias dos filhos crescendo. E, para ele, um dos momentos mais tristes, mais dolorosos do divórcio, não fora quando eles repartiram os presentes caros de casamento, a prataria e os cristais, mas quando tiveram que examinar os álbuns e marcar as fotos que queriam duplicar. Na metade do primeiro álbum, Greg parara diante da foto de uma Sophie loura e sorridente levantando Daisy, ainda bebê, como um troféu. Elas pareciam tão lindas que ele sentira os

olhos arderem, como se tivesse ficado muito tempo sob o sol. Naquele ponto, fechara com força o álbum e dissera “Vou mandar todas para serem copiadas”.

Sophie não questionara. Ele suspeitava que estivesse sendo tão doloroso para ela quanto para ele folhear álbum após álbum, todos cheios de momentos que haviam compartilhado. Porque havia uma questão com as fotografias. Havia um motivo para que durante algum tempo elas tenham sido chamadas de “momentos Kodak”. Quando há uma câmera por perto, as pessoas sempre colocam no rosto seus sorrisos mais felizes. Não se vêem fotos de ataques de raiva, ou de casais olhando um para o outro com indiferença depois de um longo dia, ou, ainda, de adolescentes chegando da escola avisando que não querem mais voltar para lá.

Quando Daisy apoiou a câmera no tripé retrátil, programou o disparador e foi se colocar ao lado de Greg para a foto, ele não saberia dizer se aquele seria ou não um “momento Kodak”. A filha simplesmente se inclinou sobre o braço dele, enquanto ambos olhavam à frente.

Eles tiraram mais algumas fotos juntos e, então, ele pegou a câmera e apontou-a para Daisy.

Como era de se esperar, ela protestou.

—Ei! Não preciso de mais fotos minhas.

—Eu preciso. — Ele tirou várias. Uma coisa boa sobre as máquinas digitais era que você nunca precisava se preocupar com a quantidade de fotos que tirava. — Faça a minha vontade, está bem? Gosto de tirar fotos dos meus filhos.

—Está certo, como quiser — disse ela e sorriu corajosamente para a câmera. Depois de algumas fotos, no entanto, alguma coisa mudou. Um ângulo da luz. Uma mudança no vento. As sombras sobre a neve.

Demorou um momento para que Greg percebesse que a mudança fora na filha. Fora sutil, mas inegável. Algo que ele já percebera mais cedo, uma centelha de preocupação no olhar, um movimento sutil da boca, que eram, ele desconfiava, um prelúdio para as lágrimas.

—Daisy? — Ele baixou a câmera.

Alguma coisa nela pareceu desmontar, como se os seus ossos não a sustentassem. Ela precisou se apoiar na cerca.

—Papai... — A voz da filha era débil, suplicante.

—O que houve? — A mente dele começou a repassar todas as possibilidades. Daisy aprontara bastante em sua adolescência. Ela admitira ter bebido, fumado cigarros e maconha. Assumira ter matado aula, ter se dado mal em testes de propósito e obtido notas tão baixas

que, no fim, eles se viram obrigados a tirá-la da escola. Mas nada disso fizera com que ela o olhasse do modo como estava olhando naquele momento.

—Querida? — ele a estimulou.

—Não há um jeito fácil de dizer isso, portanto, apenas direi.

—Ela respirou fundo, olhou para o céu e voltou a olhar para Greg. Soltou o ar formando uma nuvem de vapor que envolveu suas próximas palavras. — Estou grávida.

As palavras nem sequer foram registradas. Foi como se ela tivesse falado numa língua estrangeira que ele não compreendesse. Ele pôde ver a boca da filha se movendo, formando as sílabas, pôde ouvir o som das palavras, mas elas não faziam sentido. O anúncio simplesmente ficou ali, suspenso e sem significado, entre eles. Então, alguma coisa aconteceu, talvez outra mudança no vento, e o impacto do que ela dissera o atingiu como uma bala atinge o centro do alvo.

Estou grávida.

Todo o ar pareceu sair de uma vez só do corpo dele. Daisy estava grávida. Sua filha, sua garotinha, ali parada diante dele dizendo que estava grávida.

Apenas um pensamento passava por sua mente. Droga! Droga. droga, droga! A palavra se repetiu em sua mente até perder o significado.

Greg reparou numa linha de pegadas na neve entre eles. Uma linha divisória. Dez segundos antes, ele estava lutando para ser um bom pai. Agora estava prestes a — oh, Meu Deus! — se tornar avô aos 38 anos. Droga. Droga. Droga.

Todas as perguntas de praxe estavam prestes a sair por sua boca. Como isso aconteceu? Você tem certeza? Como pôde ser tão descuidada? Mas, conforme as palavras se formaram em sua mente, ele percebeu que seriam apenas recriminações disfarçadas de perguntas.

Perguntas para as quais, na verdade, ele já sabia as respostas.

O modo como isso acontecera era simples biologia.

Se a filha tinha certeza? Bom Deus, apenas a mais absoluta certeza a faria dizer uma coisa dessas para o próprio pai. Ela não jogaria uma bomba dessas no colo dele se não tivesse cem por cento de certeza.

E como pudera ser tão descuidada? Daisy tinha 17 anos. E era isso que os adolescentes faziam, coisas estúpidas e descuidadas. Ele também fizera. Também fora um adolescente rebelde, talvez ainda mais rebelde do que Daisy. E, como ela, fora pego na armadilha da própria rebeldia. Ele e Sophie se conheceram quando ambos eram monitores no Kioga e haviam acabado de concluir o primeiro ano de faculdade. Não era segredo para ninguém que eles “tiveram” que se casar. Qualquer um que fizesse as contas a partir da data de nascimento de Daisy poderia descobrir. E agora Daisy estava na mesma maldita situação. Droga. Droga. Droga.

—Papai — ela o instigou, a voz um rouco sussurro — Diga alguma coisa.

—Eu estava aqui pensando “Que droga” — admitiu ele. — E isso foi o mais longe que cheguei. — Greg enfiou uma das travas mais fundo na neve. — Droga, Daisy. Como diabos você pôde...

—Ele se deteve. As palavras ecoaram pelo campo de golfe vazio e morreram. Greg sabia exatamente como ela pudera, da mesma forma que garotos e garotas faziam desde o início dos tempos. Honestidade, ele pensou. Seja honesto. Diga a ela o quanto isso o desagrada. Não, isso não. Ela já deveria saber. — E, hã, e agora? —perguntou, por fim.

—Vou ver um médico na segunda-feira — ela respondeu.

—Ainda não foi ao médico?

—Não. Eu fiz, você sabe, o teste de farmácia, bem, quatro vezes. Continuo desejando que ele esteja errado, mas... — Ela deu de ombros. — E eu estava tão apavorada que não contei nada.

—A ninguém?

—Não. Não tenho certeza, mas acho que Nina Romano imaginou.

Deus. Nina, entre todas as pessoas. Ele sentiu uma onda de raiva porque uma estranha soubera do segredo antes dele. E, aliás, como está Daisy? Na verdade o que Nina queria saber naquela manhã na confeitaria era Como está sua filha adolescente grávida?

—Não contei nada a ela — reiterou Daisy — Também não desmenti. Eu não poderia mentir. Nunca fui uma boa mentirosa.

Aquilo, com certeza, era verdade. Um dos motivos pelos quais ela se metera em tantas confusões fora por causa de sua tendência a confessar francamente as coisas.

—Você conversou com sua mãe a respeito?

—Não.

Bem, aquilo era uma surpresa. Ela contara a Greg, mas não a Sophie.

—Vai ter que contar.

—Eu sei.

—E, hã, o rapaz. — Ele sentiu alguma coisa semelhante a uma fúria assassina. Se o pequeno desgraçado estivesse ali, naquele exato momento, Greg o teria matado lenta e deliberadamente, sem hesitar. — Você precisa me falar sobre o rapaz — instou-a.

—Logan O'Donnell — disse ela.

O'Donnell, O'Donnell, O'Donnell. Oh, Deus!

—O filho de Al O'Donnell

Ela concordou com a cabeça.

Ótimo. Eles eram uma das famílias irlandesas mais ricas de Nova York. Os O'Donnell eram ricos, poderosos e ferozmente católicos.

Mais uma vez, Greg se obrigou a não dizer nada. Primeiro, ele precisava descobrir como Daisy se sentia a respeito do rapaz. Daquele pequeno lixo que a engravidara.

Ela começou a falar, a voz destacada pela neve ao redor, amplificada pela quietude do lugar. Daisy contou sobre as festas a que ela e os amigos iam em apartamentos em Manhattan e em casas de veraneio em Long Island. Greg sentiu-se nauseado. Não porque estivesse chocado, mas porque tudo lhe soava tão terrivelmente miliar. Ele e os amigos

costumavam fazer a mesma coisa e por tudo o que sabia era bem capaz de ele também ter deixado alguma garota em maus lençóis e nunca ter chegado a saber.

Não havia como negar o quanto a separação e o divórcio haviam afetado os filhos. E a reação de Daisy fora clássica. Uma rebelião completa, com direito a abuso de drogas e sexo sem proteção. A data da concepção, ela confessou, parecia coincidir com o dia em que Sophie viajara para o exterior.

Naquele final de semana, Daisy fora até ele com uma expressão desamparada no rosto.

—Posso ir com alguns amigos a Sag Harbor na sexta-feira? Bonnie Mackenzie me convidou.

—Os pais dela vão estar lá?

—É claro. Você pode ligar para eles, se quiser.

—Não há necessidade. Confio em você, querida.

E, que Deus o ajudasse, ele confiava mesmo. Confiara estupidamente que ela iria onde dizia que estava indo. Provavelmente imaginara que haveria alguma bebida e algumas tantas tolices seriam cometidas. Era aquilo que os garotos faziam na escola de nível médio. Proibi-la de ir não a teria detido.

Daisy estudava o pai e aparentemente conseguia lê-lo como a um livro.

—Não se culpe, papai. Ou a mãe, ou a Logan. Fui eu. A decisão tola foi minha.

—Então, o que você quer fazer a respeito de Logan? — ele perguntou. Greg sabia perfeitamente o que tinha vontade de fazer com o garoto, mas era ilegal e provavelmente não ajudaria Daisy em nada.

—Não vou dizer nada a ele até que tenha decidido o que vou fazer — disse ela. — Se eu decidir não levar isso adiante, não haverá razão para contar nada. — Ela enfiou a ponta de suas botas de esqui na neve. — É muito horrível que eu possa querer fazer um aborto?

Greg observou-a e pôde ver claramente sua filhinha loura, tão orgulhosa do primeiro dente perdido, ou escalando seu colo para ouvir uma história, descendo as escadas toda arrumada para um baile do colégio... Essa menininha não existia mais. Se fora para sempre, como se tivesse morrido. No seu lugar estava essa estranha envergonhada. E, por um segundo, olhar para ela causou nele um lampejo de antipatia — talvez aversão? —, e a sensação foi tão poderosa que o assustou.

Não, pensou Greg. Não. Ele não deixaria que isso o fizesse vacilar. Não.

—Papai? — disse ela, olhando para ele. — Você não respondeu a minha pergunta.

—Há uma coisa que esqueci de dizer — ele falou. — Eu amo você, e isso nunca vai mudar.

Um pequeno estremecimento percorreu o corpo dela.

—Eu sei, papai. Obrigada por dizer isso. Mas... você ainda não respondeu a minha pergunta — lembrou.

Ele não sabia. Honestamente, não sabia.

—Meus dias de tomar decisões por você acabaram. — Ele examinou a câmera, que Daisy segurara cuidadosamente nas mãos durante toda a conversa. Greg sabia que, mais tarde,

olharia para as fotos que ela tirara naquele dia e se lembraria de que aquelas eram as imagens dele e da filha, antes.

Capítulo 21

Depois que Jenny foi para Nova York, Rourke voltou a uma vida que pareceu estranhamente vazia. Ele disse a si mesmo que deveria estar feliz por ter sua rotina de volta. Estava acostumado a viver sozinho, à sua maneira. Levar Jenny para ficar com ele, mesmo temporariamente, fora um enorme contratempo.

Na verdade, ela era um aborrecimento. Tomava banhos muito longos e enchia o banheiro com uma quantidade estonteante de sabonetes, xampus e produtos de beleza. Insistia em comer coisas nutritivas no café da manhã e gostava dos mais desagradáveis programas de televisão que ele já vira. *Project Runway* e *America's Next Top Model*. Quem assistia essas coisas?

Portanto, foi um alívio voltar a ter seu banheiro organizado, sua vida organizada. Poder comer bolos prontos de supermercado no café da manhã e assistir às lutas na tevê. Definitivamente, um alívio.

Ainda assim, por alguma razão, estava inquieto e irritável. Perdia a paciência com os colegas de trabalho, reclamava da assistente e gritava com dois agentes. Os memorandos e a papelada pareciam um enorme peso que precisava carregar. Durante uma reunião sobre o orçamento com Matthew Alger, no escritório dele na Prefeitura, Rourke percebeu que estava no limite de seu controle.

Alger não fez nenhuma questão de esconder que Rourke não era sua pessoa favorita na lista de pagamentos. O administrador de finanças da cidade tinha tendência a fazer objeções aos gastos de Rourke. Só de olhar para ele agora já dava para perceber que estava prestes a criar alguma objeção.

- Estive verificando esses números – disse Matthew, entregando a Rourke uma planilha já bem manuseada –, e não há lugar no orçamento para os quatro carros de patrulha que você solicitou.

- Então crie espaço – disse Rourke simplesmente. – Não vou retirá-los.

Rourke lembrou a si mesmo para não se deixar irritar. Alger gostava de discutir cada item, linha por linha, com os cidadãos pagadores de impostos.

- Não – disse Rourke brevemente, com uma nota de alerta na voz.

- Não há dinheiro. – Alger falava de um modo enganadoramente brando, mas por trás disso havia uma firme resolução. – Não vamos entrar nas reservas.

- Você leu a requisição? – perguntou Rourke, falando de um modo nada brando. – Estamos dirigindo carros que deveriam ter sido substituídos há cinco anos. Um deles não pode mais ser usado, de jeito nenhum. Não vou voltar atrás nisso, Matthew.

- Você não tem escolha. – Alger pegou outro documento numa prateleira sob a mesa, o Código Municipal.

- Gastos de capital são matéria de aprovação final do administrador financeiro municipal. E eu não aprovo.

- Então você é um asno e vou me certificar de que as pessoas saibam que você não dá a mínima para a segurança pública.

- Muito bem, mande sua amiga de bom coração, Nina, se queixar disso em seu próximo discurso. Pessoas dirigem carros velhos o tempo todo, chefe...

- E a vida de alguém pode depender de um carro em perfeitas condições.

- Isso tem poucas chances de acontecer, e você sabe disso.

Rourke sentiu o fogo do seu temperamento explosivo bem perto da superfície, pronto para explodir. Sem tirar os olhos de Alger, ele abriu uma gaveta da escrivaninha e pegou ele mesmo um documento.

- Já fiz as contas – anunciou. – E o orçamento pode cobrir, sim.

- Fazer as contas é meu trabalho, e não há dinheiro.

- Vou lhe dizer uma coisa – avisou Rourke. – Haverá uma auditoria independentemente no próximo mês...

- Isso terá que ser reagendado.

- Olhe no seu maldito Código Municipal. Não pode ser mudado. – Enquanto saia pisando duro do escritório, Rourke lembrou a si mesmo que não havia sentido em ficar possesso. Eles apenas precisavam resolver a questão. E aquilo não deveria ser problema dele, mas como um percentual substancial do orçamento municipal era destinado à segurança pública, ele precisava justificar os menores gastos do seu departamento. O caixa municipal estava baixo e ninguém entendia o motivo. Alguma coisa não fazia sentido, e Nina estava com medo, porque pretendia se candidatar à reeleição aquele ano. Com as finanças da cidade em tão mau estado, ela se tornava um alvo fácil para oponente. Matthew Alger cavalgaria como um cavaleiro andante, prometendo colocar tudo em ordem.

Rourke encaminhou-se para o escritório de Nina, cada vez mais aborrecido. Até a decoração do lugar o irritou. Tudo era excessivamente simpático, das paredes de um amarelo luminoso até os retratos divertidos de cidadãos especiais de Avalon e de heroínas pessoais de Nina, como Gloria Steinem e Maddona, além das fotos emolduradas de Sonnet. Não pela primeira vez, Rourke sentiu uma fisgada de inveja. Nina tinha uma filha que era pura alegria, e uma família enorme que ela adorava. Rourke não tinha nenhuma dessas coisas e, normalmente, isso não o incomodava, mas naquele dia sim.

Se ela percebeu isso, não demonstrou, enquanto abria uma pasta de planilhas.

- Nós precisamos rever o orçamento do seu departamento – disse Nina. – Vamos ter outro déficit este trimestre.

- Ah, não – disse ele, levantando as mãos, com as palmas viradas para fora. – Você não vai revisar o orçamento novamente. Puxa, Nina, nossos carros têm dez anos. Não vou cortar nem um centavo de dólar, portanto, nem se preocupe em perguntar.

- Não estou pedindo que corte nada - ela assegurou. – Sei que não restou nada para ser cortado em seu departamento.

- Obrigado. – Ele ainda estava desconfiado dela. Nina não teria marcado essa reunião se não tivesse alguma carta na manga.

- O que eu gostaria era de requerer um subsídio público para as filmadoras digitais que você requisitou para os carros.

Certo, agora ele entendia o rumo que a conversa estava tomando.

- Meu pai é presidente do conselho administrativo da divisão de execução de leis do estado.

- Exatamente. Rourke...

- Não vamos fazer isso. Arrume outro jeito de conseguir fundos para o projeto.

- Como o quê?

- Como tentar descobrir por que o orçamento está essa bagunça, prefeita.

- Deixe de ser engraçadinho. Venho tentando descobrir isso há meses. – Ela engoliu em seco e torceu as mãos. Alguma coisa a estava deixando nervosa. – Acho que está na hora de fazer uma auditoria judicial em nossos livros-caixa. E, sim, eu sei o quanto isso me faz parecer paranoica.

- E isso custa dinheiro.

- Se encontrarmos a artéria rompida, talvez possamos deter a hemorragia.

- Você conversou com Matthew Alger? Me parece que você deveria começar pelo administrador financeiro municipal.

- Ele não ajudou em nada. Seus livros estão em perfeita ordem, limpos – disse ela, de cara feia. – É claro que estariam.

- Por que diz isso?

- Ele quer parecer perfeito porque vai concorrer comigo nas próximas eleições.

Ela parecia sob tanta pressão que Rourke quase esqueceu seus próprios problemas.

- Escute, que tal solicitar uma auditoria independente, em vez de uma forense, neste momento? Assim, você não parece paranoica e talvez descubra o que está acontecendo.

- E os fundos para uma auditoria independente vêm de onde? Do seu departamento? – perguntou ela.

Ele bateu com a mão na mesa.

- Estou tentando ajudar!

Ao contrário da maioria das pessoas que trabalhavam com Rourke, Nina ignorou seu mau gênio.

- O que há com você, McKnight?

Ele olhou furioso para ela.

- Não há nada comigo. A menos que você queira levar em consideração o fato de eu estar tentando fazer um departamento funcionar com um orçamento do tamanho de um ovo.

- Mentiroso. Você nunca se deixou perturbar por um déficit de orçamento. – Ela cruzou os braços sobre a mesa e o observou.

Ele se recusou a deixar que o escrutínio dela o afetasse. Nina Romano era linda. Era solteira, e todos a amavam. Por anos, as pessoas da cidade quiseram que eles se apaixonassem e vivessem felizes para sempre. A prefeita da cidade e o chefe de polícia. Era muito romântico para que eles resistissem.

O único problema era que os dois não eram um par. E ambos sabiam disso. Mas, ainda assim, um respeitava o outro. E se ela queria saber o que o estava devorando por dentro, ele não iria tentar enganá-la.

- Eu ando chateado nos últimos tempos – disse.
- Hmm, hmm. – Ela acenou com um ar sábio. – DEPJ.
- O que é isso?
- Desordem de Estresse Pós-Jenny

Muito engraçado, pensou ele.

- Ela me deixou louco enquanto estava na minha casa. Achei que ficaria feliz por me livrar dela.

Nina riu.

- McKnight, você é impressionante!
- O que quer dizer com isso?
- Você é louco por aquela garota desde que éramos crianças.
- Eu, hã, meio que disse isso a Jenny antes que ela partisse.
- E ainda assim ela partiu? – Nina parecia surpresa.
- Sim.
- Então você não deve ter dito a ela.
- Acabei de lhe falar que eu disse.
- Está certo, o que você lhe disse?

Ele pensou por um momento.

- Disse a ela que a razão pela qual eu saio com tantas mulheres é porque nenhuma delas é ela.

Levou alguns minutos até que Nina parasse de rir e se recompusesse. Então, ela jogou um lápis nele e acertou-o no queixo.

- Bom trabalho, gênio.
- O que foi?
- Se eu tiver que explicar a você por que isso é completamente inadequado, você nunca vai entender.
- Escute, podemos mudar de assunto? Está claro que ela está bem melhor em Nova York...
- Meu Deus, McKnight, você sempre faz isso – disse Nina.
- Faço o quê?

- Você sempre tenta encontrar todas as razões possíveis para justificar por que não deve ficar com Jenny ou com qualquer mulher decente. Por que isso?

- Não preciso que você analise minha vida pessoal, Nina – disse ele.

- Está certo. Afinal, você está indo tão bem por sua conta. – Ela lhe mostrou uma caixa de madeira lotada de fotografias e documentos. – Isso deve animá-la.

- O que é isso?

- Sabe o anúncio que pus no jornal? Pois bem, estou sendo inundada de coisas.

- Logo depois do incêndio, Nina escrevera uma carta aberta aos cidadãos de Avalon, explicando o tamanho da perda de Jenny e pedindo cópias de qualquer foto ou lembrança que as pessoas pudessem ter da família Majestky ou da confeitaria. Não foi surpresa para ninguém quando as coisas começaram a chegar – uma inundação de antigas fotos, calendários da Confeitaria Sky River dos anos 1960, cartões com lembranças antigas e sinceras escritos à mão e um número surpreendente de fotos de Mariska Majesky. O distrito escolar doara cópias dos anuários de toda a época em que Jenny estudara na escola de ensino médio. Rourke conferiu alguns itens e ficou impressionado mais uma vez pelos sentimentos que Jenny conseguia inspirar nele. Estava tão linda em todas as fotos, sorrindo para a câmera. Ele tentou imaginar como deveria ser perder tudo. Em determinado momento de sua vida, optara por deixar tudo para trás e partira apenas com as roupas do corpo, mas não era a mesma coisa. Ficara feliz em deixar para trás a vida antiga e todas as armadilhas que ela trazia.

Ele pegou um recorte de jornal, datado de 30 de agosto de 1995. Havia uma foto de Jenny de Joey, seus rostos revelando felicidade. “A sra. Helen Majesky anuncia o noivado de sua neta, Jennifer Anne Majesky, com o cabo Joseph Santini. Está sendo planejado um casamento de verão.”

As lembranças explodiram dentro dele, ainda dolorosas, mesmo agora. Ele recolocou a tampa na caixa.

- Ela sabe sobre tudo isso? – perguntou a Nina.

- Não, as coisas ainda estão chegando. Achei que você poderia ser o responsável.

- Não. De jeito nenhum. – Uma coisa estava bem clara para Rourke: ele ainda estava assombrado pelas emoções que o engolfaram durante o incêndio. Houve um momento em que pensou que a havia perdido e o que o queimava no íntimo era saber que nunca dissera a Jenny o que sentia por ela.

Capítulo 22

Jenny sentiu-se uma impostora quando saiu da estação do metrô no Rockefeller Center. Tentou acompanhar o fluxo apressado de profissionais muito bem vestidos que se dirigiam para seus compromissos, mas sentiu-se uma farsa. Era uma estranha ali. É claro que visitara a cidade antes, como turista. Seus avós a haviam levado para visitar museus ou para assistir a um balé, e em duas ocasiões especiais e abençoadas eles a haviam levado para ver uma peça da Broadway. *A Bela e a Fera* fizera a avó chorar de alegria enquanto o avô lutava para permanecer acordado. Outra vez, viram um drama chamado *Da* sobre uma família irlandesa, um espetáculo terrivelmente triste, mas lindo de ver.

Em outras visitas à cidade, foram ao Frick, ao Met, à Wall Street. De longe, a ocasião mais memorável fora quando estiveram na Ellis Island. O lugar onde tantos milhões de pessoas respiraram pela primeira vez o ar da América era inesquecível. O avô e a avó falaram pouco enquanto olhavam as fotos das salas e dormitórios lotados por imigrantes que esperavam, ou telhados onde as crianças costumavam brincar. Eles passaram um longo tempo examinando as vitrines que expunham os objetos mais diversos. Uma bolsa com o couro rachado, o sapato perdido de uma criança, uma passagem um certificado de imigração assinado. Assombrados e reverentes, os dois encontraram seus nomes gravados em latão, nas listas que marcavam o perímetro do parque. Eles traçaram as letras com os dedos e Jenny jamais esqueceria o jeito como se abraçaram, parados diante da placa, com o vento soprando em seus cabelos e a Estátua da Liberdade ao fundo. Foi com uma mistura de tristeza, arrependimento e gratidão que ela finalmente pode ver, nesse momento um lampejo do que fora para eles, adolescentes e recém-casados, fugir para uma terra nova, sabendo muito bem que jamais reveriam suas famílias novamente.

Jenny tinha 13 anos naquela época. Estava cheia de amor por seus avós e cheia de raiva da mãe. Naquele ano, também haviam ido ao Cloisters, o museu medieval que ficava no lado oposto de Manhattan. Para chegar lá, pegaram um ônibus, e quando passaram pelo Upper East Side ela se lembrou de que era lá que Rourke McKnight morava, porque ele e Joey uma vez lhe haviam explicado onde ficava. Jenny observou fascinada os prédios construídos na “Era Dourada” americana, as praças onde babás em aventais engomados empurravam carrinhos de bebê, e as limusines reluzentes, transportando sua carga preciosa para cima e para baixo.

Ela se lembrou de ter pensado na ocasião:” Este é o mundo dele”. Sentiu-se como uma alienígena naquele lugar. Do mesmo jeito como se sentia agora.

Todos na cidade pareciam intensos e cheios de objetivos, desde os vendedores de comida nas esquinas até os jovens executivos vestidos de preto, falando nos seus celulares enquanto se apressavam pelas calçadas lotadas. Mesmo os fumantes, reunidos ao redor dos cinzeiros públicos, pareciam ocupados e importantes.

Talvez com o tempo Jenny conseguisse sentir parte desse mundo apressado, mas naquele momento estava simplesmente se deixando levar pela maré. Ela dobrou na rua 47, apinhada de compradores, vendedores de diamantes e corretores, muitos deles judeus ortodoxos em seus tradicionais casacos pretos e longos, chapéus de brim, cachos de cabelo sobre as orelhas e barbas longas emoldurando seus rostos. Ao parar numa esquina, reparou

na mistura peculiar do cheiro quente dos canos de descarga com o perfume doce e enfumaçado de castanhas sendo assadas. Ali observou uma garotinha e uma mulher pegarem o taxi. A mulher estava apressada e quase arrastava a criança, que tropeçava.

Observando-as, Jenny teve uma extraordinária sensação de *dejàvu*. Pode ouvir, tão claro como se uma voz estivesse falando em seu ouvido, uma ordem curta:

“Vamos, Jenny. Você precisa continuar. Temos um vôo para pegar.”

“Não quero voar para longe.”

“Ótimo. Vou deixá-la em casa”.

Por um momento, Jenny sentiu como se estivesse observando sua própria vida de longe. Embora a lembrança fosse obscura, como um sonho de que nos lembramos apenas parcialmente, ela soube que estivera ali antes.

No quarteirão seguinte, ela percebeu que os números dos prédios decresciam e descobriu o endereço onde iria encontrar Philip Bellamy e Martin Greer, um homem que Philip conhecia desde a época da faculdade e que agora era um agente literário de sucesso, dono de sua própria empresa.

Enquanto deixava o casaco, o chapéu e as luvas no vestiário do restaurante, Jenny sentiu uma desagradável sensação de pânico. Oh raios, ela pensou. Agora não. Não era um bom momento. Ela pensou na possibilidade de tomar um comprimido, mas afastou a idéia. Decidiu que durante a próxima hora simplesmente ignoraria os sintomas.

Jenny secou as mãos úmidas na saia, colocou um sorriso no rosto e aproximou-se da recepcionista.

- O sr. Bellamy já chegou? – perguntou.

- Acabei de conduzi-lo a uma mesa. – A recepcionista, uma moça do Leste Europeu, magra como um lápis, vestida de saia e uma blusa conduziu Jenny a mesa onde Philip e Martin a esperavam.

Os homens se levantaram para cumprimentá-la, Philip com um beijo rápido em seu rosto e Martin com um aperto de mão. Ela rezou para que ele não percebesse o suor em suas mãos.

- Obrigada por se encontrar comigo – disse, sentando-se.

- É um prazer – replicou Martin, que tinha a voz agradável e ressonante de um locutor de rádio.

Jenny olhou ao redor do maravilhoso restaurante. Era arejado e claro e dali se via o pátio interno do prédio, luxuriante com enormes plantas tropicais. Estavam sentados em um lugar privilegiado, Martin e Philip eram pessoas influentes.

- O que está achando de Nova York até agora? – perguntou Martin.

- É fascinante. O apartamento de Olivia é maravilhoso. – muitas coisas em Nova York eram exageradas e excessivamente exuberantes, mas a casa de Olivia era um oásis confortável, com a mobília coberta de chintz, muitas plantas, aparelhos de jantar de porcelana no bufê. Olivia combinara seu bom gosto com a amabilidade natural de sua personalidade e isso se refletia no apartamento charmoso e ensolarado.

-Tive o prazer de ler algumas colunas e ensaios – disse Martin, muito pratico.

Jenny prendeu a respiração. E sentiu que Philip estava fazendo o mesmo.

- E a questão é a seguinte – continuou Martin, inclinando-se um pouco a frente. – Me tornei um fã. Gosto do material. E não estou dizendo isso apenas porque Philip me estrangularia se eu não fizesse. Estou dizendo porque realmente há alguma coisa especial em seus textos.

- Não sei o que eu dizer – ela respondeu. – estou realmente lisonjeada.

Martin levantou a mão, detendo-a.

-Estou apenas começando. Como eu disse, me tornei um admirador seu. Pude sentir a atmosfera daquela pequena confeitaria familiar como se estivesse lá. Você trouxe seus parentes de volta à vida e me fez conhecê-los. Pude ouvir suas vozes e vê-los em minha mente. Não sei fazer pães, mas as receitas fizeram sentido para mim. Seus textos são cheios de vida, autênticos e despretensiosos.

Jenny ainda estava presa nas garras de um iminente ataque de pânico. Podia sentir seu rosto queimando. Talvez ele pensasse que era apenas o entusiasmo.

- Obrigada – disse ela, um pouco sem ar, e tomou um gole de sua água Voss. – Mas posso ouvir um grande “no entanto” se aproximando.

Martin e Philip trocaram um olhar.

- Voce tem um bom ouvido – disse Martin. – E é muito perceptiva.

- Então, qual é o “no entanto”?

O garçom chegou com os pedidos. Jenny mal olhara para o cardápio e optara por um dos pratos do dia, que continha pelo menos três ingredientes dos quais nunca ouvira falar.

- O “no entanto” é o seguinte – disse Martin. – Você nos deu a confeitaria. As receitas, os personagens envolvidos, seus avós e os empregados, os fregueses mais peculiares. Está tudo ali. No entanto está faltando um ingrediente chave.

- Qual?

- Você.

Jenny não esperava por aquilo.

-Não sei o que quer dizer.

-Você precisa estar mais presente. Não apenas como narradora, mas como um personagem também. É claro que as pessoas vão gostar das historietas, das receitas e dos esboços de personagens. No entanto, para que esse livro seja extraordinário, precisamos ver você nele. Precisamos ver as coisas que a definem, seus sonhos e emoções, e o que aquele lugar representa para você. Mostre-nos seu coração.

-Realmente não me considero tão interessante para escrever a meu respeito.

- Precisa pensar melhor sobre isso. – Martin estava claramente impassível diante do fato de que aquilo a estava deixando muito aflita. – Você nos deu pequenos relances irresistíveis de fatos importantes que aconteceram em sua vida. O bolo de chocolate amargo que sua avó fazia todos os anos no aniversário de sua mãe. Como o leitor não vai querer saber mais? E o bolo para as bodas de ouro dos pais de Philip que você mesma fez? Acho que há muito mais

história ai. Quero dizer... pense bem... alguém encomenda um bolo e isso leva você a descobrir um pai que nunca conheceu! É isso que as pessoas querem ler!

Agora Jenny entendera. Relanceou um olhar para Philip e percebeu que ele também entendera.

- Você quer que eu escreva sobre minha mãe. Disse ela.

Martin juntou os dedos das mãos.

- Como foi ter sido abandonada por ela? E como foi ver seu pai entrar em sua vida no último verão? E mais uma pergunta: quem é Joey?

Oh, Deus!

- Você leu os arquivos. – não era uma pergunta.

- É claro – disse Martin. – Estou levando esse projeto muito a sério.

Jenny não sabia o que dizer. Os nervos sensíveis do passado foram subitamente expostos. Nenhum dos dois homens queria machucá-la, mas o escrutínio deles em sua vida era doloroso. Anos antes, assim que começara a escrever sua coluna no jornal, Joey era parte da sua vida. Naturalmente, alusões a ele e a sua herança italiana fizeram parte de seus textos. O pai dele, Bruno, aquele homem robusto e adorável, conseguira até mesmo convencer sua avó a acrescentar fiadone ao cardápio da confeitaria.

- Hã, hmmm... Joey e eu fomos noivos – disse ela finalmente, olhando para a toalha branca engomada. Mesmo tanto tempo depois, doía dizer aquelas palavras. Jenny ainda podia visualizar Joey, sorridente e inocente, tão apaixonado por ela que seus companheiros no Exército costumavam caçoar dele por desatar a cantar de repente, quando pensava nela. Havia muito mais que Jenny poderia dizer sobre Joey, mas não estava acostumada a falar sobre ele, especialmente para um pai que acabara de conhecer. E na frente de – bom, Deus! – um agente literário.

- Querida, sinto muito – disse Philip, tocando a mão dela, num gesto ao mesmo tempo embaraçado e confortador. – Odeio saber que certas coisas aconteceram com você e eu não estava por perto para... não sei. Ajudar, ou apenas ouvir. Simplesmente estar por perto.

A honestidade sentida dele a tocou, ainda que também sentisse uma leve sombra de amargura a respeito. Jenny gostaria que o pai a tivesse encontrado mais cedo, que tivesse estado presente quando ela precisara desesperadamente de alguém. Mas é claro que aquilo era impossível, e não era culpa dele.

- Estou bem, agora. Isso foi muito tempo atrás – ela disse. Então, virou-se para o sr. Greer. – Eu nunca coloquei nada muito pessoal nos meus textos. Não estou certa de que saberia como fazê-lo.

- Pequenas historietas funcionam bem em uma coluna de jornal - Ele fez uma pausa. – Mas você precisa pensar um pouco, sobre essa questão pessoal. Porque essa questão é o ponto a respeito de memórias culinárias. Na verdade, elas nunca são realmente sobre comida.

- Em outras palavras – disse Jenny para Nina ao telefone naquela noite -, ele quer que eu sangue sobre a página.

- E você consegue fazer isso?

- é claro que consigo. A pergunta é se eu estou disposta ou não – disse Jenny. – E alguém realmente vai prestar atenção nisso? Sou apenas uma garota que cresceu em uma cidade pequena, ajudando no negócio da família. Não sou ninguém especial. Acho que é disso que as pessoas gostam nos meus textos. Elas podem se ver nas minhas histórias, transformá-las em suas. Por que eu escreveria sobre minha mãe ou admitiria não conhecer meu pai? Por que, em nome de Deus, eu falaria de Joey?

- As pessoas gostam dessas coisas. Uma pessoa comum encarando o incomum.

Jenny tentou se imaginar colocando certas coisas no papel.

- Tudo o que eu sempre quis desde que era criança foi ser ouvida. Queria que as pessoas conhecessem minha história, mesmo que não houvesse nada de particularmente excepcional nela. As pessoas contam sobre suas vidas e querem que sejam histórias felizes. Quando você precisa visitar trechos não tão felizes... – Ela olhou pela janela, para os prédios em frente, grudados um no outro, formando uma muralha impenetrável. – Isso mudaria o que é o livro.

- E é uma coisa ruim? – perguntou Nina.

- Não sei bem. Tenho uma agradável coleção de receitas e historietas sobre a confeitaria. Era isso que eu pensava que seria o livro. Agora, estou prestes a mudar tudo para uma histórias de abandono e raiva, de dramas de amores fracassados. E ainda espera-se que eu arrume um fecho interessante para tudo isso. – Jenny sacudiu a cabeça – não tenho ideia de como seria esse final.

- Poderia ser quando você encontrou Philip Bellamy, ou quando fez o bolo para as bodas de outro de pessoas que você nem sabia que eram seus avós. Decida – disse Nina. – o quanto você realmente quer isso?

Quero o bastante para sofrer e sangrar por isso. Jenny respirou fundo, levantou-se e começou a andar agitada de um lado para o outro.

- Eu quero isso.

- Então, acho melhor você começar a trabalhar para encontrar o tal desfecho.

Jenny sorriu e virou um copo d'água em um vaso de planta.

- Não funciona desse jeito.

-Sabe o que acho? Acho que é Rourke McKnight.

Jenny afastou o telefone do ouvido e olhou para ele com raiva.

- Como disse?

- Você e Rourke. Talvez seja esse o final.

- Não há um “Rourke e eu”. Por Deus, Nina!

- E sabe do que mais? – disse Nina, implacável. – Você parece péssima. Não acho que essa ideia de ir para Nova York tenha sido a melhor coisa para você.

- Eu sempre quis fazer isso, sempre. Você, entre todas as pessoas sabe disso.

- Acho que você gostava mais da *ideia* de fazer isso do que está gostando da realidade – ressaltou Nina. – você sabe, o apartamentinho gostoso, a multidão frenética, a agitação. Mas a realidade é que sua vida é em Avalon. É aqui que estão as pessoas que mais se importam

com você.

- Eu precisava conhecer minha nova família – lembrou Jenny. – As irmãs do meu pai, meus avós paternos, primos que eu não sabia que existiam até seis meses atrás.

- Muito bem, conheça-os. Mas ainda acho que é a Avalon que você pertence.

Jenny recuou. Será que era mesmo aquela garota? A dona de loja destinada a passar a vida em uma cidade pequena, enquanto sonhava com uma vida diferente, como uma versão feminina e contemporânea de George Bailey? Ela andava de um lado par ao outro na frente da janela. Do lado de fora, as pessoas se apressavam e logo voltavam a andar, como um gigantesco acordeom. Na entrada de um prédio, do outro lado da rua, uma mulher com um chapéu cinza de tecido estava encostada no batente da porta, com uma expressão preocupada, como se a cena à sua frente fosse uma afronta pessoal a ela.

- Gosto daqui – insistiu Jenny, embora a imagem impessoal que acabara de ver através da janela a fizesse imaginar se não estava enganando a si mesma.

- Venha para casa. Você sabe que é isso o que quer.

- Não tenho uma casa lembra-se? E recuso a ficar mais tempo na casa de Rourke, e apesar de amar você profundamente não há como me mudar para ficar com você e Sonnet.

- Você pode alugar alguma coisa. Nada demais. – Nina, cujo coração e alma pertenciam a Avalon, que amava tanto a cidade que trabalhava 14 horas por dia como prefeita, simplesmente não parecia entender por que alguém gostaria de viver em outro lugar.

- Vou pensar a respeito – disse Jenny, principalmente porque toda aquela conversa já estava lhe deixando com dor de cabeça.

Estava confusa. Com toda honestidade, já não sabia mais o que se passava em sua cabeça. Ou em seu coração.

- Há algumas coisas que preciso fazer além de encontrar a família de meu pai.

- Como o que?

Jenny respirou fundo.

- Preciso ir ver o Joey.

- Oh, Jen. – A voz de Nina soou tremula. – Não faça isso consigo mesma.

- Ficarei bem – disse ela. – É só... uma coisa que preciso fazer.

Jenny pegou um taxi porque o dia estava muito frio. Não havia mais muita neve, apenas alguns montes cinzentos aqui e ali. O céu estava pesado e sem cor sobre a ponte de Manhattan enquanto o taxi a atravessava em direção ao Brooklyn e seguia pela Flatbush Avenue. Ela já estivera ali uma vez, mas as lembranças daquele dia eram falhas, apenas um borrão de dor. Desde o encontro com Martin Greer, Jenny vinha pensando nas histórias que guardava dentro de si, e estava começando a perceber que estava se escondendo do passado, e vez de encará-lo.

O taxi passou pelo portão de ferro e continuou lentamente pela entrada de veículos cinzenta. Ela contou silenciosamente as fileiras e então falou:

- Acho que é aqui – disse com a voz débil. – o senhor pode esperar?

O motorista assentiu e Jenny desceu do carro. Aparentemente, era única pessoa ali. O frio parecia entalhado no chão sob os seus pés, a relva pisada e sem cor. Ela caminhou, contando e, então, parou e virou-se subitamente feliz por não haver mais ninguém ao redor. Seu estomago se revolveu de nervoso.

- Olá Joey – disse. – Sou eu. – Jenny respirou fundo e começou a falar. – Há uma coisa sobre a qual venho pensando e queria falar com você a respeito. Você sabe o quanto eu sempre quis escrever um livro, não é? Costumava brincar comigo sobre escrever a respeito de tudo, lembra-se? Ainda faço isso, e agora parece que tenho a oportunidade de dar uma chance a esses textos. Mas não é fácil. Algumas das coisas sobre as quais vou escrever vão me levar de volta a... tempos difíceis. Não sei, talvez seja masoquismo da minha parte, mas quero escrever sobre isso. É uma coisa que eu provavelmente deveria ter feito há muito tempo. Acho que você sabe o motivo. De qualquer modo, esse é o plano.

O vento frio fez com que seus olhos lacrimejassem. Ela ficou ali parada por mais alguns minutos, pensando, lembrando. A lapide estava próxima de outra, mais antiga, da mãe de Joey. A dele ainda parecia nova, arredondada no topo e reluzente, as letras gravadas curvando-se nas beiradas:

Joseph Anthony Santini, 1976-1998. Filho amado.

Pise com cuidado – aqui jaz um sonho sepultado.

A campainha da porta soou e Jenny se apressou em atender, abrindo-a para Jane Bellamy. Sua avó, mãe de Philip, estava parada diante dela. Uma mecha de cabelo prateado escapava do chapéu macio de lã angorá que ela usava com um casaco também de lã, cor de vinho, muito bem cortado. Não havia nada minimamente indelicado nela, mas Jenny simplesmente não sabia como agir.

-Olá, querida – disse Jane. Fiquei tão contente que você tenha concordado em vir para a cidade.

-Fiquei muito feliz com o convite. – Jenny imaginou se parecia tão agitada quanto se sentia. Vinha tentando escrever durante todo o dia, mas só conseguira organizar seus e-mails e jogar Campo Minado uma dúzia de vezes. Ela deu um abraço na avó. Sua avó. Elas não se conheciam há muito tempo, mas não havia nada para não gostar em Jane Gordon Bellamy.

O pai dela fora o fundador do Kioga e ela crescera lá. Em 1956, se casara com Charles Bellamy em uma cerimônia no acampamento. Helen Majesky fizera o bolo de casamento, uma belíssima criação, coberta com flores de açúcar. Cinquenta anos depois, seria Jenny quem faria uma réplica exata daquele bolo para a comemoração das bodas de ouro do casal, também celebradas no acampamento, Jane tinha 69 anos e era linda, com seus olhos brilhantes, seu cabelo prateado cortado na última moda e casaco de inverno de cashmere que envolvia à perfeição sua figura esguia. Jane tinha um ar desprezível, mesmo sendo casada com um Bellamy e vivendo em um dos respeitáveis edifícios antigos do Upper East Side.

Ela olhou ao redor da sala, um ponto brilhante mesmo no inverno mais escuro.

- Você está gostando do apartamento de Olivia?

- Eu simplesmente amo este lugar. É perfeito. – Mas Jenny ainda estava impressionada com as coisas que Nina dissera ao telefone no outro dia. O apartamento era mesmo perfeito, ou ela estava se forçando a achar que sim porque era isso o que achava que queria?

- Não estou surpresa por vocês duas terem gostos parecidos – disse Jane. – Afinal, são irmãs.

Meias-irmãs, pensou Jenny. A outra metade de Olivia era sua mãe, Pamela Lightsey, divorciada, rica, bem relacionada, intimidante. Aliás, essa outra coisa que tinha em comum com Olivia. Ambas tinham mães difíceis. A diferença era que Pamela tornava as coisas difíceis com sua presença, e Mariska por causa de sua ausência.

-Então, você já está pronta para sairmos? – Perguntou Jane.

- Com certeza. Sempre quis conhecer o St. Regis. – Jenny pegou o casaco. Tomar chá no lendário hotel devia ser um fato corriqueiro na vida de Jane Bellamy, mas para Jenny seria a primeira vez.

-Normalmente tomo chá lá uma vez por mês – explicou Jane. A mãe de Philip tinha seu próprio motorista, um homem sóbrio, vestido em um terno preto, que murmurava numa língua estrangeira no fone sem fio do celular, enquanto dirigia com perícia pelo trânsito da cidade. – Antigamente, eu costumava levar Olivia comigo. Era uma tradição nossa.

Jenny e a avó também haviam tido suas tradições, mas eram muito mais modestas. Jenny ia à confeitaria todos os dias depois da escola. Ela se sentava diante de uma das mesas de trabalho com um copo de leite gelado e um biscoito quentinho, e ficava girando em um banco enquanto contava à avó, toda animada, como fora seu dia.

- Olivia e eu começamos a fazer isso quando ela estava com uns 10 ou 11 anos – continuou Jenny. – Estou certa de que Olivia não se importaria por eu lhe dizer que ela não lidou nada bem com o divórcio dos pais.

- Ela me contou.

- Não posso dizer que levá-la para tomar chá tenha adiantado muito, mas estou certa de que, nesse caso, um pouco de atenção extra não faz mal algum. – Jane esticou a mão e deu tapinhas na mão de Jenny. – Olhe só para mim, divagando sem parar.

-Não me importo.

O carro parou no acostamento em frente ao hotel, uma referência da arquitetura Beaux Arts no centro da cidade. Um porteiro em uniforme formal apressou-se em abrir a porta do carro para elas, oferecendo a mão a Jane para ajudá-la a sair do carro.

- Boa tarde, sra. Bellamy – disse ele.

Nós não estamos mais no Kansas, pensou Jenny, quando entrou no luxuoso saguão.

A recepcionista, que também conhecia Jane Bellamy pelo nome guiou-as através de um grande salão, para a mesa que fora reservada para elas em um elegante e claro salão de chá. Conversas sussurradas e uma suave música de harpa enchiam o ar. Jane sorriu feliz para Jenny.

- Esta impressionada? Eu queria impressionar você.

Jenny riu.

- Está brincando? Estou profundamente impressionada. Elas a tratam como uma convidada VIP!

- É um privilégio da minha idade avançada. – Jane ficou séria.

- Quando Charles e eu nos mudamos para a cidade, depois de casarmos, me senti do mesmo modo como provavelmente você está se sentindo, perdida e confusa. O que me salvava era saber que todos os meus verões seriam passados no Kioga. Jenny, quero que saiba que não há vergonha alguma em sentir saudades de casa.

- Querida, embora não nos conheçamos há muito tempo, sou sua avó e posso sentir o cheiro de uma mentira há quilômetros de distância.

- Mas... – Jenny olhou para sua xícara de chá, um Earl Grey quente, cor de âmbar, recendendo a bergamota – Durante toda a minha vida pensei que isso era tudo o que eu queria. Vou me sentir um fracasso se achar que isso é alguma coisa menos do que um sonho se tornando realidade.

- Bobagem – Disse Jane. – Você não pode forçar os sentimentos a seguirem sua vontade. – Ela sorriu, melancólica. – Estou longe de Avalon há 50 anos e ainda sinto saudades da cidade.

Jenny estava surpresa.

- E por que não volta para lá?

- Minha vida é aqui porque Charles está aqui. Quando você está com a pessoa que ama, você está em casa. Já esteve apaixonada, Jenny?

Ela pensou em Joey, nos planos que haviam feito e no modo como tudo fora destruído.

- Não dessa forma - admitiu ela. – Nada do tipo “acompanharei você até o fim do mundo”. – Ela tomou um gole de chá e encarou o olhar fixo de Jane. – Eu fui noiva – disse ela. – Seu nome era Joey e ele era um soldado do Exército.

- Parece que as coisas não deram certo.

- Ele morreu. – Jane provavelmente merecia uma explicação completa, mas Jenny não confiava em si mesma para dizer mais sem desmoronar. Pensava com frequência em Joey, mas todas as lembranças e todos os planos que fizera não haviam clareado as coisas para ela. Meu Deus!. pensou, e ainda deveria escrever sobre isso? Como se não conseguia sequer falar a respeito?

O olhar de Jane abrandou-se e espelhou o choque e a preocupação que sentia.

- Me desculpe. Ele devia ser tão jovem! Deve ter sido terrível para você.

Jenny assentiu.

- Estou bem agora. Já se passaram muitos anos. Com o tempo arrumei outros namorados. Poucos – Ela ficava embaraçada ao admitir como haviam sido poucos mesmo. – Meu último namorado, Don, era um bom rapaz. Nós nos divertimos juntos. No entanto, ele era um motorista terrível, tinha mais multas de trânsito que qualquer outra pessoa que já conheci. Na verdade, acho que ele acabou indo embora da cidade porque não queria pagá-las. Pensando nisso, outro rapaz com quem namorei também recebia muitas multas. – Ela quase se esquecera de Tyler. Ele não fora muito marcante.

- Oh querida. Isso quer dizer que você se sente atraída por homens imprudentes?

- Acho que não é isso. Eles apenas não tinham muita sorte, estavam no lugar errado, na hora errada. Uma seta que não foi ligada quando deveria, uma lanterna queimada... Uma das muitas que Don recebeu foi por não ter para-lamas nas rodas da sua caminhonete. Pode imaginar uma coisa dessas? Quem conhece essa regra?

- A excelência de Avalon – disse Jane. – É bom saber que eles são atentos. Olivia me contou que o chefe de polícia vem sendo especialmente gentil com você desde o incêndio. Fiquei feliz em ouvir isso.

Hmmm. E o que mais Olivia dissera? A delatora. Talvez houvesse uma desvantagem em ter uma irmã.

- Rourke e eu nos conhecemos há muito tempo – disse ela. – Ele era o maior amigo de Joey.

- Entendo. E como ele se estabeleceu em Avalon?

A pergunta pegou Jenny de surpresa.

- Ele fez uma faculdade específica de formação de agentes da lei e então apenas... se instalou lá.

Jane levantou uma das delicadas sobrancelhas.

- E você e o Rourke são ... próximos?

Ninguém era próximo de Rourke.

- Como eu lhe disse, nós dois nos conhecemos faz tempo, mas é... complicado.

- Bem, não vou bisbilhotar, por mais que eu gostasse de fazer isso – disse Jane, sorrindo.

Jenny riu, cada vez gostando mais daquela mulher.

Não me incomodo que bisbilhote – disse -, mas não há nada para descobrir. Rourke McKnight e eu... nos descobrimos muito tempo atrás que era melhor ficarmos longe do caminho um do outro. Muito melhor. Estou totalmente solteira por enquanto.

Jane secou os lábios cuidadosamente com um guardanapo de linho.

- Eu menti – disse ela. – Vou bisbilhotar. Não vou fingir que não sei nada sobre a situação, mas não se chega a minha idade sem aprender uma coisa ou duas sobre o amor. Agora, esse Joey... aposto como ele a amava muito.

Jenny assentiu cautelosamente.

- Ele queria que você seguisse adiante. Que se apaixonasse novamente.

Jenny abaixou o olhar para o colo.

- Nós conversávamos sobre isso, sobre a possibilidade de ele não voltar, a cada vez que era convocado. Todos os soldados faziam isso. Eu odiava essas conversas. E... sim. Ele sempre dizia que caso se fosse eu deveria me apaixonar novamente.

- E ainda assim você não fez isso.

Jenny levantou os olhos. Ela queria ficar zangada com a avó, queria acusá-la de se intrometer, mas viu apenas sabedoria e compaixão nos olhos de Jane.

- Eu não fiz isso – admitiu ela. – Estava ocupada tomando conta da vovó e tocando a confeitaria.

- Helen teve sorte por ter você – disse Jenny. Ela parecia ter se apiedado e percebido o desespero de Jenny para mudar de assunto.

- Tive sorte por tê-la.

Jane assentiu.

- Estive na confeitaria Sky River no dia da sua inauguração, em 1952.

- Está brincando! – Ela tentou imaginar Jane como uma jovem, em Avalon.

- Não estou não. E preciso lhe dizer que no momento em que coloquei os pés naquele lugar tive uma ótima sensação. Era tudo o que se espera que uma confeitaria familiar deva ser. – Ela examinou a bandeja com fileiras de petit fours e canapés, mas não pegou nenhum. – Eu experimentei um kolache de geleia. Em apenas uma semana, meus pais já haviam fechado um contrato com a sua avó para abastecer o acampamento Kioga com produtos da confeitaria durante o verão.

A lembrança encheu Jenny de ternura e de tristeza, ao mesmo tempo. Sentia-se tão distante daquele mundo! Ela visualizou Helen e Jane juntas, mais novas do que a própria Jenny naquele momento. Como era estranho que as duas tivessem se conhecido, que Helen tivesse criado o bolo de casamento de Jane e que, então, sem saberem, ambas se tornassem avós no momento em que Janny nascera.

- A senhora conheceu minha mãe? – Perguntou Jenny.

- Mariska? Oh, sim. – As mãos dela, que estavam apoiadas no colo, tremeram ligeiramente.

- Não tinha a intenção de deixá-la desconfortável.

- Mas não estou, de modo algum. Eu queria muito tê-la conhecido melhor. Pelo que sei, você não a vê desde que era muito jovem.

Mesmo depois de tanto tempo, Jenny ainda conseguia sentir um leve aroma de perfume – Jean Naté – e ouvir a voz da mãe. Vejo você quando voltar. Isso era o que ela sempre dizia, sem nunca explicar para onde estava indo ou para onde voltaria.

- Helen e Leo tinham muito orgulho dela – disse Jane. – Mariska era uma linda menina. Você se parece muito com ela. Era esperta e trabalhadeira. E gostava de pescar com o pai, o que sempre achei curioso. Eles costumavam ir ao lago Willow durante todo o ano.

- Por que achava curioso?

- Ela simplesmente não parecia o tipo de pessoa que fazia isso. Era adorável e muito feminina e estava absolutamente determinada a conhecer o mundo. Acredito que fosse o que se costuma chamar de uma moça exuberante – disse Jane – Quanto mais bonita, mais boêmia e mais ousada. Não me admita que Philip tenha se apaixonado por ela. Fiquei muito surpresa que eles tenham conseguido manter o romance em segredo durante todo o verão.

O verão em que Jenny fora concebida.

- E ao longo de todos esses anos – perguntou Jane delicadamente – não houve nem uma

palavra? Nada?

Jenny negou com a cabeça.

- É como se ela tivesse desaparecido da face da terra – Ela serviu-se de mais chá – Se eu decidir prosseguir com esse livro, vou escrever sobre isso.

- E é o que quer fazer?

- Sim – Mesmo sabendo as lembranças que teria que explorar, ela queria fazê-lo.

- Isso é muito corajoso de sua parte. Quando eu era jovem, costumava sonhar em publicar os meus poemas.

- E publicou?

Jane sorriu e negou com a cabeça.

- Eram poemas muito ruins. Seu pai também sempre quis escrever – ela acrescentou.

Jenny teve um sobressalto diante das palavras seu pai. Descobrir todo um mundo novo de parentes era como encontrar uma porta escondida em uma casa onde vivera por toda a vida, e perceber que ela levava a lugares desconhecidos.

- Não fiz nenhum progresso, ainda. Aqui na cidade eu me sinto... distraída – disse Jenny, honestamente. – Philip me apresentou a Martin Greer, um agente literário que acha que há mesmo um livro guardado dentro de mim. A menos que ele tenha dito isso apenas em consideração ao amigo.

Jane sacudiu a cabeça.

- Conheço Martin. Ele nunca seria tão hipócrita. Sabe que um livro precisa vender por seus próprios méritos.

- É bom saber disso – Jenny hesitou e, então, confidenciou. – A verdade é que estou tendo problemas com o projeto.

- Que tipo de problemas? Talvez eu possa ser de alguma ajuda.

Jenny respirou fundo.

- Estar aqui na cidade não é exatamente... o que eu esperava. Quero dizer, eu sabia que seria barulhento e cheio de vida, mas estou me distraíndo.

- Talvez seja o tipo de escritora que precisa de paz e tranquilidade.

- Jenny lembrou das horas de silêncio intermináveis em Avalon. Ela acabava tão absorvida no que estava fazendo que as horas passavam sem que percebesse. Costumava trabalhar tarde da noite, quando o único som que se ouvia era o vento soprando nas folhas ou, na primavera, o coaxar das rãs. Ali, em Nova York, não havia silêncio nem à noite. Mas ela admitia que não era apenas o barulho que a estava distraíndo.

- Gostaria de lhe dar uma sugestão – disse Jane – Essa era uma das razões pelas quais queria ver você hoje. O Chalé de inverno, no Kioga, está vazio. Gostaria de oferecê-lo a você pelo tempo que quiser.

Jenny pousou a xícara na mesa com barulho. O acampamento Kioga? Isso significava deixar a cidade, voltar para Avalon. Será que ela estava pronta para dar tudo por terminado

depois de apenas poucas semanas na cidade?

- Não sei o que dizer. E muita generosidade sua. Na verdade, generosidade demais.

- Bobagem. O chalé é perfeito para um hóspede de inverno. É simples, mas absolutamente adorável e confortável.

Jenny sabia disso. Não via o lugar há anos, mas lembrava-se de ter entrado ali sorrateiramente em um determinado Quatro de Julho. Fora lá que Rourke a beijara pela primeira vez. No entanto, ela lembrava-se do beijo melhor do que do chalé.

- No último outono, nós o emprestamos para uma moça que estava se recuperando de um câncer e sua família – prosseguiu Jane. – Eles precisavam de um tempo afastados para superar a provação da doença. Mas, desde que partiram, o chalé está vago. A estrada para a montanha fica intransitável depois de uma tempestade de neve, a menos que seja aplainada. Seus dois avôs costumavam subir até lá em uma motoneve para pescar no lago Willow congelado. Pense nisso. Você pode escrever bastante, sem distração.

Capítulo 23

Enquanto se dirigia para a clínica em Kingston, Daisy sentia como se sua cabeça fosse explodir de tanto pensar, por horas e horas, nas orientações que recebera. A médica dissera que Daisy estava saudável em todos os sentidos e com nove semanas de gravidez. Ela explicara todas as opções possíveis e encorajara Daisy a pensar bem em cada uma delas, a imaginar como seria viver com o que decidisse, a imaginar sua vida dali a sete meses, em um ano, em cinco anos e mais.

Era um exercício assustador, grávida ou não. Daisy não sabia o que o futuro lhe reservava. Ela não o queria, nem quem queria ser.

Daisy relanceou o olhar para a mãe, que estava ao volante. Apenas 12 horas depois do telefonema de Daisy, a mãe largara tudo o que estava fazendo e saiu do tribunal internacional ainda usando a peruca branca de magistrada. Por causa da filha, Sophie Bellamy virara as costas contra o processo no qual vinha trabalhando por metade de sua vida profissional.

-Realmente sinto muito, mamãe - disse Daisy. Céus, a declaração do ano!

-Querida, não sinta.

As palavras eram gentis, mas Daisy não pôde deixar de pensar que a mãe devia estar lutando contra a decepção e o medo. E ela não culpava. Provavelmente, sentiria a mesma coisa se os papéis estivessem invertidos.

-Você teve que abandonar o tribunal internacional.

-E posso voltar para lá. As pessoas têm emergências familiares. Acontecem.

Daisy ficou em silêncio e lembrou, mais uma vez, das opções que lhe haviam sido apresentadas. Considerara seriamente a adoção chegara mesmo a assistir alguns vídeos de apresentação de casais que estavam na fila de espera. Eles pareciam tão carentes e sinceros! Porém, por mais que tentasse, não conseguia se ver abrindo mão do seu bebê recém-nascido para sempre. Quanto a ficar com o bebê, ela até fizera um teste de como seria encarar aquela realidade. O orientador lhe derá um bebê virtual, que era um pequeno dispositivo, como um pager, que a obrigara a viver durante as 24 horas do dia como se estivesse tomando conta de um recém-nascido de verdade, que chorava o tempo todo, ficava molhado, cansado e dava golfadas e, de acordo com as estatísticas nacionais, custava cerca de 240 dólares por semana durante 18 anos. E, por fim, havia o aborto, um procedimento seguro e legal.

Daisy olhou para fora da janela, para o mundo coberto pelo inverno cinzento. Ter um bebê era o tipo de coisa que sonhara fazer algum dia. Mas não dali a sete meses. Na ocasião, ela estaria se formando no ensino médio. Em um ano, talvez descobrisse o que queria fazer da vida. E dali a cinco anos talvez nem se lembrasse daquele dia.

-Obrigada por fazer isso-disse à mãe.

-Não foi nada.

-Eu gostaria que você disse como realmente se sente.

-Eu...Daisy, não posso. Porque não sei o que estou sentindo. Não há solução fácil para

uma situação como essa.

-Você ficou grávida aos 19 anos, se casou com papai e me teve. Desejaria não ter feito? Eu fui um erro? E Max? Os últimos 18 anos foram um erro?

-É claro que não! Ter você foi a melhor coisa e a mais difícil que já fiz na vida. Ir pra faculdade de direito, julgar processos, tudo isso não é nada comparado com conseguir fazer você dormir à noite e criá-la bem. E a única coisa que tornou isso possível foi ter seu pai, meu parceiro, meu marido, ao meu lado para me ajudar.

-Mas agora vocês estão divorciados e todos nos estamos infelizes.

-Nossas vidas estão diferentes. Não infelizes.

'Fale por si mesma', pensou Daisy. 'Eu estou infeliz.'

A mãe esfregou as costas da mão.

-Não me arrependo de nada dos últimos 18 anos -disse ela. -Nós fomos uma família feliz, mas seu pai e eu paramos...de se felizes juntos. Acontece. -Ela fez uma pausa. -Talvez você devesse pensar um pouco mais na possibilidade de falar com Logan...

-De jeito nenhum. -Aquela fora uma decisão fácil de ser tomada. Ela se imaginara indo procurar Logan O'Donnell e contando a ele sobre o bebê. A cena era quase risível, os dois, juntos e criando um bebê. Logan tinha um ego enorme e uma atração perigosa pela cerveja e por coisa pior. Viver com ele seria criar duas crianças, uma delas com péssimo comportamento.

Daisy também pensara longa e seriamente em criar o bebê sozinha. Para uma jovem mãe solteira, sem educação superior e com pouco preparo para o trabalho, seria um desafio e tanto. O orientador batera várias vezes na mesma tecla, seria um comprometimento muito sério. Criar uma criança sozinha significava ter de resolver tudo sem um segundo par de mãos para ajudar, sem uma segunda renda para ajudar a pagar as contas, ou um ombro para se apoiar nos momentos difíceis. Uma mãe solteira, mesmo tendo uma família amorosa, que lhe dava apoio, como era o caso, no fim tinha mesmo era que contar consigo mesma. Para Daisy essa era a opção mais assustadora de todas. A possibilidade de faltar com a criança de alguma forma, machucando-a sem querer por incapacidade ou falta de habilidade, fazendo com que um bebê indefeso fosse vítima de sua estupidez. E, está certo, ela era egoísta. Sabia que se decidisse levar aquela gravidez adiante sua juventude estaria terminada. Não estava preparada para desistir de ser livre e ousada, de ir a shows e ficar fora durante toda a noite, de ver o mundo e, talvez, se tornar uma fotógrafa famosa.

Na clínica, um lugar surpreendente aconchegante, localizada em um prédio antigo, a poucas quadras do hospital, ela se encontrara com mais orientadores. Eles disseram a ela exatamente o que deve esperar, como seria a progressão dos eventos. Ao final de 24 horas, Daisy não estaria mais grávida. Estaria...vazia. Era uma agonia imaginar se estava fazendo a coisa certa. Ela pensou em Sonnet. A mãe dela enfrentara o mesmo dilema. E sua prima Jenny, que nunca teria nascido se a mãe, queficara grávida sem planejar, tivesse se livrado dela. Uma vez que a gravidez fosse interrompida, Daisy não poderia mais voltar atrás. O peso dessa decisão fez com que estremecesse.

A sala de espera estava cheia. Uma mulher olhava fixamente para o chão, como se estivesse muito cansada ou constrangida. Outra estava recostada na cadeira, parecendo

doente e desesperada. Uma terceira parecia totalmente furiosa. Duas garotas, mais jovens que Daisy não conseguia e bem parecidas para serem irmãs, estavam sentadas juntas sussurrando e rindo, provavelmente por causa do nervoso. Daisy não conseguia se imaginar falando uma palavra sequer com ninguém. Na sua opinião, não se ficava de conversa fiada sobre uma coisa como aquela.

Havia um formulário com uma lista de coisas a serem revistas, que deveria ser preenchido e assinado. Nele, o paciente reconhecia os riscos do procedimento e concordava em isentar a clínica de qualquer erro no caso de um contratempo. Daisy achou assustadora a linguagem usada no formulário. A mãe se aproximou e esfregou suas costas, como fazia quando ela era pequena.

-Vai dar tudo certo. Estudei as estatísticas. Os ricos são muito menores do que os de levar uma gravidez a termo.

Daisy assentiu, desejando receber algum sinal dos céus, dizendo a ela de uma vez por todas qual era a coisa certa a fazer.

Mas em vez disso, os minutos passavam devagar. A mãe esperou com ela até que seu nome fosse chamado. Elas levantaram juntas e se abraçaram.

-Eu amo você, meu bem -sussurrou a mãe.

-Até logo -disse Daisy.

-Vou estar bem aqui, na sala de espera.

-Está certo. -Então, ela recuou, respirou fundo e passou pela porta aberta.

Greg caminhava de um lado para o outro. Estava surpreso pelo chão não estar gasto no lugar onde já andara para a frente e para trás, vezes sem fim. Onde diabos elas estavam?

Ele podia ouvir a tevê com as risadas do estúdio. Max estava naquela idade confusa em quase vê qualquer coisa na televisão.

Por alguma razão que não conseguia atinar, Greg sentia vontade de chorar. Àquela altura dos acontecimentos ele deveria estar aliviado. Quando Daisy voltasse para casa, não estaria mais grávida e tudo voltaria ao normal.

'Não que o normal fosse uma grande coisa', pensou, ouvindo um comercial de remédio para micose no cômodo ao lado. Ali estava ele, no meio da vida, começando tudo de novo. E não tinha mais a insensatez, a energia e a inocência da juventude para animá-lo a seguir adiante. Tinha apenas a carga pesada e diária da preocupação com os filhos e com os negócios. E a terrível solidão pulsando dentro dele quando se deitava a cada noite.

Uma coisa Greg aprendera a seu respeito: não nascera para viver só. Não fazia parte do seu ser. Sophie costumava fazer essa observação, dizendo que, assim como o irmão mais velho, ele não estava acostumado a ficar satisfeito a companhia.

Sophie, Sophie, Sophie. Ela falava várias coisas. Era advogada. Era boa nisso.

Ele pegou a carteira de dinheiro no bolso de trás da calça e encontrou o cartão de visitas que Nina Romano lhe dera. O cartão tinha uma marca-d'água no fundo, o selo da cidade, o nome dela, Nina Romano, o cargo, prefeita, três números de telefone e o endereço de e-mail. Ele virou o cartão e viu que ela havia escrito "Seja Bem-vindo" no verso. Ela fazia isso com

todos os recém-chegados ou, de alguma maneira, ele era especial?

O som do motor de uma carro assustou e ele deixou o cartão de lado. Então, abriu a porta lateral e saiu correndo.

-Está tudo bem? -perguntou, quando Sophie saiu de dentro do carro que alugara.

Com os lábios apertados e a expressão grave, Sophie assentiu.

-Ela está bem.

Com as mãos tremendo de alívio, Greg abriu a porta do lado do passageiro e Daisy saiu. Ela parecia surpreendentemente bem, com o rosto rosado e os olhos brilhantes.

-Deixe-me ajudá-la a entrar -disse ele.

-Num instante -disse ela. -Preciso lhe dizer uma coisa.

Ele relanceou o olhar para Sophie. A expressão vazia dela não o deixou adivinhar nada.

-Papai, eu não fiz. -Havia uma nota eufórica, quase histérica em sua voz.

-Não fez o quê?

-Eu mudei de ideia. Vou ter o bebê.

Capítulo 24

Jenny sentiu um frio no estomago enquanto os freios do trem rangiam até parar, em Avalon. Ela disse a si mesma para não se sentir mal, para não ficar nervosa. Aquilo era uma volta ao lar. Deveria estar feliz por causa disso. Por estar vindo para casa.

Mas, pelo contrário, sentia-se derrotada. Um mês antes ela fora para Nova York esperando... o quê? Ver sua vida de repente se transformar em um episódio de *Sex and the City*? Jogar seu chapéu para o alto enquanto o mundo descobria o quanto ela era incrível? Descobrir-se instantaneamente cercada por amigos atenciosos e fascinantes? Deveria ter pensado melhor, pois se tivesse feito isso teria percebido que era impossível fugir de si mesma. Ter ido à Nova York e ter se encontrado com um agente literário que lhe apontara exatamente quanto trabalho precisava fazer, apenas tornara a verdade ainda mais óbvia. Ela era como seu livro não terminado, um trabalho em andamento. E a vida na cidade grande não era o que queria afinal de contas.

Jenny sentia o corpo pesado quando recolheu a bagagem e se encaminhou para a saída. Ela desceu para a plataforma e foi imediatamente envolvida pela bruma fria e pelo cheiro de com da fumaça do trem. Quando a nuvem de neve e poeira se dissipou, ela viu Rourke, parado na luz vacilante, como um personagem de sonho. Muito Casablanca, a julgar pela expressão carrancuda dele.

Jenny se pegou lembrando o dia em que ficara noiva de Joey. Rourke estava a ponto de lhe contar alguma coisa e talvez, se ela o tivesse deixado falar, tudo tivesse sido diferente. Mesmo que vivesse até os 100 anos, nunca esqueceria a mudança no olhar de Rourke naquele dia. Seus olhos se tornaram duros e frios, como se congelados pelas palavras dela. Joey me pediu em casamento. Um instante, pensou. Um instante em que deixara seus verdadeiros sentimentos de lado. Um instante de dúvida e logo abriu a porta do seu coração para Joey. Um instante apenas e ela fizera uma enorme confusão em três vidas.

- Não se atreva a dizer "Eu lhe avisei" - Jenny alertou Rourke. Ela imaginou se as recordações estavam estampadas em seus rosto.

- Parece que nem preciso fazer isso - disse ele, embora não houvesse nenhum traço de satisfação em sua voz.

Jenny ficou parada onde estava, sentindo-se uma idiota. Ela deveria abraçá-lo? Dar um beijo em seu rosto? O que ele esperava que fizesse?

- Não sabia que você estaria aqui - disse ela, finalmente.

Rourke pegou a mala mais pesada e se encaminhou para a saída. Sem abraço. Nem mesmo um "Olá". Um sorriso, então, seria esperar demais. Depois daquele beijo de despedida, ela deveria ter imaginado.

- Achei que você fosse precisar de uma carona - disse ele.

- Obrigada, Rourke.

- Não me agradeça, ainda. Vim até aqui para interceptá-la.

- O quê?

- Para impedir que vá para o Kioga.

As botas deles fizeram estalar a crosta de gelo que cobria o estacionamento.

- Então, perdeu sua viagem - disse ela. - estou decidida. Pelo futuro próximo, lá é meu novo endereço.

Ele jogou as malas - Aquele lugar fica a 16 quilômetros, no meio do nada.

- O que acho muito bom, principalmente depois de experimentar a vida na cidade grande. - Ela se sentou no assento do passageiro.

- Você vai ficar comigo - disse ele, ligando o motor.

Ela riu.

- Eu adoro homens que não tem medo de dar ordens às pessoas.

- Estou falando sério, Jenny.

Ela parou de rir.

- Oh, meu Deus! Você está mesmo falando sério.

- Morar tão longe no meio do inverno é uma péssima ideia.

- Então é a mim que você está dando ordens?

- Isso não tem nada a ver com dar ordens. Apenas há muitos motivos para que você não viva lá em cima.

-Mas são seus motivos, não meus.

Eles chegaram ao estacionamento dos furgões, ao lado da confeitaria. Jenny deixara seu carro ali, antes de partir. Ela percebeu estar no meio de uma confusão de sentimentos. Apesar de relutar em admitir, estava inegavelmente feliz por vê-lo. E estupidamente excitada por saber que ele estava preocupado com ela. E aborrecida ao mesmo tempo.

- Vou lhe dizer o que farei — disse ela. — Ligarei para você todas as noites, para que se assegure de que o machado assassino me deixou viva por mais um dia.

- Não basta.

- Para mim basta — ela falou. — Aprenda a lidar com isso.

Rourke ficou em silêncio enquanto transferia a bagagem do carro dele para o dela. Ótimo, pensou ela. Que ficasse de cara feia se quisesse. Não era trabalho dela evitar que ele se preocupasse por sua causa.

- Posso tomar conta de mim mesma — Jenny assegurou. — Fiz isso durante toda a vida e posso fazer agora. Vamos parar na confeitaria. Eu lhe darei um *napoleão*.

Entraram pela porta dos fundos e foram saudados por uma cacofonia de barulhos — o retinir dos carrinhos sendo movidos de um lado para outro, o zumbir e ranger das máquinas e as suaves notas de jazz do aparelho de som.

Jenny inspirou e sentiu o cheiro fresco de fermento invadir cada célula do corpo. Estava em casa. Até partir, nunca percebera o quanto aquele lugar era parte dela. Gostasse ou não, aquela confeitaria estava em seus ossos, em seu sangue. Estava entrelaçada em sua alma.

- Aqui está você, garota da cidade grande. - Laura saiu do escritório para abraçá-la carinhosamente. - Este lugar não é o mesmo sem você. Mas quero que saiba que estamos bem. - Ela olhou para Rourke. - A maior parte de nós, pelo menos.

Ele olhou para ela de cara feia.

- estou tentando persuadi-la a não se mudar para o chalé.

- Por que não? - perguntou Laura. - Lá é perfeito. Longe de tudo. Lugar ideal para que ela possa trabalhar em seu livro.

- Ouvi dizer que você estava se mudando para o chalé de inverno. - Daisy Bellamy entrou apressadamente pelas portas de vaivém, vinda do balcão, na frente. - É o máximo lá! - disse ela, o rosto brilhando de animação. - Você vai adorar. Nós passamos o verão no Kioga, no ano passado, e foi fantástico!

- Muito obrigada! - disse Jenny enfaticamente para Laura e Daisy. - É bom saber que algumas pessoas acham uma boa idéia.

Ela subiu as escadas para o escritório a fim de pegar alguns arquivos em que queria trabalhar. Daisy acompanhou-a e ficou parada no batente da porta.

- Preciso lhe contar uma coisa.

- Está bem.

- Em particular. — Daisy olhou por sobre os ombros e então entrou no escritório.

- Você está bem?

- Sim. — Mas o rosto da garota que antes brilhava agora estava da cor da farinha de aveia. Gotas de suor brotavam em sua testa e sobre o lábio superior e, ao olhar para ela, Jenny sentiu um alarme de preocupação.

- Daisy, sente-se. Você está se sentindo bem?

A menina esfregou as mãos na frente do avental.

- Fico um pouco nauseada de vez em quando, mas não estou doente. Estou grávida.

A notícia atingiu Jenny como se ela tivesse levado um soco. Daisy, grávida! Ela era apenas uma criança. Mas é lógico que não havia motivo para isso ser uma grande surpresa. As adolescentes vinham se metendo nesse tipo de confusão desde o início dos tempos. Garotas lindas e inteligentes, com todo o futuro pela frente. A própria mãe de Jenny. Nina, sua melhor amiga. Todas, garotas que deixaram a paixão falar mais alto do que a precaução e o bom senso e acabaram correndo o risco de uma gravidez não planejada.

Tudo bem, pensou ela. Respira fundo. Ela tentou imaginar o que Daisy deveria estar sentindo. Era uma responsabilidade enorme. E a garota não era nada boba. Sabia bem o tamanho da responsabilidade.

Daisy fechou a porta atrás de si e sentou na cadeira em frente a Jenny. Seu queixo tremia. Ela respirou fundo e encarou a prima com honestidade.

- Não sei por onde começar — disse.

- Que tal começar me dizendo o que tiver vontade de me dizer? Posso não ter respostas para lhe dar, mas prometo que não vou julgá-la, nem ficar zangada com você. Nem nada

parecido com isso.

Daisy relaxou um pouco.

- Obrigada.

Era estranhamente gratificante ouvir confidências de sua jovem prima. Ainda que continuasse se sentindo impotente. O que ela poderia fazer ou dizer para essa menina que fosse representar alguma diferença?

Daisy estava assustadoramente controlada quando começou a falar.

- Foi pouco antes de minha mãe viajar para o exterior. Entre a viagem dela e o divórcio. Eu estava toda confusa. E então os dois começaram a me perturbar por causa da faculdade, sabe como é?

- Sinto muito, mas não sei — explicou Jenny. — Cresci de um jeito muito diferente de você. Embora ache que posso dizer que sei o que é ser empurrada para fazer uma coisa que não queria fazer. Talvez tenhamos isso em comum. Então você não quer ir para a faculdade?

O Não. O que, na escola onde eu estudava, era como dizer que eu não queria mais respirar. Totalmente absurdo.

Jenny conseguiu visualizar com facilidade a jovem profundamente infeliz, fervendo por dentro, ansiando por uma vida diferente. Philip havia contado sobre a situação de Greig, seu irmão mais novo. De acordo com Philip, o divórcio fora uma tortura para os pais de Daisy e, provavelmente, para as crianças também.

Jenny contornou a mesa e segurou as mãos da prima nas suas. Todas as unhas da garota estavam roídas até o sabugo.

- Diga-me, o que posso fazer para ajudá-la?

Daisy ergueu os lindos olhos azuis para Jenny.

- Você já está ajudando.

Ela balançou a cabeça.

- É estranho, sabe. Eu vou para a escola, saio com os meus amigos e parece que tenho uma vida normal. E então, tchun. Eu me lembro de que estou grávida e isso me faz sentir como um ser de outro planeta.

Jenny ainda se lembrava do quanto Nina ficara assustada e como, conforme a gravidez se adiantava, ela se tornara... diferente. Havia alguma coisa estranha em uma garota grávida andando pelos corredores de uma escola de nível médio, que a mantinha à parte do resto do mundo, como se ela existisse dentro de um casulo só seu. Será que ainda era assim na escola?

- Não posso dizer que tenha qualquer experiência nessa área disse ela —, mas tenho em ser adulta. Quando você está crescendo, mal pode esperar pelo di em que ninguém mais vai lhe dizer o que fazer. Quando finalmente chega nesse ponto, no entanto, há momentos em que tudo o que quer é alguém que lhe diga o que fazer.

Daisy deixou escapar um suspiro desanimado.

- Não brinca.

- Quando eu tinha sua idade, me sentia do mesmo jeito. Mal podia esperar para sair de Avalon quando me formasse na escola.

- E o que aconteceu?

- Meu avô morreu, e eu e minha avó ficamos sozinhas para tocar a confeitaria. Ainda assim, eu teria podido partir, porque vovó tinha Laura para ajudá-la. Mas, então, vovó teve um derrame. Ela nunca me pediu para ficar e teria encontrado um jeito de lidar sozinha com as coisas. Mas como eu poderia fazer isso? Simplesmente não pude partir. - Ela fez uma pausa, tocada pelas lembranças dos planos que fizera, e como tudo fora por água abaixo. - Terminei morando na casa onde sempre havia morado, cuidando da confeitaria e tomando conta de minha avó. E os anos pareceram voar.

- Você desejaria ter feito alguma coisa diferente?

Antes da viagem para Nova York, Jenny teria respondido que sim sem pensar duas vezes. Agora, ela percebia que, no fim das contas, vivera a vida certa. Mesmo que não fosse glamorosa ou agitada ela já pertencia àquela cidade pequena, onde cuidava da sua confeitaria e vivia cercada por pessoas que gostavam dela.

Ela se apressou em acrescentar, e tocou o ombro de Daisy — Não importa o que decida, a experiência fará com que aprenda e cresça de maneiras que nunca imaginou.

- Espero que esteja certa. Porque eu, hã... decidi ter o bebê, Meus pais sabem e, bem, para eles está tudo bem. Quero dizer, tão bem quanto se poderia esperar nessas circunstâncias. Não tenho idéia de se estou certa ou não, mas simplesmente não poderia... destruir uma vida. Minha família está toda desfeita, mas imagino que o bebê e eu... seremos uma pequena família de dois.

- Entendo. Isso é... bom — disse Jenny, embora se encolhesse por dentro. Daisy era tão jovem!, e um bebê era uma responsabilidade tão grande!

- Então, estou demitida? — perguntou Daisy, enfiando a mão no bolso.

Jenny deu uma risada de surpresa.

- Você não pode estar falando sério. É claro que não está demitida. Em primeiro lugar, adoro tê-la trabalhando aqui e, além disso, demitir alguém por causa de uma gravidez é contra a lei.

- Está certo. - Daisy levantou-se e deixou escapar um suspiro de alívio. - É melhor eu voltar ao trabalho. É um loucura, eu sei. Em um minuto estou apavorada e em outro muito animada.

- Não a culpo. Acho que todas as pessoas que estão esperando um bebê devem se sentir assim. Vai dar tudo certo. - Jenny não tinha idéia se aquilo era verdade ou não. Mas queria que fosse. E sabia que Daisy também queria. Tornar-se mãe ainda tão jovem era, possivelmente, a coisa mais difícil que uma mulher poderia fazer. Algumas cresciam com a oportunidade e brilhavam, como Nina. Outras, reconhecidamente, falhavam ao tentar. A mãe da própria Jenny era o principal exemplo disso.

Daisy abriu a porta e parou.

- E quanto a você? Acha que vai querer ter filhos algum dia?

- Primeiro preciso arrumar um namorado.

- Você e o chefe McKnight, assim...

- Não - disse Jenny rapidamente. - Por que todo mundo vive me perguntando isso?

- Apenas curiosidade. — Daisy desceu as escadas.

Não havia ninguém na cafeteria. Zach estava mostrando alguma coisa a Rourke no computador.

- Que fotos são essas? — perguntou Jenny, olhando por cima do ombro de Rourke para o monitor do computador.

- Daisy as tirou — disse Zach.

Daisy entregou uma xícara de café a Jenny.

- Transferi as fotos para o computador, para usar como proteção de tela, Espero que não se importe.

Rourke chegou para o lado, para que Jenny pudesse olhar mais de perto. Eram fotos tiradas em torno da confeitaria, não apenas instantâneos ou fotos documentais. Havia imagens muito pessoais e cativantes, e também inesperadas. Um close das mãos de Laura moldando uma porção de massa com habilidade e gentileza. O rosto de um bebê de olhos brilhantes olhando para as bandejas de biscoitos na vitrine. Um carrinho de pães recém-saídos do forno, todos arrumados com precisão geométrica.

- São incríveis — disse Jenny. — Você é realmente boa, Daisy.

Zach deu um cutucão na amiga.

- Eu lhe disse.

Daisy pigarreou.

- Bem, eu estava pensando se você me deixaria Imprimir algumas e pendurar no café.

A idéia agradou a Jenny.

- Você tem que me prometer assinar cada uma das cópias e deixar que eu as envie para serem emolduradas por um profissional.

- Bem... claro. — Daisy parecia surpresa, enquanto Zach sorria orgulhoso.

- Isso foi gentil da sua parte — comentou Rourke quando eles saíram da confeitaria.

- É um benefício mútuo. O trabalho dela é maravilhoso e a cafeteria está mesmo precisando de uma renovada na decoração.

Aquilo parecia certo, trazer mais pessoas para o balcão da confeitaria e se afastar um pouco. — Quando parti, não estava totalmente convencida de que a confeitaria funcionaria bem sem mim.

- E agora?

- Estou surpresa. No bom sentido. — Ela destrancou o carro e retirou a neve das janelas. Um grupo de pessoas do outro lado do caminho chamou sua atenção. Ela reconheceu Olivia, rindo enquanto saía do Zuzu's Petals e...

- Oh, Deus! — murmurou.

- O que foi?

- São a mãe e os avós de Olivia. Ela me avisou que eles viriam para ajudá-la a planejar o casamento. É tarde demais para eu me esconder?

- Estou quase certo de que eles já a viram.

Nesse momento, Olivia levantou o braço acenando para ela. Só por um instante, Jenny sentiu uma horrível onda de ressentimento. Lá estava Olivia, cercada pela mãe e pelos avós, radiante como se tivesse ganho na loteria. E tinha mesmo, é claro. Nascera uma Bellamy, ainda tinha ambos os pais e ambos os casais de avós vivos e perto dela, e estava planejando o casamento com o homem dos seus sonhos. Ela era mais jovem do que Jenny. Mais culta. Mais loura. era difícil não fazer comparações. E mais difícil ainda não se ressentir da irmã.

Jenny esperava que nada disso estivesse transparecendo em seu rosto enquanto ela e Rourke atravessavam a rua para se encontrarem com Olivia e sua família. Aquela situação devia ser tão constrangedora para eles quanto era para ela. Com o sorriso congelado no rosto, ela cumprimentou a mãe de Olivia, Pamela Lightsey, e seus avós, Samuel e Gwen Lightsey. Pamela aparentara ser a quintessência da sociedade de Manhattan, uma beleza refinada, polida dos pés a cabeça. Brincos de diamante cintilavam em suas orelhas, sob um exuberante chapéu de pelo de cordeiro. Apesar do frio, cada cílio estava no lugar e ela ostentava um sorriso gracioso de anfitriã perfeita quando perguntou:

- Como está você? — disse ela, mas seus olhos contavam outra história. Eles diziam “Então é você, a filha da amante do meu marido”.

Gwen e Samuel eram um casal de aparência próspera, na casa dos 70 anos, os cabelos prateados, tranqüilos. Pelo menos foi isso que Jenny pensou em princípio. Havia uma certa dureza no olhar de Gwen, uma desaprovação fria que Jenny entendia perfeitamente. Trinta anos antes, os Lightsey tinham um futuro perfeito planejado para a filha deles. Pamela iria se casar com o filho dos seus melhores amigos e eles todos seriam uma única, grande, família feliz. Mas Philip conhecera Mariska Majesky. O caso de amor deles durara apenas um verão e ele se casara com Pamela depois de tudo, mas obviamente não fora uma união feliz. Jenny sentia que os Lightsey culpavam Mariska. Se Philip nunca a tivesse conhecido, talvez tivesse sido feliz com Pamela por toda a vida.

Os Lightsey cumprimentaram Rourke calorosamente e mencionaram suas relações com o pai dele, o senador. Jenny e Olivia trocaram um olhar e Olivia mexeu a boca silenciosamente dizendo "Sinto muito".

Jenny lhe deu um sorriso conciliatório.

- Como estão indo os planos para o casamento. — perguntou.

- Tudo bem. E eu queria lhe perguntar uma coisa — disse Olivia. - Adoraria se você aceitasse ser minha dama de honra.

Pamela enrijeceu o corpo como se alguém tivesse colocado um cubo de gelo em suas costas, e Jenny percebeu que era a primeira vez que a mãe de Olivia ouvia esse plano. Pamela pressionou os lábios um contra o outro numa fina linha de desaprovação e estava quase tremendo por causa do óbvio esforço para ficar calada.

Embora se sentisse tentada a aceitar imediatamente, Jenny recordou a si mesma que aquele seria o dia de Olivia e a irmã não merecia sofrer os efeitos da infelicidade da mãe.

- Me sinto lisonjeada, Olivia — disse ela. — Mas...

- Sem "Mas". Eu só tenho uma irmã. Ficarei muito honrada se você fizer parte da minha festa de casamento.

- Posso pensar a respeito? — perguntou Jenny. — Eu lhe aviso o que decidir, está certo?

Samuel Lightsey estava examinando-a.

- Você parece tanto com sua mãe — disse ele. — É impressionante.

Gwen deu o braço ao marido. Jenny desconfiou que a esposa estivesse lhe dando um beliscão. Ela sorriu educadamente para Samuel.

- Eu não havia me dado conta de que o senhor chegou a conhecer minha mãe pessoalmente.

Samuel pigarreou.

- Eu me equivoquei. Talvez eu a tenha visto de passagem, muito tempo atrás.

Rourke se recusou a permitir que Jenny dirigisse até o Kioga, antes que ele limpasse a neve do caminho e o cobrisse de areia, e ela ficou muito feliz com a ajuda. Ele também insistiu para que ela levasse Rufus, o mais velho dos seus cachorros, um mestiço de Husky siberiano que ele encontrara abandonado em um apartamento. Rufus tinha o pêlo abundante e olhos extraordinariamente azuis, e estava sempre alerta. Ele subiu no banco traseiro, enchendo o carro com seu cheiro de cachorro, enquanto olhava ansiosamente pela janela. As lâminas em V do limpador de neve deixavam uma profunda marca na neve pura do caminho e o cascalho salgado caía da traseira do caminhão. Jenny seguia-o lentamente em seu próprio carro, mantendo a distância necessária para não ser atingida pelo cascalho. Os galhos das árvores em ambos os lados do caminho estavam pesados de neve, criando um cenário tão lindo que ela não se importou nem um pouco em dirigir devagar admirando a paisagem.

- "Eu me equivoquei" - murmurou, falando com o cão enquanto dirigia. - Bem, acho que o velho esquisito está mentindo. - Ela tentou imaginar o motivo. A resposta, provavelmente, estava perdida no passado distante.

Jenny se distraiu com o coelho branco que saltou da beira da estrada e atravessou na frente do carro. Rufus disparou para a janela, molhando-a com baba. Ela diminuiu ainda mais a velocidade para deixar o coelho passar e observou-o correr pelo bosque até que o branco de seu pêlo se misturou com o branco de neve e ele desapareceu de vista. Rufus afastou-se da janela, ganindo de desapontamento.

Ela dirigiu ainda mais cuidadosamente pelo resto do caminho. Rourke avançava com dificuldade para limpar o espaço equivalente a um grande retângulo no estacionamento, do lado de fora das grades do acampamento. Então, eles entraram para inspecionar o local com o cachorro pulando alegremente ao redor.

- Essa não é uma boa idéia — disse Rourke, não pela primeira vez.

- Já basta. — Jenny correu através da neve que chegava até seus joelhos, mas que era leve como o ar, levantando uma nuvem de flocos brancos. — Não seja estraga-prazeres — disse ela, pegando a chave que Jane lhe dera. — Venha checar o lugar comigo.

Passaram sob a arcada da entrada, atravessando com dificuldade os montes de neve que

se acumulavam na frente. O lugar parecia uma terra de fantasia, toda feita de neve. A construção conhecida como chalé e inverno era o prédio mais antigo do acampamento. Ele fora construído pelos fundadores do Kioga, a família Gordon, que emigrara da Escócia nos anos 1920. Jenny ficou parada, olhando para a sólida construção de madeira.

Ela imaginou se Rourke estava pensando na outra vez em que estiveram ali juntos. Talvez nem mesmo se lembrasse.

- Lar, doce, lar — disse Jenny.

- Parece com alguma coisa saída de um romance de Stephen King.

Era pedir demais que ele fizesse associações românticas com o lugar.

- Oh, fique quieto! É perfeito. Se eu não puder terminar meu livro aqui, então não mereço chamar a mim mesma de escritora.

Ela abriu a porta, animada.

O lugar fora todo arrumado no verão anterior e agora parecia espetacular, sua lareira de pedra erguendo-se por dois andares até alcançar o teto arqueado de madeira. Perto da cozinha e da sala de jantar ficava um fogão de lenha esmaltado em vermelho. Em um dos lados do beiral ficava uma mistura de sótão e quarto de dormir, que era acessado por uma escada de mão. O quarto tinha o luxo conservador de tempos passados, com um banheiro anexo e uma escrivaninha rústica, de tampo inclinado, que fora posicionada sob a janela, com vista para o lago.

Rourke ligou o boiler e acendeu o fogo tanto na lareira quanto no fogão de lenha. Jenny saiu do quarto sorrindo, feliz.

- Estou começando a gostar de ser uma Bellamy — disse.

- Ainda acho que está louca.

- Está brincando? As pessoas pagam uma fortuna por lugares como este no lago George ou no lago Saranac. Gostaria que você ficasse feliz por mim.

- Não gosto da idéia de deixá-la aqui, no meio do nada.

Jenny sentiu uma súbita vontade de tocar a testa dele, de passar a mão na ruga que se formara entre suas sobrancelhas, mas resistia ao impulso. - Preciso disso, Rourke. Desse tempo sozinha comigo mesma. É uma coisa que já deveria ter feito há muito tempo. E é completamente seguro. Lembre-se de que meu avô costumada subir até aqui todos os invernos para pescar no lago congelado. Talvez eu até tente fazer o mesmo.

- Juro por Deus que se você sair naquele gelo eu a levarei de volta algemada para a cidade.

Ela riu para encobrir uma inesperada e visceral reação à ideia dele algemando-a.

- Uma notícia de ultima hora, Rourke. Sou uma mulher adulta e você não é responsável por mim.

- Talvez não, mas sabe de uma coisa? Sou o chefe de polícia e este lugar está na minha jurisdição. Portanto, não fique surpresa se eu decidir patrulhar...

- Você não faria isso.

- Me aguarde.

- Você está louco!

- Loucura é você ficar aqui. Droga, Jenny! Por que está sendo tão teimosa em relação a isso?

Não estou sendo teimosa - respondeu ela. - É uma declaração de independência. Eu perdi tudo, Rourke. E a única coisa que faz com que isso seja tolerável é ter a chance de começar tudo do zero.

- Isso não é começar de novo. E se esconder.

- Vá se danar, Rourke.

- Nós já tentamos isso — ele devolveu. — Não funciona.

- Já chega — disse ela, prestes a perder o controle. — Saia daqui. É melhor você ir embora ou eu...

Ele colocou as luvas, uma de cada vez.

- Você o quê? Vai chamar a polícia?

Capítulo 25

1998

Querida mamãe,

Ainda estou noiva de Joey. Sei que provavelmente diria que sou muito jovem, caso você se importasse comigo, mas nós decidimos por um noivado longo, porque ele não quer me deixar sozinha em alguma base do Exército, longe de casa. Casar com Joey faz sentido quando ele está de serviço. Vovó não está muito bem e precisa de mim por perto. E tudo o que Joey mais quer é assentar em Avalon e montar uma vida aqui. Vovó é louca por ele. Vive falando sobre o rapaz maravilhoso que ele é e que grande marido será. Quando Joey voltou de licença, no ano passado, escolhemos alianças de casamento no Palmquist's e vamos pagar em prestações a perder de vista. Eu as trouxe logo para casa e senti uma estranha vertigem. Nervoso, talvez? As alianças fazem o futuro parecer tão real!

No entanto, não estamos nos apressando para nada. As alianças irão esperar. Tudo irá esperar. Joey está sendo enviado para alguma missão e como faz parte do regimento de rangers não pode dizer onde está, nem o que está fazendo, porque é uma missão ultrassecreta. Ele teve apenas 48 horas para se despedir de mim. Rourke e eu o levamos à estação de trem. Rourke agora é um oficial de polícia, eu já lhe contei? Ele é um agente da lei formado e está trabalhando em Avalon. Acho que a família dele está horrorizada por causa disso, já que ele é filho único do senador Drayton McKnight e supostamente deveria fazer algo melhor do que ser policial em uma cidade pequena, mas isso é outra história. Eu deveria estar escrevendo sobre Joey. Meu noivo. Noivo. Parecia tão oficial quando escrito no papel. Na estação, antes de partir, Joey prometeu que voltaria são e salvo. Tive de me controlar para não chorar, mas Joey era todo sorrisos. Ele é tão devotado aos rangers! Um dos seus colegas de batalhão lhe disse que, se um soldado está consciente quando é removido pela equipe de urgência médica, isso significava que ele não havia se dedicado ao máximo. E eles riram muito com a piada. Talvez essa seja a maneira deles de lidarem com o perigo.

Ele tinha algumas novidades para me contar. Convidara Rourke para ser seu padrinho de casamento e o amigo obviamente aceitara. E então Joey pediu a Rourke para tomar conta de mim enquanto ele estivesse longe. Estas foram as suas palavras exatas: “Tome conta dela, cara. Sei que isso é meio antiquado, mas não dou a mínima para isso. Tome conta dela.”

Rourke disse que tomaria — como se ele tivesse escolha.

Por que os rapazes sempre acham que precisam tomar conta das mulheres? Alô! Já estamos quase no novo milênio e eu toco um negócio por conta própria desde que tinha 17 anos. Acho que posso tomar conta de mim mesma. No entanto, foi doce da parte de Joey se preocupar. Doce e, talvez, um pouco sufocante.

E então ele me beijou tão forte e por tanto tempo que comecei a me sentir envergonhada. Não me entenda mal, eu queria aquele beijo. Ele é um soldado e estava partindo novamente. Queria imprimi-lo em mim de alguma maneira, mas, em vez disso, tudo em que eu podia pensar era que estávamos parados no meio de uma multidão, sugando um ao outro como se não houvesse amanhã. Eu gostaria de apenas ter deixado o beijo me envolver e me fazer esquecer do mundo, mas minha mente continuava ligada nos espectadores ao nosso redor.

Então, Joey teve que embarcar.

— Vejo você logo, meu bem — disse ele, como se estivesse apenas indo para a cidade vizinha em vez de para a outra metade do mundo. E, então, ele se foi.

Enquanto eu observava o trem sair da estação, não olhei para Rourke. Não conseguiria. Estava com medo do que veria em seus olhos.

Você já sentiu isso, mamãe? Que se olhasse para alguma coisa, então seria forçada a reconhecê-la e aí tudo mudaria?

Portanto, Joey está no exterior, fazendo coisas que nem consigo imaginar, e a vida segue. Dirijo a confeitaria, tomo conta de vovó... Não tenho visto muito o Rourke por esses dias. Ele sai com um monte de garotas diferentes e trabalha muito. Mesmo assim, liga para mim de vez em quando para saber como estão vovó e a confeitaria. Provavelmente faz isso para honrar sua promessa de “tomar conta de mim”.

E por que, em nome de Deus, estou questionando qualquer uma dessas coisas? Joey me adora e eu o adoro. Depois que nos casarmos, ele quer morar com vovó enquanto ela precisar de nós. E, além do mais, Joey tem um pai maravilhoso. Amo Bruno como se fosse meu pai. Cada vez que nos encontramos, ele me abraça apertado com seus braços fortes. Bruno cheira a brilhantina e chiclete de menta e me disse que Joey tem o coração de um leão.

E Joey tem confiança suficiente por nós dois. Ele sabe, sem sombra de dúvida, que sou e sempre fui o amor da sua vida. E alega que já sabia disso mesmo quando éramos crianças.

Desejaria poder dizer o mesmo. Mas sabe de uma coisa? Eu ainda não sei.

Todo ano digo a mim mesma que, finalmente, não preciso mais de você, mamãe. Que superei minha carência por você. E, então, me pego desejando que estivesse por perto, porque há muitas perguntas que gostaria de lhe fazer. Como sabemos que estamos fazendo a coisa certa? Há alguma maneira de descobirmos, ou apenas precisamos nos esforçar ao máximo, torcendo pelo melhor e rezando para que não estejamos cometendo um erro enorme?

Que bem pode me fazer, querer uma coisa que nunca, jamais poderei ter? E aqui está a questão, mamãe — talvez eu esteja errada, mas acho que não. Acho que Rourke sente a mesma coisa que eu. E apenas está tão assustado quanto eu.

O presidente Clinton estava sendo entrevistado na rádio NPR sobre a intervenção americana na Guerra do Kosovo, e Rourke queria assistir, porque suspeitava de que era lá que Joey estava. Mas, em vez de ouvir o rádio, ele voltou a atenção para Naomi, sua namorada. Bem, há dez minutos ela já não era mais sua namorada. Mais uma vez, a coisa não dera certo.

—Você é um canalha! — Naomi enfiou com força a camiseta por sobre a cabeça cobrindo seus melhores atributos. A cabeça apareceu por cima da gola e ela olhava com raiva para Rourke. — Um completo e total canalha!

Ele imaginou porque ainda se incomodava. Começava essas relações sempre achando, desejando, rezando para que aquela fosse a certa, que aquela garota fosse a que estava procurando. E, então, inevitavelmente, as coisas iam por água abaixo. Querer que desse certo não era o bastante.

Sentindo-se exausto, ele afastou as cobertas, levantou-se e vestiu uma bermuda. Levar um fora já era bastante indigno. Que ao menos estivesse vestido.

—Eu nunca quis magoá-la — disse ele, quase se engasgando com as palavras. Já dissera aquilo tantas vezes, para tantas mulheres...

Clinton estava explicando como, agora que a nação estava sem dívidas, com o orçamento equilibrado e a economia estável, aquele era o momento certo para voltarem os olhos para fora, para a manutenção da paz no resto do mundo.

—Você nem me vê — disse ela. — Nem mesmo sabe quem eu sou.

Deus! Ela estava certa. Ele não sabia quem era ela. Sabia apenas quem não era.

—Sinto muito — disse. E era verdade. Rourke sentia muito por ela, por si mesmo. E sentia muito que ainda continuasse procurando por alguma coisa que, na verdade, já encontrara, mas não podia ter.

Naomi saiu sem dizer nem mais uma palavra, uma bela mulher, agora magoada por ele. Rourke se odiou por fazer aquilo, por feri-la quando ela não merecia. Mas no tempo que levou para a moça pegar a estrada, em direção a Nova York, ele já quase se esquecera de como a conhecera. Fora no show de verão, em Woodstock, ou em um bar em Kingston? Talvez fosse uma das mulheres que sua mãe vivia arrumando para ele. O pai nunca o perdoara por ter se tornado policial e ido morar em uma cidade pequena, mas a mãe vivia tentando levá-lo de volta para o convívio com o grupo “certo” de pessoas, apresentando-o a jovens refinadas e educadas, como se elas fossem presentes.

Ele deveria se afastar das mulheres de uma vez por todas. Mas isso era impossível. Mulheres eram como... o ar. Necessárias à sobrevivência.

Mas podia melhorar. Iria melhorar. Era apenas uma questão de foco e disciplina. E essas eram coisas em que Rourke se considerava bom. Essas características haviam sido inculcadas nele desde pequeno e ele as praticava todo dia no trabalho. A questão era apenas estendê-las para sua vida pessoal. Aliás, por que ele precisava de uma vida pessoal, no final das contas? Devia contentar-se apenas com aquilo em que era bom. Ser um policial. Investigar crimes e intervir em crises, garantir a segurança pública, ter conhecimentos táticos e levar os criminosos diante da justiça era tudo o que sempre quisera fazer. Essa é a saída, pensou ele. Concentrar-se no trabalho.

Todos os dias, enquanto se vestia para o trabalho e colocava o colete protetor, o coldre de fibra de carbono e o cassetete, ele pensava na ironia da situação. Fora seu próprio pai quem apoiara a regulamentação estadual determinando que os policiais civis usassem coletes à prova de balas. Agora que Rourke era um homem adulto, Drayton McKnight subitamente se interessara em proteger o filho.

Rourke manteve-se firme ao seu juramento, concentrando-se naquilo em que era bom. Ele fazia muitas horas extras para os bons cidadãos de Avalon — e para os maus também. Às vezes, os chamados que recebia eram ridículos, como um homem reclamando que o labrador preto do vizinho não parava de sujar seu quintal. No dia seguinte, o dono do cachorro denunciava que alguém havia escrito obscenidades no flanco do animal com tinta fluorescente laranja. Outras vezes, eram de cortar o coração, como no caso de uma adolescente da escola de nível médio que sofrera uma overdose de drogas depois de ter sofrido abuso sexual. Ou quando um senhor fora enganado e perdera as economias de toda uma vida. Rourke levava a sério cada uma das chamadas, desde a reclamação por causa do som muito alto em uma festa, até uma briga doméstica. Seu trabalho não era exatamente uma aventura, mas aquele

era o lugar certo para ele. Às vezes pensava que devia ser louco por ter escolhido viver ali, assistindo ao caso de amor de Jenny e Joey, mas a verdade é que sentia uma forte ligação com Avalon. Fora ali que, quando garoto, descobrira o que era a liberdade.

Ele usava seu tempo pessoal para estudar. Administração, relações com a comunidade, negociação. Adotara vários cachorros que haviam sido abandonados e os treinava em seus momentos livres. Toda noite, ao final do seu turno, checava seus e-mails. Joey era um excelente correspondente e, com o e-mail, a comunicação era instantânea. Às vezes Rourke sabia das últimas notícias antes até que fossem divulgadas pela imprensa. Mesmo com o processo de filtragem de correspondência do Exército, Joey conseguia passar a ele uma imagem clara da sua vida em algum lugar secreto. E essa vida parecia consistir basicamente em desconforto físico e uma mescla de tédio em alguns momentos e a mais pura adrenalina em outros, que incluíam risco de vida. Joey terminava quase todas as suas mensagens com alguma referência a Jenny. “Fique de olho na minha garota. ” “Coma um kolache por mim. ” “Diga a ela que estarei em casa antes que se dê conta. ”

Um tempo depois, parecia que o regimento estava em movimento e a correspondência de Joey passou a ser mais esporádica. Ele agora participava de operações noturnas, e frequentemente era transportado com o regimento em um helicóptero Chinook especialmente planejado para eles. Joey estava com uma infecção estomacal, mas escondeu o problema porque não queria perder a ação. O que era bem típico dele.

Rourke estava no quintal, uma noite, vendo os cachorros darem sua última corrida, quando ouviu o telefone tocar. Embora já passasse bastante das 22h, ficara acordado até mais tarde para compensar os bichos pelas longas horas que passara no trabalho. Ele jogou a bola de tênis encharcada uma última vez e correu para a cozinha, secando as mãos na calça jeans e tentando descobrir onde estava o fone do telefone sem fio. Mas não deu tempo. Quando finalmente o encontrou, perdido entre duas almofadas, a secretária eletrônica já fora acionada. Resmungando impaciente, ele ouviu a mensagem.

“Sou eu”, disse ele e não precisou explicar quem era “eu”. Normalmente, Jenny o teria saudado animadamente, mas, naquela noite, havia alguma coisa na sua voz. Alguma coisa que congelou Rourke por dentro. “Por favor”, ela continuou. “Preciso que você venha até aqui. Por favor. ”

Ele se esqueceu de que era um agente da segurança pública enquanto dirigia até a casa dela, avançando os semáforos e acelerando como se estivesse sendo perseguido por demônios. Rourke parou na entrada de carros e saiu correndo, subindo os três degraus da varanda de uma só vez.

Jenny estava esperando por ele na porta. E Rourke soube, antes mesmo que ela dissesse uma única palavra. Com apenas um olhar para o rosto dela, ele soube. Joey.

Ela estava bebendo o champanhe Cristal que guardara para a recepção de boas-vindas de Joey. E já bebera quase tudo. Jenny sacudiu a cabeça, sem dizer nada, e então se grudou ao corpo dele, seu queixo pressionando o peito de Rourke. Ele pegou a taça que estava na mão dela, colocou de lado e abraçou-a. Ela não chorou, não emitiu nenhum som, mas tremia dos pés à cabeça.

—Me conte — sussurrou ele, afastando o cabelo com aroma de canela da orelha dela. — Pode me contar.

—Ainda não — disse ela. — Vamos... apenas ficar assim, por um minuto.

Qualquer mínima esperança que Rourke tivesse de estar errado morreu naquele momento. Sob circunstâncias normais, ele e Jenny evitavam qualquer contato físico. Era um acordo silencioso entre eles, firmado no momento em que ela ficara noiva de Joey. Os dois eram muito voláteis quando estavam juntos, sempre houvera essa química entre eles. Quando estava perto dela, Rourke sentia a pele queimar, e o mundo se resumia ao espaço que ela ocupava. Mas Jenny continuava sendo território proibido.

No entanto, as circunstâncias daquela noite eram totalmente extraordinárias e aquele abraço o único lugar na Terra onde ele queria estar naquele momento. Eles respiravam como se fossem um só. Tocados por uma ternura cheia de dor, tentavam escapar um para dentro do outro, evitando assim ter de passar para o momento seguinte, para o momento em que precisariam encarar o que acontecera.

Depois de um tempo, Jenny se afastou.

—Há mais champanhe — disse, apontando na direção da cozinha.

Rourke sentiu como se estivesse pegando fogo, enquanto ia até a despensa, encontrava a outra garrafa e a abria. Parecia uma coisa tola de se fazer, uma celebração completamente inadequada, mas ele fez assim mesmo. Sabia que aquela garrafa em particular vinha de uma caixa que os pais dele haviam enviado a Joey congratulando-o pelo noivado. Uma Krug Blanc de Blanc, uma de apenas poucos milhares de garrafas produzidas. Rourke bebeu o champanhe à temperatura ambiente, direto da garrafa. Abaixando-a, ele olhou para Jenny, do outro lado do cômodo, e pensou em Branca de Neve. Ela estava tão pálida, seus cabelos e seus olhos tão escuros! E naquele momento os olhos estavam assombrados por uma dor tão profunda que ele podia senti-la em seu peito.

—Sua avó...? — perguntou Rourke.

—Já está dormindo. Já estava quando Bruno ligou. Ainda não sabe nada e vou deixá-la ter mais uma noite de sossego antes de lhe contar. — Jenny relanceou o olhar para o corredor, na direção do quarto da avó. — Vamos subir para conversar lá em cima. Não quero acordar vovó.

Rourke sentia-se como se fosse feito de madeira, enquanto a acompanhava. Quando a avó de Jenny ficara doente, não pôde mais subir escadas. Então, Jenny transformara um cômodo no andar de baixo em um quarto para Helen enquanto o andar de cima passava a ser seu paraíso particular, onde passava o tempo escrevendo e esperando por Joey. Eles planejavam morar ali, depois de casados. Depois de casados... Com mão trêmula, Rourke tomou um longo gole de champanhe.

Quando Jenny finalmente começou a falar, sua voz era baixa e ela gaguejava como se ainda não acreditasse. Recitou o que ouvira como se estivesse repetindo aquilo sem parar na cabeça, decorando o horror. Houve uma fatalidade com o helicóptero de transporte, não há sobreviventes do regimento de rangers de Joey.

Rourke não sentiu choque, apenas uma sombria e terrível sensação de destino. Enquanto Jenny lhe contava os poucos detalhes que sabia, eles terminaram a garrafa de Krug e abriram outra.

—Ele e mais 16 outros estavam no helicóptero Chinook, em algum lugar de Kosovo. O helicóptero caiu em uma ravina e não houve sobreviventes. Os nomes não vão ser oficialmente

liberados por um bom tempo, mas Bruno foi logo informado. Ele recebeu um telefonema via satélite de alguém do regimento — disse ela, a voz falhando. — Não é oficial, ainda não houve um relatório formal. Mas... sem sobreviventes.

Uma dor gelada atravessou o corpo de Rourke. Joey! Seu melhor amigo. Seu irmão. O melhor cara do mundo. Por alguns momentos, não conseguiu respirar.

Jenny levantou o olhar para ele, seu rosto refletindo a agonia que via no dele.

Rourke detestava saber que ela estava sozinha quando recebeu o telefonema.

—O pai de Joey...

—Está com as irmãs em Nova York. Imagino que irei... iremos... vê-lo no... Oh, meu Deus! Haverá um funeral? Um memorial?

—Não sei. Quem sabe como funcionam essas coisas? — Ele continuava vendo imagens de Joey, um garoto bobo, de orelhas grandes, que crescera e se transformara no tipo de homem de quem todos gostam. Os dois haviam compartilhado todos os momentos importantes de suas vidas, os dentes perdidos, os gatinhos desaparecidos, as vitórias e os fracassos no esporte, a formatura e, é claro, o acampamento de verão. Rourke sentia como se um membro seu acabasse de ser amputado.

E ainda assim, em meio ao vazio do luto, havia alguma coisa mais dentro dele. Alguma coisa... culpa e tristeza, ternura e desejo.

Ele observou o rosto de Jenny por um longo tempo. Encontrou lenços de papel e secou as lágrimas que haviam escorrido. Então, chegou mais perto e abraçou-a de uma maneira como nunca fizera antes, nem mesmo quando ele quisera e ela quase implorara para que fizesse. Seus braços a envolveram como se a estivessem protegendo do ataque de uma bomba. Apertou-a com tanta força que sentiu toda a extensão do seu corpo colada ao dele. Podia sentir até o coração dela batendo e, mesmo assim, ainda não estava próximo o bastante. Rourke tocou-a do modo que pensara em tocá-la milhares de vezes, passando o polegar pela linha do seu queixo, levantando-o para que ela o encarasse. Ele queria beijá-la, mergulhar nela e esquecer.

De algum modo, o que ambos sentiam por Joey acabou se misturando ao que sentiam um pelo outro e, então, estavam se beijando. Era uma loucura, mas estavam se beijando e indo em direção à cama, desesperados para escapar da verdade, mas presos ali, juntos, com a escuridão se fechando ao redor deles. Suas roupas deixaram uma trilha pelo corredor até o quarto dela e quando chegaram na cama já não havia mais nada se interpondo entre eles, absolutamente nada. Jenny tinha sabor de champanhe e de lágrimas. Ela passou os braços ao redor do pescoço dele e continuou beijando-o, não o deixaria escapar. Era uma loucura, ela era louca, ambos eram loucos, mas não o deixaria escapar.

Ela continuou grudada nele, mas afastou a boca à distância de um sussurro.

—Ele lhe pediu para tomar conta de mim — disse. — Como você vai fazer isso, Rourke?

*

O telefone tocou, cortando como uma faca afiada o sono de Jenny, que o álcool tornara profundo. Ela se mexeu, gemendo, enquanto tentava se esconder do barulho, mas ele não parava. Era impossível levantar a cabeça, que estava pesada como uma pedra. Por fim,

felizmente, a campanha cessou. Do outro lado do quarto a secretária eletrônica foi acionada e ela pôde ouvir a própria voz na mensagem de saudação. Jenny se espreguiçou e encontrou um corpo quente e nu sob as cobertas. Braços fortes a envolveram e a puxaram mais para perto, e ela sentiu-o ressonar de encontro ao seu pescoço. Deus, oh, Deus! Ela dormira com Rourke. Joey estava morto, ela ficara bêbada e tivera uma noite de sexo alucinante com Rourke.

la queimar no inferno.

A pessoa que ligara começou a falar com a secretária eletrônica e, misteriosamente, parecia ser a voz de Joey. O que significava que ela ainda estava bêbada, ou sonhando, porque Joey estava morto, perdido em um acidente de helicóptero.

Como uma sonâmbula, ela caminhou completamente nua até a penteadeira, onde a secretária eletrônica ainda estava gravando uma voz familiar.

—... tudo um erro — ele estava dizendo. — Meu nome estava na lista, mas eu não fui naquele helicóptero...

Jenny riu alto, as lágrimas correndo pelo seu rosto, enquanto pegava o telefone e dizia:

—Joey.

Demorou um pouco até que ele respondesse:

—Meu amor, estou tão feliz por você ter atendido o telefone. Sei que são só 5h aí, mas precisava lhe avisar que estou bem. Acabei de ligar para meu pai. Houve uma enorme confusão no último minuto. Eu não estava naquele helicóptero...

Jenny não conseguia falar. Mal podia respirar e tremia de alívio, enquanto Joey explicava alguma coisa sobre uma lista feita por um primeiro-sargento e entregue a outra pessoa para ser registrada. Quando estava embarcando no helicóptero, Joey se machucara e fora mandado para a enfermaria.

—Fui muito tolo para não colocar meus óculos de aviação e alguma coisa entrou em meu olho. Eles vão me mandar para a Alemanha, para fazer uma cirurgia.

—Jen? — Rourke chamou da cama. — Quem está ao telefone?

Ela se virou para mandar que ele se calasse, mas foi tarde demais.

—O que Rourke está fazendo aí a essa hora? — perguntou Joey. Sua voz estava diferente, mais ríspida.

E Jenny soube, naquele instante, que Joey provavelmente tinha consciência, há muito tempo, de que havia alguma coisa entre ela e Rourke.

—Eu pedi para ele vir assim que recebi a notícia — disse ela.

—Ele é seu melhor amigo, quem mais eu chamaria, Joey?

Ele não respondeu. Em vez disso, falou:

—Estou de licença. Não há muita utilidade para um soldado de um olho só entre os rangers. Estou indo para casa.

Jenny ficou parada, ainda nua e quente do toque de Rourke, segurando o telefone, enquanto ele atravessava o quarto na direção dela, o cabelo embaraçado, os olhos confusos. E, mesmo naquele instante, quando olhou para ele, Jenny sentiu uma onda de puro desejo,

misturado com profunda vergonha.

E percebeu então que não iria queimar no inferno. Ela já estava nele.

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

Pegando fogo

As pessoas gostam de colocar fogo nas coisas. Admita que você fica impressionado quando vê uma sobremesa sendo flambada. Há algo de hipnótico no modo como as chamas correm como um rio e então se extinguem, deixando atrás de si um aroma delicioso e inconfundível.

Há uma atração primitiva por coisas ardendo. De acordo com um provérbio polonês, o fogo nunca é um mestre gentil. Henry James pregava que era necessário “paixão irrestrita, fogo por fogo”. O que é um pouco assustador, se quiser saber minha opinião. Mas isso apenas toma tudo ainda mais delicioso.

Amor ardente

8 fatias de pão

3 xícaras de creme de leite

1 ovo inteiro

3 gemas de ovo

1 1/2 xícara de açúcar

1/2 colher de chá de noz-moscada

1/2 colher de chá de canela 1/4 de xícara de rum

1/2 xícara de passas ou groselhas, deixadas de molho por 15 minutos em uma xícara de água bem quente (reserve esse líquido depois)

Pré aqueça o forno a 180°C. Corte o pão em cubos. Misture o creme de leite, o ovo inteiro, as gemas, 1/2 xícara de açúcar, a noz-moscada, a canela e uma colher de sopa de rum. Junte o pão ao creme.

Seque as passas ou groselhas e reserve o líquido. Acrescente-as à mistura de pão e mexa com cuidado. Despeje a mistura em formas individuais para suflê. Coloque as formas em um tabuleiro com cerca de um centímetro de água quente. Asse por cerca de 30 minutos, até que, ao enfiar uma faca no centro do creme, ela saia limpa.

Pouco antes de servir, misture o líquido reservado e o açúcar restante em uma frigideira pequena e leve para ferver em fogo alto, mexendo constantemente. Quando o açúcar ficar dourado, acrescente cuidadosamente outra xícara de água quente. Deixe ferver novamente e cozinhe até que a mistura ganhe a consistência de um xarope. Junte o rum restante e volte ao fogo por 15 segundos. Retire a frigideira do fogo e acenda um fósforo sobre a calda. Derrame o caramelo flamejante sobre os pudins e sirva.

Capítulo 26

Daisy estava surpresa e até mesmo satisfeita pela maneira como sua família reagira à notícia. Praticamente todos reagiram bem. Não houve choque ou horror, mas simpatia e compreensão. Bem, seu irmão, Max, achou tudo muito grosseiro e lhe disse que ela era uma idiota. Mas, aos 11 anos, era normal achar que todas as garotas eram idiotas. E mesmo ele acabara por admitir que estava gostando da perspectiva de se tornar tio.

O dia que escolhera para dar a notícia aos amigos amanheceu com a cidade coberta pela neve. Mesmo antes de checar o site da escola já sabia. Aquele seria um *snowday*, um dia livre por causa da neve alta. Que presente maior poderia haver? *Snowdays* eram pura magia. Sem que tivessem planejado, todos ganhavam um dia inteiro e de liberdade e tudo ficava parado, suspenso até que as ruas estivessem livres. Sem escola, sem trabalho. Todos os compromissos e obrigações cancelados, todos os prazos estendidos. Nada a fazer a não ser vagabundear. Em vez de se contorcer sobre as matérias escolares, Daisy podia dormir até mais tarde e tomar o café da manhã assistindo ao programa *Dialing for Dollars* na tevê. Em vez de ter de inventar uma desculpas por não ter feito os deveres de física, ela podia terminá-los quando tivesse vontade.

Daisy estava prestes a voltar para debaixo das cobertas quando seu celular tocou. Ela olhou para a tela e atendeu.

- O que está fazendo de pé? É *snowday*!

- Exatamente — disse Sonnet, com a voz animada - Vista roupas quentes, mas coloque alguma coisa mais fresca por debaixo dos casacos. Provavelmente vamos suar no lugar para onde estamos indo.

Daisy não pôde deixar de sorrir. Sonnet sempre tinha algum tipo de aventura guardada na manga.

- Aonde vamos? — perguntou.

- Traga sua câmera — disse Sonnet. — Encontre-nos na confeitaria em meia hora. Vamos fazer uma caminhada usando raquetes de neve. Zach está trazendo todo o equipamento.

Devia ser um sinal, pensou Daisy, desligando o telefone e vestindo uma roupa de baixo com isolamento térmico, Um *snowday* e um convite inesperado. Talvez aquele fosse o dia certo para ela contar a eles. Enquanto escovava os dentes, Daisy virou-se de lado e analisou sua silhueta no espelho. Seu corpo fora invadido por uma força alienígena. Ela vacilava entre as náuseas e uma fome insaciável. Os seios estavam cheios e quase já não cabiam mais no sutiã, apesar de seu estômago ainda parecer liso e os jeans ainda caberem. Tentou se visualizar com uma barriga gigantesca, mas não conseguiu, mesmo agora. Era hora de contar para Sonnet e Zach. Naquele dia.

Eles foram no jipe de Zach pela estrada até a cachoeira Meerskill. O caminho estava aplanado porque Jenny estava morando no chalé. Mas eles não pretendiam perturbá-la, iriam subir a trilha até o alto da cachoeira, que caía por centenas de metros de rocha de granito até chegar a uma piscina natural funda, bem longe do chalé de inverno.

Daisy saiu do carro e virou-se para olhar o céu. Então, certificou-se de que a câmera

estava com a bateria carregada e com um cartão com bastante memória. Havia alguma coisa na qualidade da luz no inverno que fazia com que fotografar fosse um prazer e um desafio ao mesmo tempo. Daisy amava os contrastes profundos, as imagens delineadas contra o fundo sem fim da neve branca, e aprendera a ajustar o fotômetro e os filtros de modo a conseguir criar belas imagens, mesmo quando a luz estava fraca. Mas não era esse o caso naquele dia. O sol aparecera, criando sombras e texturas dramáticas no cenário. Ela tirou uma foto do bosque de videiros, seus galhos esguios como longas pinceladas de tinta no campo de neve branca. A luz se refletia sobre as árvores de uma maneira que fazia com que elas brilhassem.

A trilha estava coberta por uma grossa camada de neve intocada e eles logo precisaram colocar as raquetes de neve. Zach trouxera três pares ultramodernos que pesavam quase nada e praticamente faziam com que flutuassem por sobre a neve. Essa era uma coisa engraçada em Zach. O pai dele, que era bem mais velho do que a maioria dos pais, parecia gastar dinheiro como se não houvesse amanhã - embora nunca deixasse um tostão no pote das gorjetas da padaria. O sr. Alger costumava comprar o que havia de melhor e mais caro de tudo, inclusive carros e roupas e até mesmo sapatos de andar na neve. Mas era estranho, porque, por outro lado, ele vivia repreendendo Zach por não trabalhar mais horas do que já trabalhava. Uma loucura! As pessoas falavam que os adolescentes agiam como doidos, mas talvez essa fosse apenas metade da história. Talvez devessem olhar para os pais dos adolescentes, para variar.

Daisy tentou imaginar seu bebê como um adolescente, mas não conseguiu. Ela simplesmente não compreendia como seu corpo poderia criar um ser humano de tamanho natural e muito menos um que fosse falar desaforos para a mãe e ter problemas na escola. Mas jurava que seria um tipo diferente de mãe. Seria a melhor amiga come do filho. Eles iriam ouvir o mesmo tipo de música, ela não gritaria com ele por causa de suas notas e o colocaria na escola certa. No entanto, tudo isso pertencia a um futuro distante. Naquele momento, ela precisava se preocupar em como contar a novidade aos amigos. Daisy descobriu uma coisa sobre andar com raquetes de neve. Era muito difícil. Na metade da trilha, ela tirou a parca que usava e amarrou-a ao redor da cintura. Depois tirou o cachecol e o gorro e guardou-o dentro da mochila. Poderia ter atribuído o calos que sentia às mudanças nos hormônios, como diziam seus livros sobre gravidez, mas logo percebeu que Zach e Sonnet também estavam andando com dificuldade e banhados de suor.

Quando alcançaram a ponte que atravessava a cachoeira, Daisy sugeriu que parassem para beber água.

- também quero tirar algumas fotos - ela acrescentou.

No verão anterior, uma enorme torrente de água corria por aquela cachoeira, atingindo as rochas mais distantes. Agora, o inverno congelara a cascata em longos cristais de gelo verde-azulado que marcavam a encosta como pilares altos e delicados. No meio, uma comprida coluna de gelo mergulhava como uma lança na base da piscina congelada.

Daisy descobriu ângulos incríveis para fotografar. Ela deitou-se de costas para enquadrar a ponte, uma antiga estrutura de concreto com dois altos arcos transpondo o abismo abaixo.

- Há rumores de que esta era chamada de A Ponte do Suicídio - disse Sonnet. - Ovi dizer que dois trágicos amantes pulara daqui e se mataram.

- Sim, e é possível ouvir seus fantasmas gemendo nas noites de ventania - acrescentou

Zach.

Sonnet torceu o nariz.

- Essa é a terra do escritor Washigton Irving. Histórias de terror fazem parte da paisagem.

Daisy tirou uma foto da amiga, que estava com uma expressão que era ao mesmo tempo aborrecida e bonitinha.

Como se sentisse a atenção de Daisy voltada para si, Sonnet virou-se para encará-la.

- Ei, o que acha de tirar minha foto de formatura? Você sabe, para o anuário escolar.

Daisy ficou surpresa e lisonjeada.

- Claro, por que não?

- Eu lhe pagarei, é óbvio - disse Sonnet.

A amiga e a mãe contavam cada centavo, economizando para pagar a faculdade.

- Não vou cobrar nada - disse Daisy, experimentando outro enquadramento de Sonnet pelo visor.

- Mas insisto em pagar. — O senso de justiça de Sonnet falou mais alto.

Dale Shirley cobra cerca de 300 dólares. Eu teria que juntar dinheiro por semanas para conseguir pagá-lo.

Shirley era fotógrafo local muito ocupado e seu trabalho estava estampado nos panfletos da Câmara de Comércio, no calendário anual de Natal que distribuíam na Prefeitura e, é claro, nos anuários da Escola Secundária de Avalon. Para Daisy, aquele parecia um trabalho de sonho, ser paga para tirar fotos.

- Ele pode cobrar porque tem um monte de credenciais, seu próprio estúdio e tudo mais - falou Daisy.

- Que nada — disse Zach —, é porque ele está aqui desde sempre. Eu também não queria que ele fizesse minha foto, mas provavelmente meu pai vai me obrigar a fazer com ele. O pai dele estava sempre preocupado em parecer bem para garantir sua candidatura a prefeito.

-Não se eu tirar uma foto melhor - disse Daisy, e clicou Zach enquanto ele pensava a respeito do pai. Zach parecia tão à vontade na neve quanto um lobo. O cabelo louro, a pele macia e os olhos de um estranho azul-claro faziam-no parecer etéreo, quase sobrenatural.

Sonnet espreitou por sobre o ombro de Daisy, para chegar à foto.

-Muito louco - disse ela. - Você parece com o garoto no pôster de propaganda da nação ariana.

Zach jogou a neve que enchia sua mão no ombro dela.

- Cale a boca! - disse.

- Cale a boca, você!

Daisy posicionou a câmera de modo que enquadrasse os dois.

Sonnet era um tema cheio de disposição, imitando a cabeça, seu cabelo cacheado escapou do gorro e Daisy capturou o momento, certa de que aquela seria uma ótima foto.

Sonnet não era a beleza típica do colégio e detestava sua aparência, mas Daisy sabia que isso era loucura.

A amiga era linda de um jeito que ultrapassava o alcance de simples garotos de colégio. Sua pele cor de café com leite e tinha uma cascata de cachos negros. A boca era larga e cheia, e os olhos amendoados lhe davam um ar de mistério... até que ela sorrisse. Então, via-se que era tão aberta e afetuosa quanto um filhotinho.

Sonnet deixou que Daisy tirasse quantas fotos quisesse. Era paciente, prestativa e tinha espírito esportivo. Aliás, essa era outra de suas características marcantes. Sonnet sempre tinha boa vontade para tudo. E o mais engraçado era que, de todos os garotos e garotas que Daisy conhecia, a amiga era a que tinha menos coisas a seu favor e as maiores razões para ser difícil, se dar mal na escola e ser preguiçosa. Era filha de mãe solteira, era birracial e ela e Nina mal conseguiam se sustentar.

Mas, mesmo com todas as chances contra, a amiga era uma aluna que só tirava A, uma musicista talentosa e ainda era monitora do jardim de infância. Fora aceita antecipadamente na faculdade e estava aguardando notícias sobre a possibilidade de uma bolsa de estudos. Sonnet era, até onde Daisy podia dizer, a adolescente dos sonhos de qualquer um, aquele tipo de filho troféu do qual os pais gostam de se vangloriar; enquanto dão tapinhas nas costas um do outro tomando para si todo o crédito dos sucessos do filho.

Sonnet era o tipo de filha que a mãe de Daisy gostaria de ter tido. Mas, em vez disso, tivera uma filha que não dava a mínima para o colégio, nem para a faculdade, que bebia até esquecer e ficara grávida de um garoto de quem nem mesmo gostava.

- Já basta — disse Zach, enquanto Daisy tirava outra série de fotos. — Você vai acabar quebrando a câmera.

Daisy fotografou a cara zombeteira dele.

- Estão vendo aquelas saliências ali na rocha? — Sonnet apontou para o topo dos rochedos. — Meus tios me disseram que são cavernas de gelo. — Eram ao todo seis tios, que lembravam muito o elenco da série Família Soprano. — Cavernas na encosta, revestidas de gelo. Eu li a respeito nos arquivos da biblioteca, para um projeto de história, no ano passado. Alguns rochedos nesta área, estas cavernas são cobertas por uma camada de gelo tão grossa que não derrete nunca, nem mesmo no verão. Essa é uma das razões pelas quais batizaram a cidade de Avalon.

Daisy inclinou a cabeça para o lado.

- Muito bem. Agora eu me perdi.

- Da lenda do rei Arthur - disse Zach. - A caverna de cristal de Merlin. Avalon foi o lugar para onde o Rei supremo foi depois de ser ferido mortalmente em sua última batalha.

- Devo ter perdido esta aula - disse Daisy. - Não sei como vocês dois me agüentam. Sou muito estúpida. - O que era uma ironia, pensou ela. Estudara nas escolas mais exclusivas e competitivas de Manhattan. Já aqueles dois haviam freqüentado a vida inteira uma escola pública comum. Ainda assim, pareciam muito mais sabidos do que ela.

- Você não é estúpida - disse Sonnet.

- Você não faz ideia de como eu sou, sim - disse Daisy, envolvendo o corpo com os braços.

A hora era aquela. Tinha que terminar logo com aquilo. Ali mesmo, naquele momento - Preciso contar uma coisa para você - falou, em um rompante, deixando as palavras escaparem antes que perdesse a coragem.

Eles devem ter sentido a urgência no tom de voz dela, porque ambos lhe deram toda a atenção. Daisy hesitou, da mesma maneira que fizera quando contara ao pai, tentando memorizar o jeito como eles olhavam para ela naquele momento. Porque, logo, a forma como a via iria mudar para sempre.

- É, hmm, uma coisa, assim, bem importante — disse, baixando cuidadosamente a câmera, sentindo o peso dela puxando a parte de trás do seu pescoço. - Vou ter um bebê. Ele vai chegar no verão.

O silêncio que se seguiu às palavras dela era tão completo que parecia que todo o ar fora sugado. Daisy olhou para eles, seus únicos amigos na cidade, e prendeu a respiração. Recusava-se a respirar até que eles falassem, até que lhe garantissem que não deixariam de ser seus amigos. Por um momento, eles apenas a encararam fixamente. Então, o rosto de Zach ficou vermelho e ele pareceu extremamente desconfortável, do jeito que Max ficara quando ela lhe contara. As sobrancelhas de Sonnet se ergueram e depois voltaram a se abaixar.

- Uau, isso é mesmo muito importante.

Daisy assentiu.

- Não foi a coisa mais esperta que já fiz, mas está feito. Eu ia, vocês sabem, interromper isso, mas no último minuto simplesmente não consegui. Então, aqui estou.

Zach parecia ter encontrado alguma coisa muito fascinante para ver no tronco de uma árvore, perto da ponte. Claramente, ele não queria participar daquela conversa.

Por fim, Sonnet falou, soando um pouco aturdida.

- Uau. Quero dizer, uau. Isso é uma surpresa.

- Jura?!

- Foi por isso que você deixou sua antiga escola?

Daisy negou com a cabeça.

- Eu não sabia. Quero dizer, não tinha certeza.

- O pai do bebê vai ajudar você? — Havia uma tensão familiar na voz de Sonnet. Daisy sabia que a relação dela com o pai era difícil, cheia de sigilo, por causa da posição dele no Pentágono.

- Não contei a ele. E ainda não decidi se vou contar ou não. Mas já posso adiantar que ele não vai ficar feliz.

- Ele deveria ter pensado nisso quando... quando vocês dois...

- É verdade — concordou Daisy. — Nós dois deveríamos ter pensado nisso.

Sonnet pôs a mão coberta com uma luva no ombro de Daisy.

- Vai dar tudo certo — disse.

Daisy sorriu para ela.

- Esse é o plano. E de qualquer modo — disse, animada — já passei pelo suplício de ter de contar aos meus pais e... nós vamos conseguir. — Ela precisava acreditar nisso, precisava acreditar que ter um bebê não era como cair em um abismo.

Os três ficaram em silêncio por algum tempo, e Daisy sentiu certo alívio. Não fora tão difícil. Ela imaginava que haveria um período de adaptação à ideia e, então, eles voltariam a ser como eram antes. Por enquanto, pelo menos. Depois que o bebê nascesse, ela não fazia ideia do que seria da amizade deles. Zach não dissera nada, mas Daisy achou que ele estava constrangido. Suas bochechas e orelhas estavam vermelhas, e não era só por causa do frio, e ele não a encarava. Sonnet pareceu perceber que era preciso seguir em frente. Ela estreitou os olhos e examinou os rochedos.

- Meus tios dizem que é preciso olhar bem para encontrar as cavernas. E é preciso tomar cuidado com as avalanches.

- Meu pai me disse que isso é uma completa perda de tempo - acrescentou Zach. — Falou que não vale a viagem.

- E desde quando você escuta seu pai? — perguntou Sonnet.

Daisy olhou para as rochas salientes, suas silhuetas esculpindo formas misteriosas na neve intocada.

- Vamos checar - sugeriu ela.

- Está falando sério? — Zach pareceu apreensivo.

- Ela está certa. — Sonnet levantou e prendeu as raquetes de neve nas botas. — Olhe para esse céu azul. Devíamos, pelo menos, ir até o topo do rochedo, não acham?

- Eu concordo. — Zach se levantou. — Não faz sentido chegar até este ponto e não ir até o fim. — Ele colocou a mochila nos ombros e seguiu na frente pela trilha.

- Somos como os pioneiros — disse Daisy. — Os primeiros a chegar ao topo da montanha.

- Disso eu duvido — falou Zach.

- Eu também — concordou Sonnet. — Meu tio Sal me disse que eles encontraram objetos indígenas em algumas das cavernas, além de coisas deixadas pelos pioneiros. Antes de existirem as geladeiras, as cavernas eram usadas para armazenar comida.

- Congeladores naturais — disse Zach. — Parece uma longa caminhada até lá.

O caminho ficou mais escarpado, a neve formava montes nas bases das árvores. Daisy sentiu-se um pouco sem fôlego e imaginou se era por causa do esforço ou da gravidez. A médica lhe dissera que ela poderia e deveria continuar com suas atividades habituais, embora não devesse praticar nenhum esporte radical. Subir uma montanha era radical? Não. Escalada, como fizera no último verão com Julian Gastineaux, também conhecido como o garoto mais incrível do planeta, era radical, porque envolvia cordas e equipamentos assustadores, penhasco e manobras arriscadas dignas do Homem Aranha.

Comparado a isso, uma caminhada pela montanha era, literalmente, um passeio no parque.

Sonnet foi a primeira a alcançar o cume. Ela virou-se e acenou para eles.

- Está certo, nós não somos os primeiros - Ela indicou uma estrutura que, com certeza, fora feita pela mão do homem, um totem falso, com uma placa com a inscrição. " Montanha Meerskill. Altitude 1.200 metros".

Várias iniciais e palavras foram sendo esculpidas no totem, com datas a partir de 1976, contando a história dos rapazes e das garotas da região. Mas tudo se tornara sem sentido com a passagem do tempo.

- Vejam - apontou Sonnet. - "Matt esteve aqui". Talvez seja seu pai, Matthew Alger.

Zach deu de ombros.

- Pode ser. Ele costumava trabalhar no acampamento quando fazia faculdade.

- Meu pai também - disse Daisy. - Era uma tradição familiar para todos os Bellamy, até que o acampamento fechasse, há dez anos. - Ela ficara feliz por Olivia ter vindo de Nova York no último verão. Daisy passara aquele verão no acampamento com o pai e o irmão, ajudando a preparar o lugar para a comemoração das bodas de ouro dos avós. A mãe não viera, só passara rapidamente no acampamento para entregar os papéis do divórcio e cumprimentar os Bellamy pelo aniversário. Daisy imaginou que, se os quatro tivessem ficado juntos no meio daquela vastidão, talvez tivessem conseguido descobrir uma maneira de ficarem juntos para sempre.

Mas uma coisa boa acontecera naquele verão; eles haviam conhecido Jenny, a filha ilegítima de tio Phil.

Ilegítima! Daisy enfiou as mãos nos bolsos e moveu-as sobre a barriga, como se a estivesse protegendo. Ela odiava aquela palavra, ilegítima. Como se o bebê tivesse feito alguma coisa errada.

Sonnet deslizou até a beira do rochedo, onde a neve era densa e profunda.

- É por aqui que descem as avalanches. Vamos encontrar aquelas cavernas antes que escureça.

Cada um deles tinha um par de bastões de esqui, que usavam para enviar na neve e se certificar de que havia um terreno sólido embaixo antes de dar o próximo passo. Zach chegou a um paredão de granito, todo estriado e cheio de nichos.

- Vou chegar - disse Sonnet, abaixando-se para soltar as raquetes de neve.

- De jeito nenhum - disse Zach. - Você não vai escalar esse paredão.

- Fique olhando.

Ela era boa, reconheceu Daisy, enquanto observava Sonnet.

Como fizera um pouco de escalada antes, sabia reconhecer alguém como uma boa técnica quando via. No entanto, Sonnet não tinha nenhum equipamento de segurança.

- Ei, não suba além do ponto em que não se incomodaria de cair - alertou ela.

- E caia sobre seu traseiro. - disse Zach. - Assim terá um grande amortecedor.

- Ah-ah - riu Sonnet, com a respiração saindo como uma nuvem de frio.

- Um enorme amortecedor.

Daisy deu uma cotovelada nele. Então, tirou algumas fotos do progresso da amiga na pedra.

Sonnet chegou a um ponto escuro na encosta da rocha.

- Bem - disse ela. - Isto é uma caverna, mas não há gelo nela. - Para ilustrar o que dizia, ela jogou para baixo um punhado de pedra e terra que tirou de dentro do buraco e que sujaram a neve como tinta. De Sonnet encontrou mais duas saliências semelhantes na rocha, mas eram apenas buracos e reentrâncias na pedra. E todos estavam vazios, exceto por um, que tinha um ninho de pássaros dentro.

- Você pode encontrar alguns morcegos - avisou Zach.

- Alguns o quê?

- Morcegos.

- Ah, claro — disse ela. — Boa essa, idiota.

- Juro por Deus que isso é um habitat de morcegos - insistiu Zach. — Eles hibernam nas cavernas. Se perturbar algum, ele pode mordê-la e você pegará raiva.

- Estou com tanto medo... - Sonnet estava apoiada numa saliência profunda, a cerca de quatro metros do chão, explorando as várias reentrâncias na pedra. - Ei — disse ela. - O que é isso?

Daisy preparou a câmera. Talvez Sonnet tivesse encontrado alguma coisa.

- Esta deve ser uma caverna de gelo — disse Sonnet, ficando na ponta dos pés. — Não posso ver direito. — Ela deu um pulo.

- Ei! Vá com calma! — disse Zach, parecendo realmente preocupado.

- Por que, Zuchary? - Sonnet Imitou o sotaque de Scarlei. O'Hara. — Não sabia que você se importava.

- Só não quero é ter que carregar esse seu traseiro gordo montanha abaixo.

- Ah-ah! — riu ela, se esticando para dentro da caverna novamente. — Quero que você saiba que eu...

As palavras viraram um grito. Por puro reflexo, Daisy apertou o obturador da câmera. No mesmo instante, alguma coisa — um morcego? Um pássaro? Um demônio de outro mundo? — precipitou-se para fora da caverna batendo as asas com força e se perdeu no céu.

Sonnet caiu, parecendo flutuar de costas, quase suspensa em uma nuvem de neve rodopiante. Um segundo depois, ela aterrissou, batendo na neve macia e afundando até ficar fora de vista. Seu grito desapareceu junto com ela.

- Sonnet! — Zach gritou, desesperado. A velocidade dele, tendo em vista que usava raquetes de neve nos pés, foi impressionante. Ele quase voou até o lugar onde Sonnet aterrissara, chamando por ela sem parar.

Daisy chegou quase tão rápido quanto ele, a câmera balançando, esquecida, de encontro ao seu peito.

Zach estava ajoelhado, se debruçando sobre o monte de neve onde Sonnet havia afundado.

- Diga alguma coisa - gritou. - Por favor, Sonnet, estou implorando...

- Adoro ouvir um idiota implorar - disse uma voz irritada e levemente abafada.

Daisy ficou tonta de alívio. Ela tirou as raquetes dos pés e se juntou a Zach na tarefa de cavar a neve para resgatar Sonnet. Como eram idiotas, todos eles. Não tinham nada que ter subido até ali, no meio do nada, em pleno inverno, para arrumar confusão onde ninguém poderia encontrá-los caso precisassem de ajuda. Quando se tratava de fazer as coisas estúpidas, Daisy era campeã, mas até mesmo ela sabia que aquela não fora uma boa ideia.

Graças a Deus por toda essa neve — disse Sonnet, enquanto Zach agarrava suas mãos e a puxava para a frente. Os olhos dela estavam brilhantes e as bochechas coradas. — Este foi um lugar bem macio para se cair. — Ela nadou através dos flocos macios de neve. — Obrigada, pessoal.

- Vamos voltar — disse Zach. — Estou congelando. Vamos, eu a ajudo com suas raquetes de neve.

- Espere f - alou Sonnet. - Me passe um desses bastões de esqui.

- O que foi? - perguntou Zach, lhe passando o que ela havia pedido.

- Acho que encontrei alguma coisa.

- Provavelmente a mãe daquela outra coisa que estava hibernando e que você acordou.

- Não, veja. — Ela enfiou o bastão na neve que, em vez de resvalar para lateral da encosta, continuou entrando.

- Outra caverna — disse Sonnet.

- Grande coisa.

- falou Zach. - Isto provavelmente é...

- Preste atenção. - A neve caiu e Daisy se viu diante de uma abertura na encosta, grande o bastante para que os três coubessem dentro dela ajoelhados.

- Agora é uma caverna - Zach pegou sua lanterna e iluminou ao redor. Depois de andarem apoiados nos joelhos por um tempo, o espaço se abriu e eles conseguiram se levantar.

Tudo bem, não era assim tão impressionante quanto Sonnet descrevera. Não havia cristais de azul brilhante descendo pelas paredes, como na caverna de Merlin. E era difícil distinguir o gelo da rocha porque ele estava coberto por uma fina camada de poeira. Sob os pés deles o solo era irregular e coberto por uma terra granulosa, como a que fica sob os montinhos de neve depois de um longo inverno. Daisy tirou poucas fotos. Conforme o flash espocava, iluminava espaços que pareciam dormir nas sombras desde sempre.

- talvez sejamos as primeiras pessoas a entrar aqui - ela sugeriu.

- Sim, exceto pela pessoa que deixou este papel de chiclete para trás. - Zach iluminou o papel com a lanterna. - Sabor Frutas Suculentas - disse ele.

- Ei você! - Daisy estava recendo as fotos na câmera. - Olhem isto. - Ela virou a tela pequena na direção deles.

- Não é o seu melhor trabalho. - disse Sonnet

- Não, olhe para o fundo da caverna. - Aparecia claramente na foto. O que parecia ser uma pilha desordenada de cascalho era, na verdade, um bloco de pedras de formas e tamanhos diferentes.

Sonnet pegou a lanterna.

- Sim, o que há demais nisso?

- Olhe para as pedras — disse Daisy. Ela sabia que quando alguém constrói paredes ao redor de um espaço é para manter alguma coisa fora dali. Ou dentro.

Ela segurou a lanterna enquanto Zach e Sonnet afastavam algumas rochas.

- Isso provavelmente é obra de algumas crianças entediadas do Kioga — disse Sonnet.

- É preciso estar muito entediado para fazer uma pilha de rochas dentro de uma caverna de gelo.

Daisy iluminou o topo da pilha de pedras. Um redemoinho de ar frio, mais frio até do que o ar fora da caverna, soprou em seu rosto. Ela se lembrou do freezer gigantesco que havia na confeitaria, uma rajada de vento enregelante, com um leve aroma de alguma coisa que não combinava com o lugar. Um cheiro de mofo.

- Me dê um impulso - ela disse para Zach. - Acho que vi alguma coisa.

Ele uniu as mãos enluvadas, ela subiu e logo bateu com a cabeça no teto da caverna.

- Ai! - gritou, piscando para afastar a dor. Daisy virou o fecho de luz para dentro do muro e arfou. Ali, sim, as paredes eram cobertas de gelo, os cristais citilando sob a luz. E havia outra coisa no chão da caverna, outra pilha de rochas, ou talvez... Não, não era isso, pesou Daisy. Não podia ser. Mas...

- Você está bem? - perguntou Zacha. - Está tremendo.

Ela baixou a cabeça para olhá-lo

- Você precisa ver isso.

- O que é isso?

Ela não queria dizer. Queria tanto estar errada! Movendo-se com cuidado, ela desceu e se afastou para que Zach pudesse ver.

- Ei! Você está bem? - perguntou-lhe Sonnet. - Está branca como um lençol. Parece que viu um fantasma.

- Acho que eu vi - disse Zach.

Daisy podia perceber, pelo tom de voz dele, que não se enganara.

- Você me ajuda novamente? - ela pediu. - Preciso tirar algumas fotos.

Capítulo 27

Rourke levantou cedo e foi correr em uma trilha perto do rio. Com os cachorros pulando ao seu redor. Havia um ginásio compartilhado por bombeiros e policiais, mas ele preferia sair ao ar livre e correr até que seus pulmões gritassem por causa do frio. Depois tomou banho e se vestiu para o dia, arrumou a casa e deu comida aos animais.

O tempo que Jenny passara ali, mesmo tendo sido pouco, o obrigara a encarar uma verdade que vinha evitando há anos: ele levava uma vida solitária e estéril emocionalmente e ansiava por algo mais. Pronto. Era isso. Não queria admitir, mas não tinha outro jeito. Antes de ter Jenny ali, convencera-se de que estava satisfeito com seus animais e suas aventuras de uma noite, mas agora não podia mais fingir. Havia coisas que ele queria e que provavelmente não merecia, e não estava certo sobre o que deveria fazer a esse respeito.

Passara um longo tempo, toda a sua carreira, na verdade, estudando os aspectos básicos da humanidade. O fato de ser policial abria a vida das pessoas para ele, mas, por sua própria natureza, o trabalho mostrava o que havia de pior nas pessoas. Ali, naquela cidade pequena, o chefe de polícia não ficava sentado em um escritório com paredes de vidro distribuindo ordens. Na maior parte das vezes, ele estava na rua, onde inevitavelmente acabava deparando com o lado feio da vida. Em Avalon também havia corrupção e violência, não como em uma cidade grande, mas os elementos estavam lá. Mesmo sendo uma cidade pequena, ali também homens ficavam bêbados, batiam em suas esposas e espancavam os filhos, criminosos fabricavam mentafetaminas no porão da casa das avós, garotas do colégio roubavam das lojas e jogadores de futebol desafiavam uns aos outros para se pendurarem na ponte por onde passavam os trilhos do trem, e depois, pichavam Knights Kule com tinta laranja brilhante na torre de água. Havia uma enorme quantidade de dramas que mantinham Rourke ocupado. E todos esses dramas, todas as coisas que via no trabalho faziam com que se sentisse desesperançado.

Ele se pegava imaginando por que as pessoas se importavam em dar seus corações às outras se, na maior parte das vezes, acabariam por se decepcionar.

No entanto, agora que Jenny estava de volta, ele entendia.

Conforme combinara, ela lhe telefonara todos os dias. E, exatamente como Rourke previra, isso não era o bastante. Ele não sabia se Jenny estava ligando por um senso de dever ou se apenas queria evitar que ele cumprisse sua ameaça de aparecer por lá todo dia para se certificar de que ela estava bem.

Ele folheou a pilha de recados sobre a mesa. As coisas estavam mais lentas por causa do *snowday*. O departamento estava funcionando com pessoal reduzido. Um dos assistentes do seu pai telefonara para convidá-lo para o almoço do Dia do Presidente que o senador ia oferecer. Na verdade, um eufemismo para uma arrecadação de fundos de 500 dólares o prato. A isso seguira uma mensagem da mãe, cumprindo seu dever de reiterar o convite. Rourke via os pais apenas em raras ocasiões. As feridas da infância nunca haviam cicatrizado por completo. Ele amassou os dois recados e arremessou-os na lixeira. Também havia recados de duas mulheres, Mindy e Sierra, com quem havia saído há algum tempo.

Não, não havia saído com elas. Ele encontrara cada uma delas em um bar, dormira com

elas durante apenas um final de semana e depois as colocara no trem, de volta para Nova York. Tecnicamente, isso devia ser um encontro. Não se lembrava de ter dado seu número de telefone a nenhuma das duas, porém as mais persistentes sempre davam um jeito de seguir seu rastro. Ele também jogou esses recados no lixo. Não saía duas vezes com a mesma mulher.

E para torná-lo realmente patético, desde que Jenny rompera o escudo de defesa que protegia seu coração, ele não saía sequer uma vez com mulher alguma. Estava tão celibatário como um monge, um triste estado. Mas não tão triste quanto sexo sem sentido. Rourke costumava imaginar que aqueles encontros sem compromisso o satisfaziam, mas agora não conseguia mais fingir.

Simplesmente convide-a para sair, ele disse a si mesmo.

Ele já tentara isso, e ela dissera que não.

Convide de novo.

Isso era muito humilhante. Ele se importava? Estava querendo encarar uma rejeição novamente?

Antes de responder á própria pergunta, pegou o telefone. Jenny atendeu no terceiro toque.

- Alô — disse ela, em um gorjeio de bom humor.

- Sou eu — disse Rourke, virando-se de costas para que as pessoas que estavam do lado de fora do escritório não pudessem ver seu rosto através do vidro. Ele gostava de pensar que tinha um rosto que não deixava transparecer seus sentimentos, mas, quando o assunto era Jenny, não podia ter certeza. Então, prendeu a respiração, imaginando se era muita presunção dele achar que ela sabia quem era “eu”.

- Oh... oi, Rourke.

Certo, então ele não era presunçoso. Ainda que a voz dela tenha mudado de um gorjeio animado para um tom mais reservado.

- Me desculpe por não ser quem você imaginava — disse ele.

Ela riu.

- Estou esperando um telefonema do sr. Greer. Meu agente.

Deus, você consegue acreditar que eu tenho um agente literário? Ou terei, se conseguir terminar esse livro?

- É claro que posso acreditar.

- Mesmo? Não está falando apenas por falar?

- Não sei por que está tão espantada. Você vai escrever um ótimo livro que se transformará em um best-seller. Você mesma me disse isso quando tinha... o quê, 5 anos?

- E você ainda acredita nisso? — A voz dela ficou mais suave. - Oh, Rourke.

O Oh, Rourke dela deixou-o fisicamente incapaz de encarar as pessoas ao redor. Rourke sentou-se atrás da escrivaninha e girou a cadeira de frente para a parede.

- Escute, eu estava imaginando... — *Droga, por que aquilo era tão difícil? Você gostaria de*

jantar no Apple Tree Inn? Era só uma pergunta boba!

- Imaginando o quê? — ela instou-o.

- Se, hã, está tudo certo por aí?

- Claro - disse ela. — Está tudo perfeito. Não posso imaginar em um dia melhor para trabalhar no meu projeto.

O coração dele falhou uma batida e, depois, afundou no peito. Jenny parecia realmente feliz por estar longe dele. Provavelmente fora uma tortura para ela ficar na casa dele.

- É *snowday* — disse ele. — Quis me certificar de que você tem tudo de que precisa.

- Aqui, todo dia é *snowday* — disse ela. — Isso é que é tão incrível a respeito deste lugar. — Ela suspirou ao telefone, e sua voz se tomou ansiosa. — Fico aqui, sozinha comigo mesma, e me pego recordando coisas do passado...

Sobre nós?, ele imaginou, mas não perguntou.

Alguém bateu na porta e Rourke girou a cadeira para ver quem era. Nina Romano entrou sem esperar por convite. Ele olhou para o rosto dela e viu que estava tenso, à beira do pânico. Então, disse para Jenny:

- Preciso ir. Ligo para você mais tarde.

Obrigado, Nina, ele pensou. Afinal, por causa dela, ele conseguira desligar o telefone antes de bancar um idiota completo.

Ela só precisou de um rápido olhar para ele.

- Jenny? - perguntou acenando com a cabeça para o telefone.

Droga, era assim tão óbvio?

- O que houve? - quis saber Rourke, ignorando a pergunta.

- Sei para onde está indo o dinheiro. Está sendo roubado por Matthew Alger.

Demorou um momento até que Rourke entendesse do que ela estava falando.

- As finanças municipais — disse ele.

Ela assentiu e colocou uma planilha impressa sobre a mesa dele.

- Ele foi muito esperto ao fazer transferências do fundo de recursos especiais e restritos para o fundo de recursos gerais, e só então, se servir. Oh, ele pegou dinheiro das multas de trânsito e registrou como serviço comunitário. E nem mesmo tinha autoridade para fazer isso. — Nina estava soltando faíscas, agora, — O desgraçado! Mal posso esperar para...

- Não diga nada para Alger ainda.

- Tarde demais. — Nina levantou-se e fez sinal para que Matthew Alger entrasse no escritório.

Ela olhou furiosa para ele.

- Rourke estava me pedindo que não lhe dissesse nada, ainda ela falou. — Tenho certeza de que ele está certo, mas confesso que não tenho nenhuma experiência em lidar com funcionários municipais que roubam. Você é o primeiro.

- Não sei de que diabos você está falando!

Clássico, pensou Rourke. Aquele era o tipo de coisa que ele ouvia todos os dias no trabalho e, na maioria das vezes, era mentira. Alger estava mentindo. Estava lá, no tique nervoso nos olhos dele, na postura, com uma das mãos cobrindo a outra.

- Então, você vai prendê-lo? — exigiu Nina.

Que Deus o livrasse de pessoas que tentavam “ajudá-lo” com seu trabalho.

- Vamos chamar o auditor estadual — disse Rourke, rabiscando uma anotação. — Agora mesmo.

Nina pegou a folha de papel.

- Mas e sobre...

O interfone na mesa dele soou. Ele chegou mais perto para ouvir a assistente.

- Sim?

- Há três garotos querendo vê-lo, chefe — anunciou ela.

Rourke olhou para Alger.

- Terminamos aqui, por enquanto. — Ele voltou sua atenção para o interfone. — Pode mandá-los entrar. — A visita de três garotos não era nada fora do comum. Por causa do seu grupo de jovens, muitos garotos locais o consideravam acessível, alguém que resolvia problemas.

Ele levantou e abriu a porta. Para sua surpresa, entraram Zach Alger, Sonnet Romano e Daisy Bellamy. Estavam vestidos com roupas para andar ao ar livre e carregavam mochilas onde se podia ver raquetes de neve, suas bochechas estavam vermelhas por causa do frio. Alger também ficou obviamente surpreso. Ele olhou zangado para Zach.

- Você se meteu em alguma confusão? — perguntou.

Rourke podia ver Nina mordendo a língua. Ele sabia que ela não iria acusar Matthew diante das crianças. Para o bem das crianças.

- Não, senhor — disse Zach, dando um jeito para que o “senhor” soasse como um insulto. Instalou-se um silêncio desconfortável na sala. Por fim, Matthew se encaminhou para a porta.

- Estarei em meu escritório.

- Até logo, sr. Alger — disse Sonnet, educadamente.

Ela cutucou Zach e ele disse:

- Até mais, papai.

Os três ficaram observando enquanto ele saía. Rourke observou detidamente seus visitantes. Era um hábito que tinha. Uma rápida olhada poderia lhe dizer se um garoto se metera numa briga ou fora vítima de um assalto, estava metido em alguma confusão ou em choque. Rourke conseguia saber até mesmo quando o garoto ou a garota estava mentindo. E sem precisar de nenhum moderno equipamento lógico. Naquele momento, a única mensagem que estava recebendo daqueles três era inquietação e... medo, talvez. Daisy Bellamy, que ele mal conhecia, parecia especialmente pálida e perturbada.

Ela estava com uma câmera fotográfica pendurada no pescoço e parecia estar inconscientemente embalando-a.

- Posso ver que estiveram fora, subindo a montanha - disse ele, esperando estimulá-los a falar.

- Estivemos, sim — disse Sonnet, dando um passo à frente,

- Não parecem muito satisfeitos com isso. Pensei que vocês, garotos, adorassem *snowdays*.

- Nós fomos fazer caminhada na neve - disse Daisy.

- Na trilha acima da cachoeira Meerskill — acrescentou Zach.

- Tínhamos permissão — completou Daisy. — Fica no terreno do Kioga e meu pai disse que não havia problema.

A subida até a cachoeira Meerskill não era muito bem sinalizada, mas, como estavam em um grupo de três, provavelmente fora seguro para eles. Naquela região, garotos se metiam em confusões do mesmo jeito que em outros lugares. A única diferença era que ali havia cenários mais deslumbrantes para eles fazerem isso.

- Queríamos investigar as cavernas de gelo — disse Daisy. Havia um estranho tremor na voz dela enquanto ligava a máquina digital e virava a tela de visualização na direção dele. — Acabamos achando uma. Na verdade, Sonnet encontrou. E eu tirei um monte de fotos.

Também era estranho que eles não estivessem falando todos de uma vez. Os adolescentes normalmente não conseguiam esperar para despejar o que queriam dizer. Rourke examinou a minifoto, ainda cético. As pessoas traziam uma porção de coisas para as delegacias de polícia, coisas que confundiam com outras, por inocência ou ignorância. Um pedaço de chifre encontrado no bosque era confundido como um osso humano. Um tufo de pelo de animal preso no tronco de uma árvore era considerado uma mecha de cabelo de uma criança desaparecida. Tesouros enterrados acabavam se revelando apenas ouro de tolo. Em 99% dos casos, a descoberta tinha uma explicação lógica — não criminal — perfeita.

No entanto, não era o caso, agora. Dessa vez, não havia engano possível em relação ao que estava vendo.

- Você tirou esta foto hoje? — ele perguntou.

As crianças assentiram em uníssono.

- Tocaram em alguma coisa?

Sonnet balançou a cabeça.

- Acho que não.

- Vou precisar do cartão de memória desta câmera — disse Rourke - Tudo bem para você, Daisy?

- Claro. - Ela retirou o cartão da câmera, seus olhos estavam arregalados e assustados.

- Vocês fizeram a coisa certa, meninos — ele afirmou, e virou-se para chamar sua assistente pelo interfone.

Capítulo 28

Jenny estava tentando recriar uma cena de que mal se lembrava. Como dissera a Rourke por telefone, aquele era o tipo de dia perfeito para trabalhar em seu projeto. Ela acordara em um mundo brilhante e coberto de neve recente e dera logo todos os telefonemas que prometera dar diariamente. Nina, Laura, Olivia e Rourke. Ligara logo para eles porque sabia que se não fizesse isso ligariam para ela.

Jenny arrumou o cenário perfeito para um dia de trabalho. Acendera o fogo no fogão de lenha bojudo e colocara a chaleira de ferro com água para ferver. Abrira as cortinas para ver o lago pela janela, uma vasta expansão branca imaculada, com uma pequena ilha coberta de neve no meio. Ela preparara um bule de chá branco, vestira jeans e um suéter de cashmere macio como uma nuvem. Acomodara-se no sofá macio em frente ao fogo, ligara o laptop e...

Nada.

Era terrível. Lá estava ela, na situação ideal, sozinha com seus pensamentos e lembranças e parecia não conseguir escrever. As palavras não vinham ou, quando ela as forçava, soavam banais, como o texto de um cartão de felicitações ou de um anúncio de rádio.

Qual era o problema com ela?

Nem parecia a mesma pessoa que tantas vezes escrevera sua coluna do jornal em cima da hora, as palavras voando de seus dedos como se as capturasse com a clareza instantânea de uma foto, seguidas de uma receita para ilustrar seu ponto de vista. Normalmente ela não perdia tempo ao enviar a coluna para ser publicada, com um sentimento de confiança e satisfação.

E agora, que tinha todo o tempo do mundo, hesitava. No início, Jenny usou como desculpa o fato de que todas as preciosas receitas escritas à mão da avó haviam se perdido no incêndio. Sem elas como ponto de partida, como poderia reviver o passado?

Mas era apenas uma desculpa, admitiu. Principalmente depois que o Troubadour cobrira o incêndio e Nina publicara um anúncio pedindo a doação de fotos e recordações que as pessoas pudessem ter guardadas. Para espanto de Jenny, quando ela voltou de Nova York descobriu que a amiga havia enchido uma caixa com várias coisas: uma fotografia aqui, uma página de um livro ali, uma tabela de preços da confeitaria, um conjunto de anuários escolares dos anos em que Jenny esteve no colégio, e outros do período em que Mariska estudou ali, nos anos 1970. A maioria das coisas estava acompanhada por um recado amável — sinto muito por sua perda — e alguns poucos acrescentaram doações em dinheiro, que foram logo repassadas para a igreja da avó de Jenny. Tudo isso tinha vindo de pessoas de uma cidade que ela tanto ansiara por deixar, que considerara provinciana e limitada. Talvez Rourke estivesse certo no fim das contas. Ela estava no lugar ao qual pertencia.

No entanto, Martin Greer lhe propusera uma tarefa que era completamente diferente de tudo o que já fizera antes. Historietas e receitas não eram o bastante. Ela precisava examinar o que acontecia naquela confeitaria familiar em um nível mais profundo. Ele queria mais detalhes e uma emoção que a coluna não exigia. Ele queria pathos. O abandono da mãe, a ausência do pai e seu dramático reaparecimento. E embora o sr. Greer só tivesse visto Joey ser mencionado de passagem, farejara uma tragédia ali. Jenny achava que não conseguiria

encontrar as palavras certas para escrever sobre aquilo.

Frustrada, ela se levantou e ficou andando de um lado para o outro, os polegares enfiados no bolso de trás do jeans. Ligou o rádio. Apenas uma estação podia ser bem sintonizada ali, e a seleção musical era antiga e cansativa, mas, às vezes, um murmúrio ao fundo era preferível ao silêncio. Continuou andando pela sala, agora ao som de “My Sharona”, e nem mesmo ficou tentada a dançar. A música foi seguida por um anúncio que soava amador: “Palmquist, o joalheiro da sua família desde 1975.” E acabava aí.

Em 1975, a mãe de Jenny era uma adolescente atraente que, depois do colégio, trabalhava como vendedora na joalheria. Os avós haviam lhe contado que ela era ambiciosa e pegara esse emprego mesmo já trabalhando na confeitaria pelas manhãs. Até Jane Bellamy se lembrava disso a respeito de Mariska, ela estava sempre tentando ir além.

Jenny abriu um dos anuários que haviam sido doados, na página onde havia uma foto da mãe. Havia uma atitude radiante em Mariska que, segundo Laura, atraía as pessoas para ela. Jenny não possuía aquela qualidade. Talvez, se a mãe tivesse ficado por perto, ela houvesse aprendido.

Mas queria ser como Mariska? Queria ser tão apaixonado pela aventura a ponto de acabar abandonando o lar para sempre?

— Espero que você esteja feliz, onde quer que esteja — disse para a garota da foto.

Ela sentiu um cheiro quente e metálico e se deu conta de que a água já evaporara da chaleira de ferro sobre o fogão. Colocou uma luva protetora e levou a chaleira até a pia, para enchê-la novamente. O chiado alto do contato da água fria com o metal quente assustou Rufus, que estava tirando um cochilo no tapete em frente à lareira.

— Desculpe, garoto — disse ela.

O cheiro ruim do metal ressecado e do vapor quente provocou seus sentidos, despertando um lampejo de recordação. A lembrança tomou corpo e ela fechou os olhos, visualizando uma cena do passado nos mínimos detalhes. A cozinha cheirando a metal e vapor e uma música familiar tocando no rádio: “867-5309/Jenny.”

Ela voltou ao passado, sua imaginação perseguindo uma cena que estivera lutando para descrever no papel. Era inverno, ela era muito pequena e estava sentada à mesa redonda de fórmica com uma xícara de chocolate quente. A peça de louça tinha o formato da cabeça de um elefante, as duas orelhas formando as asas da xícara.

A mãe estava de pé no fogão, balançando-se ao som da música. Cada vez que o rádio cantava “Jenny, Jenny”, ela se virava e apontava para Jenny, que começava a rir.

— O que você está fazendo? — perguntou Jenny, olhando para a panela sobre o fogão.

— Uma fortuna — disse a mãe com uma gargalhada.

— O que é isso?

— Você vai descobrir quando ficar mais velha.

— Posso ajudar? — Jenny escorregou para descer da cadeira e atravessou o cômodo, arrastando os chinelos do ursinho Pooh sobre o chão de linóleo.

— Não — disse a mãe em um tom que demonstrava que ela falava sério. — Está quente.

Não toque. Isso são pesos de chumbo para pesca.

Jenny recuou e observou. As janelas estavam abertas, a mãe dissera que era para deixar sair a fumaça. Ela derramou o líquido escuro da panela em uma bandeja. Então, dançou até a música acabar. Era tão bonita e feliz!

— Acho que vou sair e comemorar.

— Não, mamãe — protestou Jenny. — Você sempre vai embora.

— E sempre volto. Agora, vamos esperar até isso esfriar. Então, podemos colocar na caixa com os equipamentos de pescaria do vovô. Tenha cuidado para não perder nenhum.

O som de um estalo veio do fogão e Jenny abriu os olhos, piscando por causa da forte claridade da neve. Aquela provavelmente era a lembrança mais clara que tinha da mãe, e ela percebeu que a cena se repetiria mais de uma vez. Mesmo assim, faltava alguma coisa, ela não sabia o quê. Apesar de todos os seus grandes sonhos e ambições de ficar rica e conhecer o mundo, Mariska ainda pescava com o pai no inverno, quando eles tinham que fazer um buraco no gelo.

Jenny imaginou o que fora feito dos pesos de chumbo feitos à mão, se ainda estavam em algum lugar e se eram do jeito que ela se lembrava. Talvez ainda estivessem na caixa de equipamentos de pesca, intocados pelo tempo. Jenny colocou o casaco, as luvas e as botas e saiu em direção ao galpão onde estavam guardadas as coisas resgatadas do incêndio. Ainda estava nevando, e ela precisava levantar as pernas bem alto para conseguir caminhar sobre os montes de neve. Rufus vinha pulando ao lado dela, abrindo caminho na neve. Fora divulgado um alerta de emergência por causa do risco de nevascas naquele dia e no próximo, pelo menos. Apenas os veículos essenciais deveriam sair.

Ela precisou cavar com as mãos para abrir espaço na frente da porta de correr do galpão. Quando já estava lá dentro, examinou as caixas empilhadas até encontrar a que continha a caixa de equipamentos de pesca do avô, que fora resgatada debaixo do tanque na lavanderia. Jenny levou a caixa para perto da porta, onde havia luz, refletida pela neve densa que caía. Apoiou-a no chão e abriu-a, levantando assim a bandeja articulada, cheia com os já esperados anzóis enferrujados e outros objetos derretidos que deviam ter sido anzóis e chamarizes de plástico. Alguns poucos pesos, agora disformes, também haviam sobrevivido, mas a maioria derreteria, se espalhando pelo fundo da caixa e endurecendo novamente. Uma porção de seixos afiados também estava espalhada no fundo. Jenny tirou uma das luvas com os dentes e pegou um dos seixos. Mas não era um seixo. Era redondo e simétrico demais. Ela franziu o cenho. Esfregou-o no jeans. Tirou as luvas e raspou-o com a unha. Encontrou uma faquinha e raspou mais, limpando a leve camada de metal que se depositara sobre o que achara que era um seixo.

Seu arquejo soou alto e desesperado no silêncio que a neve trouxera. Ela fechou a caixa e correu o mais rápido que conseguiu de volta para o chalé. Aquilo era loucura, pensou. Uma total loucura. Estava errada, tinha que estar. Mas um pequeno ponto dentro dela sabia que era verdade.

Ela apressou-se a entrar no chalé. Colocou o cachorro para dentro e tirou o casaco e as botas. Então, sentou-se à mesa e limpou algumas pedras o melhor que pôde, tentando imaginar qual poderia ter sido o propósito da mãe e rezando para que houvesse alguma explicação inocente. Mas, conforme os minutos se passavam, ela ficava mais desconfiada.

Tentou pensar em uma maneira de não parecer louca quando dissesse a Rourke o que encontrara. Suas mãos tremiam enquanto discava o número do trabalho dele. A assistente atendeu e disse que ele não estava disponível, a não ser para uma emergência.

— Não é uma emergência — disse Jenny. — Não desse modo, de qualquer forma. Por favor, peça a ele para me ligar quando puder.

— Ela desligou e tentou falar com Nina, mas ela também não estava disponível. Nos feriados de neve, os servidores públicos ficavam ocupados tentando manter as pessoas seguras. Ela tentou a confeitaria. Quando ligara mais cedo, Laura dissera que eles provavelmente abririam mais tarde e fechariam mais cedo.

Laura atendeu.

— Confeitaria Sky River.

— É Jenny. Está tudo bem?

— Sim — respondeu Laura com um sorriso na voz. — Estamos num sufoco, na verdade. Apenas Mary Gale e eu conseguimos chegar, e estamos cheias de trabalho porque muitos lugares fecharam. E você, está bem?

— Estou ficando irritada de tanta neve, mas estou bem. Diga-me uma coisa: Rourke está por aí?

— Não o vi.

— E Nina?

— Ela também não está aqui. Precisa de alguma coisa, querida?

Jenny engoliu com dificuldade, tentando manter a voz tranquila.

— Eu estava vasculhando umas coisas que foram resgatadas dos restos do incêndio e encontrei algo que minha, hã... Acho que é uma coisa que minha mãe fez muito tempo atrás. Laura, nem sei direito como dizer isso. Acho que encontrei uma fortuna em diamantes na antiga caixa de equipamentos de pesca do meu avô.

— Ela fez uma pausa. — Diga-me que isso não é tão louco quanto parece.

Houve um silêncio tão longo que ela pensou que a ligação tivesse caído. Então, ouviu sons fracos vindo da confeitaria, o tilintar do sino sobre a porta, o bip da caixa registradora, um murmúrio de vozes.

— Laura? Você escutou o que eu disse?

— Escutei.

Ela sabia alguma coisa. Jenny podia sentir pelo tom de sua voz.

— Você precisa me contar — disse. — Minha mãe estava roubando da joalheria onde trabalhava?

— Não, meu bem. Ela nunca roubou do Palmquist's. — Laura fez uma pausa. — Os diamantes... eles foram o preço que ela exigiu para manter você em segredo.

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

Jogue boliche. Por quê?

Há um aromático biscoito com amêndoas que é tradicionalmente moldado em um formato gigante de 30cm de diâmetro. Para isso, são usados antigos moldes entalhados no formato de santos. Em casa, uma frigideira lisa faz o mesmo papel. Há uma variação ainda mais saborosa da receita, que leva pasta de amêndoas.

Minha avó nunca se preocupou em fazer dieta. As pessoas da geração dela tinham essa tendência, enquanto hoje em dia ficamos fanáticos por controlar ingestão de carboidratos, calorias, gorduras trans... Talvez devêssemos reconsiderar a filosofia de nossas avós. A minha simplesmente nunca comia demais. Ela acreditava que se uma coisa era boa de verdade, você não precisava comê-la demais para se sentir satisfeito.

De qualquer modo, o fato é que os pães e doces que fazia costumavam ser cheios de carboidratos refinados que eram imediatamente convertidos em gordura. Para queimar essas calorias seria preciso fazer de 30 a 47 minutos de corrida, de 40 a 60 minutos de ciclismo, de 85 a 120 minutos de caminhada ou de 90 a 135 minutos de boliche.

O TEMPERO DA VIDA

1 1/2 xícara de farinha

1 1/2 colher de chá de bicarbonato de sódio

2/3 de xícara de manteiga ou margarina

3/4 de xícara mais

2 colheres de sopa de açúcar

1 colher de sopa de canela em pó

1/2 colher de chá de cravo-da-índia em pó

1/2 colher de chá de noz-moscada ralada na hora

1 pitada de pimenta caiena

1 colher de sopa de leite

1 colher de chá de raspas de limão

200g de pasta de amêndoas

1 ovo batido

4 colheres de sopa de amêndoas fatiadas e polvilhadas de açúcar cristal

Preaqueça o forno a 180°C. Misture a farinha e o bicarbonato de sódio. Corte a manteiga dentro dessa mistura seca, formando uma farofa. Acrescente o açúcar, as especiarias, o leite e as raspas de limão. Abra a massa em uma superfície enfarinhada no formato de um retângulo de cerca de 0,5m de espessura. Corte ao meio. Coloque uma das metades sobre uma folha de papel-alumínio e dobre as beiradas do papel para cima, ao redor da massa, como se fosse uma tigela. Pincele o topo dessa massa com o ovo batido.

Abra a pasta de amêndoas de modo que caiba sobre essa massa. Coloque-a sobre ela. Cubra com a outra metade de massa, pressionando levemente. Pincele com ovo batido. Espalhe os pedaços de amêndoas sobre o topo, pressionando-as levemente sobre a massa.

Asse por 40 minutos ou até ficar pronto. Deixe esfriar e corte em barras.

Capítulo 29

1983

— Nós fizemos um acordo — Mariska contou a Laura. — Isso é tudo de que você precisa saber.

Laura levantou-se, assombrada, olhando para a amiga sem acreditar. Estavam dentro do freezer da confeitaria, que mais parecia uma caverna. Laura chegara às 3h45 para abrir a confeitaria, como de costume. Normalmente, ela ficava sozinha por cerca de uma hora até que mais alguém chegasse, mas naquela manhã Mariska assustou-a, aparecendo de surpresa. Só que, em vez de trabalhar, ela levou Laura para dentro do enorme freezer. Lá, Mariska mostrara a amiga uma pequena caixa forrada de veludo negro. Quando olhou o conteúdo, Laura ficou certa de estar tendo uma alucinação. Mariska assegurou-a de que aqueles eram diamantes de um quilate, pedras certificadas, o que significava quer eram incolores e perfeitos internamente. Ela explicou que as pedras haviam sido dadas a ela pelo casal Lightsey, da Lightsey Gold & Gem de Nova York. Eles tinham feito um “acordo”.

— Não estou entendendo — disse Laura. — Quem são eles? E por que lhe deram esses diamantes?

— Eu lhe disse... — Mariska fechou a caixa e pressionou-a contra o peito.

— Certo, o acordo — falou Laura. — O que quero dizer é, por quê? Quem são essas pessoas?

Mariska guardou a caixa numa bolsa de cintura.

— Preciso mudá-los de lugar. Achei que deixá-los aqui seria seguro, mas depois da falta de luz de ontem já estava ficando nervosa.

— Nervosa por quê?

— Continuo com a sensação de que há alguém me observando.

— Quem?

— Apenas... alguém. Acho que encontrei um esconderijo melhor. Mas preciso contar a alguém onde é, para o caso de... bem, você sabe.

— Para o caso de quê?

— De que alguma coisa aconteça comigo. Não vai, eu juro. É apenas uma precaução. De qualquer modo, você é a única em quem posso confiar.

Laura estava nervosa com o tom sinistro.

— Se confia em mim, então me conte toda a história.

Entraram na confeitaria, onde tudo estava reluzente, esperando o começo de um novo dia. Laura olhou para a amiga. Mariska estava mais bonita do que nunca. As viagens constantes haviam lhe dado um senso especial de estilo, como se acabasse de sair da capa de uma daquelas revistas de moda de Paris. Ela usava uma echarpe de seda e carregava a bolsa de couro macio com uma facilidade casual e, mesmo naquela hora, parecia cheia de uma energia

interminável. Mariska adorava viajar pelo mundo e achava a vida na sonolenta Avalon quase insuportável. E embora adorasse a filha

— todo mundo adorava Jenny — não conseguia assentar. E agora isso, pensou Laura. Quando achou que a amiga não poderia ter mais segredos, ela aparecia com isso.

Enquanto Laura se ocupava misturando trigo e mel, Mariska finalmente começou a falar.

— O sr. e a sra. Lightsey são os pais de Pamela Lightsey, a garota com quem Philip Bellamy se casou — disse ela.

Agora Laura se lembrava. Os Lightsey eram visitantes do verão, amigos dos Bellamy.

— Eles estavam desesperados para que Philip se casasse com Pamela e sabiam que ele não faria isso enquanto eu estivesse por perto — continuou Mariska. — Eu sabia que, no momento em que contasse a Philip que estava grávida, tudo estaria terminado entre Pamela e ele. A questão é que os Lightsey também sabiam disso. E disseram que se eu rompesse com Philip e fizesse com que ele aceitasse o rompimento, eles fariam com que valesse a pena para mim. Eles estão no negócio de diamantes, então... — Ela deu uma batidinha na bolsa onde estavam os diamantes.

Naquela noite, por insistência de Mariska, Laura e ela saíram. Foram ao Scooter's, um lugar da moda na estrada do rio. As duas se sentaram em uma mesa alta, no bar, e ficaram bebericando seus drinques e sendo paqueradas por um monte de caras. Bem, na verdade, Mariska foi paquerada. Perto dela, Laura se sentia tão sem graça quanto um pão branco.

Alguns rapazes da cidade sentaram-se na mesa ao lado delas. Terry Davis, que trabalhava no Kioga durante todo o ano, Jimmy Romano, um professor da escola de nível médio, e Matthew Alger, que era funcionário municipal. Quando se tratava de flerte, Mariska era uma especialista. Laura se satisfazia em apenas ficar sentada, observando. Era uma arte. Todo o processo de se iluminar quando um rapaz olha para você, prendendo a atenção dele com o olhar, e usando com perícia a linguagem corporal. Embora fosse necessária uma profunda concentração, Mariska dava a impressão de que tudo era completamente natural e espontâneo.

Não demorou muito e ela já estava aos sussurros e risinhos com Matthew, que parecia estar prestes a devorá-la. Laura pediu licença e foi ao banheiro feminino. Poucos minutos depois, Mariska juntou-se a ela.

— O que há com você? — perguntou.

Laura pôde perceber que a amiga estava bêbada.

— Continuo pensando nas coisas que você me contou hoje... o que você fez...

— Tinha que ser feito, certo? Os negócios na confeitaria não foram tão bem assim esse verão, caso você não se lembre.

— Eu me lembro.

— É uma forma de salvá-la.

— Philip teria ajudado — disse Laura. — Se você tivesse lhe contado sobre o bebê e casado com ele, os Bellamy teriam resolvido qualquer problema.

Mariska encarou-a.

— E o que isso me faria parecer? Uma idiota que ficou grávida e casou com um cara para usar seu dinheiro. Você me conhece, Laura, eu nunca faria isso.

Ah, sim, seu orgulho.

— Então é melhor ser mãe solteira e aceitar suborno do que casar com o homem que você ama?

— Eu tinha 18 anos. Não sabia nada sobre amor e casamento. Algumas vezes, acho que ainda não sei. Mas sempre soube o valor do dinheiro.

O som de uma descarga veio de um dos reservados. O sangue de Laura gelou. Bom Deus, alguém ouvira a conversa delas. Uma mulher de cabelos escuros saiu do reservado e lavou as mãos na pia. Uma Romano, percebeu Laura. Angela, talvez, ela não tinha muita certeza.

Quando a mulher saiu, Laura olhou assustada para Mariska.

— Você acha que ela sabe do que estávamos falando?

— Não importa. Hoje eu resolvi tudo. A única que viu foi Jenny, e ela é muito pequena para saber o que estava acontecendo.

— Você fez alguma coisa ilegal?

— Veja bem, eu tinha uma coisa que os Lightsey queriam — disse ela, irritada. — E você não me viu por aí comprando carros e roupas novas, essas coisas. Não quero levantar suspeitas em ninguém.

— Quando precisava de dinheiro, ela explicou, levava uma ou duas pedras de cada vez a um joalheiro, na rua 47, em Nova York. Outras vezes levava a um em Toronto, ou até mesmo a alguém em algum lugar da Europa.

— Então, por que me contou isso hoje? Por que agora? — perguntou Laura. Ela sempre se sentira um pouco intimidada por Mariska. Por sua aparência, sua coragem, sua autoconfiança. Agora sentia algo mais. Choque e desaprovação.

— Eu devo precisar ficar fora por um tempo — disse Mariska.

— Mais longo que de hábito.

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

Um cordial colorido

Meus avós tinham poucos tesouros, porque não trouxeram quase nada quando emigraram da Polônia. Por isso, os tesouros que tinham eram ainda mais preciosos, e um que sobressai na minha memória é um conjunto de cálices de cristal para cordial. Meu avô foi ao Brooklyn, em um determinado ano, e comprou o jogo, que havia sido importado da Polônia. Os cálices tinham a forma e as cores de joias — rubi, safira, esmeralda, ametista —, e eram usados apenas em ocasiões especiais. Um nascimento, uma morte, um feriado. Krupnik é um cordial quente, feito com mel e especiarias que aquece qualquer ocasião.

Krupnik

1 xícara de mel

1/2 xícara de água

1 folha de louro moída

1 colher de chá de extrato de baunilha puro

1 colher de chá de casca de limão

1 pitada de noz-moscada 10 cravos-da-índia

2 pitadas de canela

3 xícaras de vodca

Misture tudo numa panela, com exceção da vodca. Deixe ferver, diminua a chama e mantenha em fogo brando por cerca de 10 minutos. Coe e descarte as especiarias. Acrescente a vodca e aqueça levemente, mas sem deixar ferver. Sirva imediatamente, de preferência em copos de cristal próprios para cordial.

Capítulo 30

Dar más notícias às pessoas era parte do seu trabalho, lembrou Rourke a si mesmo, enquanto andava com dificuldade através da neve que alcançava a altura dos quadris, em direção ao chalé no Kioga. Sempre fora assim. Quando estava em treinamento, ele estudara os melhores métodos de dar a notícia e, ao mesmo tempo, dar apoio a quem a recebesse. Durante seus anos de trabalho, tivera de bater na porta de pessoas que nunca vira para dizer a elas que o inimaginável acontecera. Um acidente, uma morte, uma prisão ou algum outro incidente que mudaria para sempre a vida dos envolvidos. Depois, esses momentos o assombravam por anos.

Por causa da tempestade de neve, a estrada para o acampamento não estava acessível nem mesmo para o trator de limpar neve. Ele usara uma motoneve na primeira parte do caminho, mas se vira forçado a caminhar o trecho final usando raquetes de neve. Um de seus agentes lhe sugerira ligar para Jenny, mas Rourke não faria isso, de jeito nenhum. Ele precisava contar-lhe pessoalmente.

Já estava anoitecendo quando alcançou o chalé e a neve caía com mais força do que nunca. Ele se concentrou nos lampejos dourados de luz que vinham da janela e na fumaça convidativa que saía pela chaminé. Imaginou Jenny lá dentro, talvez sentada diante do computador ou preparando alguma coisa para comer, escutando música, pensando ou sonhando. Com essa imagem, veio uma onda pungente de ternura, e a consciência de uma verdade que ele já conhecia há mais da metade da sua vida. Em um verão, muitos anos atrás, ele se apaixonara por Jenny. Passara anos tentando deixar de amá-la e, agora, era forçado a admitir que não conseguira. Essa admissão não lhe trouxe alegria. Havia pessoas no mundo que eram boas em amar, que faziam isso com alegria e facilidade, era alguma coisa que dava sentido às suas vidas. Rourke não era uma delas.

Ele parou diante da cabana e tirou as raquetes dos pés. Os degraus estavam cobertos de neve e uma franja de cristais de gelo pendia dos beirais. Quando passou debaixo deles, um grande pedaço se soltou, caindo silenciosamente na neve. Ele chamou por Jenny e, então, bateu na porta. Rufus soou seu alarme, latindo e se atirando contra a porta.

Bom cachorro, pensou Rourke. Ele gostava do instinto de proteção daqueles cães.

A porta se abriu e Rufus preparou o ataque, mas se dissolveu em uma poça de carinho quando reconheceu Rourke. Jenny estava parada atrás dele, com uma expressão no rosto que Rourke teve dificuldade em interpretar. Ela não estava nem um pouco feliz em vê-lo e parecia... era culpa em seu rosto? Por que ela iria se sentir culpada? Usava jeans e um suéter e o cabelo estava preso em um rabo-de-cavalo. Continuava parada, os braços cruzados protetoramente à sua frente.

— Rourke — disse ela. — Eu não estava esperando você.

Isso estava claro.

— Preciso falar com você. Eu, hã, queria lhe dizer isso pessoalmente.

Ela franziu as sobrancelhas e desviou o olhar, com se estivesse... Ele continuava achando que ela estava agindo de um modo muito estranho.

Rourke entrou e fechou a porta. Com Rufus saltando ao seu redor, ele tirou as botas e a parca. Sentiu-se bem por se ver livre de algumas camadas de roupa. Andar na neve esquentava o sangue.

— Podemos sentar? — perguntou.

— Hmm, claro. — Ela gesticulou na direção do sofá.

Rourke decidiu ser rápido. Ela parecia distraída e confusa, deixá-la em suspense seria crueldade.

— Um corpo foi encontrado nas cavernas de gelo acima da cachoeira — disse ele, sem preâmbulos.

Ela olhou para ele completamente confusa.

— Um corpo.

— Sim.

— Um corpo humano.

Ele assentiu. Embora quisesse tocá-la, manteve os punhos cerrados.

— Sonnet, Zach e Daisy foram fazer caminhada na neve. Não há identificação positiva dos... — Ele começou a dizer “dos restos”, mas sua voz falhou. — Um grupo de resgate subirá até lá assim que o tempo melhorar. Achei que você deveria saber, deveria estar preparada para a notícia. — Vamos lá, ele pensou. Termine logo com isso.

— O cadáver, quase com certeza, é da sua mãe.

Ele viu as palavras penetrarem lentamente na consciência de Jenny. A confusão inicial se transformando em compreensão e, então, em dor. Ela não disse nada, não se moveu a não ser para colocar as mãos espalmadas sobre os joelhos e ficou observando-as atentamente.

— Comparei a... descrição da roupa com o que estava nos registros originais de pessoas desaparecidas — explicou. Ele havia relido o registro arquivado, embora não houvesse necessidade. Já o consultara tantas vezes ao longo dos anos que o memorizara e, no momento em que vira as fotos de Daisy, já sabia.

— É bem conclusivo. — Ele parou, odiando o fato de estar magoando-a. — Sinto muito.

Ela ficou sentada, muito quieta, por alguns minutos, parecendo estar em outro lugar. Então, engoliu em seco, colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e respirou fundo.

— Eu costumava escrever em um diário, quando era jovem — disse em voz fraca. — E começava cada entrada com “Querida Mamãe”. Foi o jeito que encontrei para torná-la real para mim. Mesmo não tendo recebido notícias dela por dez, 15, 20 anos, ela era real para mim, era a pessoa para quem eu contava tudo e estava lá sempre que eu precisava dela.

— Jen, não sei o que dizer. Exceto que vamos descobrir o que aconteceu com ela. E juro a você que isso não ficará sem solução.

Jenny estava assustadoramente calma, embora Rourke suspeitasse de que havia muita coisa acontecendo dentro dela. Ela pigarreou e desviou o olhar, e ele, mais uma vez, teve a impressão de que ela estava agindo como se sentisse culpada.

— Hmm, falando nisso — disse ela. — Minha mãe tinha um segredo... Eu acabei de

descobrir. — Ela se levantou e foi até a mesa. Ao lado do laptop estava uma caixa de ferramentas enferrujada e chamuscada do lado de fora, alguma coisa que fora salva do incêndio. Ela lhe passou uma xícara de chá que parecia conter um punhado de pedrinhas. — Acho que são diamantes — disse. — Na verdade, depois de ligar para Laura, estou certa disso. E acho que o que aconteceu com minha mãe tem a ver com isso.

Rourke colocou uma das pedras na palma da mão enquanto ela explicava que estavam escondidas dentro dos pesos de chumbo para pesca feitos em casa.

Um calafrio percorreu seu corpo enquanto ele considerava as possibilidades. Mariska estava de posse de uma fortuna escondida e, de algum modo, se colocara em perigo.

— Precisamos verificar o que é isso — disse ele. Mas aquele calafrio lhe dissera que Jenny estava certa.

Ela ficou de pé perto da mesa, parecendo pequena e perdida.

— Estava tão zangada com minha mãe — disse, por fim. — Eu a culpei por me deixar e nunca mais voltar. Eu... não sei o que devo sentir agora. — Jenny cruzou os braços sob os seios, como se estivesse tentando se manter sob controle.

E então Rourke soube com certeza que era um cafajeste, porque o que sentia naquele exato momento era uma pontada de puro desejo por aquela mulher. Não era novidade, mas ali estava ele, no meio de uma tragédia, querendo levá-la para a cama. Já fizera isso antes, quando eles pensaram que Joey havia morrido. E lá estava ele de novo, dando a notícia de outra tragédia e ainda a desejando. Rourke era o Anjo da Morte, com uma ereção.

— Por que está me olhando desse jeito? — perguntou Jenny.

— Você não vai querer saber.

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

Quando a primavera chegar

Na Polônia, a quinta-feira antes da Quaresma é conhecida como Tłusty czwartek (Quinta-feira Gorda). Quando esse dia chegava, sabíamos que a primavera estava logo ali na esquina. Era uma tradição comer Mazurki nesse dia. Eram bolos finos. As avós passavam a receita para as filhas e assim por diante, por gerações e gerações. A família se reunia para compartilhar os Mazurki e aconteciam discussões acaloradas enquanto as pessoas escolhiam seus bolos favoritos. Este aqui sempre ganhava a competição.

Mazurek

1/2 xícara de manteiga pura, sem sal

100g de chocolate amargo, derretido

1 xícara de açúcar 3 ovos

1 colher de chá de baunilha

1/4 de colher de chá de sal

2 colheres de sopa de leite

2 xícaras de farinha

Glacê feito com uma xícara de açúcar fino e de 1 a 3 colheres de leite.

Nozes comuns ou pecã para guarnecer

Preaqueça o forno a 180°C. Bata a manteiga, junte o chocolate derretido e o açúcar e misture bem. Acrescente os ovos, um de cada vez. Acrescente a baunilha, o sal e o leite. Vá juntando a farinha aos poucos e mexa bem. Despeje em tabuleiro untado de 38 x 25 x 2,5cm. Cubra com o glacê e espalhe as nozes picadas. Corte em fatias e sirva.

Capítulo 31

1998

A ronda noturna de Rourke no sábado acabara de começar quando ele recebeu um telefonema. Pessoal. Atendeu a ligação na mesa do sargento em serviço e ficou de pé, olhando pela janela para o tempo sombrio e tempestuoso.

— Oficial McKnight falando.

— Sou eu, irmão — disse uma voz animada. — Enfim, estou em casa.

— Joey. — Rourke fechou os olhos e pensou: graças a Deus! O amigo finalmente estava de volta. Depois da confusão que resultara em um informe equivocado da morte dele, Joey fora enviado ao Landstuhl Regional Medical Center, na Alemanha. Lá, fora submetido a vários procedimentos para salvar o olho, mas nada dera resultado. Por fim, transferido para o Walter Reed e, finalmente, fora dispensado do Exército com honra.

— Sim, sou eu — disse ele. — Também conhecido como “O Sortudo”.

Rourke sentiu um traço de ironia por trás das palavras dele. Joey perdera muito naquela noite em que fora dado como morto.

Pousada de Inverno

Seus companheiros militares, a quem amava com uma ferocidade despudorada, e seu olho direito. Como era de se esperar, o incidente o transformara de maneira irrevogável, e havia uma nova cautela em seus e-mails e telefonemas esparsos.

— Onde você está? — perguntou Rourke.

— Em Kingston, na estação. O próximo trem só sai em uma hora. Preciso de uma carona para Avalon. Estou planejando fazer uma surpresa para a pequena dama, sabe? Ela adora surpresas.

A boca de Rourke ficou seca. O que acontecera entre ele e Jenny naquela noite fora um grande erro. O sofrimento que ambos sentiam havia derrubado suas defesas. Mas isso não era desculpa. E o pior de tudo é que ele faria tudo de novo se tivesse oportunidade, embora a culpa o corroesse a cada vez que pensava no assunto.

Até aquela noite, ele não fazia ideia de que o sexo poderia ser uma coisa tão poderosa. Também não sabia o quanto podia ser importante. E, ao mesmo tempo, devastador, quando a relação não podia ser levada adiante. No entanto, se conformara de todo coração. No minuto em que Joey telefonara na manhã seguinte e eles perceberam o erro, uma culpa terrível esfriara Rourke e Jenny e os dois vinham se evitando desde então. Nenhum deles sabia se Joey havia percebido o que acontecera ou não, mas uma terrível suspeita os assombrava. Eles o haviam traído da pior maneira possível.

— Então, o que você diz? — instigou Joey.

— Você andou bebendo, Joey? — perguntou Rourke.

— Diabos, eu sou um soldado. Um veterano. Um veterano de um olho só. É claro que andei

bebendo. Que tal você dar uma escapadinha e me dar uma carona?

Uma viagem de 50 quilômetros era um pouco mais do que uma “escapadinha”. Rourke relanceou o olhar pela delegacia.

— Estou em serviço. Vou ter que falar com o sargento...

— Ah, vamos lá... — disse Joey. — Você vai estar fora com o carro de patrulha, de qualquer modo. Pode apenas fazer um desvio no seu caminho.

— Espere um minuto que vou perguntar.

— Desde quando o grande Rourke McKnight pede permissão?

— O tom de Joey se tornou beligerante. — Normalmente você só faz o que quer. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Quer saber de uma coisa? Não preciso de carona nenhuma. Não se preocupe.

— Joe...

— Vejo você mais tarde — disse ele, e desligou.

Rourke olhou com raiva para o fone, enquanto o recolocava no lugar. A discussão o deixara confuso. Teve um impulso de dar um pulo na casa de Jenny para contar-lhe a novidade, mas achou melhor não. Joey queria surpreendê-la e Rourke não teria coragem de estragar isso. Tudo bem, pensou. Depois, considerou a possibilidade de sair para tentar encontrar Joey e levá-lo para casa.

Mas logo entrou um chamado e Rourke foi enviado para fazer uma investigação nos apartamentos da Round Table Arms. Um vizinho reclamara do barulho de uma briga de família, uma ocorrência lamentavelmente comum. Quando ele checou o registro da chamada e viu que a briga era na casa da família Taylor, acelerou o carro. Grady Taylor era um verdadeiro canalha quando bebia, e havia crianças na casa. Rourke odiava esses homens que batiam em mulheres e filhos, odiava-os com uma fúria tamanha que o fazia mais perigoso do que qualquer bêbado de punhos erguidos.

Ele andava em alta velocidade sob a chuva torrencial, o carro derrapando na pista molhada e escorregadia. Confirmou sua chegada ao local pelo rádio e subiu as escadas de ferro. Como era de se esperar, a discussão ainda estava acontecendo, ouvia-se a voz brusca de um homem e o tom queixoso de um adolescente em meio à briga. Rourke bateu na porta com o cassetete e ela foi aberta em um rompante.

— Algum problema, policial? — Grady Taylor não tinha a aparência de um homem violento. Estava acima do peso, mas seu terno de executivo lhe caía bem, a gravata estava solta, pendendo casualmente dos ombros. Mas ele não enganava Rourke, que reconheceu a violência no brilho dos seus olhos, no cabelo ligeiramente despenteado e nas articulações esfoladas dos dedos da mão direita.

— Acho que sou eu quem precisa lhe perguntar isso — disse Rourke, olhando por cima do ombro de Taylor. No fundo do cômodo estava de pé um adolescente, com a vestimenta típica dos apreciadores de hip-hop, camiseta extragrande, calças largas demais e correntes caindo dos bolsos. O garoto estava esfregando a boca com as costas da mão. Quando percebeu que Rourke o observava, virou-se envergonhado.

— Não há nenhum problema aqui, policial — disse Taylor num tom amigável. — Meu garoto

e eu estávamos tendo um pequeno desentendimento, você sabe...

Bosta. Ele realmente esperava que Rourke assentisse em concordância? Pois é, adolescentes.

— Me parece que o desentendimento foi com seu punho — disse.

— Não é da sua maldita conta — irritou-se Taylor. — Puxa, quantos anos você tem, 12? Não faz ideia do que é criar um filho, mantê-lo em segurança...

— Ele não está seguro aqui — disse Rourke. E fez um sinal para o garoto. — Vou lhe dizer o que vamos fazer. Você vem comigo e nós vamos dar uma volta, dar a ambos a chance de se acalmarem.

O garoto não precisou ser chamado duas vezes. Pegou um casaco grande e passou pela porta, já vestindo o agasalho.

— Não se atreva a colocar o pé para fora desta casa. — A voz de Taylor estalou como um chicote. — Juro a você que eu...

— Você o quê? — Em uma nuvem de fúria, Rourke levantou o cassetete e encostou-o, atravessado, na garganta do homem, empurrando-o de encontro à porta. — Você o quê, seu canalha desgraçado?

Os olhos de Taylor se estreitaram de raiva e ele levantou os punhos. Rourke sentiu que estava chegando ao limite do controle. Pressionou o cassetete com mais força contra a garganta do homem. Me provoque, seu gordo nojento, ele pensou. Me provoque só mais um pouquinho...

O rosto de Taylor foi começando a ficar roxo e ele lutava para respirar.

— Papai! — disse o garoto. — Papai!

A voz do menino atravessou a fúria de Rourke, que recuou, diminuindo a pressão. Diabos, ele quase... Taylor escorregou pelo batente da porta até cair no chão. Rourke virou-se para o garoto que parecia ter esquecido o lábio que sangrava. Um fio brilhante de sangue escorria pelo queixo dele, que tremia de medo. Não do pai, mas de Rourke.

— Vamos — disse-lhe Rourke. — Eu lhe dou uma carona até a casa de um amigo ou de um parente, certo? Vai ficar tudo bem.

O garoto seguiu calado enquanto eles saíam na chuva e entravam no carro. Rourke fez contato pelo rádio e, então, entregou ao rapaz uma caixa de lenços de papel, para que limpasse a boca. O garoto continuava olhando para o apartamento, com uma expressão preocupada no rosto. Filhos eram incrivelmente leais aos seus pais monstruosos. Ele deu o endereço de um amigo a Rourke e disse que ficaria lá naquela noite. Eles continuaram em silêncio no carro.

Ele está com medo de mim, pensou Rourke.

Depois de deixar o rapaz na casa do amigo, ele pensou em ir encontrar Joey, mas quando estava se pondo a caminho recebeu um chamado pelo rádio do carro. Colisão entre um Mustang, último tipo, e um trem de carga no cruzamento ferroviário à saída da cidade, a apenas algumas quadras de onde Rourke estava. Carros de emergência a caminho.

Rourke teve uma premonição antes de chegar ao local do acidente. Sentiu um frio no

estômago. De algum modo, soube antes mesmo de ver o brilho febril e artificial das sirenes, o carro destróçado, a fumaça e as fagulhas voando no ar da noite, enquanto as equipes de resgate retiravam a vítima. Antes mesmo de abrir caminho por entre paramédicos e equipamentos e olhar para a vítima, para dentro daqueles olhos vidrados e confusos, já além da dor. Joey estava sendo colocado em uma maca estreita, o rosto branco como giz.

O coração de Rourke afundou no peito. Joey! Ele estava com tanta pressa que alugou um carro, ou pediu emprestado, e correu para ver Jenny. Fora um tolo em imaginar que o amigo esperaria pelo trem. Fora muito estúpido. Deveria ter sabido e, tendo ou não trabalho, deveria ter largado tudo para pegar Joey.

— Joey — disse ele, parando ao lado de dois frenéticos paramédicos. — Ei, companheiro, sou eu. Você pode me ouvir?

Os olhos de Joey se mexeram. Havia sangue por toda parte, mais do que Rourke jamais vira, escuro como uma mancha de óleo, misturando-se com a chuva.

— Você o conhece? — perguntou um dos paramédicos. A expressão em seu rosto avisou a Rourke para preparar-se para o pior.

— Sim — disse ele, procurando por... não havia nenhum lugar onde pudesse tocar. Havia tubos e sangue por todo lado. — Droga, Joey, olhe para você.

Ele mexeu a boca com dificuldade.

— Rourke. Cara, eu... desculpe.

— Ei, não se preocupe — falou Rourke por sobre os paramédicos que enxameavam ao redor. Ele se sentia péssimo, mas arrumou um jeito de sorrir. — E não se desculpe — disse. — Você está indo bem, Joe. Esses caras vão ajudá-lo.

O sorriso de Joey tinha um quê de inefável, quase uma luz. Era óbvio que ele sabia que não ia ficar bem.

— Diga a ela... — E revirou os olhos.

— Joey...

Ele focou os olhos mais uma vez. Mexeu a boca, mas não conseguiu emitir nenhum som. Revirou os olhos mais uma vez.

— Ela sabe, companheiro. Eu juro, eu... —Alguma coisa mudou. Um tremor passou pelo corpo de Joey. — Droga — gritou Rourke.

— Façam alguma coisa! Não podem fazer alguma coisa?!

Jenny assustou-se com uma batida na porta pouco antes das 21h. A avó acabara de se acomodar em frente à tevê e ela estava usando um pijama macio, mas horrorosos. Pegou um suéter, sentindo-se meio encabulada. Eram apenas 21h e ali estava ela, de pijama, como uma velha criada. Numa noite como aquela, pessoas da idade dela ou estavam na Whistle Stop Tavern, tomando drinques, ou colocando os filhos na cama. Jenny desconfiava que era a única em Avalon que estava de roupa de dormir, bebendo uma xícara de chá de camomila e se preparando para assistir uma reprise de Buffy, a Caça-vampiros, com a avó.

Apertando o suéter de encontro ao corpo, ela abriu a porta. E lá estava Rourke, com o quepe embaixado braço, os ombros muito esticados e olhando à frente, em postura formal,

militar. Jenny sentiu o coração falhar uma batida.

— Rourke?

Ele entrou e ela viu uma coisa que nunca vira antes. Ele estava prestes a ter um colapso. Seu rosto estava tenso e pálido, os olhos, vermelhos. Suas mãos tremiam. Todo o seu corpo tremia.

— É Joey — disse ele.

— Joey? Mas ele está em Washington, no Walter Reed. Eu ia visitá-lo no próximo final de semana...

— Ele foi dispensado. — Rourke pigarreou. — Estava vindo para cá e houve um acidente.

A mente dela tentou encontrar uma esperança. Este era outro alarme falso. Já acontecera uma vez, podia acontecer de novo. Alguém passara uma informação errada. Se ela só fechasse os olhos e acreditasse nisso, tudo ficaria bem. Mas seus olhos, traidores da esperança, ficaram abertos e viram a verdade marcada a sangue no uniforme e até na pele de Rourke, sob suas unhas. Dava para perceber que ele tentara se limpar. Ela podia ver que ele se penteara, podia sentir o cheiro de sabonete, mas não importava. Dessa vez, Joey se fora.

Jenny sentiu-se desfalecer, os joelhos subitamente líquidos. Rourke agarrou-lhe os braços, apoiando-a. Ele estava falando com ela e parecia uma pessoa diferente, alguém que fora machucado quase tão gravemente quanto Joey. Podia ver seus lábios se movendo enquanto ele explicava o que acontecera. Podia até mesmo ouvir suas palavras: Joey pegara o primeiro trem para Nova York e, lá, pegara o expresso para Kingston. A tinta ainda estava fresca em seus papéis de dispensa. Em Kingston, ele alugara um carro para fazer o resto da viagem até Avalon. Queria fazer uma surpresa para ela.

Surpresa.

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

Alimentando os que estão de luto

Sempre que um amigo querido falecia, a família chamava minha avó. Porque ela era ótima em preparar um cardápio para uma multidão de uma hora para outra. O destaque era, sem dúvida, o prato quente do funeral, uma mistura saborosa feita numa caçarola que parecia uma pequena banheira. Aqui vai uma versão para uma pequena multidão. Não cura a tristeza, mas digamos que conforta um coração saudoso.

Prato quente para funeral da Legião Americana

500g de carne moída

1/2 cebola picada

1 xícara de pedaços de cenoura congelados

1 xícara de couve-flor congelada

1 xícara de brócolis picados congelados

1 lata de sopa cremosa de cogumelos

1 lata de sopa cremosa de galinha De 3 a 4 talos de aipo, picado

2 colheres de sopa de molho de soja

1/2 colher de chá de pimenta-branca

1 pacote de macarrão instantâneo

Preaqueça o forno a 160°C. Frite a carne moída e a cebola numa caçarola grande, de ferro fundido. Deixe no fogo até secar e coloque na assadeira. Misture os vegetais às sopas, o aipo, o molho de soja e a pimenta e junte à carne, na assadeira. Adicione com cuidado 2/3 do pacote de macarrão instantâneo, tampe e leve para assar por cerca de uma hora. Espalhe o macarrão restante por cima. Tampe e volte a assar por mais 15 minutos.

Capítulo 32

O vento cessara e a neve caía em grandes flocos, envolvendo o chalé em um casulo de silêncio. Jenny puxou os punhos do suéter por sobre as mãos para esquentá-las.

— Eu quero saber, Rourke — disse ela. — Realmente quero saber o que você está pensando.

Ele balançou a cabeça.

— Nada importante. Você está bem, Jen?

Ela assentiu.

— É estranho eu não estar chorando histericamente?

— Não. Ela já se foi há muito tempo.

— Me sinto... aliviada, de uma certa maneira. Ao menos agora eu sei. Quando você me contou, foi como se alguma coisa fria e dura se quebrasse. E agora sei que é porque não preciso mais ficar zangada. Passei anos zangada com minha mãe, pensando que ela simplesmente não me amava o bastante para voltar. Quando, na verdade, estava tentando salvar o negócio da família. Foi profundamente infeliz, mas fez o melhor que podia. E alguma coisa horrível aconteceu com ela. Eu deveria tê-la amado por todo esse tempo, em vez de ficar zangada e ressentida. Isso me faz desejar... — Ela não sabia bem como terminar o pensamento. — Me faz desejar ter sentido as coisas de outra maneira.

— Ou de maneira alguma — ele murmurou.

Esse, é claro, era o jeito de Rourke ver uma situação como aquela. Não se envolva e não se magoe. Jenny se afastou, sentindo-se desconfortável, enquanto ele continuava encarando-a com aquele olhar faminto. Ela sentiu uma pontada de remorso porque conseguia entendê-lo muito bem. Ele se sentia tão solitário quanto ela. Depois da morte de Joey, eles poderiam — deveriam — ter se voltado um para o outro em busca de conforto. Mas, em vez disso, um virou as costas para o outro. Ambos haviam sido muito machucados no passado. Tinham medo de amar, medo de perder um ao outro, de serem magoados ao entregar o coração.

— É por causa de Joey, não é? — ela sussurrou. — É por isso que você nunca se permite ser próximo de ninguém.

— É por isso que não me permito ser próximo de você.

— Rourke, isso não faz sentido...

— Ele sabia sobre nós.

— Ele lhe disse isso?

— Não. Mas ele sabia.

— E foi com isso que você viveu todos esses anos.

— Não é o tipo de coisa que se esquece. Ele nos amava, nós o traímos, ele sabia. E, no instante em que morreu, ficamos parados lá, sem chance de... Nunca pudemos consertar as coisas.

Alguma coisa no rosto dele lembrou a ela o garoto que conhecera, com raiva e vulnerável, e ela sentiu no coração uma pontada de saudade. Já naquela época ele era um rapaz ferido, mas Superprotetor. E isso voltava agora, naquela sua recusa em perdoar a si mesmo por algo que não podia mudar.

— Não sei quanto a você — disse ela —, mas falo com Joey o tempo todo. E não vou ficar me torturando se ele sabia ou não sobre nós. Recuso-me a fazer isso e gostaria que você também não fizesse.

— Não tenho escolha — disse ele. — Poderia ter evitado o acidente na noite em que ele morreu. Podia ter largado tudo, pegado o carro e lhe dado uma carona.

— Meu Deus, Rourke! Você está ouvindo o que está dizendo? Não pode salvar o mundo! Não é esse o seu trabalho.

— Puxa, desculpe, achei que isso fazia parte de ser um policial.

O papel ideal para ele. Salvar as pessoas e partir. Mas não dessa vez, decidiu ela.

— Você fez o melhor que podia — disse ela. — Nós todos fizemos. E, sim, isso não foi o bastante, mas é assim que são as coisas. Você diz que não devemos ficar juntos, que nunca fomos bons juntos, e eu digo que está errado.

— Bobagem. Deveria ter sido você e Joey. Você e ele eram perfeitos juntos. Era assim que as coisas deveriam ter sido.

Ela olhou furiosa para ele.

— Isso foi o que você decidiu. Não me deu nem chance de opinar. Para sua informação, Joey e eu não éramos “perfeitos”. Ninguém é. Eu o amei, mas nunca do modo como amei você. — A confissão saiu antes que Jenny pudesse impedir. Ela respirou fundo, mortificada, mas também curiosamente aliviada. Finalmente dissera a verdade a ele, e o mundo não terminara por isso.

A reação de Rourke não foi nada encorajadora. Ele soltou um palavrão, olhou furioso para ela, levantou-se e foi até a janela, dando-lhe as costas. O lago era apenas escuridão e não havia um único lampejo de luz do lado de fora.

— Má ideia — comentou ele, por fim. — Você não ia querer ficar comigo. Vi meu melhor amigo morrer e tudo em que conseguia pensar era que poderia levar você para a cama.

Jenny sabia que ele estava sendo deliberadamente cruel. Seu mau gênio nunca a intimidara.

— Não era nisso que estava pensando, e você sabe disso. É só uma história que vem contando para si mesmo, para ter certeza de que vai passar o resto da vida se sentindo culpado pelo que aconteceu. O que você sentiu mesmo, o que nós dois sentimos, foi a perda de alguém que amávamos de todo o coração. Amávamos tanto a ponto de não permitirmos amar um ao outro por causa dele. O problema é que você e eu somos bons juntos. E a cada vez que fingimos, a cada vez que negamos nossos sentimentos, tomamos as coisas piores. Consegue ver um padrão de comportamento aqui?

Rourke virou-se da janela para encarar Jenny. As palavras dela foram direto ao seu coração, apertando-o, até que ele não pôde mais aguentar. Atravessou a sala com duas passadas, pôs os braços ao redor dela e puxou-a para junto de si. Ela se encaixava

perfeitamente em seu abraço. Seu perfume leve e floral envolveu-o, e no meio do que provavelmente era um dos piores momentos da vida de Jenny, ele sentiu uma profunda onda de carinho por ela.

Quando ela levantou o rosto para encará-lo, ele beijou-a delicadamente, e o sabor de seus lábios era quente e doce. Jenny correspondeu ao beijo com um ardor com o qual ele sonhara por anos. Não falaram mais nada, apenas colaram mais os corpos um no outro, excitando-se a tal ponto que Rourke quase estremeceu de desejo. Mas, ao mesmo tempo, ele se perguntava se aquilo não seria uma repetição do que acontecera antes, quando acharam que haviam perdido Joey. Com esforço, ele a afastou e a questionou com o olhar. Jenny não disse nada, mas pegou a mão dele e levou-o para o quarto, onde uma luz fraca estava acesa ao lado da cama. E lá, finalmente, ele mostrou seu coração a ela da única maneira que sabia.

A neve caía em lençóis inclinados, empilhando-se ao redor do chalé até quase alcançar o peitoril da janela. No meio da madrugada, Jenny estava deitada ao lado de Rourke, observando-o. Aquela noite demorara tanto a acontecer! Quando eles finalmente se entregaram um ao outro, a emoção explodira de tal modo que superara seus melhores sonhos e a deixara com uma sensação de contentamento tão profundo que seus olhos ficaram marejados. A intimidade que compartilharam não era igual a nada que ela já experimentara, e a doçura pungente disso pegou-a de surpresa. Seus sentimentos por Rourke eclipsaram a dor e o luto que a cercavam e isolavam.

Um brilho fraco de luz se esgueirou pela aurora cinzenta. Jenny perdera a conta do número de vezes em que eles haviam feito amor, aprendendo a conhecer em detalhes o corpo um do outro, lentamente. Em algum momento da noite, ele telefonara para a delegacia e avisara a alguém que estavam bem e que retornaria quando a tempestade passasse.

E por alguma razão, enquanto ela estava deitada ali, ouvindo a respiração dele e o som das batidas do seu próprio coração, as lágrimas não paravam de rolar. Rourke abriu os olhos e tocou o rosto dela com o polegar.

— Sinto muito — disse ele.

— Você não está entendendo — ela falou, tentando organizar as emoções que se misturavam dentro de si. — Não é... Eu não estou triste. Apenas... aliviada, de uma certa maneira. Não apenas a respeito da minha mãe, mas... sobre nós. — Tudo bem, pensou. Era melhor ir até o fim. — Eu desejei isso por tanto tempo! Você não sabia?

Ele lhe deu um meio sorriso, a expressão suave iluminada pela luz fraca do fogão no outro cômodo.

— Foi por isso que tentei tão desesperadamente ficar longe de você. O que nós fizemos... o que aconteceu com Joey... como poderíamos ser felizes depois daquilo?

— Como? Assim. — Jenny tocou o rosto dele, a barba que começava a aparecer e a onda de cabelo louro sobre a sobrancelha. Ela beijou a cicatriz em forma de crescente em um dos lados do rosto.

— Lembra-se do dia em que isso aconteceu?

— No dia em que nos conhecemos. Entrei numa briga por sua causa. — Rourke examinou-a por longo tempo, mas Jenny não ficou envergonhada. Ela gostava que ele a olhasse, porque, nesses momentos, Rourke não conseguia esconder o desejo e o carinho no olhar.

— Nunca precisei que você me protegesse. Não precisava naquela época e não preciso agora. Só preciso que você... — Me ame. Ela não conseguiu falar.

— Está bem — disse ele, como se ela tivesse falado em voz alta.

Havia um mundo de significado naquela resposta. Jenny riu e foi se aninhar nos braços dele, que estava deitado de costas na cama.

— Este será mais um snowday — disse ele.

— Perfeito — ela respondeu.

Bem mais tarde naquela manhã a lenha para o fogão estava baixa e Rourke saiu para pegar mais. Havia muita lenha empilhada junto ao chalé principal, a cerca de um quilômetro dali. Ele calçou as botas, as raquetes de neve, um par de luvas de trabalho e um casaco Mackinac.

— Volto logo — disse.

Ela deu uma olhada na paisagem, um descampado de montes brancos e a interminável extensão plana do lago. O bosque e os outros prédios eram borrões indistintos.

— Não se perca! — ela o alertou.

Rourke riu e beijou-a.

— Depois de ontem à noite? Está brincando?

Ainda do lado de fora do chalé, Jenny fechou a porta depois que ele saiu e encostou-se de encontro a ela. Ele puxava um velho trenó atrás de si e Rufus pulava ao lado. Jenny observou-o até ele gradualmente desaparecer da sua visão. Sentia uma felicidade tão intensa que chegava a deixá-la sem ar. Finalmente! Sabia que amá-lo pelo resto da vida não seria necessariamente fácil, mas era exatamente o que queria. E isso fazia toda a diferença. Seu descontentamento e sua inquietação nunca haviam sido por causa de seus laços com a confeitaria e com Avalon. Tudo fazia sentido agora que estava com Rourke.

Ela estremeceu e foi checar o fogão. A última tora de lenha havia queimado até virar brasa e estava ficando frio. Então, foi até o quarto para colocar mais algumas camadas de agasalho. Algumas meias grossas, uma calça de moletom, um suéter e pantufas. Jenny parou diante do espelho e analisou seu reflexo. O cabelo estava em um desalinho selvagem, os lábios cheios e... aquilo em seu queixo era um arranhão feito pela barba dele? Mesmo estando toda desarrumada, nunca se sentira tão feliz quanto naquele momento. Sorrindo, pegou a camisa de Rourke. O cheiro dela deixou-a tonta de desejo. Num impulso, colocou a camisa de algodão macio por sobre a cabeça. Jenny tocou em outras coisas dele: a lã do casaco, o couro do coldre em que guardava a pistola.

O vento aumentou, uivando de um modo que parecia uma voz humana através do lago e das árvores. Jenny desejou que Rourke se apressasse. Ele saíra há uns 15 minutos e ela já estava com saudades.

Felicidade era uma coisa tão simples!, pensou Rourke, inclinando-se contra o vento enquanto puxava o trenó até o depósito de lenha. Por que ele não percebera isso até agora? Bastava saber o lugar a que você pertencia no mundo e a quem você pertencia. A ironia era que ele soubera disso no primeiro instante em que a vira, uma garota de tranças e tênis desamarrados. Mas entre saber e conseguir havia uma longa distância.

Conseguir significava ter de encarar algumas verdades difíceis, como o fato de que nunca conseguiria mudar o passado, e que cumprir uma pena autoimposta não adiantaria nada, a não ser alimentar seu próprio desapontamento. Finalmente conseguira. O modo de enfrentar a morte de Joey não era fugir da felicidade, mas correr na direção dela. Ele evitava Jenny porque achava que não merecia o final feliz que deveria ser de Joey. Depois da última noite, percebera que havia outra forma de ver a situação. Ser feliz com Jenny não mudaria o que acontecera, mas, no mínimo, era um modo de encarar um futuro que, de repente, parecia cheio de possibilidades. Ele precisava se casar com ela. O pensamento simplesmente estava lá, pronto. Não havia o que discutir. Era a mais pura verdade, e ele vinha escondendo-a de si mesmo já há muito tempo. Rourke imaginou se ela pensaria que era tudo muito repentino ou se entenderia. Mas não queria assustá-la.

A lenha estava empilhada sob os beirais de um galpão a cerca de um quilômetro do chalé. Os troncos enormes estavam juntos, cobertos de teias de aranha, e não haviam sido rachados. Ótimo, pensou ele. Esperava que houvesse uma marreta ou um machado no galpão.

Rufus queria brincar. A neve o deixava alegre e ele saltava e corria, latindo para convidá-lo a participar. Rourke riu e perseguiu-o por algum tempo, suando apesar do frio.

Mais tarde ele encontrou uma marreta e começou a trabalhar na lenha. Não estava certo de quanto iam precisar, mas não iria se incomodar nem um pouco se ele e Jenny precisassem ficar presos na neve para sempre.

Rufus latiu novamente, mas dessa vez não era um latido de brincadeira. Rourke sabia a diferença. Ele deixou a marreta de lado e foi procurar o cachorro. O grande husky fora mergulhando na direção da entrada do acampamento, ou pelo menos era o que parecia. Por causa da neve, a visibilidade era quase zero.

Rourke protegeu os olhos para ver melhor. Alguém estava chegando. Seu primeiro pensamento foi que deveria ser Connor ou Greg, talvez, para checar como estavam as coisas. Mas por que qualquer um deles subiria até ali durante a maior nevasca do ano?

O visitante era um borrão escuro, se movendo rápido, parecendo quase deslizar sobre a neve. Alguém experiente em usar raquetes de neve. Rufus ainda latia furiosamente. Devia estar assustado com os movimentos do homem sobre as raquetes de neve.

Rourke acenou para chamar a atenção do homem.

— Ei! — gritou. — Aqui!

O visitante parou e Rourke pôde ver a enorme jaqueta de caçador que usava. Então, houve um som, quase engolido pelo vento, mas inconfundível para Rourke. Um tiro. O cachorro ganiu de dor e saiu disparado para o bosque.

Logo depois, Rourke sentiu uma fisgada quente no peito. Tentou fazer seus pés se moverem, mas eles não obedeceram. A neve era macia e gelada quando ele caiu com o rosto enfiado nela.

Sou um idiota, pensou.

*

Jenny ouviu o som de disparos. Uma vez, duas. E inclinou a cabeça para o lado. No inverno a madeira fazia uma série de barulhos estranhos. O rachar dos galhos cobertos de neve, o

baque da neve batendo no telhado, os passos de uma gazela procurando alimento entre as árvores.

Ela foi até a janela e olhou para fora, mas viu apenas o vasto campo branco. Ligou o fogão elétrico e colocou uma chaleira para ferver, para o chá. Sem o calor do fogão de lenha, o cômodo ficava cada vez mais frio.

Finalmente, ouviu Rourke do lado de fora, batendo os pés no pórtico da entrada. Correu para a porta e abriu-a.

— Graças a Deus, você está...

Mas não era Rourke. Era alguém usando um gorro de esquiador que cobria todo o rosto e apontando um revólver em sua direção. Ela sentiu uma vontade histérica de rir. Um revólver? Não estava vendo aquilo. Então o estranho entrou em ação, empurrando-a para dentro e batendo a porta com força. A mente dela estava em branco. Não conseguia pensar. Então, falou de repente:

— O que está acontecendo? De onde diabos você veio?

O intruso não respondeu, mas pareceu estar examinando a sala. Ela não se permitiu olhar ao redor para checar se havia alguma peça de roupa perdida ou alguma coisa que indicasse que ela não passara a noite sozinha. Rourke estava usando o casaco emprestado. Suas roupas, e até a pistola, estavam no outro cômodo.

Finalmente, o estranho falou.

— Sente-se — disse, indicando uma cadeira com encosto de madeira. Ele trazia um par de algemas pendurado na calça. Bom Deus, pensou ela. Ele era um policial? Ela se lembrou das ligações que fizera depois de descobrir os diamantes: Laura, o agente que trabalhava com Rourke, Olivia e Nina. No que ela estava pensando? A pessoa não sai por aí falando que descobriu uma fortuna em diamantes. De algum modo, a informação caíra em mãos erradas.

Jenny sentou-se como ele mandara, o olhar fixo na mão enluvada que segurava o revólver apontado para ela. Ao mesmo tempo, pensava em Rourke e nos sons que ouvira alguns minutos antes. Alguma coisa acontecera. E onde estava o cachorro? Ela olhou novamente para o revólver e sentiu o medo apertar seu estômago. Se estivesse bem, Rourke logo chegaria, pensou. Estava prestes a começar a implorar por sua vida ao estranho, mas desconfiou que dramatizações não adiantariam muito. No fundo, sabia o que ele queria.

— Vamos ser rápidos — sugeriu ela, a voz surpreendentemente firme, enquanto ele avançava em sua direção com as algemas. Ela levantou-se de repente, assustando-o e fazendo com que ele quase encostasse o revólver em seu rosto. Ficou impressionada por não perder o controle. Como se nada tivesse acontecido, foi até o balcão da cozinha e mostrou a ele a xícara com os diamantes. Eles chacoalharam quando ela os sacudiu.

— É por causa disso que você está aqui, não é? Talvez minha mãe estivesse disposta a morrer por isso, mas eu não estou.

— Deixe isso aí — disse o intruso.

A voz dele lhe era vagamente familiar, mas ela não conseguiu descobrir onde a ouvira. Jenny voltou a colocar a xícara sobre o balcão e recuou. O assaltante retirou uma das luvas e pegou uma das pedras. Não pareciam grande coisa.

— Tudo o que encontrei está aí — falou Jenny, com o coração mais apertado conforme os segundos passavam lentamente. Rourke, pensou. Onde está Rourke?

Antes que tivesse consciência do que fazia, ela relanceou o olhar para a porta do quarto. Só percebeu seu erro quando o homem falou.

— Ele não pode ajudá-la.

Então ele sabia. Vira Rourke.

— Onde está ele? — ela quis saber. — O que...

— Sente-se — o invasor repetiu a ordem.

Enquanto andava na direção da cadeira, Jenny sentiu alguma coisa tornar-se fria e sólida dentro de si. Esse homem queria os diamantes. Talvez tivesse sido ele quem matara sua mãe, por causa deles. Talvez fosse ele o responsável por ela ter perdido sua infância, a fonte de todas as perguntas desesperadas e não respondidas sobre Mariska. Jenny sentiu-se diferente. Mais dura, mais zangada e, sim, mais forte do que o homem com o revólver. Durante toda a vida fizera a coisa certa, vivera de um jeito seguro, fazendo o que lhe diziam para fazer. O invasor achava que ela iria obedecer a todas as suas ordens. Mas ele calculara errado. Como poderia ter medo agora? Rourke lhe ensinara que a melhor forma de se defender era lutando. Lutar e nunca desistir.

Em vez de se sentar, ela se agachou e, então, arremessou-se contra o invasor, seu joelho atingindo-o bem no meio das pernas, em uma manobra que Rourke lhe ensinara.

O homem se dobrou em dois e Jenny ouviu quando perdeu o fôlego. O próximo alvo eram os olhos, mas ele retrocedeu, ficando fora do alcance dela, segurando nas mãos a touca de esquiador, que escorregara. O rosto dele estava branco de dor, quase tão branco quanto seu cabelo louro.

— Matthew — disse ela. No princípio, aquilo tudo não fazia o menor sentido. Até que, de repente, fez todo o sentido. Ele ouvira a respeito do que ela descobrira e viera por causa dos diamantes. Como uma tonta, ela contara a Laura e depois deixara recados por toda a cidade, tentando encontrar Nina ou Rourke. Jenny também se lembrou da visita à casa de Zach e da triste confissão do garoto sobre o vício do pai em jogo. Naquela época, ela tomara a decisão de não contar a Rourke, mas agora sabia que era exatamente o que deveria ter feito. Só que não poderia adivinhar

— ninguém poderia — que Matthew tomaria uma atitude tão desesperada.

Ele respirava com dificuldade, ainda estava pálido por causa da dor, mas a arma estava firme em suas mãos quando voltou a apontá-la para ela. Por um instante, ficou apenas encarando o cano frio e negro da arma, congelada pelo pânico.

— Pegue os diamantes e vá — disse ela, desesperada para sair e procurar por Rourke. — Eles não são importantes. Por favor, apenas vá.

— Eu não posso fazer isso. Não agora.

Ela vira no rosto dele. Matthew não a deixaria ir.

— Eu sei, Matthew — disse. — Eu sei. — Ela precisava desviar a atenção dele, talvez fazê-lo falar. — Mas... diga-me o que aconteceu com minha mãe. Imaginei durante toda a

minha vida.

— Ela caiu da ponte Meerskill. — A voz dele era fria e sem expressão.

Jenny imaginou a mãe caindo, seus membros flutuando ao vento, o impacto esmagador nas pedras e rochas.

— Você a empurrou? — ela quis saber, sentindo um ódio profundo dele.

— Eu disse que ela caiu. — O revólver tremeu ligeiramente.

Bom, pensou Jenny. Ele estava nervoso. Talvez conseguisse quebrar a sua concentração.

— Mariska gostava de sair, gostava de festas, de beber. Ela deixou escapar a respeito dos diamantes uma noite, anos atrás. Uma coisa levou a outra e nós fomos para a ponte. Ela estava meio bêbada e caiu. Como eu era a única pessoa que estava lá, fiquei com medo de que as pessoas pensassem que eu havia feito alguma coisa com ela.

Deve tê-lo deixado louco, perder Mariska antes de forçá-la a desistir dos diamantes, pensou Jenny. Ela procurou não pensar que estava diante de um revólver.

— Então, você... a levou para a caverna.

— Foi um acidente — ele insistiu.

Ela respirou fundo e sentiu o cheiro da camisa que usava. O cheiro de Rourke.

— Muito bem — disse. — Não importa. — Então, num gesto de rendição, ela esticou as mãos juntas, oferecendo-se a ele.

Enquanto Matthew pegava as algemas, ela juntou os punhos e levantou-os, acertando o queixo dele com tanta força que achou que podia ter quebrado um osso da mão.

Jenny correu para o quarto, sabendo que tinha apenas poucos segundos. Matthew já se inclinava na sua direção quando ela soltou a trava de segurança da pistola de Rourke e apontou-a para ele.

Mire e atire, lhe dissera Rourke. A oportunidade duraria apenas uma fração de segundos. Ela estava com a arma apontada para ele.

Aquela era sua chance. Poderia atirar agora. Viu a mão de Matthew se erguer, viu o revólver dele apontado para ela. Jenny apertou o gatilho. Matthew gritou e cambaleou para trás. A arma dele se fora. Ela não tinha ideia de para onde fora e esperava que ele também não.

Jenny lembrou-se do rosto de Zach, tão parecido com o pai, lembrou-se dos olhos dele brilhando com o desespero de amar e proteger o pai.

— Seu desgraçado — disse ela, e tentou ver onde o revólver dele caíra. Não conseguiu encontrá-lo. — Mexa-se — continuou. — Vamos encontrar Rourke.

Matthew hesitou, os olhos se estreitando enquanto especulava. Ele mantinha a mão dentro da parca. Estaria sangrando, ou ainda segurava o revólver? Não. Se fosse esse o caso, àquela altura já o teria usado.

— Não me obrigue a fazer isso, Matthew — ela sussurrou. — Eu não quero, mas juro por Deus que farei se for preciso.

Ele tirou a mão de dentro do casaco e voltou a apontar o revólver para ela.

— Então eu farei primeiro — disse Matthew. — E você perderá a chance de descobrir onde está Rourke.

Jenny sabia que ele estava jogando com ela e que, provavelmente, mentia sobre Rourke, mas mesmo a menor chance era melhor do que nenhuma. A mão dela tremeu enquanto baixava a pistola e a deixava cair no chão com um baque. Enquanto ele se abaixava para pegar a arma, ela correu para a cozinha. Matthew queria apenas uma coisa, os diamantes. Jenny pegou-os e correu para a porta. Uma rajada de ar frio atingiu-a enquanto ela fugia em disparada, rastreando a área à procura de Rourke e do cão, sem conseguir encontrá-los.

Gritando por ela, Alger saiu correndo da varanda. Um tiro soou e Jenny chorava enquanto corria, avançando tão lentamente pela neve densa como se estivesse num pesadelo. Ela foi em direção ao píer e, chegando lá, virou-se de repente, a mão fechada levantada sobre a superfície congelada do lago.

— Não se aproxime mais — avisou a ele. — Você não quer que eu os jogue no lago. Se eu fizer isso, nunca os encontrará.

Ele parou onde estava, o revólver ainda apontado para ela.

— Entregue-os — ordenou ele.

Bom, pensou Jenny. Era aquilo que ele queria.

— Diga-me onde encontrar Rourke.

Parara de nevar e fracos raios de sol coloriam o céu, envolvendo a paisagem em uma luz mágica. Já não ventava mais. Onde estava Rourke? Uma sombra surgiu ao longe e a esperança tomou conta dela. No entanto, forçou-se a permanecer encarando Alger, sem querer trair seus pensamentos com um relance de olhar. A sombra parecia recuar e voltar a andar.

Rourke? Ou, talvez, o cão?

Matthew continuava se aproximando e Jenny sabia que ele não iria parar. Mas também sabia que Alger não atiraria enquanto ela estivesse com os diamantes nas mãos. Jenny viu o vulto indistinto mover-se atrás dele. Um tiro foi disparado e, no mesmo instante, Jenny deixou cair as pedras. Elas se espalharam e desapareceram, afundando na superfície coberta de neve do lago.

Capítulo 33

No momento em que Jenny entrou na recepção fortemente iluminada do hospital, sentiu uma pressão apertando seus pulmões. Estivera ali três vezes, antes. Por causa do avô, da avó e, no necrotério do subsolo, por causa de Joey. E saíra com o coração aos pedaços. Ela enfiou a mão no bolso, pegou o vidro de comprimidos e se encaminhou para o bebedouro.

Espera um pouco, disse para si mesma. O pior já passara. Matthew Alger estava sob custódia e Rourke fora trazido de avião para o hospital. Rufus estava no veterinário. Dois policiais a haviam trazido de volta para a cidade e outros dois haviam levado Alger. A tempestade cessara e a cidade não estava mais enterrada na neve. Não havia motivo para entrar em pânico. Bem, a não ser pelo fato de que Rourke havia passado por uma cirurgia de emergência. A lembrança fez com que fraquejasse, e ela recordou o terrível risco que era amar alguém, amar tanto que a possibilidade de perdê-lo a destruiria.

Era uma realidade da qual não podia escapar. Rourke McKnight era dono do seu coração, e nem mesmo o risco de perdê-lo iria mudar isso. Nem faria com que desejasse mudar o que sentia. Que diferença a antiga Jenny, que sempre fora tão cautelosa com os sentimentos. Não havia muita coisa boa a se dizer sobre ter um revólver apontado em sua direção, mas esta talvez fosse uma delas.

O policial que a acompanhava — um sobrinho de Nina — pareceu perceber sua hesitação e ficou parado ao seu lado, esperando. Ela fechou os olhos por um instante, respirou fundo, deixou os comprimidos na embalagem e continuou andando.

Assim que saíram do elevador, Jenny viu o que parecia ser a metade do departamento de polícia aglomerado na sala de espera. Eles estavam de pé, bebendo café e falando em voz baixa, mas todos se calaram quando a viram.

Não, pensou ela, sentindo o coração congelar no peito. Não ousem ficar quietos por minha causa.

— Qual é o quarto? — ela quis saber. — Onde está ele?

— Na UTI — disse alguém, indicando um conjunto de espaços envidraçados. — Acabou de sair da cirurgia. Mas só é permitido que a família...

— O que vocês vão fazer? — perguntou ela se encaminhando para a porta de vidro. — Me prender?

Eles não precisaram fazer isso. A porta tinha uma trava magnética, controlada por uma enfermeira muito ciente de seus deveres, e tudo o que Jenny pôde fazer foi ficar parada do lado de fora, como todo mundo, esperando, apreensiva. Pelo vidro duplo pôde ver a equipe do hospital se agitando e uma cama cercada por tantos aparelhos que era quase impossível ver Rourke.

Um dos agentes que trabalhavam com ele se aproximou.

— Rourke saiu dessa como um herói. E está estável. Vão nos avisar assim que pudermos vê-lo.

Jenny assentiu, sentindo a garganta apertada e a exaustão dominando seu corpo. Todo o

terror das últimas horas estava cobrando seu preço. Ela nem sabia que horas eram, sabia apenas que já estava escuro. Não conseguia se lembrar da última vez em que comera ou dormira. Sua mão doía e estava inchada, embora alguém tivesse lhe dado um saco de gelo para colocar em cima. Ela oscilou de encontro à janela, cambaleando.

— Ei, calma — disse uma voz tranquila, e ela sentiu um braço gentil ao redor de seus ombros.

Era Olivia, vestindo uma parca, com o cabelo mal preso em um rabo-de-cavalo. Ao lado dela estava Philip Bellamy. Jenny lembrou-se que ele estava na cidade desde o início da semana.

— Acabamos de saber — disse Olivia.

Philip pigarreou.

— Daisy nos contou sobre... Mariska.

Jenny não conseguiu falar, então assentiu com a cabeça. Estava em choque. Pelo perigo a que sobrevivera, pela preocupação com Rourke e pelo impacto de saber a verdade sobre a mãe. Mas agora percebia que não precisaria enfrentar tudo sozinha. Sua irmã e seu pai estavam ao seu lado, oferecendo-lhe uma solidariedade com a qual ela não contara.

Olivia lhe entregou uma xícara de chá bem forte.

— Obrigada — disse Jenny, finalmente conseguindo falar. — Estou feliz por vocês estarem aqui. Foi tudo... inacreditável.

— Eu sei. — Philip deu um tapinha no ombro da filha. Ao contrário das outras vezes, isso não pareceu embaraçoso e, sim, confortador. Ele disse: — Senti tanto quando soube o que aconteceu com sua mãe! Tanto!

Jenny deu um gole no chá. Ela continuava olhando para o posto de enfermagem.

— Obrigada. Eu... isso não foi exatamente uma surpresa. Quero dizer, ela partiu há tanto tempo e nunca deu notícias... Com o tempo, foi inevitável concluir que estava morta. No entanto, sem uma prova concreta, eu sempre podia imaginar que estava fora, em algum lugar.

— Eu também pensava assim — disse Philip, e a voz dele estava rouca de emoção. Isso fez Jenny recordar que, um dia, ele também amara Mariska. Ele passou a mão pelo cabelo. — Não entendo... simplesmente não estou entendendo nada disso.

Olivia e Jenny trocaram um olhar.

— Isso não tem nada a ver com você, papai.

— Ela... minha mãe viu uma oportunidade — falou Jenny. — Não posso defender o que ela fez, mas, nas circunstâncias, acho que opreendo. Minha mãe fez um trato com o sr. e a sra. Lightsey, e acho que não teve a noção do quanto isso poderia se tornar complicado, ou que poderia magoar a mais alguém que não ela mesma.

— O avô e a avó Lightsey deveriam ter tido mais consciência — disse Olivia. — Eles se aproveitaram de uma jovem, assustada e grávida...

Philip levantou a mão para detê-la.

— Quando você é pai ou mãe, faz qualquer coisa para se certificar de que seu filho terá

tudo o que você acha que ele tem direito. Estou certo de que realmente acreditavam que Pamela e eu seríamos felizes juntos, e que Mariska ficaria amparada com a fortuna que eles estavam lhe dando.

No final das contas, os Lightsey haviam descoberto uma das verdades mais antigas do mundo: que algumas coisas não podem ser compradas com dinheiro. Eles haviam dado um jeito de afastar Mariska, e a filha deles se casara com Philip, do jeito como haviam planejado. Mas fora um casamento difícil, infeliz. No fim, nada acontecera como eles queriam.

— E quanto aos diamantes? — perguntou Olivia. — Fiquei curiosa.

Jenny baixou a cabeça.

— Hmm, duvido que encontremos um deles que seja. — Ela contou seu confronto com Matthew Alger e a forma como espalhara as pedras no lago momentos antes de Rourke cambalear até Matthew e desarmá-lo. — Sinto muito — disse ela.

— Não sinta — insistiu Olivia. — Foi melhor assim. Tecnicamente, suponho que as pedras pertenciam a Lightsey Gold & Gem, mas não seria correto que as tivessem de volta. E, de qualquer modo, não são os diamantes que importam. O importante é que você está bem.

Jenny foi tomar outro gole de chá, mas descobriu que a xícara estava vazia

— Vou pegar outro para você. — Philip pegou a xícara e se encaminhou para o elevador.

— Papai está feliz por ter alguma coisa para fazer — explicou Olivia. — Ele não é muito bom em esperar.

— E alguém é? — Jenny sentia-se nauseada. Sua mão machucada latejou, mas ela ignorou.

Nina precipitou-se pela porta e assim que viu Jenny correu para a amiga e abraçou-a com força.

— Não posso acreditar que isso esteja acontecendo — disse.

— Você está bem?

— Sim. E Rourke vai ficar bem. — Jenny precisava acreditar nisso. — Ninguém está autorizado a vê-lo.

— Me sinto péssima — disse Nina. — De um certo modo, até responsável pelo que aconteceu. Mathew estava desviando dinheiro do município e eu nunca desconfiei. Era por isso que estava tão desesperado por dinheiro. Ele precisava repor o que roubara antes que o auditor descobrisse no que estava metido.

— Nada disso é culpa sua — disse Jenny.

— Eu sei, mas ainda assim me sinto péssima. Também me sinto mal por causa de Zach.

— Você é a srta. Majesky? — Uma enfermeira aproximara-se e se dirigia a Olivia.

Olivia negou com a cabeça.

— É ela, minha irmã, Jenny.

Jenny tentou ler a expressão no rosto da mulher, mas não conseguiu. Não, pensou, por favor, não.

— Eu sou Jenny Majesky — disse. — Qual é o problema?

— Ele está pedindo para vê-la — disse a enfermeira. — Na verdade, não está pedindo. Está mandando.

Jenny cambaleou ao encontro do pai, que a amparou. Ele e Olivia foram com ela até a porta da UTI. Jenny entrou sozinha e a enfermeira levou-a até o lugar onde deveria lavar as mãos e, depois, ajudou-a a vestir um avental de papel fino.

Ela não reconheceu o estranho na cama, cercado por grades, tubos e aparelhos. Bolsas de medicamentos estavam penduradas ao seu lado e o no peito dele havia uma rede de fios presos com esparadrapo. Seu rosto parecia moldado em cera. Então, Rourke piscou e ela sentiu seu olhar sobre ela — os olhos dele estavam ainda mais azuis. Ele moveu os lábios.

— Você precisa se aproximar — disse a enfermeira. — Acabaram de retirar um tubo da garganta e ele só consegue sussurrar.

Jenny chegou até a beira da cama. Sorria para ele, disse para si mesma. Não deixe que perceba o quanto está preocupada.

— Ei — disse, estudando o rosto dele. A cicatriz em forma de crescente, lembrança de um verão distante, se destacava na pele pálida. Jenny se inclinou sobre a grade e tentou pegar a mão dele, mas havia um monte de coisas presas em seus dedos e tubos por toda parte. Por fim, ela conseguiu tocar o ombro de Rourke e sentiu o calor confortador dele sob a palma de sua mão. — Estou feliz por você estar bem! E há um monte de gente esperando lá fora que também ficará muito feliz.

— Rufus? — ele perguntou.

— Um policial levou-o ao veterinário. Ele vai ficar bom. — Ela esperava não estar mentindo. Uma bala acertara seu flanco, mas o veterinário assegurara a Jenny que o cachorro ficaria bom.

— E você?

Ela respirou fundo. Estava pronta para arriscar tudo por ele. Mais do que pronta. E o último risco era se abrir completamente, sem se preocupar com as consequências. Muito bem, pensou. Vamos lá.

— Eu amo você, e não vou deixá-lo, nunca. É melhor se acostumar com a ideia.

Os olhos dele se estreitaram, mas ela não conseguia saber o que ele estava pensando. Uma das máquinas fazia um som rítmico de sucção, que ecoava alto no quarto.

— A questão é a seguinte. — Ele fez uma pausa, tossiu um pouco e continuou a falar em um sussurro: — Eu ia pedi-la em casamento. Estava pensando no outono ou no próximo inverno. Mas mudei de ideia.

Jenny envolveu o corpo com os braços. O problema era que já não conseguia mais sustentar o escudo emocional que criara para se proteger de seus sentimentos por Rourke. Já não funcionava mais. Sentia tudo por ele e não adiantaria nada tomar um Xanax contra a ansiedade e seguir em frente.

Jenny podia perceber que Rourke estava tentando sorrir.

— Mudei de ideia — disse ele novamente. — Não quero me casar no outono ou no próximo

inverno. Quero me casar agora.

— Agora? — ela sussurrou.

— Bem, assim que sair daqui. Falei que um dia contaria a você como queria terminar. Estou contando agora.

Agora? Ela sonhara em se vestir de noiva, cercada pelos amigos e pela família, planejando um dia especial que nunca esqueceria? Talvez. No entanto, havia um sonho muito mais poderoso que não dizia respeito apenas a um único dia, mas ao resto de sua vida. Sim. Suas emoções se dissolveram em um sentimento tão poderoso que tudo parecia envolto em uma névoa transparente. Mesmo naquele lugar estranho e asséptico, com máquinas zumbindo e sugando, ela nunca achara o mundo mais bonito.

— Eu gostaria de poder me ajoelhar para fazer o pedido — disse Rourke —, mas acho que terei que fazer isso deitado mesmo. Amei você por mais da metade da minha vida, Jenny Majesky. Quero que se case comigo e seja minha esposa.

Ela baixou os olhos para encará-lo. Rourke era um homem complicado e difícil. Já a magoara muitas vezes, mas isso acontecera por causa da determinação dele de mantê-la à distância. Agora, tudo era diferente.

— Tenho a impressão de que você não é muito fã de diamantes

— disse ele. — O que é bastante conveniente, porque eu não tenho um anel. No entanto, conseguirei um, se você quiser. Qualquer coisa. Rubis e pérolas. Uma safira gigantesca, o que for. Apenas diga que se casará comigo. E, pelo amor de Deus, pare de chorar.

— Não estou chorando. — Mas ela estava. Não conseguia evitar.

— Estou dizendo sim, Rourke. Sim, para sempre.

Receitas para Lembrar

Jenny Majesky

Comemorações gerais

O final perfeito para qualquer refeição não tem nada a ver com sobremesa ou café, mas tudo a ver com a companhia em que se está. Mesmo assim, a comida pode tornar qualquer comemoração ainda mais agradável. Na Confeitaria Sky River criamos bolos para todas as ocasiões, e nossos fregueses estão sempre nos trazendo novas ideias. Não apenas para casamentos, bodas e aniversários, mas também para primeira comunhão, formatura, aposentadoria, velórios, nascimentos e feriados nacionais. Minha avó, Helen Majesky, criou este bolo para o centésimo aniversário do sr. Gordon Dunbar. Mas, na minha opinião, ele é apropriado para qualquer ocasião feliz.

Bolo de comemoração

2 xícaras de farinha

4 colheres de chá de bicarbonato de sódio

1/2 colher de chá de sal

2 tabletes de manteiga pura, sem sal, derretida

2 xícaras de açúcar mascavo 4 ovos

1/2 xícara de uísque 1/4 de xícara de água

1 pacote de gotas de chocolate (cerca de 150g)

1 xícara de noz pecã picada Cobertura amanteigada de uísque

Preaqueça o forno a 160°C. Unte e enfarinhe um tabuleiro de 38x 25 x 2, 5cm. Misture a farinha, o bicarbonato e o sal. Derreta a manteiga e acrescente a mistura de farinha, junto com o açúcar mascavo, os ovos, o uísque e a água. Despeje a massa no tabuleiro já preparado. Espalhe as gotas de chocolate e as nozes por cima. Asse de 50 a 55 minutos ou até que o centro esteja firme e as beiradas comecem a se soltar do tabuleiro. Deixe esfriar por 15 minutos e, então, aplique a cobertura.

Cobertura amanteigada de uísque

Derreta 1/4 de xícara de manteiga. Misture com 2 xícaras de açúcar de confeitiro, 1/3 de xícara de uísque, 1 colher de chá de baunilha e misture bem.

Dois anos depois.

Espera um pouco — disse Rourke, parando com Jenny na calçada. — Quero apenas olhar para isso por um instante.

Rufus, que seguia em uma coleira nas mãos de Jenny, parou obedientemente e sentou-se. Jenny virou-se para olhar a vitrine da Camelot Bookstore. A livraria local dedicara uma vitrine inteira para seu primeiro livro de memórias e receitas. Receitas para lembrar: Sabedoria culinária de uma família de padeiros, por Jenny Majesky McKnight, com fotografias de Daisy Bellamy. O livro, lindo e grande, parecia tão precioso e agradável como uma das tortas da avó de Jenny. Fora publicado há uma semana e Jenny estava nas nuvens, de tão feliz.

— É um livro — disse ela, rindo e balançando a cabeça. — Ainda não posso acreditar que seja um livro.

No dia em que fora publicado, houve uma festa na Confeitaria Sky River. Foi necessário montar um esquema especial de trânsito por causa da multidão que compareceu. Jenny não tinha certeza se as pessoas haviam ido por causa do bolo de uísque ou para comprar um livro autografado, mas o fato é que muitas foram.

Susan Wiggs

— Vamos entrar e comprar um exemplar — disse Rourke.

— Eu tenho uma caixa cheia deles em casa.

— Como se isso fosse me deter. — Ele empurrou a porta e entraram juntos, com o cachorro. A livraria estava tranquila como uma biblioteca, e o caixa atrás do balcão não reconheceu Jenny, que estava enfiada em um gorro de lã e enrolada em um cachecol, para se proteger do frio de fevereiro, além de estar redonda como um kolache por causa da gravidez. Rourke pagou pelo livro e riu para o balconista.

— É da minha autora favorita.

Jenny praticamente voou para a porta de saída.

— Não acho que vá me acostumar com isso algum dia.

A rua estava deserta, as pessoas permaneciam em casa, protegidas do frio. Rourke tirou o livro da sacola e abriu-o na primeira página.

Dedicatória: Aos meus avós. Helen e Leopold Majesky. Com muito amor. Em memória.

— Tenho a impressão — disse ele — de que, em algum lugar, eles estão incrivelmente orgulhosos de você neste momento.

Ela assentiu e de repente seus olhos se encheram d'água. Talvez por causa dos hormônios da gravidez, mas talvez fosse também porque era impossível pensar nos avós sem pensar na mãe. Fora feita uma autópsia dos restos mortais de Mariska. Seus ferimentos eram compatíveis com uma queda de uma grande altura, da ponte Meerskill. Alger não mentira a esse respeito. Ela caíra, mas ele ficara com tanto medo de ser acusado de tê-la assassinado que, após se certificar de que Mariska não estava com os diamantes, escondera o corpo. Ele estava preso agora, e Zach fora para a faculdade. Já bastava, pensou ela. Era hora de deixá-los descansar. Mariska, Joey e seus avós.

— Ei! — Rourke guardou o livro e puxou-a mais para junto de si. — O livro é maravilhoso. — Ele passou a mão pela barriga dela.

— Você é maravilhosa, e eu a amo. — O marido tinha uma estranha capacidade de adivinhar o que ela sentia. Mas isso não era surpresa, sempre fora assim.

Jenny olhou para o reflexo deles na vitrine de uma loja. Dois sobreviventes, prestes a se transformarem em uma família. E o que ela sentia, no auge do inverno, era um tipo de calor que frio nenhum conseguiria alcançar.